

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Com estampilha — Anno, 25.000 réis; semestre, 12.500 réis; trimestre, 6.250 réis. Sem estampilha — Anno, 25.000 réis; semestre, 12.500 réis; trimestre, 6.250 réis. Número avulso, 10 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, de 25 caracteres, 20 réis. Para os arts. assignantes, desconto de 50%. Anunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Alameda, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

Liberdade de imprensa

Só por convencionalismo grosseiro é que ainda poderemos empregar, referindo-nos ás garantias que os nossos paternais governos concedem á imprensa, a expressão que encimou este nosso modesto artigo.

Ha effectivamente, uma lei com um titulo semelhante, para fazer crer aos estrangeiros de boa fé que, na realidade, existe — regimen liberal para a imprensa; mas essa lei, que já de si é apertadissima para os chamados delictos da manifestação do pensamento, é ainda suplantada pelos agentes do poder, que a torcem e retorcem, para roubar ao jornalista as pouquissimas e pouco menos de irrisórias garantias que ao legislador approxime, putorgar-lhe. A imprensa vive realmente num regimen de oppressão que não encontra similitude em país civilizado. Opprime e esmaga o jornalista, com ferocidade indomita. O poder encarcera-o como se fora um facinoroso, persegue-o como a inimigo irreconciliavel; e, ao menor assomo de independência, faz cair sobre elle o látigo implacavel duma legislação draconiana. E' assim que a imprensa e os seus sacerdotes, sem tratados ao raiar dum século novo, nesta *Occidental praia lusitana*, neste bello jardim a beira do mar plantado!

Mas consolemo-nos. Se, no continente, o jornalista é amordaçado pela lei ou por simples *usage* da policia, no ultramar os conspicuos governadores não se ficam atrás dos seus mestres da metrópole. Lá, nas longinquoas paragens d'alem mar, o regimen á que está submetido o jornal não é mais benigno nem mais suave do que o nosso. Trata-se o jornalista como se elle fora um café.

Ha uma pena independente que se atreve a escrever verdades amargas que desagradam a qualquer dos multiplos e omnipotentes regulos que dominam, nas colonias? É simples o processo: quebra-se á irreverente que ousa falar alto e claro.

Quem é que quer saber de leis ou regulamentos, de garantias individuais ou de formulas de processo? De coisas pequenas não curam os pretores. E' de sabedoria antiga,

que importa aos grandes senhores daquem e dalem-mar que a liberdade soffra e que á justiça gema? Que vem a ser essa pequenina coisa chamada, emphaticamente, garantias do cidadão? Quem é que se preoccupa por lá e por cá com essas ninharias? Atreve-se o jornal a beliscar a epiderme de qualquer potentado maiúsculo ou miúsculo, quemquer que elle seja? Nada mais fácil de liquidar: supprime-se o importuno. É forte, mas é comodo.

Aqui temos nós um caso desses succedido com o *Portuguez*, de Lourenço Marques. No seu numero 10, correspondente a 28 de novembro, lê-se um documentó curiosissimo que merece ser archivado.

João Corrêa dos Santos, comandante do corpo de policia e fiscalisação de Lourenço Marques e administrador deste concelho, etc.

Mando a um dos officios de diligencias desta repartição, sendo por mim assignado e em seu cumprimento, intime a Clemente Nunes de Carvalho e Silva, editor responsavel do jornal *O Portuguez*, que se publica nesta cidade, de que, em virtude de ordem superior, fica expressamente prohibida a distribuição do referido jornal, sem que previamente essa distribuição seja autorizada por Sua Ex.ª o Conselheiro Governador Geral desta provincia, o qual autorisará depois de lido o exemplar que sair da machina, isto em cada itagem, devendo a primeira prova ser entregue á policia desta administração, que se aclarará a porta da typographia, nos dias e a hora á que se effectuar a itagem, sob pena de lei.

Secretaria da administração de Lourenço Marques, 23 de novembro de 1900. E. de Rufino dos Santos Oliveira escrevao o subscrevi.

E aqui está como, por um simplez capricho dum governador se passa, com a maior das sencieromonias, por sobre os mais sagrados direitos e prerogativas dos cidadãos.

É tudo para maior honra e gloria das instituições e daquelles que com ellas se consubstanciam!

A CIVILISAÇÃO EUROPEIA

Comunicações mandadas para a Europa por europeus que assistem e estão tomando parte na intervenção europea na China, contam para cá pormenores de selvagerias incriveis commettidas, pelos chinezes bárbaros e não, pelos civilizados europeus. Os massacres, as pilhagens, as

violações de mulheres, tudo emfim, quanto caracterisava as invasões dos bárbaros, está sendo praticado ignobilitemente pelas forças aliadas da Europa na China.

E é assim que a civilização da Europa se revela ao entrar do século XX!

Que dira a isto a ingenuidade dos philosophos que devaneiam sobre o progresso dos povos?

Redevers Buller

Os leitores recordam-se por certo do primeiro e famoso comandante em chefe do exercito inglês em operações no Transvaal — aquelle guerreiro illustre que, logo ao começar a lucta se propunha liquidar os boers em poucas semanas proclamando ás gentes estupefactas que iria congoar a Preforia daí a alguns dias. Lembra-se tambem, sem dúvida, de como, não obstante aquellas afirmações quichotescas, o costado do emérito general serviu de excellente bombo para os valentes defensores das duas republicas sul-africanas *locum* as suas variações melodiosas, nas margens do Tugella.

E é de crer que tenham notado, ha muito, o silencio absoluto que o *War Office* tem guardado a respeito do inclito marechal das margens do Tanis, o qual imaginava talvez que as cordilheiras seriam tão boas de passear como os vastos e confortaveis salões de Londres.

Pois bem! saibam que o ministério da guerra inglês, com aquella lealdade verdadeiramente primica que tam bem o caracterisava o velho Mundo admira, tem occultado honradamente este facto *atropeltissimo* — que o marechal sir Redevers Buller foi feito prisioneiro pelo general transvaaliano De Wet! E' isto o que lemos no *Portuguez* de Lourenço Marques, no seu n.º 8, que temos presente. Eis textualmente reproduzido o que o affadido jornal conta a tal respeito!

General De Wet

Consta-nos que este famoso general boer, o general phantasma, como lhe chamam os ingleses, esteve em Lourenço Marques, no domingo e na segunda feira ultimos.

Não sabemos o que viria cá fazer o valente guerrilheiro transvaaliano, mas é de presumir que se tratasse dalgum assumpto importantissimo, porque, ahas, mandaria qualquer delegado saber o que se passava em Lourenço Marques.

A propósito de De Wet, fique sabendo o publico que nos foi offerecido para publicar o original de uma acta lavrada entre De Wet e o general Buller, na qual declara, sob sua palavra de honra, que nunca mais pegara em armas contra o Transvaal.

Confirma-se assim o boato que correu, em tempo, de que Buller havia caído prisioneiro dos boers.

Os boers concederam-lhe a

liberdade, depois da assignatura da acta a que nos referimos; e, para que o facto não podesse ser desmentido, o general De Wet conservou em seu poder todas as insignias de que usava o general Buller.

Não publicamos a tal acta porque ella traria ao governo grandes dissabores.

Praticando assim, manifestamos bem claramente que não queremos levantar difficuldades ao sr. governador geral, e daremos tambem um formal desmentido aos *conspicuos* que se acercam de si, ex.º

Pode o sr. governador geral estar certo de que nos absteremos, tanto quanto podermos, de lhe augmentar as difficuldades.

E' assim que se exprime o *Portuguez*. E o *War Office* tam caladinho que até parece mudo! E' que elle bem sabe que o silencio é de ouro...

Continuando...

A estúpida arbitrariedade policia continua em Lisboa a dispor dos direitos da imprensa.

A *Folha da Tarde*, sucessora de *Folha do Povo*, ha pouco suprimida arbitrariamente, foi apprehendida na segunda feira — só porque reproduziu algumas passagens do discurso do sr. dr. Alfonso Costa no tribunal de verificação de poderes, passagem esta que foi permitida por aquelle tribunal politico!

Foi apprehendida, e ficou muito bem apprehendida... Que aquelles a quem mais interessa uma acção commum e energica contra estes atropellos da lei sem os primeiros a achar bem!

Pois os resultados ham de ser bons, em pouco tempo, pelo que já se vai vendo!

O Solar dos Barrigas

Temo-lo novamente em scena. Começou ontem a sua representação, com toda a *mise-en-scène* duma abertura constitucional. Fica noticiado para gaudio das galactias.

A guerra sui-africo na

Vai em dois annos a guerra anglo-boer, e sem tendências nenhuma para a paz. Inaugura-se com ella o novo século, que assistirá desde o seu começo a continuação duma lucta iniqua, em que se procura esmagar a Justiça e o Direito.

Tendo o século anterior assistido á consagração e robustecimento do principio da Força esmagar o Direito, podemos calcular como os séculos se succederam sem conseguirem aniquillar a atroz iniquidade.

Entretanto, como a Justiça e o Direito sam uma inabalavel força, que, por fim, ham de triumphar, resta a pobre humanidade soffredora a triste consolação de, não se sabe quando, se estabelecer o império da igualdade.

NOVO SÉCULO

Prestas a ser gravado nas paginas historicas do Universo, está o século XIX, denominado *O século das luzes*.

Este século, que nos ensinou o caminho da sciencia e das artes, que illuminou o Mundo, pomposamente, com o seu progresso, vai cair, como o Gladiator vencido, aos pés do século XX.

Caira vencido, mas não morrerá, porque não pode morrer um século que tem epopeias esculpidas em marmoreos monumentos, que tem trabalhos gigantescos que a posteridade cantará em hymnos de gloria, que tem colossos de ferro cujas cabeças se levantam orgulhosas sobre athléticos corpos. Um século que foi tam prodigo não pode morrer. Os seus prodigios ham de repercutir através dos séculos vindouros.

Os focos luminosos, descobertos por Edison, continuaram illuminando o novo século.

Parte, século XIX! As tuas obras faram um contraste surpreendente a hora da tua partida.

Século de luzes!... Século de lagrimas!...

Foste tu, século XIX, que apagaste a candeia débil do passado, para accenderes a lampada luminosa do futuro; foste tu, que foimentaste as artes e as sciencias; foste tu, que fizeste raiar a aurora do porvir, no horizonte escuro dos povos em escravidão; foste tu, que accendeste, na Franca, o facho lucino da liberdade, que dali se irradiou para os outros povos que tambem anciavam por ver quebradas as algemas da escravidão! Mas... verdade amarga... foste tu, tambem que regaste com sangue o mundo inteiro, com as tuas guerras carnificinas, que encheste de luto milhares de familias, que enterraste em pantanos viscosos povos, que ora gloriosos, factos que envergaram hoje os vultos homericos, que se distinguiram pelos seus feitos heroicos, nas guerras do passado.

Oh século XX, esperança do porvir! Volta a cabeça para este século, que acaba, velho, ensanguentado e miserico! Lembra-te que nasceu como tu, ao som ribombante do canhão.

Que contraste! A sciencia que divina, e o sangue que ayulta. Mas, é verdade...

Achava-se Napoleão I, nos fins do século XVIII, nos Alpes, e foi do alto do monte de São Bernardo que elle, montado no seu fogaço cavallo, viu o romper do século XIX, que nasceu como o outro tinha acabado — atolado em sangue.

Foi allí que elle escreveu com sangue as primeiras paginas da historia do século XIX.

Nos principios deste século, Junot, um dos generaes mais experimentados e aguerridos, mandou formar o seu exercito em parada solemne e fez arriar a bandeira das quinas e substitui-la pela bandeira tricolor. Rebentou então nas ruas uma verdadeira sublevação, e uma espontanea explosão de ira popular foi causa de mais sangue vertido. Não fica por aqui,

O século continuando a sua carreira, deixa no seu percurso só sangue e cadáveres.

Rompe o século xx como rompeu o século xix, ao som da artilheria. Salvas de lágrimas, em vez de salvas de alegria! Aurora de sangue em vez de aurora de luz! E triste dizê-lo, mas é verdade!...

Além... através dos mares, ao principiar do século, um povo pequeno, mas valente entre os mais valentes, está se batendo, disputando palmo a palmo as terras que herdou dos seus antepassados, com um dos povos mais ricos e poderosos da Terra.

Um batalhão pela sua independência; outro pelo egoísmo.

Esses pobres, que hoje podiam estar nas suas casas, festejando o principio do século, encontram-se, obrigados pela rude brutalidade dos homens, longe das suas famílias, feridos uns no campo da batalha, dormindo outros o sono derradeiro.

E aquelles que ainda vivem, esperando, deitados na dura rocha, empunhando a espingarda, o toque de chamada para a lucta.

E assim morrem, longe da Pátria, longe da família, sem poderem festejar alegremente a entrada do século xx, como, certamente, a festejaram, de taça em punho, Salisbury, Chamberlain e outros que metteram infamemente a lucta um povo, que não tem outros crimes que o querer defender a sua independência e que por isso lucta, firme e de cabeça levantada, dando vivas à liberdade. E, enquanto esses desgraçados, que apesar de fracos não têm quem os ajude, vão derramando o seu sangue nobre, esses lordes estão em suas casas, ao abrigo dos canhões.

Nós todos temos de olhar para o passado, para que sirva de exemplo para o futuro. E assim veremos surgir um novo século, sorridente, cheio de progresso e de glória e desabrochar no meio de uma aureola de luz, a imagem do porvir, que nos ensinará a dizer alto e claramente: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade.*

Os sinos das cathedras rompem com os seus repiques; milhares de bocas ficam entreabertas; milhares de corações palpitem violentamente, no momento rápido do vôo para o novo século.

Os repiques continuam e o som é repercutido pelos valles, pelas montanhas, entrando na casa em que festejam humildemente, na cabana em que festejam miseravelmente ao redor da cama, onde o pae afoga os seus prantos no intimo do seu cadavérico peito, e no palácio em que festejam opulentamente a chegada do novo século.

Quantas lágrimas saltam naquelle momento, quantos suspiros saem de peitos infelizes, quantas canções ferem o espaço, quantos toques animam os logares...

E os sinos, repicando sempre, com o seu tanger alegre, annunciam por todo o universo a chegada do novo século...

31—12—1900.

P. P.

Tendo terminado o serviço especial de que foi incumbido ha tempo pelo sr. commissário de policia—dar aos guardas, por turnos, instruções práticas e theoricas sobre diversas especialidades de serviço e interpretação do regulamento, o sr. Cesar José da Motta, chefe da 1.ª esquadra e secretario do commissariado, reasumiu desde terça feira o commando e direcção da mesma esquadra, que esteve a cargo do cabo n.º 4 durante o impedimento do sr. Cesar na instrucção.

Escola 31 de janeiro

Uma das associações mais accentuadamente democráticas e de mais poderoso alcance politico é sem contestação alguma a recentemente fundada sob a designação de — *Escola 31 de janeiro* — e que significa como um levantado e lidimo protesto contra a guerra traiçoeiramente movida pelos governos reaccionários contra a legitima aspiração do povo dum gloriosa e emancipadora lucta em prol da instrucção.

Consequência lógica da evolução politico-social é a que resulta da assimilação das aspirações populares por todos os agrupamentos avançados, e portanto esta tendência traduzida em facto pela força das circunstâncias, é a que levou o partido republicano a adoptar no seu programma de combate contra a monarchia a pretensão à *outrance* à causa da instrucção nacional, que é a causa da Liberdade e da Democracia, contra o obscurantismo e os preconceitos colligados em prol do despotismo, da ignorância e da milicia negra do intolerante clericalismo.

Todos os governos que em Portugal têm demonstrado sollicitamente a sua boa vontade em zelar pelos verdadeiros interesses nacionais, começaram a sua grandiosa e sublime cruzada pela activa e quasi auctoritaria revelação dum espirito profundamente e fecundamente preventivo *vis à-vis* das tendências e reivindicações clericais, fomentando abertamente a causa da instrucção popular, já pelos meios naturalmente persuasórios de que formidavelmente dispõem todas as collectividades administrativas, já tambem pelo despotismo ao serviço do Progresso, da Sciência e da Civilização, por mais paradoxal que pareça semelhante preposição. Foi assim que o immortal estadista marqués de Pombal procedeu, anniquilando primeiro a *Companhia de Jesus*; expulsando em seguida os jesuitas e terminando pela gradual, mas ininterrupta secularização do ensino, depois de haver reformado a Universidade em bases positivas, abolindo muitos usos ridiculos da Meia-Idade; e esta profunda revolução, que confundiu e irmanou entre nós os esforços patentes do colossal movimento da Encyclopedica que em França começava então a minar activamente os alicerces do throno, preparando subrepticamente a Revolução no riso sceptico das invocações de Voltaire, nas novas formulas scientificas do génio de D'Ambert, nas fecundas locubrações de Diderot, e, sobretudo, na revelação assombrosamente revolucionaria da philosophia sentimentalista e social de Rousseau, que soube crear todo um ignoto mundo de aspirações concretas e definidas dos povos na escala ascendente da sua perfectibilidade moral e politica; foi devido ao enérgico impulso dum estadista despótico, mas esclarecido pelo profundo conhecimento do meio e inspirado por um elevado sentimento patriótico que se desentranharam úteis medidas de um salutar e abençoado radicalismo contra os factores das trevas!

Depois de Pombal, que pelo seu espirito profundamente innovador e pela vastidão do seu génio politico foi o verdadeiro precursor da revolução liberal de 24 d'agosto de 1820, ainda venerandos e grandiosos vultos do Constitucionalismo, ao tempo sinceramente democrático e accentuadamente progressista, hastearam bem alto o gloriosissimo estandarte da instrucção popular, reivindicando formidavelmente em plena praça pública os mais sa-

grados direitos do Progresso e da Sciência.

E' esta a veneranda e sympathica tradição, exemplarmente legada pela fecunda iniciativa do marqués de Pombal, mais tarde gloriosamente secundado por Passos Manuel, Cesar de Vasconcellos, Sá da Bandeira, barão da Ribeira Sabrosa e José Estevam Coelho de Magalhães, que o partido republicano tem religiosamente de cumprir se quer verdadeiramente realizar a sua superior missão histórica que a evolução social lhe impoz.

E a primeira *étape* desta jornada gloriosa, já esta plenamente realizada com a instituição da *Associação Escolar gratuita 31 de janeiro*, cujas missões iram pagar por esse pais fóra o methodo de João de Deus e com elle as palavras sublimes do Evangelho Revolucionario que hám de erigir este pais ao nivel dos seus congeneres mais adiantados da Europa em Progresso e em Civilização.

E é assim que se prepara convenientemente a grande transformação politico-social que ha de salvar o pais!

FAZENDA JUNIOR.

Pão a peso

Os srs. Joaquim Miranda & Filho, com fabrica de bolachas e padaria na rua da Moeda, começou na terça feira a venda de pão a peso e ao preço de 80 réis por kilo, o de 1.ª qualidade, e de 70 réis o de 2.ª.

Anniversário Jornalístico

Entrou no 10.º anno da sua publicação o nosso collega a *Gazeta da Figueira*, fôlha bem redigida e que tem feito, com louvavel firmeza, a defeza dos interesses da cidade e do concelho da Figueira da Foz, onde se publica.

Propostas do governo

O *Dia*, diz constar lhe que o governo tenciona apresentar ao parlamento, entre outras, as seguintes propostas de lei:

Autorizando a criação ou augmento da policia districtal, excepto em Lisboa e Porto; modificando o codigo administrativo e a lei eleitoral; isentando os officiaes do exercito do pagamento da contribuição de renda de casas; reduzindo os vencimentos dos officiaes do exercito que se reformam por equiparação, conservando contudo os direitos e prerogativas aos que passarem ao quadro auxiliar até aquella data; reorganizando os serviços judiciaes, comprehendendo a magistratura judicial, do ministério publico, advocacia e officios de justiça. Parece que esta proposta augmenta mais dois logares de juizes do supremo tribunal de justiça.

Proporá mais medidas tendentes a obviar aos inconvenientes da crise dos vinhos; sobre o regimen cerealifero; acerca da pauta minima; reorganização da contribuição predial; remodelação do imposto do real d'agua; elevando de 80 a 110 o quadro dos 1.ºs tenentes da armada e diminuindo de 10 a 100 o quadro dos 2.ºs tenentes; regimen do alcool em Angola; regulando a concessão de terrenos no ultramar; novo regimen bancário ultramarino.

A proposta do *bill* de indemnidade, para factos decretados em dictadura, comprehenderá; a suspensão da base 17.ª da última reforma do exercito; suspensão do *Codigo Administrativo*; tratado de paz e arbitragem votado na conferência da Haia; e medidas sobre o notariado.

Mau informe

O ponto onde deve ficar a estação do caminho de ferro, que será commum ao serviço das duas companhias — Real e do Mondego, é agora, que se tem como certa a conclusão da linha de Arganil, objecto de locubrações varias, por parte de creaturas que têm a monomania de querer dar opinião a propósito de tudo. Um fraco como qualquer outro, que no fim de contas não faz mal nem bem ás pessoas ou ás coisas, e que tem, pelo menos em determinados casos, a faculdade de divertir a gente.

E' o que agora succede com a genial ideia apparecida ai ha dias, de que a estação deverá ficar lá abaixo, nos terrenos marginaes ao porto dos Oleiros.

Claro está que o opinante dizendo *aquillo*, podia não ter dito nada, e o resultado vinha a ser perfeitamente o mesmo, quer elle o perceba quer não. Porque, está-se vendo, os seus dizeres obedecerem á tal monomania. Demais é certo que o alvitre representa um absurdo — baseamos nos na opinião de técnicos, intenda-se — e um flagrante attentado ao bom senso. Especialmente por que o local e os terrenos se não prestam.

Depois, é sabido que a companhia do Mondego se encontra nesta disposição:—executar o projecto ultimamente approved, com a estação no ponto onde está; isto é, com a estação da companhia real. Tudo o que se escreva e clame em contrario disto, o mesmo será que prégar por gosto, sem nenhuma esperança de encontrar echo.

E depois, no furor da monomia, escrevendo se ao acaso, chega se a intepretar irroneamente a intenção de factos que sam, na sua essência, perfeitamente razoaveis, deixando os a forma de os citar e os commentários de que os acompanham, com uma significação bem duvidosa. Tal qual o que acaba de dar-se com um acto da direcção da Associação Commercial.

E' verdade ter ella officiado ao illustre engenheiro sr. Vasconcellos Porto, que ha pouco ai veio fazer estudos da linha. Para logo se informou de que a perguntar coisas do trajecto e se ha algum projecto definitivamente resolvido.

Assim dita a coisa, não parecerá que a direcção pretende ser ouvida sobre o curso da linha a entrada em Coimbra? E contudo é bem diferente a pergunta e no tavelmente outro o espirito della.

A Associação Commercial reclamou o alargamento da estação nova e caes de mercadorias, visto que o movimento actual allí, estabelecida essa necessidade. Prometida a satisfação daquelle pedido, e votada pela companhia, no seu orçamento do anno presente, a verba julgada precisa, tem apra recido a resolução de concluir o caminho de ferro de Arganil que será servido pela mesma estação.

A gerência da Associação Commercial considerou a resolução e viu: Executadas as obras do alargamento pedido na estação, ellas vão satisfazer ao movimento de hoje: para isso é que se solicitaram. Mas uma vez aberta a exploração a linha de Arganil, taes obras já não chegam (uma vez que ao serem feitas se não conte já com o serviço das duas companhias) e a situação futura, será a mesma d'agora. E, pois, receando isso que a Direcção resolveu officiar ao sr. Vasconcellos Porto pedindo informações relacionadas tam somente com as dimensões em que se tenciona deixar a estação, a fim de pautar o seu procedimento no que respeite a reclamações sobre ella, con-

soante veja ou não veja motivo para fazê-las.

Ha nisto, no espirito da consulta o intuito de prevenção para prevenir que a cidade não fique lograda no execução da promessa; e ninguém poderá dizer que a direcção não tenha procedido com muita correcção e acerto, mas a verdade é que a maneira como ai vimos noticiado tal acto, deixa perceber coisa diversa — assim uma espécie de abelhudice pathética.

Sem dúvida que a informação por esse modo não altera de nenhum modo nem a redacção nem o intuito, bem expresso, do officio mas pode succeder a quem lê a noticia, supôr que a direcção tambem pretende a estação aos Oleiros, e ella não quererá com certeza, a paternidade de tam miraculoso alvitre.

Partido Republicano

Devendo terminar, no dia 6 do próximo janeiro, o prazo para a apresentação de requerimentos á commissão do recenseamento eleitoral, lembramos a todos os nossos correligionários a conveniência de apresentarem os seus requerimentos antes dessa data, a fim de serem inscriptos no recenseamento eleitoral respectivo.

Para quaesquer esclarecimentos sobre assumptos eleitoraes podem os nossos correligionários dirigir-se á redacção da *Resistência*, das 11 da manhã ás 2 horas da tarde e das 7 ás 9 horas da noite.

Fallecimento

O negociante sr. Jorge da Silveira Moraes acaba de passar pelo pungente desgosto de perder a sua filha mais velha, Georgina, de pouco mais de 6 annos, que succumbiu ontem a uma meningite tuberculosa.

A infeliz creança foi sepultada ontem acompanhando o feretro até ao cemitério um numero concurso de amigos do sr. Jorge e a phylarmonica do corpo de Bombeiros Voluntários de cuja gerência o sr. Jorge fez parte.

Recebam o sr. Jorge e sua esposa os nossos sentimentos pela profunda dor que os opprime.

Operação cirurgica

O estado melindroso em que se encontrava a sr.ª D. Julia Falcão de Carvalho, filha do sr. dr. Maximino de Carvalho e esposa do médico em Tondella, sr. dr. Joaquim Festas, estado que não permitia delongas á operação que tinha de soffrer, determinou ao convite, para vir operá-la, do sr. dr. Boddallo Pinheiro, de Lisboa, visto a impossibilidade em que o sr. dr. Sousa Refoios se acha de praticar tam importantes trabalhos, devido aos ferimentos que recebeu em uma das mãos com o desastre a que ha dias referimos e quando se dirigia com o sr. dr. Daniel de Mattos em carro para a Conraria, a fim de analysarem aquella mesma enferma e determinarem quando o sr. dr. Refoios devia operá-la, auxiliado pelo sr. dr. Daniel.

A operação foi feita hoje, pelo sr. dr. Boddallo, auxiliado por os srs. drs. Sousa Refoios, Daniel de Mattos e José Nazareth, assistindo o pae e o marido da enferma. Decorreu bem e com animadora felicidade, encontrando-se a operada em disposição promettedora.

Orçamento camarário

Não voltou ainda o orçamento ordinário, para 1901, da câmara municipal, e que em princípios do mês de dezembro findo foi enviado ao ministério do reino para aprovação. Em consequência da demora, que a vereação não pôde presumir até quando durará, foi resolvido em sessão d'ontem suspender immediatamente todos os trabalhos que não são de despesa obrigatória e de execução annual permanente, visto que só para esses vigora o orçamento do anterior, como se prescreve no artigo 95.º do código administrativo.

Assim, e enquanto o orçamento não seja recebido, paralisam os trabalhos começados e tam necessários da rua de Mont'arroyo, de mais reparações de calçadas e outros que não podem ser compreendidos naquelles de execução annual permanente.

Quer dizer, se a chuva volta a visitar nos, a rua de Mont'arroyo, fica reduzida a um poço de lama e quasi intransitavel, e em idênticas condições ficarão as demais em que ha trabalhos começados.

Outra inconveniência e não menos para considerar é o facto de irem ver-se em sérias difficuldades, pela falta de trabalho, todos os operários que andavam empregues nessas obras e que ficam — sabe se lá por quanto tempo — condemnados a uma inactividade forçada, quando podiam continuar empregues em serviços de necessidade urgente e de beneficio público.

A propósito nos recorda que a falta de trabalho se tem feito sentir em meio dos nossos operarios; e tanto que s. ex.ª o sr. governador civil recebeu já pelo menos uma commissão que foi solicitar-lhe providências e auxilio. As opiniões que então expendimos sobre o que succederia confirmaram-se, e agora a situação aggravava-se com a paralisação das obras camarárias.

E porquê? Porque ao capricho politico apraz levantar difficuldades e oppôr tropêços á acção da câmara que não é da cor governamental. Se os operários soubessem vêr isto... se attendessem a que, em se tratando de fazer politica, nem os prejuizos que podem advir-lhe ou a miséria em

que os lancem é motivo que determine a correctos procederes...

Já o temos dito e repetimos. Distanciam nos, immensamente, da câmara, principios e aspirações, mas isso não impedirá que apreciemos os factos com a maior imparcialidade. E agora ha que fazer um confronto. Uma câmara regeneradora ea do districto enviou, tambem em principios de dezembro passado) dois orçamentos á approvação — um supplementar e o ordinário para 1901. Uns quatro ou seis dias depois estavam de volta ao ponto de partida, com a respectiva approvação. A câmara de Coimbra é progressista, e vai d'al... estamos a 3 de janeiro, e o seu orçamento ordinário inda não chegou...

Isto não é politica — qual historia! — é o cumprimento de deveres.

Tire do confronto, a moralidade, quem se disponha a considerá-lo.

Um caso do Fisco

O nosso collega a *Gazeta da Figueira* relata esta irritante ocorrência:

«Um pobre pescador da Leiroza, António Angelo, vindo a Figueira fazer um recado, atravessava correndo em frente da rampa dos pilotos, quando um guarda fiscal lhe saiu á frente, rompendo nestes dizeres.

— «Você necê fuma?»
— «Sim, senhor.»
— «E que tabaco fuma; português ou espanhol?»

— «Fumo tabaco português; e dizendo isto tirou o barrete e mostrou-lhe duas pontas de charuto de picar.

— «E com que accende os cigarros?»

— «Com este canudinho, replicou o pobre lórpa tirando um do bolso.

— «Está preso! Acompanhe-me! berrou o guarda, filando o desgraçado.

«E lá o levou para a Alfandega, onde lhe fizeram pagar multa, sellos e as restantes alcavalas.

«Não é engenhoso o meio?»

Tam engenhoso, que chega á meta do roubo astucioso, e que só tem paridade no engenho e

arte com que a companhia dos fosforos, prejudicada pelo *desalmado* pescador, por meio da acendalha apreendida, está explorando cynicamente o país.

Já não é pouco que a guarda fiscal, embora paga pelo thesouro público, tenha a incumbência de fiscalisar que ninguem prejudique a *escrupulosa* companhia; mas é muitissimo, é mesmo intoleravel que os soldados de tal guarda recorram a armadilhas de gatuno, como essa de que nos dá conta o collega figueirense, para conseguirem multas em cuja partilha têm regular quinhão.

E entretanto que o público assim é assaltado, pelos soldados da guarda, agentes officiosos da companhia, ella, a do monopólio assalta-o tambem, sem receios nem tibezas, com o fornecimento da sua relissima mercadoria.

Nem valerá a pena repetir o que sam os fósforos que nos obrigam a comprar. Precisa se inutilizar meia dúzia para aproveitar um, quando se aproveita, mas succedendo que cada caixa traz umas três ou quatro meias dúzias, resulta que em cada caixa se aproveitam três ou quatro fósforos, pelos quaes pagamos 10 réis.

Haverá negocio melhor?

E' isto que a guarda fiscal não vê para multar a companhia. E' isto o que o governo *não sabe*, para applicar lhe as penalidades do contracto, por falta de cumprimento das clausulas a que se obrigou.

Divide largas lucros, ficando-lhe ainda muito com que pagar a tolerância do estado para as suas roubalheiras, e isso é o essencial; demais, o público aguentar se na situação em que está — expoliado pela companhia com o assentimento do governo, e assaltado na rua pela soldadesca da guarda, avida de dinheiro, custe a quem custar, como a parceria a quem serve.

Aguentar, que sam os felizes do país que assim o pretendem e ordenam, aliás...

Amnistia de excepções

Está decretada a amnistia — *fim de século*. O decreto respectivo é já conhecido nos seus detalhes. Amnistia cheia de excepções que não têm justificação.

meiro, é o primeiro! E o papa, habitualmente tam frio, quasi chorava.

E a mamã? Se tu soubesses como os rapazes sam maus para as mães. Não as comprehendem. Eu, nunca senti quanto era cruel senão depois que a minha me morreu; tinha então vinte annos. Na penna que tinha contava-se o remorso dos pequenos desgostos que lhe tinha dado, sem saber, e que não poderia nunca, nunca reparar em attentões gentis e acariadoras.

Perguntas que desgostos eu lhe dava? Todos os dias recusava, repostas que lhe dava sem reflectir e que a feriam como balas no coração.

Olha, ás vezes, aos domingos enfeitava-se e perguntava-me: «queres vir passear comigo Jean?» eu respondia-lhe: «Não», para ir correr com camaradas d'um dia, para fazer de homem, estupidamente, sem saber que ella tirava o seu lindo chapéo, o vestido que a fazia tam bella, para começar a chorar.

Vês tu: é necessário que nos amemos uns aos outros. E' tambem, tam acalentador. Não se podem amar as coisas bellas, não se podem crear, não se pode na verdade amar a vida, supportar-lhe o choque, gosar-lhe as delicias, senão com um bom coração perto do seu.

Mas o pae não vem hoje. E é a hora d'elle!

A' volta della vem sendo feito um côro de apreciação em que se salientem as doses e meias doses da *clemência régia*, e, diga-se de passagem, que nesse caso ha como que um pedaço de igoísmo que faz esquecer a excepção consignada no decreto com uma franqueza tam larga, que não deixa margem a duvidar do espirito rancoroso que a ditou.

Temos visto reclamações referentes á meia doze concedida, por exemplo a praças da armada por pequenos delictos, e ainda a respeito de outros condemnados. Sam justissimos os reparos, como justissimo seria que nelles se envolvesse a consideração de que é deshumano, mesmo odioso, excluir do beneficio as victimas dessa descaravel lei de excepção chamada de 13 de fevereiro, por meio da qual foram lançados para o clima inclemente de Timor dezenas de homens, cujos motivos do degredo se cifram nisto — conhecidos como apóstolos dum credo philosophico que tem como base a condemnação de todos os principios sociaes que implicam a manutenção de estados e a supremacia de classes. E' isso um crime?

Pois tambem essa excepção está decretada, em meio do silêncio dos que protestam por outras... E' isso tam pouco sympathico.

Novidade

A rasgada iniciativa do activo industrial sr. José Francisco da Cruz, Telles, acaba de apresentar mais uma novidade. São as bolachas e biscoitos *Fim de Século*, expostas nas vitrines do seu estabelecimento na rua Ferreira Borges, 150 a 156.

Dum sabôr apreciabilissimo, grato mesmo, typos bonitos e diferentes, não duvidamos que hão de merecer preferéncia, pois nos parece que no país se não tem produzido melhor.

Recomendamos por isso que visitem aquelle estabelecimento e experimentem o superior fabrico da novidade ora exposta.

Os revendedores, especialmente os de fóra, terão por certo muita procura destes typos, desde que comecem a ser conhecidos.

Louvores, pois, ao iniciador in

Cada dia, com effeito, desde que Jean fóra transportado para Anteuil, o pae e madame Francesco passavam regularmente alguns minutos junto d'elle.

Os médicos tinham auctorizado estas curtas visitas; tinham se tornado uma espécie d'habito: a ideia da morte entra tam difficilmente no espirito, que é necessário a immência do desenlace, não se sabe que aviso supremo e latente, para ella penetrar nelle enfim, tanto mais assustadora, quanto mais refractária a nascer enquanto o doente se meche, falla e conserva apparencias da vida.

Uma pancada soou discretamente á porta, e entrou madame Francesco.

Helena tinha-lhe sempre escondido que Jean conhecia ha muito tempo a doença; por isso, sem sentimento contra elle, fóra só ferida na sua affeição pela filha tam brutalmente experimentada e por Jean que amava já como se fosse um filho.

Pouco tempo se demorou, assentado á borda dum *fouf*, trazendo a athmosfera doce e pesada do quarto os perfumes frescos de fóra, da seiva a trasbordar de junho, um pouco das alegrias do sol nas pregas do seu vestido claro.

Longe da ideia dum resultado fatal, interpretando os oráculos dos médicos no sentido que desejava dar-lhes, julgava fazer bem, alegrando o isolamento do doente

industrial, nosso estimado correligionário, que tam bem consagra o tempo applicando-o á arte num labor de trabalho incontestavelmente digno d'imitação. E é este o motivo porque gostosamente noticiámos a sua innovação.

O sr. presidente da câmara recebeu do sr. director de microbiologia da Universidade, um officio pondo á disposição da câmara os serviços do mesmo gabinete para quaesquer analyses que acaso haja necessidade de fazer em rezes abatidas no matadoiro e as quaes se suspeite estejam atacadas de tuberculose, e ao mesmo tempo solicitando a cedência da agua necessária para o serviço do referido gabinete. Lido hoje em sessão, o officio foi tido na consideração devida.

PUBLICAÇÕES

O Occidente — *Revista illustrada de Portugal e estrangeiro.*

Recebemos o n.º 791 desta esplendida revista illustrada que vai completar o 23.º anno de publicação e que cada vez mais se affirma na belleza e interesse de suas gravuras e artigos. As gravuras deste número sam: Krüger em Lourenço Marques, um magnifico grupo em que se vê o presidente transvaaliano com o seu médico, secretário, ajudante ás ordens e o governador de Lourenço Marques sr. António José Machado; casa do governador de Lourenço Marques onde esteve hospedado o presidente Krüger; retratos de Napoleone Vellani, Adelina Patti, Angelo Marini e Marino Mancinelli; banquete na sala do risco offerecido aos officiaes da esquadra inglesa.

Os artigos deste número sam: *Chronica Occidental*, por D. João da Câmara; *As nossas gravuras*; Napoleone Vellani, por J. Neupart; *O Real Theatro de S. Carlos*, por Francisco da Fonseca Benevides; *Folheando a História*, por Damasceno Nunes; *O Rei das Serras*, romance por E. About; *Sciência Moderna*, por António A. O. Machado; *Publicações*, etc.

com as murmurações da sociedade, de que ella sabia que elle gastava, conversando das partidas proximas do *Grand-prix*, da nova vaga da Academia...

F cada palavra abria deante de Jean panoramas cheios de luz: as tribunas cheias, a rebentar, e praias floridas de guarda-soes.

Mal se fóra madame Francesco, ouviu-se a campainha da escada. Um creado offereceu um bilhete numa salva.

— Ah! exclamou Helena. O teu amigo Blondel!

— O quê? Então voltou já da Rússia? dizia Jean. E' verdade, já lá vam seis meses depois que partiu. Que suba, que suba, depressa; sinto que hade fazer-me bem.

Instinctivamente, estenderam os braços um ao outro, e abraçaram-se fraternalmente.

Para Jean, Blondel encaruava todo um tempo luminoso de vida com saúde e esquecia as querellas recentes, o duello, os episodios que os últimos acontecimentos da sua existência deitavam para o primeiro plano.

Desde que os viu a conversar, Blondel assentado no leito, conservando nas suas a mão do amigo, Helena saiu furtivamente, sempre livre e silenciosa, para ir dar as suas ordens.

(Continúa)

Polhetim da «RESISTENCIA»

MISERIAS SECRETAS

UNDÉCIMO QUADRO

LUCTAR DEBALDE

Tinha despertares bruscos, lúidez espantosa, em que o desespero de todas as alegrias que ia perder, de todas as lagrimas que ia deixar atraz d'elle lhe appareciam com o horror do abysmo subitamente illuminado. Mas evitava-os, enganava-os.

Abriu os olhos, sentindo porém a visão:

— Que horas são?

— Cinco, meu caro.

— Cinco horas! No lyceu, era a hora em que saíamos das aulas. Davam-nos um bocado de pão, e eu começava a andar á volta do pateo em Blondel. Na Polythéchnica era o contrario; era a hora a que entravamos na salla de estudo depois do recreio maior. E a bordo, era a hora da sopa... A bordo!

Para. Percebe-se que aquella phrase lhe faz passar por deante da vista horisontes de mar, o infinito do mar largo, todo um passado de carreiras vagabundas, de paragens estranhas e melancolicas. E, de novo, continúa, com medo de cair na tristeza das evo-

cações que se não tornarão a viver:

— Aqui estou eu a contar as minhas recordações d'infancia, como a gente velha. Lembro-me agora do avô do meu pae que tinha sido soldado no primeiro Imperio. Era velho, como a serpa, e sentado na *fautuil* em que o punham á janella, cantava todo o dia sosinhos quando se lhe perguntava: «O que está a cantar avosinho?» «respondia». As canções que a mamã me ensinou quando eu era pequenino. E tinha cem annos!

Eu tambem gosto de conversar no tempo em que era pequeno. Não te importas, não! Se tu soubesses como a mamã era boa. O papá era diferente. Não me animava muito com palavras. Mas ás vezes tinha movimentos de bondade... Como te heide eu explicar isto? Os olhos fechavam se-lhe, a bocca mexia-se, e eu via o perturbado, junto de mim, como se tivesse a nu o coração. Olha: um dia, ai pelas onze horas, tinha eu feito um dos meus exmesitos de creança, que sam tam commoventes por serem os primeiros. A' noite, tinhamos ido ver ambos o resultado que estava affixado no *mairie* por detraz duma grade. Imagina que eu era o primeiro de não sei quantos, inuitos. Então voltamos para casa e elle trazia-me pela mão; quando chegavamos a uma rua deserta, debruçava-se e beijava-me dizendo: «E' o pri-

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto
"A LUZITANA"

Que abriu na antiga taberna do POVO

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa diferentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro seram os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até a 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a.....	70 réis o litro
verde de Basto a.....	80 " "
branco de Torres Novas a.....	90 " "
de Mangualde a.....	90 " "
Vinagre a.....	80 " "
Geropiga (1.ª qualidade) a.....	130 " "
" (2.ª qualidade) a.....	110 " "
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a.....	240 " "
" (2.ª qualidade) a.....	200 " "
" (3.ª qualidade) a.....	180 " "
figo.....	120 " "
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro).....	240 réis
tinto da mesma colheita (garrafa de litro).....	240 " "
Ambas as qualidades (sem garrafa).....	180 " "

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que mudou o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este novo armazem, onde fez importantes reformas a fim de satisfazer por completo as exigências do publico.

Visite pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómodos.

Tem bons quartos para alugar accetando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

Economia de 50 Oj0 no consumo do gaz



Bicos n.º 1 a 4\$000 réis que custavam 8\$000 réis
 Bicos n.º 2 a 4\$500 réis que custavam 8\$000 réis
 Bicos n.º 3 a 500 réis que custavam 700 réis

Tulipas e globos de 300 e 500 réis para cima

Sempre novidade em candelieiros para gaz

Cuidado com as contrafacções

Em Coimbra e Figueira da Foz

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz, 101 a 103

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO

A GRANDE ALPACATERIA
LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—48
COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanelas, Pannos Moscovas, Montagnics e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetas, dragues, coat cover, sobretudo, ulsters de casacões com roneira, double-capas, mak ferlanes, capindos e capas talmas, o que tudo se confecciona pelos ultimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos a moda d'Aveiro e de Coimbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exija.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobreca-saca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confeccões.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de sethoras os casacos podem tambem fazer se no atelier desta casa.

ATTENÇÃO

Devido a todas as fazendas se rem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepcionaes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confeccões por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Corte elegante e bom acabamento de todas as confeccões, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima colleccão de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do zhão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, agua nativa, e canalisação para agua e gaz.

Quem quizer vê-la dirija-se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, tosse, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgaos respiratorios, attenuam-se e curam-se com os **Saccharoides d'alcatrão, compostos, (Rebuçados Milagrosos)**, cuja efficacia tem sido sempre com provada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e attestada por abalizados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental
 DE
FERREIRA MENDES
 Rua de S. Lazaro, 294 a 298
PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATISSIMOS

BICO NACIONAL AUROO
 (O unico nacional)

Economia garantida 50 Oj0

Bicos Bébé Auroo a 2\$000 réis preço antigo 2\$500 réis
 Bicos n.º 1 " a 3\$000 réis preço antigo 4\$000 réis
 Bicos n.º 2 " a 3\$500 réis preço antigo 4\$500 réis
 Mangas Bébé n.º 1 a 400 réis preço antigo 500 réis
 " " n.º 2 a 450 réis

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candelieiros em todos os géneros, cancellações e outros artigos:

Ninguém vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE
JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua raz, crez, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinãs para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de rodas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatorio e cozinha.

LIVRARIA ACADEMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

apelaria, tabacaria, objectos de escriptorio, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escolas primarias. Encomendas rapidas de livros e jornaes portuguezes e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros e picados das fabricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Auvers, Eindhoven, Londras, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, uar, como Zig-zag, Ramses, Ambre, Automatique, Persan, Abadie, Havana, etc. importados pela **Casa Havaneza**, de Lisboa.

Filial para a venda a mudo
LIVRARIA ACADEMICA
 171, Rua Ferreira Borges, 173

ROTULOS

para pharmácias, mercenarias, livretos, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

CALENDARIO FOLHINA PARA 1901
 Chromos para boas-festas

Grande e bonito sortimento de artigos em exposição na

Livraria Académica
 177—Rua Ferreira Borges—177
 COIMBRA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha — Anno, 2.700 réis; semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha — Anno, 2.400 réis; semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

O PARLAMENTO

Encontra-se já aberto o parlamento, essa irrisória ficelle constitucional que serve a cobrir, com uma pretendida capa de legalidade, o arbitrio de quem governa e o despotismo de quem domina. Abriu no dia marcado, com a assistência de toda a comparsaria official, como os theatros explorados por empregários desacreditados que primam, a falta de crédito, em ter uma inexcedível pontualidade quando se tracta de arranjar dinheiro.

A data que passou a dois do presente mês não significa porém já coisa alguma. Ha muito tempo que o povo se desinteressou, por completo, da função parlamentar, comprehendendo que se não deve perder tempo a ouvir os discursos improvisados em longas meditações, os relatórios paratejados com dolorosas cancelas.

Não tropeja lá já a voz de Passos, fulminando a corrupção, nem lá existem os caracteres que podiam dourar algum tanto a podridão geral. Os mais illustres parlamentares, aquelles cuja voz era um desinfectante, cuja palavra era um elemento de saneamento, no meio de tanta lama, eram os que nós lá levavamos todos os annos, eram Latino Coelho, Theophilo Braga, Elias Garcia, Rodrigues de Freitas, Consiglieri Pedroso, Manuel de Arriaga, toda a gloriosa pleiade já tam enfraquecida pelas baixas trazidas pela morte.

Nesse tempo em que a liberdade do sufragio era violada com mais circumspecção e menos descaramento, o parlamento offerecia um espectáculo interessante e a que toda a Lisboa que se interessa pela politica assistia. As luctas parlamentares assignalavam-se logo que um republicano intervinha nellas; propostas ousadas, como a da redução da lista civil foram allí apresentadas e quasi discutidas, no meio duma relativa liberdade de accção.

Hoje tudo mudou. Se esses que com o seu sangue refizeram uma pátria em 1820; se esses que expulsaram os francezes e os ingleses, que romperam com os preconceitos, que a ponta da espada conquistaram uma constituição que se lhes affigurava — ingenuos idealistas — a satisfação integral e definitiva de todas as aspirações generosas, se esses voltassem do mundo das sombras à realidade da vida tinham razão, uma dolorosa razão, para se arrependem e terem remorsos dos seus heroicos e generosos esforços.

Vieram ao parlamento as sumidades do nosso pátrio torrão nas letras, nas artes e nas sciencias, enquanto a liberdade do voto não foi uma coisa falsificada. E hoje? Hoje, depois de Garrett veio Motta Gomes; depois de Passos, José Luciano, depois de José Estevão, os José Ninguem da camada que domina.

Falliu o regimen liberal, levado à bancarrota pelos que diziam

defendê-lo, e com elle perdemos a liberdade, os privilegios, as garantias, todos os direitos com que uma revolução nos dotára, direitos affirmados em tantissima pugna, baptisados com tantissimo sangue.

Com o advento do disfarçado absolutismo, o parlamento decaiu. Nem podia deixar de ser. Desde que as eleições se falsificam, que se rouba o voto, que se atropella a lei eleitoral, era logico que o systema se inutilisasse.

Contudo, a espaços, clarões de luz rasgaram as trevas que cobriam com o seu manto o lodo do regimen. Foi quando o partido republicano, começando a sua propaganda sã e honestamente orientada, levou ao parlamento os seus mais illustres e talentosos caudilhos; foi ainda ha pouco, no passado anno, quando o Porto respondia as affrontas do governo com a eleição de três republicanos illustres pelo saber e pelo character.

Foi então bem interessante essa sessão legislativa que ainda está na memoria de todos, inolvidavel. Tudo o que o pais conta de sincero e honesto se interessou por ella; as galerias da camara rebojavam de espectadores e era ver o enthusiasmo geral quando qualquer dos três eleitos do Porto pedia a palavra e della usava com toda a energia dos honrados em face da corrupção, então, como hoje, naquella camara amplamente representada.

Nas ultimas eleições, um governo descarado tendo ao serviço uma corrupta magistratura, roubou ao nosso partido a eleição do Porto. Praticou para isso todos os crimes; mas não havia que hesitar. A reeleição de Afonso Costa, Xavier Esteves e Paulo Falcão era um espectro negro que assustava as instituições. Assim perdeu a moralidade, mas ganharam talvez as instituições, se é que da pratica da infamia deriva brilho e lustre para qualquer regimen.

Em que pode interessar a sessão legislativa que ora começou? Em que?

Reproduzir-se hão os mesmos discursos occos, vãos de ideias, de saber, de estudo, por parte dos comparsas do governo e da opposição monarchica, e mais leis viam fazer augmentar o archivo da papelada que peja as repartições officias.

Leis, decretos, portarias vão chover, annunciam os augures, em abundancia. Tam abundantes que, entre ellas, haverá meio de conseguir algumas que onerem mais o cidadão, que vexem mais o contribuinte.

E assim desliza a vida dos povos felizes, que se não cançam da sua felicidade!

GOMES DOS SANTOS.

Saiu para a terra da sua naturalidade o sr. dr. Manuel Dias da Silva, professor de direito e presidente da camara municipal. Assumiu por isso a presidência o vice sr. António Francisco do Valle.

Para a história da administração dos hospitaes da Universidade

Meu amigo

Dê-me licença para no seu jornal apontar um facto que, em toda a sua escarolada eloquência, é um documento precioso para a curiosa historia da administração dos hospitaes da Universidade, que a imprevidencia mais inadmissivel e o desleixo mais condemnavel caracterizam. Não bastava ao immundo pardiço o crime dos governos, que sustentam aquillo um abandono miseravel;urgia tambem uma administração em muletas, para que os desgraçados que allí vam pedir abrigo nem sequer encontrem o que poderia conseguir-se, a dentro daquella pobreza franciscana, se o hospital tivesse a dirigi-lo um homem válido, com a actividade e a energia capazes de reprimir abusos dos subalternos, que, como o fiscal, allí sam o posso, que vo e mando.

Mas enfim, eu neste momento exerço um esforço supremo da minha vontade para, pondo de lado toda a indignação, expor unicamente o facto, a que o público não deixará de prestar a homenagem dos seus commentarios.

Hoje, antes das 10 horas da manhã, chegou a portaria do hospital um homem, vindo d'Anadia, conduzindo uma creança atacada de diphtheria, e cujo estado melindroso exigia immediato socorro. Esperou baldadamente até ás 11 h. e 10, sem que, a falta do medico do banco, o fiscal cuidasse de providenciar.

Mas fez mais: pois que aquelle homem, chorando, supplicava apenas auxilio para a sua filhinha doente, e não era portador da carta de empenho, de que ignorava os bons officios perante sua excellência, o sr. fiscal-administrador retirara-se tranquilamente não se sabe para onde: se para a cêrca a recrear o seu espirito de poeta à sombra nostalgica e acariciante do arvoredado, se para a rua dos Loyos a mitigar a saúde melancolica de trabalhos eleitoraes. Por toda a parte foi procurado...

Felizmente o apparecimento de alguns alumnos da faculdade e do sr. dr. Vicente Rocha — que nesta altura era providencial — ia pôr termo aquella relaxação quando o sr. fiscal, comparecendo, afinal, no seu passo miudinho e elegante, e, preenchidas as formalidades legais, participou que na pharmacia do hospital não havia tubos de soro anti-diphtherico, em busca dos quoes mandara um creado a drogaria Rodrigues da Silva. Mas o maldito creado era da força do fiscal: apparecer — por um oculo. Em vista de tanta diligência e promptidão resolveu o sr. dr. Vicente Rocha reclamar 2 tubos da pharmacia da Misericordia, reclamação de que foi portador o alumno Nogueira Lobo, e que não se fez esperar.

Ja, finalmente, levar-se á infeliz creatura o soccorro de que tanto necessitava; mas — oh! ceos!

— a seringa fornecida pelo fiscal ao dr. Vicente Rocha era rôta!

E' bem triste, na verdade! Profundamente triste, tudo quanto em Portugal diz respeito ao pobre povo — o eterno ludibriado.

De v. etc.

Coimbra, 4-1-1901.

Arthur Leitão.

P. S. — Aos que assistiram a este facto, que em sua apreciação não teve divergências, eu affirmei a resolução em que m'encontrava de o communicar ao publico, por intermédio do seu jornal — pois deante de mim não se passam impunemente infamas desta ordem, disse eu. Um meu amigo exclamou: isso era profundamente justo, mas convence-te de que não indreitas o mundo e podes ter um desgosto. Na tranquillidade enorme da minha consciencia eu tive o inalteravel, desdenhoso e significativo encolher d'hombros: porque diabo não pedira a demissão o sr. dr. Mirabeau, tam idoso e tam doente?

Arthur Leitão.

Projectos de vinganças

Segundo o *Diario de Noticias*, o sr. José Luciano fez, em conselho de estado, importantes declarações de má vontade contra a última fornada de pares, que affirmou injustificada, annunciando com firmeza retaliações para quando volte ao poder.

E' essa a vida dos partidos monarchicos — agredirem-se, quando não é preciso estarem de mãos dadas contra os republicanos, desfazendo gregos o que troyanos fizeram, uns e outros por simples interesse partidario.

O pais, entretanto, vai soffrendo as consequências das brigas entre os dois bandos.

Têm-se dito que ha feitas diligências para chamar os srs. Hintze e João Franco a cárem nos braços um do outro, esquecendo os mutuos agravos, por essa conciliação ser precisa ao interregno parlamentar. Os jornaes d'hoje, porém, sustentam que se agravam as desintelligências entre os dois gallos...

Melhor é assim, ao menos para que nos divirtam.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorrência de visitantes no semestre findo attingiu o número de 3098.

Carta de Lisboa

4 de janeiro.

O caso da semana é, naturalmente, a abertura das côrtes, não pelo que a festa, todos os annos a mesma, apresentasse de novo, mas pelo discurso da corôa que allí foi lido, sempre considerado uma hypothese de programma de governo.

Eu não conheço nada de mais estúpido, de mais característico de incoherencia do constitucionalismo, que esta praxe de o poder executivo fazer uma falla para o rei lér, em seu nome, como obra sua, obrigando-o a desdizer se d'anno para o anno, conforme estão na governação gregos ou troyanos.

E' uma praxe que, obrigando o rei a, por sua bôcca, condemnar um dia dictaduras para no outro as approvar, proclamando agora a necessidade do equilibrio orçamental para depois a negar, colloca essa individualidade num papel mais que secundario.

E' uma formalidade que leva os proprios partidos monarchicos a desacreditarem o seu symbolo. Ainda agora, por exemplo, os progressistas encontraram desfaçatez no discurso d'este anno. Mas então, se o rei o leu, a desfaçatez foi só do governo?

Para mais a peça é feita, aqui sem a menor elevação, sem gramatica tambem, em regra. E' pouco mais ou menos, conforme os tempos, um artigo do *Correio da Noite* ou do *Diario Illustrado*.

A d'este anno, para mim, tem mais que inoffensivos erros de grammatica e mais que chateza irrisoria.

Em entrelinhas, ella ractificame decerto modo informações que me foram antes fornecidas sobre a natureza da alliança com a Inglaterra.

Essa alliança parece impôr-nos o dever de termos um affecto de 50.000 homens, em Africa; 10.000 delles. Ora, com effeito, no discurso promettem reorganizar-se o exercito continental, ha tam pouco tempo reorganizado, e as praças ultramarinas.

Tambem me asseguraram que a pretexto da regularização da divida, está assente uma operação sobre as colonias com a Grã-Bretanha. Nos termos em que no discurso se falla da questão financeira, tambem de certo modo se justifica esse recurso.

E' bom por isso acautellarmos, lembrando que desde o dia em que soldados portuguezes lutem debaixo da bandeira britânica, este pais perdeu por completo a sua autonomia como terá perdido a esperança e a garantía da sua prosperidade no dia em que se encontrar sem colonias.

A sessão parlamentar, se não offerece grande interesse ao publico, que não se importa com o parlamento desde que lá não haja deputados republicanos, está merecendo certa attenção do meio propriamente politico.

E o motivo dessa attenção é

não se saber qual venha a ser a attitudão ante o governo do chamado grupo dos *indireitas* ou de João Franco, que symphomas de vária ordem indicam como cada vez mais rebelde.

Supponho que a tática desse grupo será primeiro de reserva, depois de hostildade solemne.

E é provável que seja elle que deite a terra a situação Hintze ou muito contribua para isso.

Em todo o caso, é positivo que João Franco não será chamado ao poder. A atmospheria do paço continúa a não o honrar com as suas graças. Sei que a Hintze foi dita, não ha muito tempo, esta phrase:

—Arranja-te lá como quizeres com o João Franco. Se não te aguentares quem eu chamo é o José Luciano.

O motivo desta senha contra o engrandecedor do poder real? Não o sei bem.

Sei como ella começou: foi por João Franco attender o pedido de uma dama, justificado numa razão de moralidade, contra a ordem do marido, que visava a satisfazer uma pouca correctã aspiração dum amigo.

Mas como a indisposição se tem mantido e augmentado—não sei.

Vai já tarde para lhes fallar do julgamento da eleição do Porto. Mas é tempo de lhes dizer ainda que os progressistas estão fúlos com o Tribunal de Verificação de Poderes, sendo os primeiros a lançar as mais ferozes suspeições sobre os respectivos juizes.

E, com effeito, interessante que todas as eleições contestadas têm sido approvadas—e por unanimidade. Houve apenas uma excepção até agora—a de Lisboa, por o que se diz ter intervindo o rei, a pedido do sr. Barahona.

Sabidas as torpêsas que se realisaram a pé, por esse país fóra, o João teve o condão de mostrar como se encontra todo o organismo constitucional a pedir banho geral e completo.

Numa das últimas noites foi assaltado o escriptório da fabrica de conservas, sita à Casa do Sal e pertencente ao sr. António Rodrigues Pinto.

Duma secretária que ha no escriptório e que foi arrombada com um machado, desapareceu uma importância, em papel, prata e cobre, que a começo foi calculada em 82.000 réis.

O autor da proeza está já descoberto. Manuel Simões e reside no Ingote; exerce o mister de carreiro, e terá cerca de 20 annos. Tendo feito a principio uma fraca negativa, terminou por confessar, descrevendo miudamente como levou a cabo a empresa e onde tinha o dinheiro roubado, declarando que eram somente rs. 40.000 em papel, 20.000 em prata e 3.365 em cobre, dinheiro que lhe foi apenhado, menos 2.800 réis que diz ter consumido em comer e beber.

Explica que fez o assalto sob a influencia de embriaguez com aguardente.

Salientou-se na descoberta do crime o cabo n.º 11 da policia.

A requerimento do quintanista de direito sr. Joaquim dos Reis Torgal, foi instaurado ha tempo nesta comarca e por offensas corporaes, um processo contra o sr. dr. Almeida Garrete, professor de mathematica e par. do reino.

Esse processo acaba de ser remetido à câmara alta, de cujo fóro o sr. Garrete depende, indo seguir para a commissão de legislação, que terá de dar parecer sobre o seu seguimento.

MIRAGENS

As circumstâncias do thesouro nacional foram levadas a tal ponto pelas administrações da monarchia, que o desalento entrou, já ha muito, em todos os espiritos, já desesperados de verem que a tam calamitosa situação seja dado remédio.

Sem haver causas que tal justifiquem, nem que ao menos expliquem, com justiça, o descálabro operado successivamente, no decorrer de dezenas de annos, nas finanças do país, assiste se diariamente ao aggravamento delias, numa dolorosa espectativa de qualquer catastrophe irremediavel e vergonhosa. E' esta a convicção em muitos arreigada já, e para a maior parte dos outros esperada com favôr.

Principalmente desde 1890 para cá temos atravessado uma agudissima crise financeira, com o maior descrédito no mundo todo e com humilhações aviltantes por essa Europa fóra.

Contudo, têm-se succedido os ministros da fazenda, todos elles a apresentarem planos mirabolantes de extincção do deficit, e o maldito sempre feroz, cheio de vida... Em breve cada plano tem caído miseravelmente sem dar ao contribuinte empobrecido um momento de desafogo, porque após esses planos de lisongeiras promessas têm vindo logo leis e decretos e portarias e circulares e reformas e regulamentos, toda essa magna caterva de processos multiformes de que se serve a Administração portugêsa para arruinar o país, a impôr sacrificios cada vez mais pesados, a praticar extorsões cada vez mais iniquas dos haveres dos contribuintes.

Os ministros da fazenda progressistas, para fallarmos dos mesmos distantes, e agora os do presente ministério não deixaram de seguir a tradição estabelecida dos programmas pomposos. O que aquelles fizeram todo o país o sabe, e, por seu mal, o sente... O que valeu o ministro Anselmo d'Andrade não chegou a saber-se; mas eis que o actual mandou apregoar já por um jornal officioso que vai remodelar esses impostos e extinguir outros, tudo isto sem gravame para o contribuinte, propondo se ainda matar o deficit, e não sabemos se arranjá-los saldos para nos prevenir contra eventualidades futuras!

Para *inglês ver* appareceu agora esta música celestial, que por certo ha de espalhar muita poeira deante d'olhos ingênuos, para a sombra della o governo ir arranjando, como lhe apraz, a sua vida. E entretanto tudo continuará como dantes, nesta louca orgia de tantos annos, em que os bens da nação sam distribuidos e disfructados por meia duzia que os colheram de assalto e os não largam.

Os factos passados trouxeram já ao espirito nacional este lamentavel desânimo:—nada ha a esperar da monarchia, senão a consumação da nossa ruína.

Programma cor de rosa, para quê? Miragens illusórias para entreter creanças...

Deve ter regressado ontem de Lisboa o sr. dr. Daniel de Mattos.

O JOGO

Sempre nos quis parecer que as fúrias do sr. Hintze Ribeiro contra o jogo iriam dar, mais hora menos hora, em *vasa barris*.

Tal qual. Seria, mesmo, uma maravilha que s. ex.ª se manti-

vesse firme e congruente numa rezolução.

Verdade seja que muita, muitissima gente, o tomou a sério neste caso, mórmente quando se viu irem durando as suas ordens terminantes de perseguição ás tavolagens. Mas a insensibilidade nunca foi um característico do sr. Hintze, e então, a par dos *crentes* mantiveram-se os *descrentes* na supposição de que o nobre... titular não resistiria aos *apertos*.

E que o jogo vale como distração—e até como modo de vida, haverá quem diga—a muita gente de alta cotação, e daí...

Já de ha meses se vinha dizendo que a vigia sobre as batotas e roletas tinha afracado, e que em diversas partes se jogava semi-occultamente. Agora mais se diz, ou melhor, se annuncia, com character de informação official, que a imprensa de Lisboa vem fazendo: «Que cedendo a instantes re clamações dos seus correligionários de vários pontos do país, o sr. presidente do conselho está disposto a modificar os seus propósitos quanto ao jogo. Ao que se diz, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro pensa em regulamentá-lo, mas quer deixar a iniciativa ao parlamento, onde será apresentada uma proposta neste sentido.»

Esta noticia, que já vimos noutros jornaes, é dada nos termos em que vem de ler-se, pelo correspondente telegraphico de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*.

Foram então correligionarios do sr. Hintze que instaram com elle para sustar a sua crueldade contra a jogatina? E' significativo:—dir-se ha que o sr. Hintze tem correligionarios, amigos portanto, entre a larga lista de batoteiros que infestam as praias e demais instâncias balnearias;—e o sr. Hintze cede... Ainda o jogo da batota e da roleta lhe vai servir como elemento politico, e esta é a melhor das hypótheses a admitir para s. ex.ª;—porque o facto pode ser tomado a letra por outra forma:

Que os taes correligionarios—amigos, parceiros-combinados melhor se dirá, *souberam* demovê-lo, gritando-lhe *que por peias ás tendências é uma crueldade, e que se não deve prohibir a ninguém divertirse como lhe aprou-ver*.

Este argumento de peso, reforçado com o outro de dar-lhe parte nas bancas, terá operado o milagre de demovê-lo? Irá feito o sr. Hintze?

Mas sendo assim, descobre-se o *loup*:—o sr. Hintze investindo contra o jogo, fez o *seu jogo*, e assim passa a ter parceria nas *sortes* da roleta, nos *saltos* e *micos* da batota sobre o pano verde, ao mesmo tempo que faz banca na batota da politica governamental; e então terá de concluir-se que as suas fúrias tiveram em vista monopolisar as batotas de todos os feitios e tamanhos... E irá elle aguentar-se, sem tremer, com a paradas do sr. João Franco?

Mas continúa o correspondente do *Janeyro*:

«Atribue-se ao conhecimento destes propósitos do governo o facto dos Casinos do Estoril manterem ainda os seus arrendamentos e conservarem todo o pessoal.»

Traduzimos bem chamando aquelle—*propósitos do governo*—calculo do sr. Hintze? Isto é, que terá sido por combinação com s. ex.ª que os Casinos mantiveram os arrendamentos e o seu pessoal, até que o *jogucida* sr. Hintze, tendo parodiado Herodes, achasse a oportunidade de *regulamentar o jogo, querendo dar a iniciativa ao parlamento*?

Não ha em tudo isto uma desillusão; apenas uma normalidade do regimen, de que se não pôde esperar coisa em termos com taes representantes de taes servidores.

Pinturas romanas

Em *Bosco reale* encontrou se, ha annos, no acaso duma excavação uma baixella de prata, a mais notavel collecção de ourivesaria romana conhecida.

Foi comprada por Rotschild que a offereceu ao museu de Louvre.

O esconderijo, onde fóra encontrado o thesouro, estava quasi à flôr do sollo, coberto superiormente por uma torrente de lava solidificada, devida à erupção do Vesúvio. A lava apanhára o corpo do proprietario que morreu ao pôr em lugar seguro o seu thesouro; e ponde conseguir se assim moldar-se-lhe o corpo.

O proprietario actual conseguiu licença do governo italiano para proceder a explorações archeológicas que foram feitas com todo o segredo.

Ultimamente, começaram os jornaes noticiando que o Imperador Guilherme comprara uns preciosos frescos representando povoações e decorações dum alto valor documentário.

Dirigindo se as auctoridades ao local encontraram alguns ainda no seu logar, os outros porém haviam sido transportados para tella.

A lei italiana dá ao governo a facultade de expropriar por utilidade pública os immóveis de character artistico, podendo por isso expropriar os que se acham ainda nas casas, mas não o podendo fazer aos que foram transportados para tella e que se transformaram assim em bens móveis, que não poderam todavia sair de Itália se o governo italiano fizer offerta igual à dos colleccionadores estrangeiros.

Os frescos representam cidades, interiores de habitações, tudo minuciosamente desenhado, colorido com cuidado, e permitem reconstituir completamente o aspecto e a vida das antigas cidades romanas.

CHARADA

Em correspondência telegraphica de Coimbra para um jornal de Lisboa:

«Consta que o orçamento municipal de Coimbra para 1901 soffrerá algumas reduções nas verbas de despeza.»

Publicado isto na sexta feira, o telegramma era de quinta;—exactamente do dia em que ás 3 horas da tarde a câmara já tinha resolvido paralisar determinadas obras, por falta do orçamento para o anno corrente, em viado com destino à censura superior a tantos de dezembro: primeira particularidade a provocar curiosidades.

Como o orçamento é, ou deixa de ser alterado somente em Lisboa, na secretaria do ministério do reino, achamos, à vista daquelle *constar de alterações*, que do supradito ministério terá vindo ao correspondente o *lamiré* das alterações?

Seria loucura admittir lo.

Terá vindo—o *lamiré*—à instância medianeira entre a câmara e o governo, dando-o a mesma instância, por seu turno, ao correspondente?

Tambem é inverosimil.

Mas donde terá vindo então para cá um *consta*, que só num gabinete de Lisboa poderia *constar*?

Hontem à tarde, entre um grupo de boa amizade, mas em meio do qual cada um se reservava o direito de manter a presumpção de melhor informado, chegou se, em cavaco ruidoso, a esta intelligência:—que o orçamento só tinha seguido do governo civil para Lisboa, na tarde de quinta feira—do dia em que a câmara resolveu a suspensão das obras; do dia em que se transmittiu o telegramma para o jornal de maior circulação.

Achamos então a decifração da charada—à vista da intelligência a que chegou o grupo, é claro:

As alterações do *consta* serão de indicações coimbrãs; dellas terá sido orientado o correspondente, e elle noticiou-as.

Naturalissimo. Mas falta ver:—no caso ha propósito de se dizer ás gentes de cá, que se manda para lá, ou o *consta* representa uma inconfidência inconveniente e comprometedora?

Seja como fór, esta coisa ficará de pé:

Segundo o grupo de boa amizade, o orçamento só foi para o seu destino na quinta feira, e nesse mesmo dia um correspondente telegraphava, dizendo constar-lhe que farjam alterações ao mesmo orçamento na repartição onde elle ainda não tinha chegado...

Como?

Não haverá nestas espertezas uma extraordinária falta de habilidade?

Veja-se agora que salientamos estas misérias, somente no propósito de esclarecer os processos usados, em meio de tudo isso que serve a monarchia, para fazer politica.

Ferir o adversário é a palavra d'ordem, e essa coisa pratica-se por todos os modos sem querer saber-se se traz ou não prejuizos ao público. Que sirva ao espirito partidário, e vai bem. Mas tam mal simulado e peor escondido.

Hoje de regeneradores para progressistas; ontem e amanhã de progressistas para regeferadores, não ha que escolher.

Veja-o o povo, a ver se repara na orientação que lhe cumpre tomar.

Propostas de fazenda

O plano financeiro que o actual ministro da fazenda traz no choco continúa merecendo à imprensa referencias de diversa ordem, que pouco ou quasi nada têm deixado perceber do que elle será. Demais esclarecedor apenas appareceu ainda esta informação do padremestre das *Novidades*:

«Imposto do sello.—Seram reduzidas a maior parte das taxas. Estabelecem-se disposições para evitar vexames.

«Rendas de casas.—Seram consideravelmente reduzidas as taxas de impositão.

«Contribuição predial.—Passará a ser de quota em vez de ser de repartição, como é actualmente. Muda a natureza da incidência fixando-se outras bases para corrigirem as desigualdades, que hoje existem nas matrizes, e que constituem o principal vexame desta contribuição.

«Real d'agua.—Será supprimido, sendo substituido por um imposto de licença, evitando-se assim grandes vexames e despezas de fiscalisação, com consideravel allivio para os contribuintes.

«Banco de Portugal.—Não podemos indicar, nem mesmo nas suas linhas geraes, o plano do sr. ministro da fazenda, cuja execução depende do accordo com os accionistas.

«Sabemos unicamente que esse plano visa *simultaneamente* a cinco fins: 1.º reforçar a caução do debito do estado; 2.º augmentar progressivamente as reservas do banco, de modo a poderem attingir, num certo numero de annos, a proporção, que se considera normal, com a circulação das notas; 3.º augmentar o dividendo aos accionistas; 4.º attribuir ao banco influencias mais directas no regulamento do mercado de câmbios; 5.º diminuir os encargos do Estado e dar-lhe parte em alguns lucros.

«Outras propostas.—O sr. ministro da fazenda pensa ainda em remodelar outras contribuições, de modo a regularisar a sua cobrança *sem alteração das taxas*.

LITTERATURA E ARTE

A'quella que veio cedo

Nessa altura onde estás, na serra agreste
 Onde não chega nunca a voz do Mar,
 Tu decerto, meu Bem, já me esqueceste
 — A mim, que me não canso de te amar...
 ... Que me não canso... É a grande glória d'este
 Amor é viver sempre e apezar
 De quanto mal e quanta dor o veste
 A distância a que estás do meu olhar,
 P'ra te esquecer (já que não te alcançava)
 Quis amar outras; quantas mais amava
 Mais em ti descobria perfeições...

E hoje vivo sómente na lembrança
 Daquella doce bemaventurança
 Que d'antes houve em nossos corações.

Moravas tu naquella casa, à beira
 Da estrada que vai dar ao teu deserto;
 Todas as tardes via essa trigueira
 Face, onde o Amor punha um sorriso aberto.
 E' até que no alto Céu uma primeira
 Estrella abrisse no seu brilho incerto,
 Vivias allí toda uma Vida inteira
 De flicidade, pois que estavas perto...

Depois desciam, negras, a cercar-te
 As andorinhas; e de toda a parte
 Caia a noite, ainda mais negra, em volta.

Depois... Depois... Mas, ai! quem me diria
 Que eu tinha de lembrar tudo isto um dia
 Na saúde sem fim do que não volta!

1900. Dezembro. JOÃO DE BARRÓS.

Fortuna inesperada

Dois indivíduos, trabalhadores, que residem na freguesia de S. Martinho do Bispo e sam conhecidos pelos Rosas, acabam de saber que lhes morreu em Africa um irmão deixando uma fortuna

de cerca de 400 contos, de que elles sam os únicos e universaes herdeiros.

Um dos felizes Rosas vai partir para a localidade onde o irmão residia, a fim de liquidar a fortuna

Folhetim da "RESISTENCIA"

MISERIAS SECRETAS

UNDÉCIMO QUADRO

LUCTAR DEBALDE

Logo que a porta se fechou atraz da Helena, disse Jean:

— Sabes, meu caro, estou perdido!

— Então, Jean, que brincadeira é essa! É a operação? Agora é questão de tempo. Estive com Hochat. Foi o que elle me tornou a repetir.

— A mim também. Foi o que me disse. Faz o seu officio, esse homem.

— Jean!

— Pois tu não sabes, meu pobre amigo, que elle me disse tudo no próprio dia em que me levaste a casa d'elle. Foi um momento de franqueza bem desastrada!

— Então qual das duas vezes disse a verdade?

— Está bem! Não discutamos. Cança-me isso. Tratemos de nós.

— Que fizeste tu? Quando voltaste?

— Ha dois dias.

— Curado de todo?

— Juro-to.

— Obrigado. Sabes é necessário que Gorges e Janne vivam juntos. Actualmente, Janne está em casa do pae e Georges vive só.

Mas eu queria que elle comprehendesse que andou mal, e que tratasse de se dominar.

— Se soubesses como tenho reflectido depois que estou doente! Naquelles, em que o mundo que passa e que julga a correr, não vê senão mãos ou imbecis, ha muitas vezes só doentes.

— Animava-se com o rosto cor de tijollo illuminado pela febre!

— Olha em volta de nós: julgas que não somos ignaes, Georges com o seu ciume que o torna injusto, o impede de gosar da vida que o envenena, e eu com este mal que conhecia, que vinha collocar-se entre meus olhos e a esperança do dia seguinte, e que me envenenava elle também. Não é verdade que um e outro rebentam, depois de terem lavrado occultamente, e de terem surdamente rugido?

— Olha mais para os Ballier, os Francesco, todo o bando ruído pela ambição, devorados pelas canceiras da arte ou do dinheiro, ou cheios d'inveja, como meu tio Adolpho; outros com doença do corpo, todos occultando o seu mal, mas obedecendo cegamente, como lançados por elle segundo uma trajectória que nunca se affasta do seu caminho, atraz do bem como do mal.

— Dizia-me muitas vezes que eu era bom; era só indulgente.

— Levantou-se a meio com a angústia sobre a face:

— Cá está. Cá volta ella outra vez.

Abastecimento de carnes

Mais um reparo nos merece a forma como está resolvida a arrematação de carnes. Agora em relação à classificação pelo menos duma das classes, em que ha meio de importante prejuizo para o consumidor:

Classificou-se como carne de 2.ª a *vasia*, por 300 réis, quando parte do *pojadouro* e da *alcitra*, de qualidade inferior aquella, estão na cathogoria de 1.ª, por 360 réis.

Ora isto poderá parecer simplissimo de menor importancia, mas convém esclarecer:

A *vasia*, ou *alcitra baixa*, é uma qualidade superior, melhor que o *lombo*, para *beefeiro* *oast-beef*, e como tal, é gasta em abundancia pelos hoteis e restaurantes de melhor fama, não logrando o restante do público apanha-la senão por festa. Não ha fugir d'isto.

Feita, portanto, a arrematação nessas condições, os proprietarios de hoteis continuarão, como até agora, a ser os senhores daquella especialidade, só preço de 300 réis, e as casas particulares terão de contentar-se para os seus *beefs* com o *pojadouro*, carne incomparavelmente mais ordinaria, e mais cara do que a outra a 60 réis em kilo.

Podem objectar-nos que sendo o arrematante obrigado a vender, a quem quer a peça, essa especialidade, enquanto a tenha, esse logro está previsto?

Não cohe. Primeiro, porque, em regra, o público não sabe distinguir especialidades, mas apenas preços; segundo, porque os *bons freguezes* que gastam muito, os dos hoteis e similares, sam conhecidos, ainda pelo *habito de esportular*, e então, ao particular que não destrinça, facilmente se occulta a *vasia*, a guardar para os amigos, resultando o logro para o consumidor e para as condições da arrematação.

Foi sempre assim; continuará a ser assim, ainda que um fiscal, só para o caso, passeie no mercado, exactamente porque esse fiscal ou será marchante, em fingida disponibilidade—da grei por consequência—ou um empregado da câmara que nada poderá ver por nada conhecer da matéria.

Depois, caindo de novo sobre os travesseiros:

— Prometes me não é verdade, que has de ser também indulgente para com elles?

— Tu me ajudarás, Jean.

— Não! Cá tenho a minha conta. Vai-te. Fizeste-me fallar de mais: já não posso... Até breve.

— Amanhã voltarei.

Jean fez um gesto com a mão encaçada e sorriu: Pensar que o não tornarei a ver talvez, scismou elle.

— Querias ver o pae; repetiu a Helena que voltára para o pé d'elle.

— Está a chegar. Bem sabes que anda sempre muito occupado, muito afflicto...

— É verdade, a promoção...

— Olha. Elle aí vem!

Com effeito um passo apressado subia a escada. O coronel com as luyas brancas, ainda calçadas, o Kepi na cabeça caminhou rapidamente para a cama:

— Nomeado, meu filho, fui nomeado para a casa militar do Presidente da Republica! Como vaes? Bem?

Jean sorriu fracamente.

— Melhor, obrigado. Então agora está contente?

— Ah! Não tenho tempo de pensar n'isso. Vai ser necessário desenvolver uma actividade, um tacto...

— Progredir ainda?

— Ai está tudo. E tu verás meu Jean, que boa vida tu vaes levar, mais tua mulher, desde que este-

Donde as nossas dúvidas sobre a isenção ou a consciencia—como queiram—do alchimista que formulou a tabella.

E como o caso das multas, atenuadas, ou inutilizadas, pelo tal—**simultaneamente**, procuraremos não perder este de vista, para o que der e vier.

Operação cirúrgica

E' bastante animador o estado da sr.ª D. Júlia Falcão de Carvalho, filha do clinico sr. dr. Maximino de Carvalho e esposa do sr. dr. Joaquim Festas, medico em Tondella, senhora a quem foi feita na quinta feira a importante operação a que já nos referimos, em consequência duma salpingite supurada.

Foram-lhe encontrados, e extraídos, dois volumosos saccos purulentos com adherências e com caracteristicos pronucciados de natureza tuberculosa.

O trabalho operatorio foi feito pelo sr. dr. Boddallo Pinheiro, de Lisboa, em substituição do sr. dr. Sousa Refoios, temporariamente impossibilitado de operar, mas que assistiu, assim como o sr. dr. Daniel de Mattos, como ajudante, fazendo a anesthesia o sr. dr. José Nazareth.

Saiu para Lisboa o sr. bispo-conde.

DESPEDIDA

José Cardoso de Figueiredo Nogueira, profundamente reconhecido por tantas demonstrações de penhorante estima que tem recebido de tantas pessoas d'esta cidade, a proposito da sua saída para Africa, vem por esta forma, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, manifestar a todos a sua inalteravel gratidão. E cheio de vaidades de tam dedicadas amizades que nesta terra deixa, e sensibilizado por tantas provas de sympathia que acaba de receber, não só de amigos particulares, como do commercio em geral, as quaes considera tam gratas como immerecidas, a todos envia d'esta maneira as suas des-

pedidas, pedindo-lhes que lhe deem a satisfação de utilisarem seus limitadissimos serviços em Inhambane.

Coimbra, 25 de dezembro de 1900.

BALANÇETE DA CAIXA ECONOMICA FRATERNIDADE

NO ANNO DE 1900

Entrado

Accções de socios... 892:360

Jóias... 2:800

Sahida de socios... 2:250

Multas... 7:900

Juros... 20:060

Somma... 925:310

Sahido

Emprestimo aos socios... 191:000

Impressão das accções... 3:500

Expediente... 11:950

195:450

Para devedir pelos socios 729:860

925:310

Coimbra, 31 de dezembro de 1900.

O Secretário, Bernardo Maria da Silva

Os preços dos cereaes durante a semana finda, foram os seguintes:

Trigo de celorico, novo, graúdo, 620—Dito, novo, tremés, 630

—Milho branco, 440—Dito amarello 440—Feijão vermélho, 760

Dito branco, meudo, 720—Dito branco, graúdo, 760—Dito rajado, 520—Dito frade, 470—Centeio, 520—Cevada, 380—Grão de bico, graúdo, 700—Dito meudo, 630—Favas, 490—Tremoços, 20 litros, 360.

Azeite da colheita de 1898, fino, 22100 a 22200; de 1899, 19500 a 19600, conforme a qualidade.

CALENDÁRIO FOLHINHA PARA 1901

Chromos para boas-festas

Grande e bonito sortimento destes artigos em exposição na

Livraria Académica

177—Rua Ferreira Borges—177

COIMBRA

elle mette entre as delle, e soccaga-o com aquella caricia fresca.

Mas o doente exhala, de novo, o seu queixume, numa voz desigual umas vezes fraca, outras rouca, como o traço dum estilete que morde mais ou menos o metal que tem a gravar.

—Não! Não quero morrer; que fiz eu, que tenho eu feito? O', minha querida, defende-me, chega-me a ti. A vida é boa, tam infinitamente boa. Quero viver mais, quero gosar a vida contigo. Conta, os livros, a familia, os theatros, e as meias ceias, as coisas boas que nos fazem tam alegres e felizes. Promette-me que haremos de tornar a ter tudo isso. E o mar, as peças, as salvas á bandeira que dam grandes martelladas no coração. Vês, eu nasci para ser poeta para amar e fazer amar tudo o que é bello e bom. Que mal fiz eu? Quero ficar, quero ter sempre o teu coração-sito, a tua bocca pequena. Parece-me que és alguma coisa de mim, e que eu não posso ir-me, se tu ficares!

— Meu Jean! meu Jean!

—Oh! Se me salvassem! Se alguém, se um acaso me salvasse! E dizem que ha uma providência! Mas eu não fiz mal nenhum. Que castigo foi então o golpe que me feriu? Sinto que era tam amante, tam feito para viver.

— Adorava-te tanto!...

(Continúa)

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,"

Que abriu na antiga taberna do POVO

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa diferentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro seram os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a.....	70 réis o litro
» » » a.....	80 » »
» verde de Basto a.....	90 » »
» branco de Torres Novas a.....	90 » »
» » de Mangualde a.....	90 » »
Vinagre a.....	80 » »
Geropiga (1.ª qualidade) a.....	130 » »
(2.ª qualidade) a.....	110 » »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a.....	240 » »
» » (2.ª qualidade) a.....	200 » »
» » (3.ª qualidade) a.....	180 » »
» » figo a.....	120 » »

Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)..... 240 réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)..... 240 »
Ambas as qualidades (sem garrafa)..... 180 »

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que mudou o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este novo armazem, onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do público.

Visitae pois **A LUZITANA** do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,
José Maria Junior.

Economia de 50 0/10 no consumo do gaz



Bicos n.º 1 a 4\$000 réis	que custavam 8\$000 réis
Bicos n.º 2 a 4\$500 réis	que custavam 8\$000 réis
Bicos n.º 3 a 500 réis	que custavam 700 réis

Tulipas e globos de 300 e 500 réis para cima

Sempre novidade em candeieiros para gaz

Cuidado com as contrafacções

Em Coimbra e Figueira da Foz

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz, 101 a 103

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO A GRANDE ALFAIATERIA LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—46
COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e extranjeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanelas, Pannos Moscows, Montagnacs e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetões, dragues, coat-cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double-capas, mak-ferlanes, capindós e capas talmas, o que tudo se confecciona pelos últimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos a moda d'Aveiro e de Coimbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exiga.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobre-saca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confecções.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhora; os casacos podem tambem fazer-se no atelier desta casa.

ATENÇÃO

Devido a todas as fazendas serem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepçionaes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confecções por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Corte elegante e bom acabamento de todas as confecções, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima collecção de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, agua nativa, e canalisação para agua e gaz.

Quem quizer vê-la dirija se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, toses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos órgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os **Saccharolides d'alcatrão**, compostos, (**Rebuçados Milagrosos**), cuja efficacia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 0/10

Bicos Bébé Aureo a 2\$000 réis	preço antigo 26500 réis
Bicos n.º 1 „ a 3\$000 réis	preço antigo 44000 réis
Bicos n.º 2 „ a 3\$500 réis	preço antigo 44500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a 400 réis	preço antigo 500 réis
„ „ n.º 2 a 450 réis	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeieiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguém vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

EDITAL

A câmara municipal de Coimbra faz saber que, por deliberação tomada em sua sessão de 3 do corrente mês, continúa a celebrar as suas sessões ordinárias, durante o corrente anno civil, ás 5.ª feiras de cada semana, pela uma hora da tarde.

Coimbra paços do conselho, 3 de janeiro de 1901.

O vice presidente

António Francisco do Valle

ANNUNCIO

Commarca de Coimbra

EDITOS DE 60 DIAS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da commarca de Coimbra e cartorio do escrivão do quarto officio, que este assigna, correm editos de sessenta dias, a contar da data da segunda publicação do respectivo annuncio no *Diario do Governo*, citando os recrutaes ausentes e desconhecidos abaixo indicados para no prazo de oito dias, findo que sejam os dós editos, apresentarem causa justificativa da sua falta a inspecção, em conformidade com o § primeiro do artigo 144 do Regulamento de 6 d'agosto de 1896, sob pena de serem julgados, como refractarios.

Mancebos recenseados pela freguesia do Botão.

Antonio, filho de Antonio da Costa e de Elisa da Conceição.

Joaquim, filho de Abilio Galhardo e de Maria Augusta de Mello, natural do Paço.

Mancebo recenseado pela freguesia de Antanho:

Manoel, filho de Joaquim Soares d'Almeida e de Carlota Engracia, trabalhador da Cegonha.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,
R. Calisto.

O escrivão,

Arthur de Freitas Campos.

EDITAL

Augusto Vieira de Campos, recebedor do conselho de Coimbra.

Faz público que o cofre da recebedoria do mesmo conselho se hade abrir desde o dia 2 do proximo mês de janeiro até 31 do mesmo, para a cobrança voluntária das contribuições predial, industrial, de rendas de casas e sumptuária e de décima de jurós do anno de 1900.

Outro sim faz público que passado aquelle prazo, todas as contribuições que não forem pagas lhe será addicionada a verba de 3% ou quota fixa de 40 réis.

Coimbra, 28 de dezembro de 1900.

O recebedor

Augusto Vieira de Campos

ANNUNCIO

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 60 DIAS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da commarca de Coimbra e cartorio do escrivão do quarto officio que este assigna, correm editos de sessenta dias a contar da data da segunda publicação do respectivo annuncio no *Diario do Governo*, citando os recrutaes ausentes e desconhecidos abaixo indicados para no prazo de oito dias, findo que sejam os dós editos, apresentarem causa justificada da sua falta a inspecção em conformidade do paragrafo primeiro do artigo cento e quatro do Regulamento de seis d'agosto de mil oitocentos e noventa e seis, sob pena de serem julgados refractarios.

Mancebos recenseados pela freguesia de S. Bartholomeu—Samuel, filho de Maria do Ceo, solteira, natural de Coimbra—Sebastião, filho de António Fernandes e de Maria Theresa da Silva, natural de Coimbra.

Mancebos recenseados pela freguesia de São Martinho do Bispo:—José, filho de Manuel Vaz Moreira e de Barbara Catharina, natural de Falla—José, filho de Pedro da Cruz e de Maria do Rosário, natural da Bemcanta: Joaquim, filho de José Mano e de Maria José Correia, natural de Pé de Cão—José, filho de Iguês Ferreira, natural das Casas Novas—António, filho de Joaquim Carvalho e de Maria José Mendes Gausa, natural de São Martinho do Bispo—Adriano, filho de Manoel da Barroca e de Fortunata Coelho, natural de Coalhadas.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,
R. Calisto.

O escrivão do 4.º officio.

Arthur de Freitas Campos.

Agradecimento

José Maria Dias não podendo ainda agradecer pessoalmente a todas as pessoas que o visitaram no Hospital da Universidade e em sua casa durante o tempo em que se esteve tratando do grave ferimento produzido pelo triste desastre occasionado na sua officina no dia 28 de novembro passado, vem por esta forma mostrar o seu reconhecimento e indelevel gratidão para com os ex.ººº clinicos, conselheiro Costa Allemão e dr. Francisco António da Cruz Amante, e a todas as pessoas que em lance tam triste lhe deram as mais penhorantes provas de amizade, e que jamais poderá esquecer.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha — Anno, 2.700 réis; semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha — Anno, 2.400 réis; semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50%.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

Demo-nos a ver

Abrem-se os jornaes mais acreditados junto do governo e da supramacia da opposição, e vê-se que as suas preocupações e os seus cantares neste momento se resumem quasi exclusivamente a prescitar no que terminará a falada scisão entre os srs. Hintze e João Franco. Como se *disso*, dependessem o crédito e o futuro nacionaes.

Que o facto é simples na apparencia, não ha duvidar; todavia affigura-se-nos que tem no intimo o seu pouco de importância, para ser considerado pelos espiritos superiores cuja orientação politica se não humanisa, por nenhum principio, com a acção do regimen.

Ou essa scisão se liquide por um conflicto declarado, terminante, entre os dois rivaes na chefia do partido regenerador, ou por uma conciliação que os conduza a mais harmonica intelligencia, é certo que ella apenas representa uma briga entre individuos, provocada por interesses pessoais. E então dá vontade perguntar ao que vem essa preocupação do jornalismo por que seja este ou aquelle o fim da contenda.

Repara-se, entretanto, no curso das opiniões, e acha-se talvez a importância de que falamos, para esclarecimentos a fazer.

As conjecturas avultam à volta do facto, e uma das que mais echo tem encontrado, é a de que, irreconciliaveis Hintze e Franco, se deve esperar d'este, com o seu grupo maior ou menor, uma decidida attitud de hostilidade, que muito poderá contribuir para apressar a queda do governo. Dado isto, os progressistas iriam com o *cabrion* do sr. Hintze, uma vez que lhes fazia o jogo, seguros de que o mesmo *cabrion* não será chamado a constituir ministério por estar fóra das *graças de Deus* — ou seja do rei, de quem se diz que teve para um grupo de aulicos este significativo dito irónico: — *Isto vai mal, porque perdi a confiança de João Franco*...

Volviendo attensões, encontra-se que os partidários do sr. Hintze affirmam a sua vantagem: — que acção de João Franco será inoffensiva para o governo, visto como a opposição que lhe façam, pro-

gressistas e *francaceos* separadamente, ou em manifestação una, será abafada pela maioria, grande e segura que tem nas duas casas parlamentares.

Eis aqui rapidamente traduzidas as presumpções d'uns e outros. Resta ver, embora com a mesma rapidez, o estado d'animos.

Entrando na câmara dos deputados, o sr. João Franco tomou assento longe das cadeiras dos ministros — diz o correspondente do *Primeiro de Janeiro* e repetem outros jornaes — não cumprimentando nenhum. Pediu a alguns deputados que lhe reservassem umas cadeiras próximas da d'elle para uns amigos, e não lhe passou desapercibido que não foram cumprimentá-lo muitos deputados que noutro tempo, mal apparecia, corriam a render-lhe finezas. *E' que estavam os ministros na sala, e tinham medo de se comprometterem*, commenta uma fôlha.

Temos, pois, o cálculo opportunista em plena revelação.

O sr. Hintze está de cima, tem nas mãos o poder, e assim o grupo numeroso de que se dizia o sr. João Franco disputa, reduz-se para engrossar o do seu antagonista, que tem ás ordens o cofre das graças. É, então, mais uma vez provado que os deputados impostos ás massas eleitoraes pelos governos e pelos influentes partidários não comprehendem as suas missões como representantes dos circulos — admitamos que o sam — senão para servirem à facção que tem mais probabilidades de *fazer mercês*.

Considerem-se esses factos, e veremos que, se de ha muito as sessões parlamentares não interessavam ninguém, já pela certeza de que nellas se jugavam apenas luctas de interesses restrictos, a que vai seguir-se pôde interessar-nos muito, a nós propagandistas do futuro, para o nosso imprescindivel trabalho de elucidación.

Que o resentimento entre os dois galos regeneradores é latente, está provado; e assim, ou elle se mantem, e será posto a nu, em descomposturas a propósito de tudo e por interesses partidários e pessoais, sem nenhuma preocupação pela discussão serena, digna e consciencia, dos assumptos que interessem ao pais, aproveitando os progressistas esse tiroteio de bregeirismos vergo-

nhosos, ou a conciliação se dá ao menos para certa quietude de João Franco, ficando apenas as gentes do sr. José Luciano a esgrimir, no tom que ao seu partido e só a elle convenha.

Dum modo ou doutro deve esperar-se que, por todas as razões, a sessão parlamentar dagora seja a melhor para demonstrar ás massas, que só podem comprehendê-lo que muito claramente se lhes exemplifica, o que é e o que vale tudo aquillo. Está nisso a importância que achamos á scisão.

Aproveitar e condimentar o que certamente vai dar-se em tiroteios descompostos, de que ao pais só advirão prejuizos, representará um valioso trabalho de elucidación ao povo, para comprehendê-lo quanto mal advem da sua submissão aos régulos eleitoraes, e de não estar representado na câmara electiva, ao menos como na última legislatura, o partido republicano.

E' possível que da demonstração se colha no futuro algum resultado.

Diz-se que o ministro da fazenda está trabalhando activamente para poder apresentar o seu relatório e propostas durante a primeira quinzena de fevereiro.

A pecha

O ministério do reino circulou aos governadores civis pedindo-lhes, com certa urgência informações sobre as alterações a fazer na lei eleitoral, tanto na parte reguladora, como em relação á divisão das circumscripções.

E' a pecha governamental. Lei de eleições á imagem e semelhança da facção que é poder...

Para o serviço e interesses próprios, está claro, porque apesar de todos os remendos, vê-se como essa lei protege a liberdade do sufrágio: — não ha gatuão eleitoral ao serviço do governo que não fique impune ou não seja permiado; não ha autoridade ou gelopim que pratique toda a ordem de attentados em beneficio da lista ministerialmente protegida, que não mereça louvores.

E' pois que disso se não passa, ao que vêem as pseudo-reformas?

Gastam-se com essas misérias os talentos dos nossos estadistas, enquanto que as questões de alto valor, como a dos credores externos, da crise económica, industrial e agrícola, do crédito nacional, etc., andam á matroca; suggestas a peletivos ridiculos...

E' que a esses estadistas de opereta faltam todas as condições de intelligencia e moralidade para tratá-las, restan-lo que o pais se resolva a comprehendê-lo a sério, para dar-lhes... de mão.

Chuva de graças

O sr. Luiz do Soveral, nosso representante diplomático em Londres, vai, segundo noticiaram já os jornaes mais bem informados, ser agraciado com o titulo de duque, não se contentando com o Marquezado que lhe deram. Affirmam os mesmos jornaes, peritos em questões de etiqueta, que a nova graça com que vão distinguir o sr. Soveral é devida ao facto de s. ex.ª estar próximo a contrair casamento, com uma neta ou cousa que o valha da ramha Victória, *her graciono magesty*.

Não sabemos se os nossos leitores olvidaram já a história funesta deste Soveral, que pelas suas artes de diplomata eximio em imitar Bazaine, se encontra ha tanto tempo collocado em Londres, tratando dos negócios... de Inglaterra. Cremos que não, porque os grandes criminosos nunca se olvidam. Talvez já o esquecemos nós, porém, nem perdemos de vista os seus manejos.

Soveral é aquelle sinistro personagem a quem os regeneradores em 1895 commetteram o encargo da nossa representação em Londres, depois de, como ministro, ter desastrosamente baqueado pela sua reconhecida ineptia. E' aquelle funcionário do pais, pago pelo pais, representando o pais que, em lugar de o defender, maneja os cordeis da diplomacia no intuito infame de servir a Inglaterra em detrimento de Portugal.

Combateram-no, ha quatro annos, os progressistas com toda a energia, mas tambem com toda a hypocrisia. Do futuro duque chegou o *Correio da Noite* a dizer que, «se o deixassem, vendia as colónias e o continente aos ingleses.» Do actual marquez affirmaram os os órgãos da Granja que elle tinha a envergadura dum traidor e que no desempenho do seu cargo traia effectivamente o pais.

Não obstante, esses progressistas subiram ao poder, foram governo, tiveram o mando na mão, mas Soveral continuou em Londres a affrontar a dignidade nacional, a deshonrar a patria cujos retalhos africanos elle punha em almoeda no gabinete de S. James. Porque o não escorraçaram do seu cargo? Por isto: — porque quem protege Soveral, quem se inclina á Inglaterra não sam apenas o governo, é mais alguém: — aquelle que impôs o seu *quero* para que Veiga ficasse na policia e Soveral em Londres.

Não admira pois que o sr. Soveral seja feito duque. A traição paga-se sempre. O gverno (?) paga-lhe com uma graça; a rainha Victória remunerar os serviços prestados com a mão duma sua neta.

E' lógico, banalmente lógico, como lógica é toda a infâmia de um regimen que assim procede e se prepara para entregar Portugal ao estrangeiro com a cumplicidade manifesta de Soveraes e quejandos.

E, apesar de já tudo esperarmos da monarchia e dos seus ho-

mens, uma pergunta nos occorre ainda:

Casado com a neta da rainha Victória, poderá o sr. de Soveral continuar a ser nosso ministro em Londres? Tratando-se de um homem com os antecedentes daquelle que estamos biographando, pôde-se aceitar a sua representação num pais que nos cubica as colónias, quando a soberania d'esse pais o cumula de graças e lhe concede a mão duma neta?

Não julgamos que a imprudencia seja tanta. O manto ducal do sr. Soveral deve ir embrulhado na sua demissão.

Fazer o contrario, seria tornar mais logicos e mais reaes os commentários que sobre o caso se fazem. Soveral é um traidor, não ha dúvida; mas ser traidor com a cumplicidade official do regimen isso é que se não pôde admitir, se ainda ha, no governo, um resto de vergonha.

De resto, veremos.

GOMES DOS SANTOS.

Noticia alarmante

Segundo o correspondente do *Diário de Noticias* em Londres, em Petersburgo diz-se abertamente que entre a Alemanha, a Inglaterra e Portugal, se tem combinado uma cilada á Hollanda, sendo possível que d'ella resulte uma grande guerra Europea.

O correspondente citado baseia-se, diz, numa affirmação do jornal russo *Swiet*, cuja opinião parece ter um alto valor nos domínios do czar, pela firmeza dos seus informes.

Sam do correspondente estes periodos:

«Diz, pois, o *Swiet*, que Portugal, a instigações da Inglaterra, provocará a Hollanda, e que declarada a guerra, no exercito allemão occupará os Paizes Baixos e o grand-ducado de Luxemburgo, para prevenir qualquer aggressão da parte da França. Terminada a guerra, pela victoria dos portuguezes, as três nações conjugas dividiram o espólio da Hollanda, partilhando entre si as colónias hollandesas.»

E' claro que reproduzo estas informações sob todas as reservas, e simplesmente a titulo de curiosidade.

Que a Inglaterra não vê a Hollanda com bons olhos, pelas considerações que dispensou a Krüger, é um facto; e dai, a soberbia e intollerante, a par de ambiciosa a mesquinha senhora dos mares, não deixará de sentir desejos de provocar astuciosamente uma retaliação. E' para tudo a Inglaterra, como sam para tudo os *ingleses* que representam, e os que servem as instituições em Portugal. Todavia ao nosso espirito accodem dúvidas sob o fundamento de tal boato. Ainda nos custa a crer que fôsse tam longe o cynismo dos *ingleses* de cá.

A história, porém, ensina-nos a ver que só para servir a sua interesseira ambição a Inglaterra nos *estima*, e assim admittimos a possibilidade de que ella haja feito alguma tentativa naquelle sentido, tendo quaesquer contrariedades obstado ao seu propósito.

Seja como fór, bom é que se esteja de sobreaviso, para não sermos assaltados por alguma dolorosa surpresa.

As congregações religiosas

Todos aquelles que quizerem accumular elementos para o estudo da degenerescência das nações latinas, não podem desprezar a questão religiosa.

No nosso país, o clero tem exercido tal influencia que foi elle que deu a este povo um caracter tipico; o nosso povo não é o vulgarmente chamado *não te rales*, nem o *toujours gais* que os francezes nos inventaram, nem é tam artista como alguns espiritos generosos querem fazê-lo.

O povo portuguez é essencialmente supersticioso.

Vivendo sempre com o padre, no confessorio e na familia, nascendo com elle e morrendo com elle, tornou-se um automato, que pensa pelo cérebro do padre, que faz o bem por egoismo com mira em uma recompensa futura e não simplesmente, porque é bem.

Urge dar-lhe outra orientação e está obrigação cumpre principalmente aos governantes, mas, infelizmente, estamos vendo a cada passo o contrario.

Como é sabido, a Sociedade de Geographia prepara um congresso colonial; pois a última hora consta que esse congresso tem o fim especial de promover o restabelecimento das ordens religiosas. Procuram conseguir que a maioria do congresso seja composto de reaccionarios e, sendo um dos pontos a discutir o das ordens religiosas, está conseguido o fim.

Depois, lá está o parlamento para fazer o resto.

Al está o facto em toda a sua flagrante repugnância, e só pedi mos aquelles que prezam a paz do seu lar, a honra da sua familia e a dignidade nacional, que o confrontem com o que se está passando em França.

O ministério francez vai muito brevemente apresentar ao parlamento um projecto de lei contra as congregações religiosas. Para esse fim, já o ministro das finanças distribuiu pelos deputados a estatística dos bens immobiliarios dessas congregações. Segundo os jornaes francezes, o valor total daquelles immoveis attinge a pequena somma de mil e cem milhoes de francos!

Arrependimento de furto

Do commissariado de policia foi remetido ao poder judicial o official de pintor Felicissimo José da Silva, que ha tempo trabalhava nesta cidade e que ultimamente, tendo recebido do sr. Silva Moutinho 20.000 réis para remetter para Lisboa, preferiu tirar bilhete para aquella cidade, e se guir até lá, gastando os 20.000 réis.

Reparou, ao fim, na ruindade do seu acto, e, arrependido, apresentou-se allí a policia, confessando-o e dando-se a prisão. Enviado para aqui, vai responder em juizo.

E pois que o arrependimento o demoveu a procurar o castigo da leviandade, provando que o roubo lhe não é sympathico, que essa circumstancia, ao menos, lhe sirva de valiosa attenuante a penalidade em que incorreu pelo abuso de confiança.

Fallecimento

Os jornaes de Lisboa trazem-nos a triste noticia de ter succumbido naquella cidade, aos estragos duma terrivel doença que todos os dedicados exforços não poderam debelar, a sr.^a D. Maria Augusta da Cruz Carneiro, que foi uma distincta cantora lyrica, e que ultimamente abandonara o theatro para casar com o abastado capitalista de Lisboa,

sr. Manuel da Costa Carneiro, tendo as escripturas do casamento sido lavradas nesta cidade.

Alma nobre e caracter a todos os principios merecedor da mais alta consideração, a saudosa extincta tinha uma coroa de gloria bem mais valiosa e apreciavel que a resultante dos triumphos que, pelo talento, alcançou durante a sua bella carreira artistica: — é a dedicação e desvellado interesse que sempre manteve por suas irmãs, senhoras que têm residido em Coimbra, cercadas de merecidissimas considerações de respeito.

A ellas, a seu irmão o sr. tenente José Correia da Cruz, e ao inconsolavel marido, enviamos a expressão do nosso profundo sentimento, pela desgraça que os feriu.

Esperemos

Vam partir novas forças para Lourenço Marques. A noticia era conhecida desde ha dias, tendo surgido negativas. Afinal confirma-se, somente com esta grotesca divergência.

Não é uma expedição, é uma remessa de reforço ás tropas europeias que lá estacionam.

Como queiram, que não faz ao caso a denominação.

Mas ao que se destinam essas novas forças? Sam diversas as explicações. A official dá que se tracta de coadjuvar as que foram ha tempo, abatidas pela violencia do serviço na fronteira, tendo já de ser repatriadas muitas praças.

Só isso? Mas o governo hesitou em satisfazer a requisição do governador, e só depois da troca de explicações se decidiu! O que ha? Esperemos para ver. Entretanto consideremos este esclarecimento do *Popular*, fôlha de Mariano de Carvalho que anda tam próximo do governo:

«Consta que no conselho de ministros de ontem foi rezolvido enviar nova expedição para Lourenço Marques, a fim de reforçar a força europeia que allí está. **E' a consequência natural do novo aspecto que tem tomado a guerra anglo-boer.**

Acaso terã as nossas forças que ir fazer auxilio á nossa poderosa amiga, que no actual momento se está vendo em sérios apertos na Africa do Sul? Sabe-se lá!... Mas aquella phrase de Marianno: *E' a consequência natural do novo aspecto...* Depois, ha pouco firmou-se a alliança, e nem os ingleses sam pobres em fazer-nos exigências, nem nós relutantes em satisfazer-lh'as.

Prematuros todos os vaticinios? E' possível, e então:

Esperemos para ver.

Recenseamento eleitoral

Terminou o praso para a entrega de requerimentos solicitando a inclusão nos cadernos do recenseamento eleitoral, indo começar no proximo dia 16 os trabalhos da respectiva commissão, que é composta dos srs. presidente da câmara e conservador da comarca, e nomeado pelo sr. juiz de direito o sr. dr. Souza Gomez, que tem como substituto o sr. dr. António de Pádua.

Consocia-se, no dia 16 do corrente, o nosso amigo, sr. Manuel Ferreira Matheus, conceituado commerciante desta cidade, com a ex.^{ma} sr.^a D. Thereza de Jesus Machado, gentil filha do sr. António dos Santos Machado, da Abrunheira.

Desejamos aos noivos a mais longa felicidade.

A obra dum propagandista

Perpassa no abysmo insondavel dos tempos um anno que desapareceu o grande jornalista que em vida se chamou Alves Correia, o propagandista eloquentissimo e acérrimo dos mais avançados principios republicanos, e o luctador intemerato e convicto do grande credo democrático, ao qual dedicou todos os seus exforços de patriota consummado e de politico convicto no ideal sacrosanto da nossa redempção, que elle antevira com o seu génio prophético.

O partido republicano deve lhe relevantes serviços que não pôde, nem deve esquecer. Foi elle um dos seus jornalistas mais consagrados pelo favor popular que já mais faltara ao grandioso e sagaz luctador; favor este que elle constantemente legitimou com o patriotismo próprio de caracteres d'élite... dos verdadeiros paladinos do bom nome duma nacionalidade.

Duma forte structura rochefortiana, alliada á sagacidade puramente nativa dum Armando Carrel, Alves Correia applicou ao regimen monarchico em Portugal *un le grand coup*, como diria Saint-Beuve no *Avenir National* a propósito do vehemente e altivo pamphletario francez que sacrificou a sua vida de pensador illustre ás suas ideias democráticas, creando em França a sagrada milicia da Revolução de 1848.

E apesar da corrupção natural em que afinal descambou este regimen putrefacto—verdadeiro perigo da salubridade moral e intellectual do povo portuguez, e séria ameaça para a independência pátria—não estão de todo perdidas as esperanças dos patriotas na redempção nacional, nem se mirraram ao sópro devastador do despotismo governamental os aletos admiráveis de salutar energia da alma portuguesa.

E' assim que vimos a grandiosa obra do nosso saudoso mestre e querido amigo universalmente consagrado pela opinião pública do país. E' assim que a esperança que inspira o partido republicano, saíndo como feérico clarão de refulgentissima constellação de astros, do tumulto do incansavel propagandista, á semelhança do que succedia com os sarcophagos dos martyres do christianismo, no tempo em que os déspotas desvairados da Roma pagã commetiam o sacrilégio de perseguirem com o sequestro e a morte os sectarios de Christo, reflecte se na alma de todos os patriotas, impellido o Directorio no luminoso caminho das reivindicações democráticas e populares como o cumprimento duma superior missão histórica.

E o impulso dos corpos directivos do partido encontra echo na opinião pública, porquanto essa opinião encontra-se admiravelmente disposta para iniciar uma nova senda na história partidária deste punhado de homens firmemente decididos a sustentarem a homérica tradição do nome portuguez, e a morrerem com as armas na mão, á frente das barricadas—em plena praça pública—pelos sacrosantos e nobres ideias inspirados nesta mesma tradição.

Alvitram miseráveis detentores das prerogativas burocráticas deste systema gasto pelos próprios desvarios dos que juraram lealmente convertê-lo numa suave forma governativa de transição do caduco despotismo para a triumphante Democracia d'amanhã, que ao partido republicano convinha mais arrear o seu estandarte de reivindicações democráticas e recolher-se, constricto e arrependido, a uma prudente reserva.

Para a justificação desta affron-

tosa afirmação, allegam os reptilianos jornalistas da realza que ao partido republicano falta por completo uma base d'operações, pois não tem representantes no parlamento, nem nas câmaras municipais, nem juntas de paróchia, e, porque—perdido o Porto—está com elle perdida a esperança do advento da República no Portugal convictamente monarchico e ultra-clerical.

A resposta está naturalmente encerrada na violencia das últimas eleições legislativas e na repressão dos direitos civicos dos cidadãos; o que praticamente demonstra a enorme vitalidade da Democracia Portuguesa.

Prestamos primeiro homenagem á memória dum dos nossos mais prestimosos e esclarecidos propagandistas, e, um momento com a fronte reclinada sobre o seu túmulo, retemperamo-nos neste logar sagrado para a lucta imminente entre as prerogativas da realza e a soberania Nacional—consagrando a sua obra.

FAZENDA JUNIOR.

Distincção

O Atheneu Commercial de Coimbra, em assembleia geral de domingo último, deu as honras de seu sócio benemérito, por unanimidade, ao nosso presado amigo sr. Cassiano Martins Ribeiro, pelos serviços relevantes que tem prestado a esta associação.

Este facto, honrando o nosso amigo, sobretudo pela unanime aprovação da assembleia, honra tambem a digna sociedade do Atheneu Commercial de Coimbra.

Procedimento sympathico

A favor dos boers

O partido republicano federal de Espanha vai enviar ao parlamento a seguinte mensagem:

«A's côrtes

O partido republicano federal de Madrid tem a honra de dirigir-se ás côrtes expondo lhes com o devido respeito que:

Tendo o fim do século XIX sido honrado pelo heroísmo das repúblicas sul africanas, repúblicas gloriosas que enaltecem a humanidade e sam um vivo protesto contra a politica absorvente dos impérios poderosos;

Tendo em consideração que o século XX nasceria deshonrado sem o viril protesto do Orange e do Transvaal contra os abusos da força e a cobardia das nações;

E considerando que, deante do desrespeito pelas leis internacionais e pelo direito dos povos, se encontram ameaçadas todas as nações, e a nossa mais do que nenhuma, em perigo;

Os signatarios supplicam ás côrtes da nação espanhola que dêem a immediata adhesão da Espanha ao primeiro pedido de arbitragem que a Hollanda ou outra nação fomente; e que, se outra o não fizer, o proponha ás demais, tomando assim uma honrosa iniciativa.

Uma arbitragem é a melhor solução da actual guerra, não só para as Repúblicas como para a própria Inglaterra.»

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorrência de visitantes no semestre findo attingiu o número de 3098.

DA AMNISTIA

Fizemos já referência a essa paneceia, que a imprensa ministerial tanto tem encarecido do perdão fim de século, a amnistia retalhada com que o governo houve por bem chamar as attentões sobre o poder moderador.

De proveito especial, ou de intenção especialissima para criminosos de cotação no mercado das consciências, essa amnistia teve de abranger, para colorir, uma certa ordem de condemnados politicos, cujos delictos se cifram num generoso exforço, numa admiravel dedicação pela salvação desta pátria tam querida, que os negreiros do regimen envilecem e amesquinham; teve de abranger, igualmente para colorir, delinquentes vulgares; mas foi dada a meias doses, por exemplo para praças da armada sob a accusação de simples casos de indisciplina, e não attingiu as desgraçadas victimas injustificadas da odiosissima lei de 13 de fevereiro, obra medonhamente deshumana dum governo presidido por Hintze, e de inspiração dessa figura de aventureiro politico que se chama João Franco.

A amnistia foi isso, e então não podia merecer as sympathias dos espiritos verdadeiramente liberais, para quem repugna a parcialidade no perdão. Que, para muitissimos dos amnistiados e dos que deviam se-lo, não se fez nem faria benignidade, mas apenas a inutilização de descaroáveis e torpes vinganças do regimen.

E' do poder moderador, do rei, essa faculdade de clemência. Da tida agora tambem faz apreciação o *Correio da Noite*, fôlha retintamente palaciana. E embora os seus dizeres traduzam, não sentimentos de humanidade, mas resentimentos de pifio partidario, convém archiva-los aqui, para mais uma vez se registrar como esse jornal, directamente inspirado por José Luciano, o chefe do partido progressista, dêsse outro partido que serve o throno, considera o manto real.

Diz assim o *Correio*:

«Aproveitando um fim de anno e um fim de século, o sr. Hintze Ribeiro, velhacamente, cynicamente, fez do manto régio a capa protectora dos crimes eleitoraes dos seus representantes e mandatarios,—de toda essa corja que enxovalhou e viciou o acto eleitoral, comum descaramento de que até agora não havia exemplo!»

A parte a verdade que o desabafo encerra, verdade que não faz desaparecer a história progressista em idénticos crimes eleitoraes e doutra natureza, nos quaes sam pródigos os dois bandos que se revezam no poder, não deve deixar de reparar-se na paixão que envolve a baforada.

Depois, José Luciano, o inspirador do *Correio*, tem estado, e demoradamente, no governo, depois que foi posto em execução o tal parto horrendo da citada lei de 13 de fevereiro, e nem quanto aos desgraçados envolvidos nella, nem quanto a outras violências de condemnação, se ha mostrado mais benigno e humano.

Quer dizer: Hintze, Franco, Luciano, e toda essa caterva de malduros que gravitam á volta do paço, valem o mesmo a todos os respetos.

A câmara municipal do concelho da Carapinheira da Serra, foi autorizada a pôr a concurso o logar de seu secretario, com o ordenado annual de 180.000 réis.

LITTERATURA E ARTE

Para que ella se entristeça

XIV

Esp'rança do meu ser, contentamento
Na mágua desta vida descontente,
Luz destes olhos, cegos de repente
De olharem a tam vário soffrimento.

Saúde dum bem querer que a meu contento,
Pudesse os dois unir eternamente,
Quem ama, chora, vive e soffre e sente
Não pôde de vós ir-se um só momento.

Senhora, a alma triste dum poeta,
Que põe no vosso ser toda a ventura,
Humildemente aqui vos vem fallar:

Sõe toda a paixão ser inquieta,
Em todo o amôr seu travo d'amargura,
E alguém põe toda a glória em vos amar!

XV

'Star sob o mesmo céu sem poder ver-vos
E vir-me toda a luz do vosso olhar,
Olhá-la tanto a ponto de cegar,
Que nem sei encontrar-vos mas perder-vos,

E doirar-vos o sol e escônder-vos,
Viver por vós, morrer por vos amar,
Suffocar este amôr, envergonhar
Esta dôr, este mal, o mal de querer-vos,

E ser tam infeliz, tam sem ventura,
Como os cardos dos montes, sequiosos
Como a cegueira em quem viu a luz pura,

Nem sei se isto é amar. Se o não consente
A negrura d'uns olhos saudosos,
Morrer é ser feliz eternamente.

(Do Livro d'Alma.)

A. PEDROZO ROIZ.

Movimento hospitalar

Segundo uma estatística superiormente pedida ao governo civil, e ante-ontem remetida para Lisboa, durante o anno de 1899 foi de 2:942, o movimento de doentes em todos os hospitaes d'este

districto, que sam em número de 11 assim distribuidos:—1 no concelho de Arganil, 1 de Cantanhede, 2 de Coimbra, 1 da Figueira da Foz, 1 da Louzã, 2 de Montemor-o-Velho, 1 de Oliveira do Hospital, 1 de Penella e 1 de Soure.

Folhetim da «RESISTENCIA»

MISERIAS SECRETAS

UNDÉCIMO QUADRO

LUCTAR DEBALDE

Os lábios tomavam a côr da violeta, dilatavam-se com sangue máo, as palavras saiam ás bufadas no meio de silêncios.

Por fim calou-se cansado de ter fallado tanto.

Mas, na sua cabeça em fogo, dançavam outros pensamentos, passavam ainda bandos doidos.

Tornava a ver aquella sociedade brilhante e escolhida no meio da qual se tinha encontrado subitamente collocado; depois as terras immensas de Sermizelles, toda a collina e todo o valle, e em ambas as partes o nome da mulher tanto amada. Confessava então ingenuamente: «Eu era uma força; o que seria eu com tanto apoio?» Um creado abriu a porta e entraram os dois médicos: Hochat entrou primeiro com um consolador «Então que temos nós esta noite?»

Seguia-o um dos alumnos, tam semelhante ao mestre, que parecia uma reprodução remocada. Era o mesmo perfil napoleónico, o mesmo corte genial dos cabelos, a mesma sobrecasaca severa e até a mesma gravata preta: só

a golla um pouco menos alta no discipulo testemunhava a superioridade do mestre.

Hochat, almeado pelo compaheiro, estudou com o sphygmographo o pulso do doente; obtinha assim todos os dias diagrammas que comparava em seguida.

Depois de fazer este exame, abanou a cabeça:

— Ora! Um pouco de febre: se à noite estiver assim faz se uma picadasita.

Cumprimentou gravemente Helena, sem parecer ver seus olhos supplicantes. Quando chegaram à escada:

— Pobre diabo, disse Hochat. E' uma questão d'horas. Pode ficar envenenado dum momento para o outro.

— O que nós somos, observou o discipulo.

— Pobre mulher sobretudo!

— Oh! Essa é nova. A propósito, a operação não deu resultado?

— Era necessário tirar tudo. Vi isso logo depois da primeira incisão, não tinha mais a fazer do que tornar a cozer. Foi o que fiz.

— E nesses casos, perguntou o discipulo, o que diz o senhor à familia?

— Respeitamos todas as suas illusões.

Estavam à porta. Fizeram algumas provas de consideração um ao outro sem deixar adivinhar a intensão cómica das phrases.

No quarto, Jean encontrava ainda forças para fallar deixando

Associação Commercial

A direcção deste sympáthico e prestante grémio continúa a velar com dedicado interesse por que a questão do alargamento da estação nova do caminho de ferro, seja resolvida em harmonia com as reclamações repetidamente feitas.

Noticiámos já ter ella officiado ao illustre engenheiro sr. Vasconcellos Porto, pedindo-lhe esclarecimentos sobre o projecto dessa obra, e informámos da resposta daquélle considerado funcionário, indicando que isso era assumpto para decidir no futuro: certamente por a estação ir ficar commum ao serviço das duas companhias — Real e Mondego.

Esta resposta foi communicada em sessão da direcção havida no domingo, sendo tomadas as resoluções — de officiar de novo ao sr. Vasconcellos Porto, agradecendo-lhe a fineza das suas informações e solicitando lhe a de comunicar, opportunamente, qualquer resolução que sobre o assumpto seja tomado; e de officiar à companhia Real pedindo-lhe a sua intelligência com a do Mondego, a fim de que a estação venha a ficar em condições de responder à importância da terra, e de satisfazer ás exigências do movimento que resultará do serviço das duas companhias.

Theatro-circo

Estám affixados, desde ha dias, os cartazes para os quatro espectáculos que nos dias 11, 12, 13 e 14 vamos ter no circo pela companhia *Rozas e Brazão*, do theatro D. Amélia de Lisboa, e para os quaes a assignatura era já bastante grande antes de a academia ter regressado de férias, parecendo que vai ser completamente coberta, resultando aos que se guardem para a ultima hora arriscarem-se a não conseguirem logar.

As peças a representar sam respectivamente — *Zárá*, *Guerra em tempo de paz*, *O bibliothecário* e *Kean*. Duas dellas sam já nosas conhecidas, e de ha pouco a primeira em que Angela Pinto tem um soberbo trabalho, e a

transbordar a sua dôr em gritos de injustiça e de amargura.

Helena esforça se para o socegar:

— Meu querido, não me falles assim. Estou aqui. Nunca mais te deixarei. Peço te eu. Socega.

Passou a sua mão pela testa a arder do marido, pelas suas faces magras.

— Sim, é bom, as tuas mãos ainda...

Ella beijou-o, numa caricia leve.

Então fechou os olhos murmurando:

— Estou bem.

Depois, com uma voz de creança muito doce, muito igual, disse:

— Quando me acaricias, fico curado. Se me beijares muitas vezes, não tardo a levantar-me. Verás que bellas viagens nós havemos de fazer. Oh! Nunca esqueceremos a terra, veremos as cidades de perto; sam mais bonitas assim; porque se não sentem, entradas, porque se não vêem os pequenos detalhes. Hasde ter um lindo quarto no *yacht*: branco e doirado. E a mamã tambem: pobre mamã! Havemos de leva-la conosco. Fui tam máo para ella.

Helena levantou-se aterrada.

Jean delirava tam tranquillamente, que só deu por isso ao fallar lhe em levar a mãe.

Teve medo, quis despertá-lo. Então Jean disse simplesmente.

— Estou a cançar-te, vou me callar.

Ella envolveu-o em caricias;

quarta *Kean*, que é uma das glórias de Brazão.

Da *Guerra em tempo de paz* temos ouvido que é uma peça magnifica, cheia de situações impolgantes tendo merecido as referencias mais gratas à imprensa de Lisboa. De fama idéntica vem precedida a outra, *O bibliothecário*, tendo numa e noutra João e Augusto Rozas trabalhos magistraes.

Grupo Musical José Mauricio

Fez-se no domingo a eleição dos corpos gerentes, para o anno que decorre, deste sympáthico grémio, sustentado desalogadamente por um grupo de dedicados rapazes que sabem utilizar com proveito os seus ocios.

Tendo-se conduzido de fórma a conquistar o applauso público, esse grémio está merecendo justamente o apoio e protecção de distinctos cavalheiros, e tudo leva a crer que progrida e mais se acredite dia a dia.

A eleição recaiu nos srs:

DIRECÇÃO

Joaquim Ribeiro da Silva, presidente; Jacintho da Silva Neves, vice-presidente; António Rodrigues da Silva, 1.º secretario; António Maria Correia, 2.º dito; Adriano Marques da Silva, thesoureiro; Abel dos Santos e Adelino Alves, supplentes.

CONSELHO FISCAL

António Izidoro Rodrigues, Joaquim Rasteiro Fontes, António Pedrosa.

Erro de informação

O *Primeiro de Janeiro* de ante-ontem publicou uma informação do seu correspondente telegraphico em Lisboa, dizendo que a câmara daqui representara ao governo *contra* a obra do levantamento do rocio de Santa Clara.

Exactamente o contrario: representou a *favor*, pedindo até que o governo subsidie essa obra, que pague a mesma câmara um débito antigo, e que a autorise a gastar uma parte d'elle no referido levantamento.

porque era o único modo de o ver socegar. Com o seu amôr admiravel vencia todas as repugnancias da carne, recompensada antecipadamente pelo ar de entorpecimento delicioso de Jean. De tempo a tempo tinha apenas palavras curtas de bem-estar. Iam-se tornando cada vez mais raras, cada vez mais fracas.

Depois exhalou um suspiro triste como uma queixa, e a mulher que o tinha estreitamente abraçado, sentiu aquélle sopro sobre os labios.

Foi tudo: o último suspiro de Jean, tudo o que lhe restava de vida tinha passado para ella naquélle beijo.

DUODÉCIMO QUADRO

AS DERROTAS

Quando a multidão saiu da pequena igreja d'Antemil ficou ofuscada pelo sol: um sol de junho, implacavel, que cortava vigorosamente os fatos de lucto sobre o muro luminoso à força de ser branco.

Naquélle momento safou-se muita gente. Houve pequeninos luctos de consciencia. Formaram-se grupos, que paravam propositamente. Blondel ouviu:

— Vai ao cemitério?

— Ah! Não, obrigado. Estou com fome.

Tal qual como no lunch, havia seis meses!

Felizmente era curta a distancia da igreja ao cemitério de Pas-

Brinde

Pelo acreditado negociante desta praça, sr. Manuel Carvalho, com estabelecimento no largo da Portagem, 25, foi-nos offerecido um delicado calendario de F. Delpont, Guimarães e C.ª, do Porto, proprietários da fabrica de cordas e flores artificiaes de que é agente nesta cidade o sr. Carvalho.

Agradecendo o offerecimento, aproveitamos a oportunidade para chamar a attenção do público para o estabelecimento do sr. Manuel Carvalho, digno de ser visitado, não só pelo sortido especial de fazendas que lhe sam próprias, mas ainda pela qualidade das máchinas de costura e pianos de diferentes auctores, que vende, bem como pelos melhoramentos que introduziu na sua secção de relojoaria, montada com todos os cuidados e aperfeiçoamentos proprios desta delicada arte.

EDITAL

Dr. Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra

Faço saber que por deliberação da mesa da mesma Santa Casa, se acha aberto concurso por espaço de trinta dias para o provimento de alguns logares vagos de orphãos e orphãs dos seus collégios.—Os representantes dos concorrentes a esses logares apresentarão na secretaria seus requerimentos dentro do referido prazo munidos dos attestados exigidos pelo art.º 277 do regulamento, a saber: certidão d'idade, de óbito de pae, attestado de pobreza passado pelo parochio, e attestado sobre o seu estado de saúde passado por um dos facultativos da Santa Casa.

Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, 8 de janeiro de 1901.

O Provedor,

Guilherme Alves Moreira.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na Nova Casa Minerva em Coimbra.

sy. Esta consideração metteu muita gente no bom caminho.

Aos saltos, sacudindo as flores da corôa sobre a rua, abalou o carro. Seguiu-o todo o cortejo. Um pouco de tristeza verdadeira ensombrou os rostos; enquanto que a morte dum indifferente nos limites ordinários da existencia só fere os do seu tempo—e mesmo neste caso, choram por si mesmos—o fim prematuro produz uma impressão geral; como normal, perturba o socego com que cada um quereria poder dormir, a confiança que cada um quizera ter nas leis naturaes.

A andar, conversavam em voz baixa das circunstancias que tinham acompanhado aquella morte imprevista:

— A mulher não veio?

— Parece que está num estado completo de prostração.

— Morreu lhe nos braços. Estava sósinha, e bem longe de esperar tal coisa.

— E' horrivel.

— Onde apanhou elle isso?

— Em Saos, parece.

— Pobre rapaz! Uma mulher bonita, intelligente, rica.

— Era bom de mais.

Pouco a pouco, porém, elevou-se o diapasão das conversas. As andorinhas estiravam o céu, quasi invisíveis, antes adivinhadas pelos seus gritos alegres, embriagadas pela luz e pelo espaço.

Continúa.

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,"

Que abriu na antiga taberna do POVO

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa diferentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serám os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até à 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a.....	70 réis o litro
verde de Basto a.....	80 » » »
branco de Torres Novas a.....	90 » » »
de Mangualde a.....	90 » » »
Vinagre a.....	80 » » »
Geropiga (1.ª qualidade) a.....	130 » » »
(2.ª qualidade) a.....	110 » » »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a.....	240 » » »
(2.ª qualidade) a.....	200 » » »
(3.ª qualidade) a.....	180 » » »
figo a.....	120 » » »
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro).....	240 réis
tinto da mesma colheita (garrafa de litro).....	240 »
Ambas as qualidades (sem garrafa).....	180 »

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem**, onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do público.

Visitae pois **A LUZITANA** do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cômodos.

Tem bons quartos para alugar accetando hóspedes permanentes.

O proprietário,
José Maria Junior.

Economia de 50 0/0 no consumo do gaz



Bicos n.º 1 a 4\$000 réis	que custavam 6\$000 réis
Bicos n.º 2 a 4\$500 réis	que custavam 6\$000 réis
Bicos n.º 3 a 500 réis	que custavam 700 réis

Tulipas e globos de 300 e 500 réis para cima

Sempre novidade em candeeiros para gaz

Cuidado com as contrafacções

Em Coímbra e Figueira da Foz

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz, 101 a 103

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO À GRANDE ALFAIATERIA LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—46 COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinário e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanelas, Pannos Moscows, Montagnacs e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetões, dragues, coat-cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double-capas, mak-ferlanes, capindós e capas-talmas, o que tudo se confecciona pelos últimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Vatinos á moda d'Aveiro e de Coímbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exiga.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobreca-saca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confecções.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhora; os casacos pôdem tambem fazer-se no atelier desta casa.

ATENÇÃO

Devido a todas as fazendas serem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepcionaes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confecções por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Côrte elegante e bom acabamento de todas as confecções, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima colleção de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, água nativa, e canalisação para água e gaz.

Quem quizer vê-la dirija-se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, toses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos órgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os **Saccharolides d'alcatrão**, compostos, (**Rebuçados Milagrosos**), cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os tem usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE FERREIRA MENDES Rua de S. Lazaro, 294 a 298 PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos. PREÇOS BARATÍSSIMOS

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 0/0

Bicos Bébé Aureo a 2\$000 réis	preço antigo 2\$500 réis
Bicos n.º 1 ,, a 3\$000 réis	preço antigo 4\$000 réis
Bicos n.º 2 ,, a 3\$500 réis	preço antigo 4\$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a 400 réis	preço antigo 500 réis
,, ,, n.º 2 a 450 réis	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeeiros em todos os gêneros, canallsações e outros artigos.

Ninguem vende mais barato em Coímbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escôlas primárias. Encommendas rápidas de livros e jornaes portuguezes e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fabricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Auvers, Eindhoven, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. Importados pela **Casa Havaneza**, de Lisboa.

Filial para a venda a múdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173



EDITAL

A câmara municipal de Coímbra faz saber que, por diliberação tomada em sua sessão de 3 do corrente mês, continúa a celebrar as suas sessões ordinárias, durante o corrente anno civil, ás 5.ª feiras de cada semana, pela uma hora da tarde.

Coímbra paços do conselho, 3 de janeiro de 1901.

O vice presidente
António Francisco do Valle

ANNUNCIO

Commarca de Coímbra EDITOS DE 60 DIAS (2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da commarca de Coímbra e cartorio do escriptório do quarto officio, que este assigna, correm editos de sessenta dias, a contar da data da segunda publicação do respectivo annuncio no *Diario do Governo*, citando os recrutaes ausentes e desconhecidos abaixo indicados, para em oito dias, findo que sejam os dos editos, apresentarem causa justificativa da sua falta a inspeção, em conformidade com o § primeiro do artigo 144 do Regulamento de 6 d'agosto de 1896, sob pena de serem julgados, como refractarios.

Mancebos recenseados pela freguesia do Botão.

Antonio, filho de Antonio da Costa e de Elisa da Conceição.

Joaquim, filho de Abilio Galhardo e de Maria Augusta de Mello, natural do Paço.

Mancebo recenseado pela freguesia de Antanho:

Manoel, filho de Joaquim Soares d'Almeida e de Carlota Engracia, trabalhador da Cegonha.

Verifiquei a exactidão,
O juiz de direito,
R. Calisto.
O escriptório,
Arthur de Freitas Campos.

ANNUNCIO

Commarca de Coímbra EDITOS DE 60 DIAS (2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da commarca de Coímbra e cartorio do escriptório do quarto officio que este assigna, correm editos de sessenta dias a contar da data da segunda publicação do respectivo annuncio no *Diario do Governo*, citando os recrutaes ausentes e desconhecidos abaixo indicados para no prazo de oito dias, findo que sejam os dos editos, apresentem causa justificada da sua falta a inspeção em conformidade do paragrafo primeiro do artigo cento e quatro do Regulamento de seis d'agosto de mil oitocentos e noventa e seis, sob pena de serem julgados refractarios.

Mancebos recenseados pela freguesia de S. Bartholomeu— Samuel, filho de Maria do Ceo, solteira, natural de Coímbra—Sebastião, filho de António Fernandes e de Maria Theresa da Silva, natural de Coímbra.

Mancebos recenseados pela freguesia de São Martinho do Bispo:— José, filho de Manuel Vaz Moreira e de Barbara Catharina, natural de Falla—José, filho de Pedro da Cruz e de Maria do Rosário, natural da Bemcanta: Joaquim, filho de José Mano e de Maria José Correia, natural de Pé de Cão—José, filho de Ignes Ferreira, natural das Casas Novas—António, filho de Joaquim Carvalho e de Maria José Mendes Gausa, natural de São Martinho do Bispo—Adriano, filho de Manoel da Barroca e de Fortunata Coelho, natural de Coalhadas.

Verifiquei a exactidão.
O juiz de Direito,
R. Calisto.
O escriptório do 4.º officio,
Arthur de Freitas Campos.

Limpza gratuita aos nossos clientes

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha — Anno, 2.700 réis; semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha — Anno, 2.400 réis; semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50%.
Anunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

R. dação e administração, Arco d'Almedina, 4

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

JOSÉ FALCÃO

Num dia d'inverno, quando a terra ia morrer, morreu elle tambem.

E nós fomos todos enterrá-lo num cemitério pequenino d'aldeia, no alto dum monte, para ter sempre a primeira carícia do sol, para sentir sempre o beijo do vento puro do campo perfumado do cheiro bom das flores simples da serra, para ouvir sempre, longe da cidade, a voz ingénua do povo que elle amava tanto.

Encheram-se os atalhos húmidos e frios do campo dos seus discípulos, apinhados á volta do caixão, como andáramos sempre em vida junto d'elle, os ouvidos prezos dos seus lábios, os olhos fitos n'elle á espera de que caísse sobre nós a carícia do seu olhar.

E os rostos eram tristes, como as flores que cobriam de um sorriso novo o corpo da terra a agonisar.
Era tudo gente moça, e parecia o enterro duma creança o enterro daquelle homem bom que vivera em Portugal uma grande vida toda cheia de um grande amor pela sua terra e pela sua gente; e era como o enterro dum rapaz, o enterro daquelle homem que tivera sempre o respeito e a admiração dos que haviam envelhecido a estudar.

Levamo-lo para alli, para onde fomos tantas vezes a fugir á cidade, na saudade dos campos distantes em que nos havíamos creado.

E encheu-se aquella paisagem do encanto duma saudade nova.

Alli perto, havia um pinheiro alto que era nosso amigo desde que o viramos.

Levantava-se muito direito do fundo do valle, e, longe da terra, estendia, os braços para o sol, num abraço de creança.

Os montes distantes pareciam cingir-se á terra para o deixarem ver melhor o céu azul.

Um dia caiu, mas o ar ficou vazio e nada veio occupar o logar daquella imagem querida.

Quando vamos ver a terra em que descança José Falcão, parece que se enche outra vez o ar da sua imagem e não sentimos o vazio que nos deixou no coração.

Depois da visita á sua sepultura, vem a gente com vontade de lutar, e sente-se necessidade de gritar, como quan-

do elle nos fallava em vida e se fazia simples para nós o entendermos, e nos mostrava descoberto o coração para nós o a pararmos.

A vista dos mortos que a namos dá-nos força para um a'hór maior.

Anda em histórias, que em tempos, um grande da terra te ve de olhar de frente para o te conhecer, o cadáver da mulher que amava.

E não se admirou o duque d' Candia ao deixar cair o olhar para a mulher que em vida fora a donna do seu peito da pallidez da face.

Fora sempre assim. Era pouco o sangue todo para encher aquelle coração amante.

E não fugiu o duque ao ver lhe o olhar encovado e fundo; que bem sabia elle que devia ser muito funda a fonte daquelle amor que ás vezes num olhar descia a alagar-lle o coração.

Aquelle homem que nunca sorriera, nunca mais deixou mulher sem um olhar doce, e tevo para todas as creanças caricias amorosas de pae.

E dizem que morreu santo. Do túmulo dos que amamos, vimos com um amor maior.

Cançado de batalhar, Júlio Cesar mandou abrir a sepultura de Alexandre, e, ao ver o seu rosto severo e sosegado, ti'ou lentamente a corça de leuros que sempre lhe cingia a testa, e po-la humilde aos pés seccos daquelle corpo mirri do.

E o seu peito forte, num impulso novo, levantou mais alto a armadura de ferro, ao ver aquelle homem que tanto batalhara, o rosto sosegado, a não curva sobre a espada numa carícia d'amor que nem a norte apagara.

E' o culto dos heroes que nos dá a coragem para lutar.

Hoje, á beira da sepultura de José Falcão, ouvi outra vez a sua voz amoravel lembrarme que, num cemitério distante, repousam heroes que morreram pela terra que amavam, no mesmo mês d'inverno, em que elle morreu, quando a terra ia a morrer tambem.

Dr. António José d'Almeida

A comissão eleitoral republicana de Coimbra recebeu do nosso prestigioso amigo dr. António José d'Almeida, com quem está sempre o nosso espirito de combatentes, a carta que abaixo publicamos.

E aproveitámos esta occasião para mais uma vez significarmos ao integro republicano, sempre immaculado e brilhante, de quem o pais tanto tem a esperar, quanto nos ennobrece a sua camaradagem politica, tam fecunda de lições e exemplos.

A' comissão eleitoral republicana de Coimbra

Meus illustres correlegionários:

O último paquete trouxe-me a inesperada noticia de que os republicanos de Coimbra tinham votado no meu nome, nas eleições passadas.

O facto, destituído de valor pelo lado positivo da politica, porque a minha candidatura já mais poderia triumphar, encerra para mim uma significação de character moral, que extremamente me penhora.

Ao meu nome faltam qualidades para poder ser apresentado, em pugnas desta ordem, como bandeira ou como symbolo; mas o facto deus-se, e isso apenas prova uma coisa, que é singularmente consoladora para o meu espirito, — que a harmonia nos nossos esforços continua a ser absoluta e a correspondencia dos nosos affectos continua a ser completa.

Ainda bem. Com o partido republicano português tenho as relações solidas e vivas que ligam o soldado ao exercito a que pertencem; mas com os republicanos de Coimbra tenho as relações intimas, affectuosas, quasi ternas, que costumam ligar todo o guerreiro aos seus proximos companheiros de armas e prendem todo o homem a familia espirital em cujo convívio o seu character se formou. Por isso mesmo me foi altamente captivante a lembrança dos republicanos de Coimbra, dessa bem amada e risonha Coimbra que tanto falla ao meu coração, — pelo prestigio da sua historia, pelo perfume innarravel das suas tendas, pelo ideal e chimerica emoção que desperta em todos os que nella fizeram romanticamente as primeiras armas da mocidade.

Essas dúzias de votos que Coimbra me deu, espontaneos, sinceros, extremes, sem accordo com facções ou partidos, sam a confirmação de uma velha camaradagem que o tempo não romperá, e caucionam de uma maneira mais forte ainda, se é possível, os meus futuros esforços de combatente e revolucionario.

Meus illustres correlegionarios: pedindo lhes a fineza de transmitir os meus agradecimentos aos nossos camaradas, tenho a

honra de assignar-me, com a maior consideração

De v. ex.ª correlegionario e amigo.
S. Thomé, 22 de dezembro de 1900.

ANTÓNIO JOSÉ D'ALMEIDA.

O parlamento

Neste tempo de inverno, pezado e nostálgico, quando a luz cansada do sol faz parar a imaginação, o nosso espirito vagueia desordenadamente por mil coisas luteis procurando um facto que nos communique calor e enthusiasmo.

Foi neste estado que ha dias nos surgiu abruptamente o parlamento, e a nossa ingenuidade levou nos a ler o extracto de uma sessão, julgando talvez encontrar alli calor bastante para dar dois pontapes ao frio que o novo século nos trouxe.

Mas, por Deus, santa illusão! aquillo não é um parlamento. E' uma praça de regateiras.

Alpoim descompõe Campos Henriques, este descompõe aquelle. Alpoim affirma que Campos Henriques dirige mal a sua pasta, este grita que Alpoim a dirigiu peor.

E disto não se passou. As grandes questões economicas, moraes e politicas não têm alli entrada.

As liberdades individuaes estão constantemente sendo atropelladas, a liberdade de imprensa e de associação não existe; cada um escreve e diz so o que a consciencia policial do juiz Veiga admite.

E não ha no parlamento uma unica voz honesta que proteste; não ha uma consciencia, não ha um cérebro.

Alguem lhe chamou já o curso do segundo anno de direito á futura. E' peor que isso; é uma companhia de galuchos commandada por um capitão tarimbeiro.

Que podriam! Como tudo aquillo cheira mal!

No meio deste afundar de caracteres e nesta debandada de moralidade é urgente varrer e encher de chloreto, como uma coisa reles, isso a que p'rá chamam parlamento.

E' a primeira coisa a fazer para depois nos levantar-mos dos escombros, fortes, victoriosos e honestos.

Consta em Lisboa que a perseguição movida em Lourenço Marques contra a empresa do jornal *Português*, que foi suprimido, deu logar á fundação duma sociedade secreta sob a designação de *Leaes patriotas*, a qual vai ser uma sentinella vigilante posta ás machinações, contra a integridade dos nosos dominios africanos.

Tambem corre que appareceram já alguns números do jornal referido, impresso clandestinamente.

Carta de Lisboa

11 de janeiro.

11 de janeiro... Foi ha onze annos, ha onze annos apenas — que, nesta data, a Grã-Bretanha nos enviou o mais destemperado, o mais affrontoso, o mais injusto ultimatum. Foi ha onze annos que neste dia, ella nos intimou a abdicarmos do mais legitimo dos nossos direitos, sob pena de vir aqui, ao Tejo, uma das suas esquadras, a bombardear-nos. Lembram-se?! Há-m de lembrar-se por força! Do norte ao sul do pais, na capital do pais como nas capitales dos districtos, nas villas como nas aldeias, levantou-se um grito de protesto, de raiva e de desespero. Aqui, pelas ruas de Lisboa, andaram milhões d'almas, clamando com sentimento. Este grito: — Morra a Inglaterra! E os poderes publicos identificavam-se com elle, applaudiam-no pelo consentimento. Abriu-se com esse pretexto uma subscrição nacional para compra de navios — e um dos primeiros subscriptores foi o rei. Os jornaes não se occupavam doutro assumpto — todos concordavam que a Inglaterra não constituia uma serie de explorações pela Inglaterra. A nação portuguesa pareceu querer viver e redimir-se, accordar para a luta e para a rehabilitação. Falar em Inglaterra era provocar odio e inspirar maldição.

Onze annos depois... E' o que os senhores vêem. A imprensa não pôde sequer publicar o ultimatum de 1890. Para os poderes publicos, a Providencia está na Inglaterra: ella nos tem valido sempre ella nos ha de valer...

Desgraçado povo, miseravel nação, funebre momento este!

O 11 de janeiro passa sem grandes commemorações, esquecido já. Mas a intriga politica chama as attentões — e diverte.

João Franco foi ainda o homem da semana.

Rompe com o Hintze ou não rompe? — Esta terra de alperce tem-se entretido com esta pergunta e em conjecturar a resposta.

Afinal, João Franco ainda não rompeu.

E parece que não romperá tam depressa.

Embora alguns dos seus o instiguem a, desde já, fazer franca opposição a Hintze, elle parece ter-se resolvido a conservar-se, por agora, numa posição disciplinadora para um dia, a qualquer pretexto, se insurgir e a sua voz ter então mais auctoridade. Talvez mesmo lhes podesse indicar o pretexto.

E' claro que semelhante plano não pôde merecer applausos nem sympathias.

Comprehendia-se que João Franco se regenerasse, que o seu espirito houvesse soffrido uma resolução progressiva e que elle, grande instrumento ontem da reles politica de campanário, se apaixonasse, subito, por uma politica, patriótica, grande e sã.

Mas essa resolução não lhe

permittiria contemporizações hypocritas nem tramas de jesuita.

Essas, sam comprehensíveis pensas por mesquinhos sentimentos de despeito.

Sam semelhantes sentimentos que João Franco está, com effeito, revelando.

Enquanto taes coisinhas chamam a attenção pública, não lhe merecem interesse symptomas graves da situação nacional.

Assim, passou quasi despercebido o orçamento apresentado em S. Bento, o qual tam eloquentemente demonstra que é cada vez mais sensível o desequilíbrio entre as receitas e as despesas.

Esse documento, fabricado com espirito de illudir mas com ineptia tambem, calculou exageradamente as receitas—elevando as em relação ás do actual anno—e computou muito baixo despêsa exactamente das que não têm redução possível.

E, no mesmo dia em que o apresentava, o governo mandou para S. Bento uma proposta de lei, pela qual se viá que a situação transacta, ao abandonar o poder, havia deixado por pagar e legalisar despêsa na importância de cinco mil e tantos contos. A nação mostra não se preocupar com estas coisas. Diz se-lhe que mais de metade das receitas sam absorvidas pelos encargos da divida—e ella finge que não percebe e passa adiante.

Um dia, porém, se esta indifferença não encontrar breve termo, ha de abrir bem os olhos, espavorida de surpresa, chocada de desespero—ao vêr as consequências.

Fortes com a indifferença, os que governam vâm trilhando, como vencedores, no caminho dos

Os jornaes de ontem noticiaram duas nomeações para logares de redactores da câmara dos deputados onde havia vagas.

Hoje noticiam-se já outras duas. E hoje mesmo seguiu para S. Thomé um medico naval, a pretexto de estudar as condições climatericas para um sanatório de tuberculosos.

Sabem demais os entendidos—mesmo os medicos de valor do actual ministro da marinha—que em S. Thomé não ha condições climatericas para tal fim.

Todavia, o medico vai—para dirigir uma roça importante, não perder o soldo nem o tempo para a reforma.

E nós a sustentar-mos este brodio!

F. B.

11 DE JANEIRO

Parece ir já ignominiosamente esquecendo a data memoravel e nefanda de onze de janeiro de 1900, em que a Inglaterra nos arremessou a brutalidade do seu ultimatum.

Onze annos vâm decorridos já; onze annos que não têm alimentado a geral indignação desse movimento, em que se salientaram os mais conservadores dos portugueses, esses mesmos que hoje exaltam e glorificam a nossa humilhadora d'ontem!

Antigos alliados, nação amiga e fiel, consideravam nos assim os ingleses; e estas affirmações falsadas e hypocritas foram repelidas num movimento unisono e vibrante de indignação por todos os jornalistas portugueses, que assim iam norteados o mais formidavel, viril e salutar movimento de protesto arrancado à marasmática indifferença da presente geração.

E tudo passou já, para elles, os

aulicos servidores da corte e da monarchia!

Não esqueceu, porém, de todo a data fatal de 11 de janeiro de 1900; ha ainda no pais milhares de corações livres, couraçados na suprema aspiração da honra da Pátria, para os quaes essa data vive immorredoura, marcada a fogo nas suas consciências. O partido republicano não a esquece; não a esquece nem a perdôa...

Os sentimentos de indignação e gratidão inglesa; a affronta cuspidá covardemente sobre nós, apoiada na força dos seus canhões, accordaram na alma portugueza sentimentos de revolta, de protesto e de odio que se não apagam mais.

O grito que echoou pelo pais inteiro, saído de milhões de almas; esse impeto de cólera que abalou a nação, arrastando atrás de si os próprios reis, a bem ou a mal, embora fôsse já esquecido por aquelles que mais obrigação têm de honrar o pais, não o será nunca mais pelos republicanos, os únicos que constubstanciam os interesses e a honra nacionaes.

Deixemos volver os tempos; não ficarão inultas as vergonhas que devemos á monarchia.

Levado ainda da santa indignação patriótica que o fez a alma da Grande Comissão da Subscrição Nacional, o nosso honrado e talentoso correligionário, sr. dr. Eduardo d'Abreu, publicou, a memorar esta data, um vibrante manifesto, altivo e nobre.

Pena temos de, pela sua tensão, o não podermos transcrever na integra. Um retalho só, sinpero e vehemente:

Sim: a falta duma politica firme, por ser modesta, lealmente sincera e digna; a falta duma politica, cuja preocupação seja a boa administração do Estado, é que esta arrastando sobre os governos portuguezes o escárneo de todas as nações cultas, e num curto prazo se verá até que ponto a própria Inglaterra zombou de Portugal. E por culpa dos seus governos, a Nação Portueza soffrerá innocentemente, porque ella não pede alianças no angustioso momento, em que conhece do descalabro a que chegarão as

finanças do Estado, e vê a desorganização que invade todos os serviços da administração pública. Sam mais modestas as aspirações do pais. Deseja ser bem governado para poder ter exercito e marinha, armas e navios, a custa do thesouro publico, com réditos próprios, e não por emprestimos ruinosos e vexatórios. Só assim é que o pais, poderá pedir e obter verdadeiras alianças.

Mas os governos portuguezes, sem o menor tino nem espirito de previsão, atiram se aos braços da Inglaterra, levados pelo egoísmo pessoal e politico de que as formidaveis esquadras, vieram e continuarão a vir ao Tejo, para garantirem a continuação do regabofe continental e colonial!

E garantem mais cousas ainda, pensam os míseros que tam insensatamente comprometteram o Pais. Por isso já mandam insultar as repúblicas Sul Africanas; já mandam intimações á Hollanda; já mandam escrever impertinências contra a Hespanha, contra a França!

A esquadra inglesa—eis o criterio a que os belicosos e enfatuados ministros portuguezes estão subordinando toda a sua politica interna e internacional.

As consequências duma tal politica têm de surgir, implacaveis e num curto prazo. Só então, infelizmente, é que os próprios Surdos ouvirão distinctamente o bra do «Malditos sejam» echoando noite e dia, de um a outro extremo do Pais!

A MAIORIA

A maioria, essa célebre maioria que todos os governos possuem na câmara, o que nos dá a medida exacta do modo pelo qual as eleições se fazem no nosso pais, reuniu na terça feira no ministério do reino, convocada pelo presidente do conselho, a fim de assentar na sua orientação perante os debates parlamentares. Essa reunião, pelo carácter dos personagens que nella tomaram parte, e pelo que symbolisa, presta-se a edificantes commentários.

Toda a carneirada monarchica, que milita nas hostes regeneradoras, allí compareceu, computando os jornaes officiosos em mais de cem o número de deputados presentes. Hintze convocara a reunião, segundo se diz, para dar uma publica prova de que entre elle e João Franco nenhuma desintelligência existe, o que não é verdade, pois que ambos elles querem ao mesmo tempo o bastão de marechal das milicias regeneradoras, bastão transformado pelo tempo em nodoso zacete com que se armam os galopins em dia de eleições.

Apezar das palavras proferidas pelo estadista mediocre importado do Fundão e das palavras manhosas de Hintze, é certo que entre um e outro a discordia é manifesta. Logo quando abriu o parlamento João Franco e a sua matilha de admiradores e fanáticos formou a parte, entre progressistas e regeneradores, como a indicar que allí era o logar de um novo partido, talvez o dos *endireitas*, que ha dois annos, desde o programma de Luis de Magalhães, esquentam as cabeças insofridas de meia dúzia de ambiciosos regeneradores.

Da reunião de toda a magna maioria factos: porém, se salientam, que é bom não deixar no olvidado. Assistiu a ella e usou da palavra Marianno de Carvalho, o homem da *outra metade* e de mil negócios escuros, o ex-progressista que em tempos que não vâm longe tam combatido foi pelos regeneradores.

Como se sabe, porque o facto é tam recente que inda está na memória de todos, Marianno foi um dos homens que em 1896 mais contribuiu para apressar a queda do ministério de Hintze. Contra e regeneração desembestara o antigo ministro monarchico toda a sua prosa virulenta, todos os argumentos de estadista corrupto conhecidos do seu officio. As gazetas regeneradoras tambem o não poupavam, apresentando-o ao publico como um exemplar de cynismo, de improbidade e de corrupção, citando toda a sua longa vida politica repleta de escândalos, num estendal que repugnava.

Como é pois que Marianno agora nos apparece ao lado dos regeneradores, ajudando-os, incitando-os, fazendo se o seu oráculo? Como é que Hintze que o detestava, reclama agora o seu auxilio, lhe promete tudo o que quizer e chega até a chamar para a pasta da fazenda um homem que é uma entidade ao serviço de Marianno?

Tem destes factos a politica monarchica. Allí não ha vergonha, nem sentimentos; ha villanias e indignidades.

Precisava se de Marianno e este precisava do governo; logo, nada mais natural. Que importa que um ao outro se tivessem agredido furiosamente? Que importa que, num caso em que dois homens de consciência se affastariam um do outro, Hintze e Marianno se approximassem e es-tejam do melhor accordo?

Em face da gamella não pôde haver dissidentes, e na reunião o

provaram os deputados Santa Rita e Anselmo Vieira. Santa Rita, o republicano exaltado de outros tempos, o demagogo furibundo que ameaçava as instituições com os seus versos e o publico com a representação do *Bezerro d'Ouro*, espraçou-se em elogios aos chefes regeneradores, fazendo as louvaminhas do esylo e que, francamente, não valem o diploma de deputado que o governo lhe concedeu. Anselmo Vieira, o radical democrata, terror de João Franco, tambem fez côro, no meio talvez de apoiadas de Martins de Carvalho e outros renegados.

E sam estes homens sem brio, sem honra e sem dignidade, os que por alguns annos vâm ter nas mãos o destino de pais! Sam homens deste quilate, desta craveira moral que vâm sancionar leis, discutir os interesses da nação, legalisar sem uma discórdia todos os actos, ainda os mais infames, do governo!

Que responsabilidades que todos nós, os honestos, temos ás costas!

GOMES DOS SANTOS.

Correio de Gouveia

Recebemos o n.º 1 e 2 deste jornal que principiou a publicar-se em Gouveia. Apresenta-se cuidadosamente escripto e sem compromissos partidários.

Ao novo collega e ao seu director em especial as nossas felicitações pela sua attitude e orientação que cremos manterá apesar do meio ser tam agitado e revoltoso.

UM QUADRO!

É uma noite d'inverno, escura e triste. A chuva cae abundante. O vento soluçante e áspero, sibilla por entre as ramagens balbuciando mysteriosos cantos. De momento a momento, um lúcido relâmpago acompanhado de ri bombante trovão irradia de luz o horizonte occulto pelo negror da nuvem tempestuosa...

Além... por entre arvoredos sumptuosos, à luz oirecente do relâmpago, distingue se uma casa de apparencia pouco fértil. As suas paredes semiarruinadas, e enegrecidas pelo fumo, servem de apoio a um telhado velho, demolido e tosco.

O seu interior, é illuminado pela luz melancholica dum candil, prestes a apagar-se, com o soprar do vento, que entra vibrante pelas fismas do telhado.

A um canto, a mãe, deitada em duro colchão, contempla triste, quatro filhos famintos que estão ao redor della.

O pae, um homem de meia idade, e de hercúleas formas, ganha a forja o pão quotidiano.

O silêncio sepulchral, em que as seis creaturas estão submergidias, faz contraste, com o som vibrante do bater do malho na dura bigorna. E assim passam, miseravelmente os dias, ao som da música do chocar dos ferros...

Mas hoje... não havia em casa um bocadinho de pão, não havia em casa um misero vintem.

A pobre mãe, em leito terreo, lucha com os últimos graus da tuberculose.

E o desgraçado pae malhava com áncia, ao compasso da tempestade. O suor perolando-lhe a tez nobre de trabalhador, corria-lhe pelas faces macilentas e descoradas, como o deslisar das águas crystalinas em débil regato. A camisa em fragmentos, colava-se-lhe ás carnes duras. O malho leve, como leve eram as mãos que o brandiam, fazia cho-

rar lágrimas de fogo ao ferro, com o seu rude bater... e sempre malhando!... se o malhar era o pão dos filhos!... por isso o malho era leve... por isso elle não cançava!...

Levanta-se um filho e virando-se para o pae com a sua carita angelical, diz-lhe com voz abafada... tenho fome. Quero pão...

O malho cessa de bater. O forjador, levanta os olhos para elle e para os irmãos seminús, que ao ouvir o irmão, tambem pedem alimento; correm-lhe duas grossas lágrimas pelas faces.

A mãe chora!... O pae soluç!... os prantos embargam-lhe a voz e... como que o malhar é o pão dos filhos, continúa malhando com fugaz ardor...

As creanças choram de fome!... A mãe chora de dôr!... O pae chora de desespero!... Pousa o malho e parece meditar... Corre para os filhos... o seu olhar deita chamas incendiadoras... abraça-os, caricia-os, beija-os e dando uma gargalhada aterrorizadora, levanta-se.

A sua figura é horrivel... o seu olhar sinistro... o seu pensamento alguma coisa medita.

Dá febrilmente uma volta á sua húmida caverna... tor-se os braços desesperadamente e... abrindo a porta, foge, mettendo se á tempestade...

A mãe, fraca, chora e torce-se no duro colchão.

Os filhos calam se, lembrando-se que o pae fôra em busca de mantimentos. Então!... A Esperança mantém em silencio quatro estomagos em revolta!...

A noite vai fugindo e os primeiros alvores matinaes rompem. A tempestade, é por fim, vencida por uma nortada fria. Apenas se vêem ainda umas estrellas, já sem brilho, dispersas pelo horizonte, que atiram o seu último adeus de despedida. Começa-se já a sentir a voz alegre do camponez, o chiar dos carros pelos atalhos. Uma luz avermelhada, começa a surgir para os lados do nascente...

A mãe, chorando sempre com um delirio destoante, advinha uma desgraça atroz. Os filhos, vencidos pelo sono dormem tranquillamente, ao redor da mãe, agasalhados por uma misera mantia...

Por fim abre-se a porta, precipitadamente, o pobre pae entra correndo, com um cabaz cheio de manjates. Os filhos acordam e deitam se como leões famintos ao cabaz; não comem, devoram. A mãe chora. O pae com os cabellos eriçados, a physionomia descomposta, todo molhado, nada come; contempla aquelles innocentes, que comem com tanto prazer...

Sente-se grande atordão á porta... batem... e o pae obscuro, parece nada ouvir... Continuam batendo... por fim, a um impulso violento a porta abre-se...

Um grupo d'homens ficam contemplando aquella scena e saindo um do meio delles diz: é elle, é elle o ladrão, conheço-o. Foi elle que entrou em minha casa, yamos prendê-lo; e rodeando-o todos dão voz de prisão ao infeliz...

A mãe chora, agarrada aos filhos, na maior miséria, nos últimos graus da tuberculose, prestes a exalar o último suspiro...

E o pae, esse pae de caracter tam nobre, esse trabalhador tam infatigavel, que robou, para não ver morrer os filhos a fome, victima da sociedade, vai algemado o pelo caminho da villa...

Oh mundo vil!... Torpe humanidade!...

Acêrca da estação

Publicámos em seguida os dois officios que a direcção d'Associação Commercial remetteu aos illustres engenheiros srs. Chapuy e Vasconcellos Porto, sobre a estação que nesta cidade ha de servir o movimento das linhas do Norte e do Mondego, no caso provavel da conclusão desta ultima.

Nesses documentos, a direcção procura prevenir o futuro, para que Coimbra não seja surpreendida, como tantas vezes o tem sido, com obras mesquinhas e mal orientadas pela divergencia d'opinões, em prejuizo manifesto dos seus melhoramentos materies.

Não falla a direcção, e com acerto a nosso ver, no local em que deve ficar a estação; e o seu silencio sobre este ponto leva-nos a crer que ella pensa em que a estação não deverá ser deslocada d'onde está, considerando, que ao norte, entre o largo das Ameias e a azinhaga dos Oleiros, não falta o espaço para, feitas as necessarias expropriações, lhe ser da do o conveniente alargamento.

Neste sentido é que devem convergir, parece-nos, todas as opinões e todos os esforços dos que se interessam pelos melhoramentos da cidade. O contrario poderá provocar azedumes e levantar difficuldades prejudicando as meliores intencões, como rependamente tem succedido.

Que isto se comprehenda, como sensatamente o comprehende a direcção da Associação Commercial, que manifestamente attesta o seu bom criterio preventivo nos officios a que nos referimos é que seguem:

III.º Sr.

Em nome da direcção d'Associação Commercial de Coimbra, tenho a honra de vir accusar a recepção e agradecer o officio de v. ex.º de 2 do corrente, que muito nos penhorou pela differença de sua informação.

Tratando-se, porém, dum assumpto importante para os interesses e bom nome desta cidade, como é o da estação que ha de servir o movimento das duas linhas do Norte e do Mondego, e no louvavel empenho de prevenir em repetição dêsse edificio ficar nas acanhadissimas condições em que se encontra a estação de Coim-

bra A, esta direcção confiando muito da iniciativa de v. ex.º, dada a sua muita illustração e competência, espera que esta cidade se rá dotado com um edificio apropriado que, satisfazendo ás comodidades do publico e ao importante e sempre crescente movimento commercial e industrial de Coimbra, seja digno na sua estructura geral, da terceira cidade do reino.

Sobre o mesmo assumpto, offiça hoje esta direcção ao illustre engenheiro director geral da Companhia Real para que, no caso provavel da conclusão do caminho de ferro do Mondego, em occasião opportuna as duas companhias accordem e se auxiliem mutuamente na satisfação deste nosso pedido, que se traduz num acto de justiça bem merecida; e ousamos ainda, se tanto nos é permitido, esperar que v. ex.º nos conceda, então a grande fineza de nos transmittir qualquer resolução a tomar sobre o assumpto, para que da concordância de todos não haja no futuro recriminações justificadas contra ninguém.

Accete v. ex.º os protestos da nossa maior consideração.

Deus Guarde a v. ex.º

Associação Commercial de Coimbra, 10 de janeiro de 1901.
II.º e Ex.º Sr. A. Vasconcellos Porto, dig.º engenheiro.

O presidente,

Francisco Villaca da Fonseca.

III.º Ex.º Sr.

Pela imprensa tem esta direcção conhecimento de que a Companhia Real, de que v. ex.º é muito digno director, tem incluído no seu orçamento do corrente anno, uma verba para melhoramentos na estação de Coimbra A.

Não sabemos, por não virem especificados, o que sejam esses melhoramentos, mas somos levados a crer que ham de ser os pedidos por esta Associação Commercial, cumprindo nos em tal caso testemunhar aqui os nossos agradecimentos a v. ex.º, por vermos que não foi esquecida a nossa reclamação, e que no decorrer do presente anno a Companhia pensa em transformar em factos um pedido de tanta justiça.

Permita-nos porém v. ex.º que affida sobre o assumpto da ampliação da estação de Coimbra, nos venha-mos apresentar lhe ás

— Não. Compromette os outros, respondeu um visinho.

— Naquella familia só tem sorte o paé. Enquanto abre as portas das carruagens ao presidente da república, morre-lhe um dos filhos, o outro divorcia-se.

— Como. Pois já?

— Conhecia um advogado. Basta isso!

— Para ser enganado?

— Qual! Para activar o processo.

— Chegavam. O cemitério de Passy não é triste. Os túmulos d'aspecto rico estão animados em verdura. A pedra tomou alli aquella cor cinzenta, familiar aos olhos, dos monumentos já antigos onde a morte não passa dum recordação.

— Rodeado de fortes muros que lhe servem de sustentáculo, domina em terraço a praça e a antiga avenida do Trocadero, por tal forma que os que passam e os firados quasi se roçam.

— Em frente levantavam se sumptuosos palácios entre jardins, que obrigavam a pensar na opposição fácil do nada e das riquezas.

— As carruagens pararam deante da sepultura da familia Francisco. Desceu primeiro um padre, ou antes rebolou por entre dois acolitos.

(Continua.)

considerações e o pedido que se seguem:

Parece que vai realizar-se em breve a conclusão do caminho de ferro do Mondego, e esse facto, a dar-se, vem modificar profundamente as condições do nosso pedido anterior, pois que o ampliamto desejado era no intuito unico de satisfazer rasoavelmente ás necessidades do movimento da Companhia Real, mas não era, nem certamente pôde satisfazer ás necessidades do movimento das duas linhas combinadas do Norte e do Mondego.

Dada pois a conclusão desta ultima linha, julgamos prejudicado o nosso pedido, necessitando as duas Companhias dum edificio mais vasto, como maior carece de ser o espaço para o assentamento de novas linhas. Se é grande o movimento actual da estação de Coimbra, maior o ha de ser com a ligação da nova linha; e segundo a ordem natural das coisas, esse movimento ha de augmentar cada vez mais em harmonia com o augmento da população e com o progresso sempre crescente dos povos. Coimbra, segundo as ultimas estatisticas, accusa uma média diaria superior a 660 passageiros que embarcam e desembarcam na sua estação, e que muito se deve elevar estando em exploração o caminho de ferro do Mondego.

E' isto tam importante que bem merece a ponderação de v. ex.º, e por isso ousamos pedir lhe para que as duas companhias do Norte e do Mondego se combinem para que Coimbra seja dotada com uma estação que, no seu todo, satisfaça ás necessidades do seu movimento e a importância da terra; e se tanto nos é permitido, ousamos ainda pedir lhe para que em occasião opportuna esta associação seja ouvida sobre o projecto definitivo para que de concordância de todos não haja no futuro recriminações para ninguém.

Accete v. ex.º os protestos da nossa mais alta consideração.

Deus Guarde v. ex.º

Associação Commercial de Coimbra, 10 de janeiro de 1901.

III.º e Ex.º Senhor Chapuy, dignissimo Director Geral dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

O presidente,

(a) Francisco Villaca da Fonseca.

Greve dos marchantes

Fez-se a segunda praça para a arrematação, por propostas em carta fechada, do fornecimento de carnes de vacca e de vitella. Como a primeira, de 13 de dezembro, ficou deserta, apesar de ter feito depósito uma creatura que depois se eclipsou, não em tregando proposta.

Está se ainda na dúvida sobre se esse depósito representou uma esportiza ou se o desaparecimento do homemsinho significa um suborno.

O abandono da praça é que deve servir para a câmara se convencer da razão do que lhe temos dito...

Não ha ainda, que snibamos, nenhuma resolução tomada, em consequência de ter estado fóra o presidente sr. dr. Dias da Silva.

Tentiva de suicidio

Na noite passada, depois do espectáculo no circo, alguns estudantes que habitam nas proximidades das Arcas d'Agua, e se dirigiam a casa, ouviram a detonação dum tiro que lhes despartou as attentões. Procurando ver o que occorria deparou se-lhes esta surpresa: — tentara suicidar-se um alumno do 4.º anno juridico, que encontraram caído e

com um ferimento no lado esquerdo do peito.

Conduziram-o ao hospital, onde está em tratamento. A bala, que parece ter-se-lhe alujado junto a columna vertebral não foi nem poderá ser extraída, ao que, ouvimos. O seu estado, porém, com quanto seja melindroso, não inspira receios.

Questão d'amores provocou a desesperada tentativa...

Escola gratuita 31 de janeiro

A Liga Académica Republicana de Lisboa, tomou a iniciativa da fundação de nma escola gratuita liberal para os filhos do povo.

Esta generosa ideia merece o apoio de todos os que se interessam pelo desenvolvimento da sociedade portuguesa. A instrução é a grande arma com que podemos lutar victoriosamente contra toda essa velharia que p'ral se ostenta triumphante, mas sem talento e sem caracter.

Urge pois fundar escolas, mas não é só fundá-las, como diz um espirito muito lúcido, é preciso sabe-las organizar. E os estudantes republicanos de Lisboa assistiu o comprehenderam, lançando corajosamente mãos á obra da fundação de uma escola gratuita de ensino liberal.

Que os estúdios das outras escolas aprendam aqui a ser bons cidadãos e úteis á sociedade.

A Liga tem tido um grande numero de adhesões para a realisação da sua ideia, sendo já muitos os socios protectores inscriptos.

Recommendámos a todos os nossos amigos e correligionários, que acompanhem a Liga Académica Republicana nesta patriótica missão de libertação dum povo.

A quota minima semestral é de 500 réis.

A escola será inaugurada no proximo dia 31, satúdos anniversario da revolta do Porto.

Câmara Municipal de Coimbra

Sessão ordinaria de 13 de dezembro de 1900

Presidência — Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes: — António Francisco do Valle, José Gomes Freire Duque, João Gomes de Oliveira Mendonça Cortez, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Manuel Miranda e Miguel José da Costa Braga.

Approvada a acta da sessão anterior, foi aberta a praça para a arrematação, annunciada em 30 de novembro, dos impostos indirectos sobre generos a consumir no futuro anno em algumas freguesias e logares d'este concelho; barcas de passagem, limpêsa de diversos logares e algumas baracas do mercado para venda de carne de carneiro, carnes salgadas e artigos de mercearia. Corridos os pregões, foi arrematado o seguinte:

Impostos das freguesias de Souzellas e Antuzede: logares: S. Fructuoso da freguesia de Ceira. Da de Botão diversas, bem como da de S. Paulo de Frades. Barcas: a do Almegue; baracas do mercado: sete, tudo por lanços superiores á base de licitação.

Leu-se o balanço do cofre no dia 15 de dezembro, vendo-se existir então o saldo de 2.941.728 réis.

Sendo communicado por officio do Governo Civil que não foi confirmada pela auctoridade tutelar a deliberação, pela qual a câmara resolveu continuar a fazer particularmente o fornecimento da combustivel para as machinas das aguas, como se vinha fazendo desde ha annos, resolveu-se annunciar a arrematação des-

te fornecimento para o dia 10 de janeiro approvando-se as clausulas da arrematação.

Tomou conhecimento da approvação dada superiormente a um orçamento para a reparação do pavimento da estrada municipal do Padrão a serventia da Pedrulha, mandando annunciar a praça para esta obra e approvando as respectivas condições.

Tomou conhecimento de um officio do deputado eleito por este circulo, em respostas a mensagem que lhe foi dirigida manifestando o seu empenho em satisfazer ás justas reclamações da câmara, referida naquella mensagem, para a realisação de diversos melhoramentos da cidade.

Enviou a repartição d'obras para informar, um processo remetido pelo chefe do districto, acerca de dividas apresentadas sobre a delimitação dos concelhos de Coimbra e Condeixa.

Mandou enviar á secretaria, para informar, diversos requerimentos, pedindo a annullação de impostos directos e um officio do director da Escola Nacional d'Agricultura, sobre o mesmo assumpto, com referença a alguns professores que deixaram de exercer alli as suas funcções.

Em vista de communicação feita pela commissão de melhoramentos da cidade relativa ao plano de melhoramentos da parte baixa da cidade que diz vai ser enviado as estancias superiores, e que propoz o pagamento de 25.000 réis a um desenhador, pela copia de 5 plantas e a de 100.000 réis ao conductor, vogal da mesma commissão, como retribuição de trabalhos graphicos e nivelamentos feitos, resolveu a câmara que fosse paga aquella quantia de 25.000 réis e que ao conductor se pagasse a de 38.000 réis, que sobrava da verba do orçamento, ficando para o futuro anno a quantia restante.

Sendo lida uma informação da repartição de obras, relativamente á falta de pedra britada para os trabalhos da estrada de Coimbra a Montemor-o-Velho, e aos serviços de fiscalisação destes trabalhos exercidos pelo fiscal de cantoneiros, resolveu ouvir o mesmo fiscal numa das proximas sessões ordinarias.

Lida uma participação do inspector dos incêndios, dando conta dum começo de incêndio, sem consequências, e referindo se ao occorrido na 1.ª esquadra de policia, onde os respectivos guardas se recusaram a dar signal de alarme na torre da Sé Nova, sem que um dos guardas fosse verificar a existência do fogo, quando feita a communicação por um bombeiro e por um vigia municipal, resolveu enviar por copia ao commissario esta participação do inspector dos incêndios.

Ouvido o bombeiro Joaquim Correia Galvão, a que se referia outra participação do inspector dos incêndios apresentada em sessão de 13 e vendo-se que as respostas dadas por este empregado acerca das faltas de serviço, de que era accusado eram menos satisfatorias e se deviam attribuir as mesmas faltas da negligencia resolveu a câmara que fosse demittido.

Mandou registrar, a nota apresentada das canalisações d'agua, executadas durante a semana ultima.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorrência de visitantes no semestre findo attingiu o numero de 3098.

36 Folhetim da «RESISTENCIA»
MISERIAS SECRETAS
DUODÉCIMO QUADRO
AS DERROTAS

O sol torrido aquecia os crâneos, quasi a fendê-los.
Timidamente, procurando cada qual com o olhar um visinho que lhe desse o exemplo, começaram alguns a pôr os chapéus. Depois, por uma transição fácil phrasas innocentes:
«Que bello dia!»
«Mas tempo para os theatros», os grupos deixaram-se cair nas suas conversas familiares.
«Enganou-se a lentidão do tempo, conversando da profissião, contando uns aos outros os ultimos escândalos»
«E' exactamente amanhã que Francisco se apresenta na Academia de Bellas-Artes. Olhe lá, Bailier, julga que elle seja admitido?»
«E' possivel, respondeu evasivamente o esculptor»
«Este não se compromette. Disse uma voz nas fileiras seguintes»

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,"

Que abriu na antiga taberna do POVO

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa diferentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serão os freguêses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até a 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a.....	70 réis o litro
» verde de Basto a.....	80 » »
» branco de Torres Novas a.....	90 » »
» de Mangualde a.....	90 » »
Vinagre a.....	80 » »
Geropiga (1.ª qualidade) a.....	130 » »
» (2.ª qualidade) a.....	110 » »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a.....	240 » »
» (2.ª qualidade) a.....	200 » »
» (3.ª qualidade) a.....	180 » »
» figo a.....	120 » »

Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)..... 240 réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)..... 240 »
Ambas as qualidades (sem garrafa)..... 180 »
Azeitona Cordovesa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietário já bastante conhecido pelos seus numerosos freguêses, participa que mudou o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este novo armazem, onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do publico.

Visitae pois A LUZITANA do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 77, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómodos.

Tem bons quartos para alugar accetando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

Economia de 50 0/0 no consumo do gaz



Bicos n.º 1 a 4\$000 réis que custavam 6\$000 réis

Bicos n.º 2 a 4\$500 réis que custavam 8\$000 réis

Bicos n.º 3 a 500 réis que custavam 700 réis

Tulipas e globos de 300 e 500 réis para cima

Sempre novidade em candeieiros para gaz

Cuidado com as contrafacções

Em Coimbra e Figueira da Foz

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz, 101 a 103

**INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO
A GRANDE ALFALATEIRA
LEÃO D'OURO**

44—Rua de Ferreira Borges,—46
COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e extranjeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanelas, Pannos Moscows, Montagnacs e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetas, dragues, coat-cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double-capas, mak-ferlanes, capindos e capas-talmas, o que tudo se confecciona pelos ultimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos a moda d'Aveiro e de Coimbra ou d'outro qualquer feitio que o freguez exiga.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobre-casaca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confeccões.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhora; os casacos podem tambem fazer-se no atelier desta casa.

ATTENÇÃO

Devido a todas as fazendas serem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepçionaes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confeccões por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Côrte elegante e bom acabamento de todas as confeccões, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima colleccão de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, agua nativa, e canalisação para agua e gaz.

Quem quizer vê-la dirija-se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, toses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os Saccharolides d'alcatrão, compostos, (Rebucados Milagrosos), cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE FERREIRA MENDES
Rua de S. Lafaro, 294 a 298
PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.
PREÇOS BARATISSIMOS

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 0/0

Bicos Bébé Aureo a	2\$000 réis	preço antigo 2\$500 réis
Bicos n.º 1 " a	3\$000 réis	preço antigo 4\$000 réis
Bicos n.º 2 " a	3\$500 réis	preço antigo 4\$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a	400 réis	preço antigo 500 réis
" " n.º 2 a	450 réis	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeieiros em todos os generos, canalisações e outros artigos.

Ninguém vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 10 DIAS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra, e cartório do 2.º officio Joaquim Alves de Faria, correm editos citando as pessoas que tiverem direito sobre:

601.ª 0820 de um quintal situado nas ameias, junto a linha e a estação dos caminhos de Ferro de Coimbra A, pertencentes ao dr. Henrique Manuel de Figueiredo;—a propriedade de raiz de outro quintal entre o anterior e a rua da Magdalena, pertencente a Santa Casa da Misericórdia, desta cidade;—e duas fachas de terreno no dito quintal nos limites nascente e sul, as quaes medem 1.ª 172.90 pertencentes a D. Maria da Conceição Costa Carvalho e marido Eduardo de Carvalho, usufructuarios ao mesmo quintal.

Estes terrenos foram expropriados amigavelmente, pela câmara municipal deste concelho, para abertura duma avenida, porisso e pelo presente, sam citados quaesquer interessados que se julguem com direito aos alludidos terrenos, para no prazo de dez dias a contar da última publicação deste annuncio, deduzirem o mesmo direito, sob pena de serem adjudicados a expropriante como livres e desembaraçados nos termos do artigo 43.º da lei de 23 de julho de 1850.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão,

Joaquim Alves Faria.

EDITAL

A Câmara Municipal de Coimbra, faz saber que no dia 31 do corrente mês, pela uma hora da tarde, volta a praça na sala das sessões, a arrematação da lenha de pinho de que precisa durante o anno corrente para as machinas elevadoras das aguas.

O fornecimento é de 3:000.00 metros e a base de licitação é de 800 réis por metro.

As mais condições da arrematação acham-se patentes na secretaria da câmara, onde podem ser examinadas todos os dias úteis das 10 as 3 horas da tarde.

Coimbra, Paços do Concelho, 10 de janeiro de 1901.

O vice presidente
António Francisco da Valle

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semeadura, olival, arvôres de fructo, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

ANNÚNCIO

(1.ª publicação)

Por este juizo de direito e cartório do primeiro officio se annuncia que no dia 3 do proximo mês de fevereiro por 11 horas da manhã, ha de ter logar a porta do tribunal judicial desta comarca, sito na Praça Oito de Maio, a arrematação em hasta publica das propriedades abaixo designadas, mandadas vender por deliberação do conselho de familia para pagamento do passivo approved no inventario orphanologico por obito de Maria do Carmo, moradora, que foi no logar do Paco, freguesia do Botão, a saber:

A oitava parte duma terra de semeadura com oliveiras no sitio da Ribeira, limite e freguesia do Botão, pro indiviso com herdeiros de Manuel Pereira, do Botão, que vai a praça em 48.000 réis.

A oitava parte duma terra de semeadura e pouzão, que foi vinha, no sitio do Vallé Soeiro, dito limite e freguesia, que esta pro indiviso com aquelles herdeiros e vai a praça em 20.000 réis.

Sam por este citados para assistirem a praça quaesquer credores incertos.—Coimbra, 9 de janeiro de 1901.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão interino,

José António Lopes Ferreira.

MERCEARIA

Trespassa-se uma mercearia bem afreguesada e num bom sitio da cidade. Empata pouco capital. Nesta redacção se diz.

CASA MEMORIA

DE

ANTONIO JOSÉ ALVES

R. do Visconde da Luz

COIMBRA

A este deposito de machinas e velocipedes, acaba de chegar uma nova remessa de Pianos vindos directamente do fabricante, que se vendem a preços sem competencia.

Pede-se ao respeitavel publico, que deseje fazer compra deste artigo, para examinar os preços e qualidades para se certificarem de que nesta casa se vende mais barato do que em qualquer outra do Porto ou Lisboa.

Tambem se tomam encomendas de Pianos de qualquer autor que se deseje.

Dam-se todos os esclarecimentos.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na Nova Casa Minerva em Coimbra,

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2.700 réis; semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno, 2.400 réis; semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os ars. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

A única solução

Chegamos, sem dúvida alguma, à situação mais desgraçada e degradante.

Perdido o nosso crédito por successivas bancarrotas, afastada a nossa dignidade por uma alliança indigna das nossas nobres tradições, arrastados no estrangeiro pelas ruas da amargura, servindo o nosso nome de thema a pasquins infamantes do nosso brio, nada nos restará, tudo perderemos se não soubermos ser superiores à situação, rompendo, num acto de audácia, contra aquelles que nos reduziram ao estado em que nos achamos.

Lá fóra, como dentro do país, tudo se encontra em derrocada.

A monarchia precisa de dinheiro para se manter, para sustentar a corrupção largamente estipendiada, para occorrer à sua dispendiosissima engrenagem e, não o tendo, recorre a todos os meios, ora contrahindo no extranjerio novos e onerosos empréstimos, ora impondo ao país, ao contribuinte, ao cidadão mais sacrificios e mais vexames.

O empréstimo e o imposto sam, com effeito, para os politicos monarchicos, o remedio redemptor que occorre às necessidades duma existencia dissipadora.

Successivos empréstimos, contrahidos sem limite por todos os governos, fizeram elevar a nossa divida a perto de setecentos mil contos de réis, dos quaes estamos pagando annualmente vinte e dois mil contos de juro, mais do que em realidade pôde dispôr o contribuinte portuguez.

Ainda ha poucos dias um jornal da capital, *O Seculo*, fazia curiosas revelações sobre esses empréstimos.

O thesouro portuguez, em roda do qual gira constantemente o bando de famintos e ambiciosos que as instituições trazem arregimentadas ao seu serviço, não recebeu sequer metade da importância dos empréstimos contrahidos.

A maior parte desse dinheiro ficou nas mãos dos intermediarios, esses intermediarios felizes que jogam com cifras e accumulam, rapidamente, quantiosas e importantes fortunas.

Reconhecidos como insolventes, nenhuma nação nos emprestará mais cinco, dez,

nenhum país confiará de nós mais um ceutil.

Exgotado o recurso do empréstimo, recorreu-se, com vertiginosa áncia, ao recurso do tributo e do imposto.

O cidadão portuguez é o que mais paga na Europa e aquelle que gosa de menos beneficios do estado.

Todos os projectos financeiros dos últimos tempos baseiam-se sobre o imposto; todos os planos economicos dos nossos estadistas de *biscuit* assentam sobre o tributo.

E que enorme quantidade de planos experimentados e por experimentar! Emquanto as câmaras estão abertas, os escolhidos despejam sobre a galeria a cornucopia da rhetorica, expondo mil e um projectos de regeneração, de economia, de vida nova.

Tudo isso desaba ao sopro da realidade, como castellos de cartas de alicerces oscillantes.

Nem empréstimos nem impostos podem servir de base a novos planos financeiros.

No exterior estamos desacreditados; internamente o contribuinte não pôde nem deve pagar mais.

Experimentam-se ministros da fazenda como o doente incuravel, cujo mal é de raiz, experimenta elixires novos e novas panaceas; as illusões duram dias; mas a realidade chega, e vê-se o naufragio das mais robustas esperanças, o ruir dos mais bem architectados projectos.

O mal é do regimen, é das instituições; não está na essência, está na forma. Pretender regeneração dentro do actual systema politico é rematada loucura, como a experiencia o comprovou já.

De nada servem os palliativos estereis, os inúteis planos, os apregoados e reclamados projectos de vida nova.

Vida nova só nós a podemos fazer, só a pôde fazer o país dentro dum regimen de liberdade e de legalidade, onde o dever seja norma incorruptivel, e onde a justiça se imponha.

Vida nova queremos-la nós, mas fóra do regimen que nos conduziu a esta situação deprimente para a qual não encontramos, nem encontrará, uma única solução.

Fazer tabua rasa sobre todos os preconceitos e privilegios, implantar uma nova formula politica, levantar o país do lodaçal tremendo em que

o afundaram, é, nesta hora solenne, o dever de todos os portuguezes.

A proclamação da república é—oiçam-no bem!—a única solução nacional.

GOMES DOS SANTOS.

Escalada—resentimento

Annunciam jornaes de Lisboa que deve hoje ser assignado o decreto que nomeia o sr. dr. Abel d'Andrade chefe da repartição de instrução pública. Não é barro...

O *novel politico* está subindo com bem notavel rapidez, parecendo ter comprehendido excellentemente toda a engrenagem sobre que giram os *cabos das garras elevadoras* no monumental edificio do industrialismo politico-palaciano a que se dedicou.

Não está ainda sufficientemente definido, dizem muitos, se a apressada ascensão de s. ex.ª é a resultante do talento ou da simples habilidade. Não nos daremos a opinar sobre esse ponto, que é melindroso. Resulta, porém, duma ou outra dessas qualidades, o que temos de reconhecer é que o sr. doutor se governa, e bem, pelo visto.

Annunciam ainda jornaes que s. ex.ª está já um *pouco politico* com o seu dilecto amigo de ha poucos meses, o sr. dr. Fernando Martins de Carvalho, aquelle saliente revolucionario que terminou por negar o seu passado, negociando a sua consciencia por um logar de marionete no parlamento. Até ver... pois não restam dúvidas de que pretende ir muito mais além, á pujança ministerial...

Tal fricção de relações entre esses dois cavalheiros, frieza que a um e outro faz soltar as linguas em mútuas referencias deprimentes, causa uma certa estranheza. Se haviam pactuado uma alliança que se manifestou tam clara em coisas referentes á reforma do notariado...

Dir-se-ha que as *mercês* obtidas por um será o pomo dos resentimentos do outro. O sr. dr. Abel vai tam depressa...

E tambem pôde ser um caso de suggestão:

Os srs. Hintze e Franco rivaes, na chefia regeneradora, hãm feito exterioridades de mal-avindos; fizeram-as tambem os srs. Beixão e Alpoim por causa da chefia progressista, quando se julgou perdido o sr. José Luciano. A uns e outros tornou a ambição intollerantes, até se desmascaramem.

Não terá isso suggestionado os dois novos? E' possível.

O amor próprio é qualidade caracteristica dum e doutro, e como está sendo moda o resentimento entre os *politicos de talento*, ss. ex.ª seguem á moda, em defeza dos seus *merecimentos*, julgando-se cada qual no direito de ir mais depressa.

Pena é que defiram tanto na copolencia. Se não deferissem podiam ir juntos, emparelhados sob o governo de *bóia mão*, visto que a ambos sobra a *fugosidade*...

Excerpto

Na resposta ao discurso da corôa ha esta preciosidade bajolatoria:

«Folga a câmara em que sejam amigaveis as relações de Portugal com as demais potencias, e consigna a sua viva satisfação pela gentileza com que a augusta rainha de Inglaterra quiza, por occasião da visita da esquadra da mesma nação, renovar solemnemente a estreita cordialidade das relações entre os dois países e a persistencia da antiga alliança, tam firmemente estabelecida nos actos actuaes, como profundamente enraizada nos nossos fastos historico-mais brilhantes.»

Enraizada de que foi uma bella *rega o ultimatum* para a *podum* dos nossos dominios coloniaes, sem fallar no que vai mais longe.

Dos fastos historicos actuaes fallam, por ultimo, as exigências satisfeitas para facilitarmos a passagem, por nossos territórios, de elementos para a hedionda *sanguieira* que a Inglaterra vem fazendo na Africa do Sul, ao mesmo tempo que negámos a passagem de mantimentos para o heroico povo que luta pela sua liberdade...

Isto em *rigorosa observância da neutralidade*...

E a câmara folga e consigna a sua viva satisfação...

Ah! que se o país bem medisse todo o valôr destes *inglezismos!*

OUTRO

«Grato foi aos representantes da nação o festivo acolhimento feito pela operosa cidadã do Porto á vossa majestade e á sua majestade a rainha. As vivas e calorosas saudações bem significaram com quanto respeitoso amor pelos seus monarchas se nobilita terra tam notavel pelo seu commercio e pela sua industria, e como allí se affirmam as dedicações tradicionais pela dynastia reinante.»

Aos representantes da nação? Salvo seja. Do governo e dos potentados e galopins electoraes, que se constituem nação de trapo-las e embusteiros. A nação propriamente dita, tem se desinteressado da comédia, e nisso vai uma grande parte do seu mal.

Acêrca do resto, do amor portuense pelos monarchas, está lembrando o 31 de janeiro, as penúltimas eleições de deputados, mesmo as d'ha pouco, descaramente roubadas em proveito dos candidatos do governo, e as declarações feitas mesmo pelos jornaes monarchicos, de que o povo assistia *mudo e quedo*, nem sequer descobrindo se á passagem dos seus monarchas. Enthusiasmo houve-o, sim, nos bailes nos jantares, nas recepções onde ia o elemento official. De resto, foi bem positivamente proclamado que as associações operarias recusaram os convites para mandarem representantes a taes pagodes.

Por si só essas recusas significariam o amor aos seus monarchas, se na praça publica não tivesse sido bem patente a indifferença popular por elles.

Convém ir lembrando isto a propósito do rasteirismo parlamentar.

«Fazer carreira»

Está aberto o parlamento. Para tratar de assumptos puramente de interesse nacional, das graves questões que tanto interessam á vida economica do país e á sua dignidade?

Vejam-se os *extractos* das sessões:—até hoje questiunculadas, liquidação de câmaras municipaes, doestos e represalias por causa das tropelias electoraes, bertatas de partidarismo, e nem um simples documento de qualquer ministério por onde se veja o propósito de administração sensata e de beneficio financeiro.

Retiniram a maioria e a minoria para resolverem as suas attitudes. Vejam-se as suas decisões, e teremos que após as primeiras escaramuças de descomponenda brageira, se passará ás apreciações entre o que fez o governo actual e o d'hoje. Escândalos em perspectiva. Depois, exhibição de feras, perdão, de novos, como já se annuncia nestes periodos, al-poinaceos, para o Janeiro:

«E' preciso que os novos do partido progressista, os que ainda não foram ministros, manifestem os seus talentos parlamentares, e mostrem na câmara as suas facultades. E' bom animar e acoroçar aquelles que desejam fazer a sua carreira...»

Mais claro de que isto, supponos não haver.

Os que já foram ministros ou que por outro qualquer meio já se governaram não dam cuidados. Agora passagem aos novos que desejam fazer carreira. A qual carreira se cifra em palrar descompostamente, sem critério nem ideias, para conquistar graças que o país paga com usura.

O parlamento, tal como agora é constituído, não passa de uma estação de aventureiros que *desejam fazer carreira*: o que tanto vale como dizer: conseguir largos benesses roubados ás necessidades publicas e á miséria do contribuinte.

O país vê e tolera. Collabora até nessa obra de ruína, pela sua subserviência aos asquerosos processos de fazer eleições e pela imbecilidade com que segue os galopins do regimen. Que lhe preste, pois, e cedo lhe virá a epocha de arrependimento, se a reflexão o não demover a tirar a moralidade de tantissimas franquêsas como a que acima deixamos respigada:—deixar palrar os que ainda não foram ministros e desejam fazer carreira.

As novas forças para Lourenço Marques devem partir no dia 27 do corrente, em número de 350 praças.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorrência de visitantes no semestre findo attingiu o número de 3098.

PRÉMIOS

Furibundos progressistas doutros tempos, tendo feito parte de ministérios, dos quaes saíram regularmente providos de honras e meios, mercê de operações bem combinadas, Navarro das *Novidades* e Marianno do *Popular* collocaram-se por último numa situação politica a que deram a apparencia de *independentes*, que é a qualidade em que melhor se firmam os trampolinos que decidem collocar-se, como a célebre burra de Balaam, entre a cevada e a aveia.

Não raro os temos visto, pois, em defeza ou ataque a regeneradores e progressistas, conforme lhes parece mais proveitoso ao rabulismo interesseiro, e por que a situação ministerial, grega ou trôiana, parece convir a benignidade dos dois espantosos criticos — estadistas fallidos por uma infenidade de tranquiéberias bem rufinosas para o país, e que só devido a *brandura dos nossos costumes* os não levaram a presidio — ai os temos visto, *considerados e premiados* por todos os governos.

Com o gabinete ministerial de hoje, têm sido de uma attenção amorosa muito para considerar, e assim a expectativa sobre o valor do prémio manifestou-se: — que *aquillo* não sam homens para louvaminha graciosa: — antes se mostram mais amáveis, quando lhes parece maior a benesse, para a creatura de quem especialmente o esperam. O actual ministro da marinha vem merecendo-lhes tanto louvor...

Mas appareceu já a explicação. Nas suas propostas apresentadas ao parlamento, esse titular considerou-os.

Pela approvação da proposta das concessões do Ultramar — e é que será approvada, que para isso lá estão as maiorias — Navarro terá satisfeita a sua antiga e tam conhecida ambição da concessão de uma ilha no archipelago de Bijagós, na provincia da Guiné.

Pela approvação da proposta referente ao regimen bancario, Marianno lambe-se com o logar de commissário do governo junto do Banco Ultramarino.

Vê o povo? Decide-se a reconhecer que, sob a influencia do regimen, tudo o que constitue os bens ou a riqueza da nação é patrimonio dos aventureiros e especuladores da politica? Repara em que a enormidade de reformas ha larguissimos annos decretadas pelos governos, sempre sobre a chancellia artificiosa de que sam destinadas a regeneração economica, miram somente a satisfação das vaidades e ambições que dominam desde o throno até ao último dos mercantes que o bajulam? Comprehede ao que mira a perseguição irritante feita a imprensa democratica que ousa apreciar e discutir a marcha governativa, pon-do a descoberto as traficâncias do poder e a indignidade dos homens? Attende a que tal perseguição é destinada a abafar os gritos de protesto que elucidariam sobre essas traficâncias e indignidade, para que fiquem ignoradas, em defeza das instituições e do banditismo que tem arrastado o país a miséria em que se encontra?

Não é já cedo para dispensar a tudo isso as necessárias attentões e proceder em obediência a uma nova e salutar orientação. Depois, tal procedimento ha de impôr-se-lhe fatalmente num futuro mais longo, quando, tudo perdido, a autonomia nacional esteja prestes a desaparecer, isto é, quando seja difficil, se não impossivel acudir ao mal. Seria, pois, duplamente proveitoso acudir desde já a derrocada, expulsando da

supramacia da nação tudo o que representa o regimen, para implantar um systema fundamente democratico e liberal, com a dignidade de que nos dão valiosos exemplos os países onde o principio republicano está fazendo successivamente a felicidade dos povos.

Espiritismo e loucura

Continuam a dar-se as fataes consequências da manomania do espiritismo que ultimamente se tem manifestado e desenvolvido em diferentes localidades e especialmente no Porto.

Fernando de Lacerda, chefe da secretaria do governo civil de Lisboa, que se dedicára interessadamente a palermice espirita, acaba de ser internado no hospital de Rilhafoles, em consequência dum ataque de loucura que a mesma palermice lhe provocou.

Sirva ao menos, o facto, de exemplo aos ingénuos.

A dos fósforos

Os clamores contra a desenfreada roubalheira, que essa privilegiada companhia se permite fazer ao país, são geraes. E contudo o seu descarado logro prevalece com o assentimento dos governos que della carecem e que com ella se intendem, sem mostrarem a mais simples consideração pelas reclamações dia a dia, hora a hora formuladas na imprensa contra similhante expolição, com que os directores e apañiguados desse monopólio engordam a olhos vistos, distribuindo ainda aos accionistas fartos lucros, cynicamente roubados ao consumidor.

A abundantissima lista de protestos formulados, junta-se mais um do *Districto de Vizeu*, assim formulado:

«Continua cada vez mais desafiada a roubalheira dos fósforos. Agora nem as caixas de 20 réis prestam: para se acender um cigarro é preciso ás vezes gastar 10 fósforos! Nas caixas de cera de 10 réis o amorfo, é um logro completo. Esta pouca vergonha só em Portugal se consente.»

Claro que só em Portugal, sob a inspiração do bello regimen que supportamos e cuja base de acção se funda no mesmo principio que a companhia dos fósforos adoptou: — expoliar.

Mas succede mais, como temos demonstrado.

Pela letra do contracto, essa companhia é obrigada ao fabrico e fornecimento de fósforos de pau e enxofre, o fósforo do pobre, chamado de *espera*. Mas a esperar por elle estamos nós, sem que a generosa companhia se digne apresentá-lo, e sem que o governo a force ao cumprimento desse dever a que se obrigou.

E que essa qualidade não dá lucros, e então, tóra com ella.

Mas atreva-se algum, num intuito de economia, a usar sob as vistas dum beleguim da guarda fiscal, um fuzil e um pedaço de trapo para fazer lume!

Preso logo e vexado com a multa, porque logra a companhia nos seus direitos. Quem prende e multa a companhia pelo enorme e ininterrupto logro que vem fazendo ao consumidor? A mesma guarda fiscal?

Está lá quieto, ó Ulisses!

A guarda é paga pelo Estado, não somente para o serviço da fiscalisação official, mas ainda para defender os interesses da companhia usurpadora e cobrir-lhe as roubalheiras, sacrificando o país a supportá-las.

Guarda-costas da feliz concessão, que passa a vida assaltando nos as algibeiras, eis o que é essa guarda paga pelos cofres publicos.

Ditosa terra que é a nossa, com os seus inimitaveis governos...

Lá como cá

Appareceu o primeiro numero do jornal *Português*, de Lourenço Marques que substitue o *Português*, folha allviolentamente suprimida pelo governador da provincia, o general Gorjão.

Neste numero, o nosso collega faz a historia do procedimento havido para com o suprimido jornal: — chamamento do director a conferencias, para evitar a publicação de escriptos aggressivos para a Inglaterra, que podia sentir-se maguada, a púdica.

A esses desejos satisfez a empresa, mas encetou uma campanha de moralidade «contra a enormidade d'abusos que todos os dias se estão praticando impunemente e muito principalmente, contra certas oligarchias, que escandalosa e criminosamente estavam explorando em seu proveito todos os ramos da pública administração».

Foi o diabo. Primeiro, querelado o *Português*, depois submettido a censura prévia, e por último suprimido.

Mas o jornal satisfizera aos desejos do sr. governador no que respeita a Inglaterra! Que importa isso? Feriu os melindres dos altos dignatarios que fazem da administração uma covadeira; e, accusar abusos, traficâncias e delapdações, é, em todos os dominios deste país, um crime punivel pelo código dos tartufos que empregam o melhor das suas actividades na pratica de negócios escuros.

Não cessemos, pois, de apontar: — Veja o povo por que se perseguem os jornalistas que sabem comprehender dignamente a sua missão, e se suprimem os jornaes que não vam na corrente do convencionalismo: — por ataques violentos ao poder constituido, a dignidade das autoridades? Não! Por desmascaramem funcionarios indignos, por descobrirem fajardices de potentados e por clamarem contra os abusos de toda a ordem, que sam o apañigo das instituições e dum grandissimo numero dos seus servidores.

E pois que assim é, como se demonstra, a orientação a tomar está naturalmente indicada.

Moeda falsa

A secção da policia judiciária traz entre mãos um serviço de importância com que assignala, e bem, o começo da sua acção.

Viera superiormente, ao governo civil, reclamação acerca da passagem de moeda falsa de níquel, havendo a crença de que nesta região apparecia a maior abundância. Inteirado do facto, o sr. commissário, incumbiu-o a secção judiciária, que se houve com felicidade, não obstante inconfiências de informação que bastante lhe tem dificultado as deligências.

Prendeu, ao cabo de pesquisas, uos individuos residentes na Louzã, conseguindo-lhes ao fim de repetidos interrogatorios a confissão do fabrico e da passagem, e mais do que isso, sobre a importância posta em giro.

Que sam os únicos interveientes no negócio, sustentam os presos, mas estas suas declarações foram postas em duvida, com certo fundamento, visto que determinadas circunstancias quasi demonstravam o contrario. Seguiram as averiguações e apurou-se alguma coisa mais que por enquanto não pôde ser dita.

Audiências geraes

Os processos crimes a julgar no trimestre que decorre, no tribunal judicial desta comarca sam:

Janeiro, 25 — Manuel dos San-

tos Vinagreiro, do Valle de Cannas, por envenenamento dumas gallinhas; é defensor, dr. Frederico Guilherme; 28 — Manuel Paixão, de Fala; Alvaro d'Oliveira, dos Fornos, Luiz Diniz, da Pedrulha; e Justino Ferreira, da Casa do Sal, subtração fraudulenta. Defensor dos três primeiros, dr. Frederico Guilherme, do último, dr. Fortunato d'Almeida; 31 — António Martins, de Santa Clara, homicidio. Defensor, dr. Joaquim Gaspar de Mattos.

Fevereiro 11 — António Duarte, José Augusto Abrantes, Alberto d'Oliveira e Silva e Lucas Cerveira Nunes, todos desta cidade, pelo conhecido roubo dos relógios a Portagem. Defensores, drs. Hermano de Carvalho e Sousa Bastos; — 14 Maria Roque e outra, mãe e filha, das Casas Novas, por infanticidio. Defensores, drs. Teixeira d'Abreu e Afonso Costa; 21 — Joaquim Ferreira do Valle e António da Silva Marcelino, da Cegonha, testemunho falso. Defensor, dr. Gaspar de Mattos.

Em todos estes processos é auctor o ministerio publico.

Bens religiosos confiscados

Uma congregação religiosa estabelecida em Paris, sob a denominação do *Menino Jesus* julgando-se privilegiada em materia tributaria, negou-se ao pagamento das suas contribuições.

Procedeu como entendeu, mas por seu turno, o governo francès tambem entendeu dever adoptar o procedimento concernente á igualdade de direitos e deveres perante a lei, e assim mandou confiscar á congregação todos os seus bens, para cobrança das contribuições por ella devidas e das respectivas custas da acção.

Assim se procede em França, onde a Republica é o systema do governo e onde a fradaria não é permittida a pública exhibição de habitos talares. Em Portugal se algum escrivão de fazenda se lembrasse de proceder rigorosamente contra qualquer ordem religiosa para pagamento de debitos ao Estado, podia contar que era funcionario lançado ás feras.

O que não admiraria, considerada a afinidade do reaccionarismo do throno e do estado como dos humildes servidores da religião official.

Câmara Municipal de Coimbra

Sessão ordinária de 13 de dezembro de 1900

(Conclusão)

Presidência — Dr. Manuel Dias da Silva,

Vereadores presentes: — António Francisco do Valle, José Gomes Freire Duque, João Gomes de Oliveira Mendonça Cortez, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Manuel Miranda e Miguel José da Costa Braga.

Approvou uma proposta apresentada por um dos vereadores para que se dê o devido conhecimento aos marchantes arrematantes das barracas, em que se faz actualmente venda de carnes verdes de vacca e vitella, de que até ao dia 26 do corrente mês pelas 3 horas da tarde deverão declarar na secretaria da câmara se pretendem continuar com os talhos nas mesmas barracas até ás 12 horas da manhã do dia 31 de janeiro de 1901, pagando por esse tempo, até ao dia 15 do mesmo mês de janeiro, a renda proporcional, sob a base das rendas actuaes advertindo que a falta desta declaração equivale á de não quererem continuar e que portanto entregarão as barracas á mesma câmara no dia 31 de dezembro.

Mandou pagar as despesas feitas pela commissão do recenseamento eleitoral com a eleição de um deputado, que teve logar a 25 de novembro último.

Approvou um orçamento para uma escavação e remoção de terras na concordância da nova rua de Mont'arroyo com a oriental e occidental do mesmo bairro; e outros para a construcção de calçada naquelle ponto, encarregando destes trabalhos o empreiteiro da calçada da nova rua, pelo mesmo preço e em condições iguaes ás de arrematação anterior.

Mandou annunciar praça para o fornecimento de mobilia para escolas.

Approvou as condições para a arrematação de carnes verdes.

Attestou acerca de cinco petições para subsidios de lactação a menores.

Apresentada uma conta da Imprensa da Universidade na importância de 124.510 réis, de despesa feita com a impressão e papel do Relatório sobre as contas da gerência municipal no anno de 1899, com a nota de que, por conta desta despesa, fôra já paga particularmente pelo presidente da câmara a quantia de 123.000 réis, ficando a descoberto e por conta da câmara o resto, na importância de mil cento e dez réis, foi dito pelo presidente que, embora a impressão do Relatório tivesse sido auctorizada pela câmara em sessão do primeiro de março, pagara do seu bolso quasi toda a quantia referida por a verba para expediente mal chegar para as restantes despesas e por que justos melindres e nomeadamente a não approvação pela auctoridade tutelar, do reforço que desta verba propozera em um orçamento supplementar, sem que a câmara fosse pedida quaesquer explicações a tal respeito, o impediram de propôr novo reforço e assim cumprira a promessa que fizera em 7 do mês de outubro, menos quanto ao deficit de 1.510 réis, que propunha fosse pago pela câmara.

A câmara approvou esta proposta e mandou pagar a quantia de 1.510 réis declarando o vereador Valle, que, em conformidade com a deliberação tomada pelos vereadores presentes na sessão de 11 de outubro, em que foi lido o officio do presidente, e a que adheriram os vereadores Braga e Novaes, não presentes aquella sessão, fosse aquella quantia de 123.000 réis rateada pelos vereadores, e que depois dalguma reluctancia e instancias em contrario foi aceite pelo presidente. Sendo declarado pela commissão nomeada para tratar das expropriações para o alargamento da rua da Magdalena, que tinha contractado amigavelmente com alguns proprietários a expropriação da parte necessária dos seus terrenos, informando acerca das condições e preço ajustado; a câmara considerando vantajosa esta negociação, auctorizou a presidencia a assignar o contracto e a depositar o preço na Caixa Geral dos Depósitos para ser levantado pelos interessadnos nos termos da lei de 23 de julho de 1850.

Apresentado um duplicado da reclamação do fiscal dos impostos, José Pinto dos Santos, contra a deliberação da câmara que o suspendeu do logar em virtude de abandono de logar, e que lhe foi intimada no dia 19, resolveu a câmara sustentar no tribunal competente a legalidade e a legitimidade do seu procedimento e autorizou o presidente a fazer-se representar para este effeito em juizo.

Autorizou por último despesas diversas com obras relativas á primeira quinzena de dezembro e com serviços de expedientes, vencimentos de thesoureiro, publicação de annuncios, etc.

CIRCO

Depois das 4 bellas noites que tivemos no circo com os espectáculos da companhia do D. Amélia, de Lisboa, annunciám-se já mais três pela do D. Maria, da mesma cidade.

Deixou-nos bem impressionados, apesar, apesar de senões de indelicadeza, a vinda de Rozes e Brazão. Se o trabalho nos agradou, não quer isso dizer que não devamos anotar facilidades, que se traduzem em menos consideração para com o público. Os factos são os factos, e referi-los não fica mal a ninguém: — que Augusto Rosa nos tome o reparo à conta de gostarmos de vê-lo, salvo impedimento de maior.

Dizia o prospecto da Zaza que o veríamos, e nessa illusão fomos até ao circo. Afinal... decepção. Augusto Rosa fizera-se substituir sem dar cavaco a ninguém.

Bem substituído? Sem dúvida; que Alves prova muita habilidade, a par dum apreciável desejo de agradar. E consegue-o. Mas havemos de concordar que esta coisa de a gente prometter e faltar sem dizer de si, isto é, dar por si um homem, sem mais considerações por ninguém, será tudo quanto queiram, menos um acto regular. E nós queríamos ver Augusto Rosa tam correcto como homem, como quasi sempre se nos apresenta como artista. Por que, veja, nem a sua amabilidade de nos dar o Melro, o absolva da faltasita, como não absolvia outro homem da sociedade.

Releve-nos o bom do Augusto a franqueza. E depois...

A elle, a João e ao Brazão, em especial, a todos depois, os nosos parabens pela maneira como conquistaram tam merecidos applausos.

Por incidente o reparo que dechamos feito a propósito de noticiarmos que:

Em 29, 30 e 31 do mez corrente teremos a companhia do D. Maria, de que fazem parte Ferreira da Silva, Augusto Melro, e Virginia, com as peças *Um pae prodigo*, *Mercadet* e *Irmã mais velha*.

Bellas peças com desempenho como estãmos costumados a vêr por tam apreciáveis artistas. A assignatura está já aberta nos logares do costume.

37 Folhetim da «RESISTENCIA»

MISERIAS SECRETAS

DUODÉCIMO QUADRO

AS DERROTAS

Muito gofdo, muito vermelho, absolutamente congestionado, parecia fulminado pelo calor abrazador; de mais todos estãvam igualmente oprimidos, com o mesmo arquejar surdo no meio do zumbido das abelhas, e das moscas triumphantes. Os homens limpavam a testa descoberta, as senhoras abanavam-se discretamente com os lenços, arriscavam-se a abrir os guarda-sós; e as camisas dos cowboys molhavam-se na cintura.

O padre pronunciou as palavras do ritual, enquanto os meninos do coro se dobravam para olhar para o caixão.

Um cavalheiro muito pollido, muito correcto, alinhou a família ao longo dos tumulos.

E começou o desfilhar.

O exforço de cada um por não deixar cair o hysope de metal, para desenhar bem no vasio o signal de redempção, tornava-se

A gripe

E' assombroso o desenvolvimento que aquella doença está tomando em diferentes países, contando-se numa enormidade de casos fataes, devidos a complicações.

Nos Estados-Unidos, por exemplo é assombrosa a cifra de atacados dessa enfermidade, tão benigna na apparença. Só em New-York ha mais de 700,000, vendose os médicos tam seriamente intrigados com o numero dos obitos, que vão reunir se numa grande conferencia para o estudo das particularidades dessa doença, que, apresentando-se sem symptomas alarmantes, tem como consequência affecções perigosas, occasionando a morte com notavel frequencia.

Na Europa tambem ella se tem manifestado com extraordinaria intensidade, e mesmo em Portugal, sem ter assumido, felizmente aquelle caracter mortifero.

O apreciado clinico sr. dr. José Rodrigues d'Oliveira, pediu a sua demissão do logar de clinico interno do hospital, que serviu com louvavel escrupulo e dedicacão, conquistando inumeras e merecidissimas sympathias.

Em congregação da faculdade de medicina, foram marcados os dias 15 de fevereiro e 12 de março para os actos de licenciamento dos bachareis da mesma faculdade srs. Angelo da Fonseca e Elycio de Moura.

Do governo civil subiu ao ministério das obras publicas um processo da camara de Oliveira do Hospital, pedindo que no plano de estradas seja incluída uma municipal, de 2.ª classe, que partindo da districtal n.º 99, na povoação de Gallizes, termine no logar de Villela.

Operação cirúrgica

O alumno do 5.º anno medico, sr. Arsénio Guilherme Botelho de Sousa, assistente do enfermo João Ferreira dos Santos, de Oliveira do Bairro, que se acha no hospital, fez lhe a pleurotomia, em virtude de uma pleurisia supurada, já tam adeantada, que foi de 5

muito saliente na rigidez do gesto, ao mesmo tempo que uma curiosidade invencivel lançava os bustos para deante.

Naquelle última saudação ao pobre despojo, aquella coisa que tinha pensado, amado, todos se inclinavam deante do Mal. Todos o conheciam nas suas formas diversas e todavia da mesma essência. Todos se humilhavam deante da sua obra, e tremiam sentindo-o em si.

O desfilhar continuava sempre, curvava todas as cabeças, as cabeças redondas das mulheres novas, as cabeças masculinas dos brilhantes officiaes, as nuças rígidas dos velhos.

Restava ainda uma tarefa: os cumprimentos banaes que se dizem de mais, por se saberem inúteis, mas que sam um modo de mostrar que se veio.

O coronel chorava. Queria tirar o lenço e por isso tirou as luvas. Embaraçado pelo Kepi, descalçou-as puxando-as com os dentes; e a sua pobre figura usada pelos cuidados, em que as lagrimas encontravam sulcos já abertos, era mais lastimavel ainda naquelle gesto puéril. Diziam lhe phrases intelligíveis. Um dos seus chefes do ministério veio ter com elle.

— Que golpe terrível meu pobre amigo! Creia nas minhas sympathias.

litros a quantidade de pús extraído.

A operação decorreu com a maior felicidade e foi praticada com a assistencia do professor sr. dr. Lopes Vieira, trabalhando como auxiliar o sr. Armando Leal Gonçalves, alem doutros alumnos do curso.

O doente encontra-se em disposição prometteora e ficou com dois tubos de drenagem, para supuração.

PUBLICAÇÕES

O Occidente — Revista illustrada de Portugal e estrangeiro.

Recebemos o n.º 792 com que esta preciosa revista completa o seu 23.º vol. e anno de publicação o que representa a vida mais longa que publicações litterarias illustradas têm logrado em Portugal. Este numero é o do Natal e por isso suas illustrações e texto sam especialmente dedicadas ás creanças e celebração do nascimento do Redemptor. A gravura da primeira pagina é a reprodução duma formosa escultura representando uma irmã da caridade ensinando uma criança a benzer-se. Depois seguem-se outras gravuras de graciosos quadros: A minhada dos pintinhos; A esmola; Diaburas.

Uma formosa gravura reprodução de um sublime quadro de Raphael: A Virgem da Campina, constitue o supplemento deste numero distribuido como brinde a todos os assignantes.

E ainda este numero acompanhado dos indices, frontespicio e capa do volume.

A collaboração litteraria é, como sempre, escolhida e nella figuram os nomes de D. João da Câmara, João d'Oliveira, pseudónimo dum escriptor illustre; Esteves Pereira, D. Francisco de Noronha, Ricardo de Sousa, etc.

Educación Nacional. — Semanário dedicado á classe do magistério primário e secundário, 5.º anno, n.º 224.

O sumário é o seguinte: O novo século—A reforma de Instrucção Secundária—De Lisboa, por Túlio —Caixa económica escolar de Villa Nova de Tazem—O século novo—Crónicas—Reclamações—Obras de João de Deus—Método de leitura—O Primeiro de Janeiro—Festa escolar—A criminalidade e a instrucção—Porque será?—Secção official.

O Instituto. — Revista científica e litteraria fundada em 1852. Vol. 48.º n.º 1, relativo ao mes de janeiro de 1901.

Materia contida neste volume: Diferenças phoneticas das linguas e differenças anatomicas dos orgaos da falla, por F. Adolpho Coelho; Notas dum pae, por Bernardino Machado—Reforma do imposto e outros meios de simplificação e aperfeiçoamento da vida económica dos estados, por A. A. Pires

A chorar, mas em voz alta, o coronel replicou:

— O seu testemunho é-me muito grato. O presidente da República teve a amabilidade de me mandar os pêsames, e não pôde acreditar, como lhe estou agradecido.

Madame Francesco conservou-se calada sob os seus longos véos de crepe. Senhoras beijavam-na a todo o instante. O seu ser dobrava-se: um estava todo entregue a dôr, o outro continuava o seu papel d'acção.

Pensava, chorando. Exactamente nessa occasião, veio beijá-la Madame Armendis, ruidosamente, dos dois lados.

— Pobre e querida amiga!

— Vibora! pensou Madame Francesco.

Na carruagem que as tinha trazido ao cemitério, a mulher do auctor não tinha cessado de glorificar os talentos d'escriptor de seu marido. «Imagine, minha querida que tem uma peça que foi recebida no Ambigue, uma em correção no *Français*. Contamos muito com o *Odeon*. Um triumpho».

Madame Francesco sentira se mordida no coração.

Trocavam-se os últimos apertos de mão. Desfilavam-se os grupos negros. A pressa tornava a gente ligeira.

Ballier veio cumprimentar a mulher do esculptor.

de Lima—A pesniza e o doseamento do ácido salicylico nos vinhos, por J. A. Ferreira da Silva—Dr. José Gerson da Cunha, por J. A. Ismael Gracias—Inventores portuguezes, por Sousa Viçoso—As cartas latinas de Damião de Goes, par Joaquim de Vasconcellos—O Naufrago, por Francisco Maria Esteves Pereira—Os manuscritos portuguezes na bibliotheca nacional de Munique, por Alfonso Hincker—Bibliographia—Livro das oediências dos geraes.

Gazeta das Aldelas — Semanário illustrado de propaganda agricola e vulgarisação de conhecimentos úteis; proprietário e director, Júlio Gama; redacção, rua do Costa Cabral, n.º 1216—Porto.

Recebemos o n.º 263.

Vende-se uma casa na Couraça de Lisboa, com o n.º de policia q3. Trata-se nas escadas de S. Thiago n.º 4.

CIRCULAR

O abaixo assignado participa que terminou com a Succursal, sita na rua do Visconde da Luz, n.º 86 e 87, desta cidade, ficando só com o seu antigo estabelecimento denominado **A Elegância de Coimbra, Sapataria de Manuel Teixeira, Largo do Castello, 64, 66**, onde espera continuar a receber o favor das ordens dos seus freguezes e do publico em geral.

Coimbra, 1 de janeiro de 1901.

Manuel Teixeira.

Agradecimento e despedida

José do Nascimento Loureiro, quasi restabelecido dumas adnites escrophulosas, que o obrigara a guardar o leito desde abril de 1900 até hoje, vem, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, testemunhar aos ex.ººs clinicos srs. Drs. Sousa Refóios, João Jacintho da Silva Correia e Daniel de Mattos, a expressão sincera do seu inolvidavel agradecimento, pelos serviços que lhe ministraram na sua tam melindrosa operação a que se submetteu em 7 de julho passado.

Em especial, ao seu médico assistente, ex.º sr. dr. José Rodrigues d'Oliveira, pelo interesse e amizade que sempre lhe dispensou; em homenagem ás suas excellentes qualidades e à amizade que lhe dedica, a expressão mais do que sincera do seu agrada-

Trocados os cumprimentos dizia mostrando os dentes brancos no meio dos lábios vermelhos:

— Fiz uns calculos para amanhã...

Ella respondeu ousadamente, com os olhos nos d'elle.

— Irei ve-lo.

Blondel que ficara para traz, saboreava com delicias o socego destes bairros espaçosos.

O tempo esplendido sorria.

— Vá lá. Este pobre Jean tinha razão: a vida é boa. E' uma amante que a gente sabe que é pérfida e má; mas tam voluptuosa... Tem-se vontade de lhe bater e de a adorar.

E depois é necessário um equilibrio entre a alegria e a tristesa: d'onde virá este animal inquietador e mortal, cuja mordedura ataca tanto a alma, como o corpo... mais cedo ou mais tarde.

Alargou o peito, deitou para traz os cotovellos e a cabeça.

Na praça, da sua victoria parada, Anna Petersen fazia lhe signaes agitando o seu guarda-sol de rendas. A cantora era sua amante desde a sua estada em S. Petersburgo? já ha um mês!

Accrescentou consigo mesmo, um pouco ironicamente, saltando para o lado d'elle.

— Vive-se com o seu mal... até se morrer d'elle.

FIM

decimento, que só com a gratidão poderá remunerar.

A todas as pessoas da sua amizade, e ainda ás que directa ou indirectamente procuraram saber o seu estado, e particularmente ao sr. António Soares Lapa, proprietário do Hotel Commércio, e a sua familia, pela distincção com que sempre o trataram durante a permanencia na sua casa, o testemunho do seu agradecimento; aos seus amigos intimos cujos nomes tem agravados no seu coração, que se abstem de mencionar, offerece o seu limitado prestimo na cidade do Porto, para onde retira.

Coimbra, 14 de janeiro de 1901.

ANNUNCIO

(1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do primeiro officio, na acção de separação de pessoa e bens requerida por D. Anna de Jesus Oliveira contra seu marido Seraphim Augusto Nunes da Costa e Vasconcellos, ambos residentes nesta cidade, foi a separação autorizada pelo respectivo conselho de familia e homologada a deliberação deste por sentença de dez do corrente mês.

Coimbra, 14 de janeiro de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O escrivão,
R. Calisto.

O escrivão interino,
J. A. Lopes Ferreira.

ANNUNCIO

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do quinto officio—Carvalho—foi instaurada uma acção de interdicção, por demencia, em que é arguido Jacob da Encarnação, solteiro, maior, proprietario, residente no logar e freguezia do Ameal; e por sentença de nove de janeiro de mil nove centos e um foi julgado o mencionado arguido, interdicto dos direitos civis e privado da administração de seus bens.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,
R. Calisto.

PADRE

Precisa-se de um para capellania, e que tenha exame para professor de instrucção primaria, para accumular estes dois logares, e que devem dar uns 4000000 réis annuaes. E' para um logar próximo da Figueira da Foz.

O que estiver nas condições queira dirigir-se à redacção da *Gazeta da Figueira*, na Figueira da Foz, onde se prestam todos os esclarecimentos.

FIO D'OURO

Perdeu-se um, torcido, com um crucifixo, uma Senhora da Conceição esmaltada, tudo d'ouro e um berloque de prata, feito de bilha; tudo enfiado no mesmo fio, no domingo 13 do corrente à tarde, desde a rua d'Alegria à Arreagação principios da Ladeira do Seminário e daqui pela Estrada da Beira ao Largo Principe D. Carlos.

Pede-se a quem o tiver achado a fineza de o entregar no estabelecimento de Adriano dos Santos Mortágua, sito no mesmo Largo Principe D. Carlos n.º 43, onde receberá boas alviçaras.

MARÇANO

Na rua da Sophia n.º 44 precisa-se de um rapaz de 13 a 14 annos e que tenha alguma prática de negócio.

Trata-se com António d'Almeida e Silva.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almeida, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha — Anno, 2.700 réis; semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha — Anno, 2.400 réis; semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50%.
Anunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

Seriedade?

Póde ainda haver, mesmo entre os espiritos mais cultos, quem supponha na acção dos trabalhos parlamentares que estão decorrendo em Lisboa, algum pouco de seriedade, ao menos aparente? E' possível; e contudo os factos bem demonstram que tal supposição é absolutamente carecida de fundamento.

Para admittir seriedade nesses trabalhos, imprescindível seria encontrá-la nos elementos constituintes da câmara, e de tê-la visto em taes elementos ninguém póde ainda vanagloriar-se.

Lêem-se os resumos dos debates desde a abertura das Cortes, e depara-se com a maior das impudências. Sessões gastas em tiroteios de phrases bregeiras, na discussão dos homens que foram ou foram ministros.

Discussão, por exemplo, do bill de indemnidade. Quem ha entrado especialmente nella?

Os ministros d'hoje a quem interessa a absolvição da dictadura, e os ministros da situação passada que pretendem fazer agravo aos sucessores.

Mas ha discussão sobre os principios fundamentaes em que um governo póde ou deve succorrer-se dessa faculdade administrativa? Não ha. Exibe-se a mutualidade de moejos, significando o ataque e a defeza um jogo de resentimentos entre personalidades, e nunca uma critica fria e acizada, isenta de paixões e facciosismo. E o exemplo que fica é nocivo, deprimente mesmo, para a lição de civismo e de dignidade individual que o parlamento devia irradiar para o país.

Vêem succedendo-se os dias nessa jogralidade irritante. Vamos na última terça parte do primeiro mês de parlamentarismo, e não ha uma discussão de algum interesse e valor terminada. Antevê-se por isso que o interregno parlamentar, de adiamento em adiamento, vai ser longo, sem que uma razão ponderosa lhe justifique a longevidade. Parece tê-lo comprehendido um homem, num assomo de pudor, e é ouvido com agrado a sua proposta para:

As sessões começarem mais cedo, e para que as haja mesmo nos dias em que funcione

a câmara alta. E' de João Franco, e parece destinada — primeiro a dar uma reprimenda à esterilidade de trabalhos até hoje reconhecida; segundo a indicar a necessidade de ganhar-se o tempo perdido nessa mesma esterilidade.

Ouvindo, por isso, com igual agrado, o appoio que à proposta deu toda câmara — a maioria regeneradora de que o proponente parece fazer parte e a minoria progressista.

Decorrem horas e chega o outro dia, o immediato, note-se, ao da apresentação e approvação da proposta; — faz-se a chamada e não ha sessão, por não estar na sala número sufficiente de deputados!! Quem faltava? Um grande número de progressistas, quasi toda a maioria regeneradora e até — pasmem oh! gentes — o próprio sr. João Franco, o autor da proposta!! Quer dizer, tudo aquillo renegou hoje a promessa d'ontem, provando, numa demonstração vibrante de ridiculo, que a seriedade é predicado desconhecido a ss. ex.º.

Como póde, pois, haver seriedade nessa câmara, se ella falta aos homens que a constituem?

Do tempo consumido sem proveito. Admittindo mesmo que o tivesse levado a rigorosa apreciação da dictadura, occorria perguntar ao que vinha o extravasamento rethorico.

A dictadura é o facto de um governo proceder, mesmo naquelles actos em que carecia de auctorisação especial, a seu completo alvedrio, apresentando depois no parlamento umas explicações em pedido de graça? Tal qual. Mas ha uma outra espécie de dictadura, que segue à primeira: — é a de os governos não governarem sem maioria, e com ella procederem do mesmo, sempre, a seu completo alvedrio, porque tudo quanto pretendam, quanto desejem, tem approvação incondicional da tal maioria, que neste caso representa a dictadura.

Succede isto com progressistas e regeneradores — logo nenhum desses partidos póde accusar o outro de incorrecto e atribiliário; — logo a discussão que simulam é ficticia, pura e simples paneceia, que serve apenas ao ensejo de fazer a apresentação de creaturas que pretendam iniciar carreira, como ainda ha dias o affirmou

Alpoim com o assentimento de amigos e adversários politicos.

Ha, pois, ou póde haver seriedade nos debates parlamentares? Não. E para a não haver se empregaram todos os artificios e cýnicas traficâncias que afastaram de lá os deputados republicanos, que dariam aquillo algum caracter de honestidade e pudor.

Preciso se torna identificar estes actos, para demonstração ao país que se desinteressa pelas questões da administração nacional, ás massas electoraes para convencerem-se de que a vergonha parlamentar que ai temos é o reflexo da vergonha com que ellas se entregam, sem escrúpulos nem seriedade, ao primeiro aventureiro que se depara a pedir o voto para um troca-tintas ou velhaco que pretende **fazer carreira**, alugando-se a qualquer dos bandos do regimen, que mais prometta.

Póde a demonstração não dar os precisos e urgentes resultados? Não importa. Ficamos a consciencia de procedermos com dignidade, fazendo-a, no espirito de provocar a reconsideração.

Orçamento camarário

A vereação municipal vai dirigir a el-rei uma representação referente ás alterações feitas ao orçamento camarário do corrente anno. Um protesto contra essas alterações, está bem de ver, e que certamente não será formulado apenas com futilidades de explicação, mas com argumentos bem demonstrativos da parcialidade que possa ter havido. Doutra modo não valeria a pena o incommodo.

Dizem-nos que assim succede, que a representação é acompanhada de documentos e confrontos reveladores de propósitos e incongruências, e que se não servir a uma reparação, servirá pelo menos a pôr bem a nu manifestações da politiquice indigena.

Provará que o facto dum correspondente ter noticiado as alterações antes do orçamento seguir para Lisboa tem o seu pedaço de estranheza?

Aguardemos a appareição, para ver-se o valór e a razão ou sem razão do protesto.

Dissertação

Pelo professor de medicina sr. dr. António de Pádua, foi dado o ponto para o acto de licenciado que o bacharel na mesma faculdade, sr. Angelo da Fonseca, tem de fazer em 15 de fevereiro. E' sobre matéria médica e intitula-se — *Mechanismo da acção medicatriz*.

Archivemos

Na *Mala da Europa* lê-se o seguinte telegramma do seu correspondente em Paris:

«O senador Guerin participou que interpellaria o ministro dos negócios estrangeiros a respeito da divida portugueza, no intuito de salvaguardar os interesses dos portadores da mesma divida».

Com vista aos nossos famosos estadistas, cuja habilidade de negociações e honra de proceder, dá margem a prevenções como a que se traduz do telegramma transcripto.

Declaração de vingança

Ha poucos meses, quando o actual ministro da justiça entrou de remecher a obra do notariado deixada pelo seu antecessor José d'Alpoim, os órgãos officiosos do progressismo bordaram as mais duras investivas à remechedella, e o *Correio da Noite* declarou solemnemente que o partido progressista, mal volte ao poder, inutilizará por completo tudo o que em matéria notarial faça o titular da pasta da justiça na situação ministerial regeneradora.

Posto que o *fazer e desfazer* de reformas, em obediencia a necessidade de contemplar maior numero de correligionários e amigos, seja a preocupação primordial dos pseudo estadistas dos dois partidos da rotação, houve muita gente que viu na ameaça do *Correio da Noite* uma simples bafarada de desespero, um desabafo de occasião. Outros tomaram-na a conta dum prenúncio certo para futuro proceder, vendo-se agora que foram estes os mais acertados na presuposição.

José d'Alpoim, o da reforma que Campos Henriques vem esphacelando, acaba de declarar em pleno parlamento, e em nome do chefe do seu partido, que mal atinjam o poder será revogado o decreto notarial com que Campos Henriques inutilisou o outro, dando, diz, reparação completa aos funcionários expoliados e não mantendo a situação creada aos favorecidos pela nova reforma.

Claro que não ficou sem troco. Campos Henriques contestou, mas, pergunta-se: — o incidente obrigou a explicações, ou uma discussão donde se apurasse ou apure qual das reformas é mais consentanea com todos os principios da equidade e da justiça a preferir?

Menos isso. Apenas a escaramuça do dichote, e... adeante.

O acto foi dictatorial; entra, por isso, no grupo dos submettidos à *mercê do bill de indemnidade*, a chapa com que as maiorias sancionam toda a casta de illegalidades e ruins actos ministeriaes. E por que o *bill* é concedido, Campos Henriques limitou-se a declaração de que os feitos accusados na sua obra por Alpoim estão positivamente na dêste, agora remedidos por elle. E não mais demoras. D'ai a de-

claração: — *quando eu volte ao marcehalato das justicas, desfaço tudo...*

Veja se como se comprovam os nossos dizeres de ha dias: — que a actual sessão legislativa será de largo interesse para nós, propagandistas do futuro, em casos a salientar e condimentar, como demonstração do que é e do que vale o parlamento, feito, com o assentimento das populações electoraes, à imagem e similitude dos governos; e ainda do que representa para a ruína e descrédito do país, a acção dos mesmos governos, appoiados em maiorias compostas de velhaquetes e inconscientes.

Os casos ai começaram já, e este de notariado é significativo...

Que se preparem os interessados para soffrerem as consequências de taes caprichos: — protegidos d'ontem passaram hoje à situação de reprobos, até que volte o seu S. João, prometido por Alpoim: — a dança que organisam os nossos ministros a propósito de tudo.

Mas ha altas questões, de interesse capital para o país, a tratar com isenção e critério?... Ha, positivamente, mas o fósforo dos ministros do regimen é fraquissimo de *poder alluminante*, e, não póde abordá-las sem sair disparate.

Como curolario, o comprometimento de tudo o que à nação interessa para o seu resurgimento moral e material.

Visita de agradecimento

Está na forja outra viagem real ao Porto. Lá para fins de maio ou principios de junho, antes da viagem aos Açores, servindo de pretexto a inauguração da *hermesse* e outras festas que se projectam na capital do Norte, para com o producto se erigir o monumento a Garret.

Aos directores, emprezários de vivas e cabos de comparsas, que serviram nas funçanatas da última viajata à invicta, já o monarcha distribuiu os *prêmios merecidos*; resta-lhe agora ir testemunhar à cidade o seu reconhecimento, pela prova de amor que lhe dispensou, *não mandando* agora ao parlamento deputados republicanos. Ou melhor referindo, resta-lhe ir banquetear-se com os seus leaes servidores de lá, que pozeram todo o seu empenho em roubar com chapelladas, violências e toda a ordem de falcatruas, a victória certa à lista republicana, o que foi extremamente agradavel ao régio coração...

Segue pois a lista dos dispêndios em inutilidades, enquanto emissários andam lá por fóra a lutar, sem resultado, contra a justa exigência dos crédores externos, que vêem com espanto como por cá se malbarata o que deviamos utilizar para a satisfação de compromissos. E que importa isso!

Compraza-se el-rei e aguente-se o regimen, mesmo à custa dos mais condemnáveis expedientes, enquanto vivemos, e que venha depois o dilúvio...

A questão da China

Notícias importantíssimas recentemente chegadas do Extremo-Oriente confirmam plenamente o desaccôrdo do *Tsung-li-Jamen* com o embaixador russo em Pekin, não reconhecendo a legalidade da decisão dos representantes das potências acerca da condenação do supremo chefe dos *boxers*, o príncipe Tuang, e contestando a clausula da indemnização a fixar no tractado de paz na parte respectiva ás concessões a estabelecer no tocante à tolerância dos diversos cultos.

Esta incompreensível resistência ás condições dictadas pelas potências parece obedecer a segretas instigações da Inglaterra, extraordinariamente alarmada com o crescente poderio da Rússia na China, que bem claramente se traduz na successiva occupação das praças do Mandehuria e na plena concessão da conclusão do trans-siberiano, o grande caminho de ferro ligando Saint-Petersbourg a Pekin e passando por Tobolsk, Tomks, Kolyvan, Irkutsk, Kiachta, Maimaitchin, Kooknoor, Triensi e Woo-chung.

Estes factos significam para a Rússia a consolidação do seu predomínio na Asia oriental; acontecimento este que não convem à Inglaterra que por todos os meios pretende levantar obstáculos à expansibilidade moscovita no Extremo Oriente, instigando secretamente os principaes funcionários do Celeste Império a resistirem à influencia russa.

A nova fase em que entrou a politica inglesa na questão da China não é, porém, desconhecida e muito menos desattendida em Saint-Petersbourg e a orientação diplomática do novo titular da pasta dos negócios estrangeiros do gabinete russo-conde de Lamsdorff — manifestamente favorável aos interesses da França no Extremo Oriente assim o deixa antever, e o que acaba de succeder na pacificação das provincias centras do Império, especialmente em Nanking, demonstra plenamente a força da dupla-alliança e a influencia da sua politica, quando é opportuno manifestar-se. E' a este objectivo que obedece o conde de Lamsdorff.

Consequentemente esta linha de proceder estabelece um inconciliavel antagonismo entre a Inglaterra e a Rússia na questão da China, podendo se filiar neste facto a resistência do príncipe Tokung e de Li-hung-Chang nos projectos do governo moscovita no Extremo-Oriente, de que certamente resultará o rompimento das negociações.

A impotente má vontade da Inglaterra para com a Rússia é vergonhosamente revellada por um dos orgãos mais importantes da sua imprensa e conceituada fôlha da opinião conservadora do Reino Unido, *The Manchester Guardian*, que exprime a convicção de que o Império Moscovita está de facto senhor de Mandchuria, embora o seu governo o não proclame devido à attitude das potências do Occidente!

Fundamentando a sua opinião, que me abstenho de classificar, a mesma fôlha inglesa conclue o seu espantoso artigo pelo seguinte periodo em que a hypocrisia de caso com o cynismo, e a que certamente a imprensa russa tem de responder:

«Reduzidos ás nossas próprias forças nada podemos fazer contra a Rússia. A guerra sul-africana deve ter desalentado todos os exaltados. O mais prudente, portanto, será approvarmos o que está feito em vez de nos iasurgirmos, já que não temos tenção de morder.»

O periodo que fica transcripto

não é mais do que uma humilhante confissão de impotência da grande nacionalidade dominadora dos mares em lutar abertamente com a Rússia e a França, aliada daquelle poderosissimo Império; mas na sua essencia encobre, ou pelo menos tenta encobrir os verdadeiros intuitos da Inglaterra, afinal plenamente revellados na franca e decidida opposição do príncipe Tohung — irmão do próprio imperador da China — e de Li-hung-Chang, vice-rei do Cantão, ás clausulas impostas pelo governo russo e que constituem integralmente a doutrina da projectada convenção russo-chinesa, em risco de se mallograr por culpa dos ingleses.

Ordenando a sua imprensa a execução dum odiosissimo plano de retirada em face das graves complicações politicas que occorrem no Extremo Oriente para illudir a Rússia na questão da China, o gabinete de Saint-James justifica o cognome de fé púnica universalmente dado à sua diplomacia!

Mas o plano tam machiavellicamente urdido com uma habilidade que fazia inveja aos estadistas carthaginenses, foi completamente desmarcado pela inépcia dos dois funcionarios chineses, que a Inglaterra ora abandona à legitima cólera da Rússia, depois de os ter instigado a resistencial!

O castigo não recairá unicamente sobre os cúmplices por mais culpados que elles sejam, porque a hora inexoravel da justiça tambem soou contra a oppressora do Orange e do Transwaal e a infel aliada do desgraçado Portugal.

FAZENDA JUNIOR.

Gymnásio de Coimbra

Reünuiu ontem a assembleia geral ordinaria desta prestante associação para lhe serem presente as contas e relatório da gerência do anno findo, parecer da commissão fiscal e eleição dos novos corpos gerentes que têm de administrar aquella casa durante o corrente anno.

Presidiu o sr. dr. Fernandes Costa secretariado pelo sr. João Sarmiento e por um académico. Approvada a acta e entrando-se na ordem do dia, foi pelo sr. presidente da direcção Cassiano Augusto Martins Ribeiro lido o relatório e parecer de contas e exposto o estado financeiro do Gymnásio que accusa um deficit, devido a actos anteriores à gerência a que elle presidiu; lembrou a conveniência de se modificarem os estatutos e para que isso se fizesse com mais rapidéz propunha para que se nomeasse uma commissão administrativa.

Posta á votição esta proposta, foi accete por unanimidade, sendo depois, pelo sr. dr. Augusto da Costa Pereira, apresentado um additamento á proposta para que a commissão a nomear fosse de 5 membros, e para que ficasse com poderes de reformar os estatutos. Approvado, foi nomeada a commissão que ficou composta dos srs. dr. Fernandes Costa, Manuel Augusto Rodrigues da Silva, António de Moura e Sá, Gaspar dos Santos e Cassiano Ribeiro.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

A concorrência de visitantes no semestre findo attingiu o numero de 3098.

Assembleias académicas

Pelo visto, entre a academia está sendo latente o maior desinteresse pelas suas assembleias geraes, embora a convocação dellas seja feita para tratar assumptos que de certo modo devam ser considerados.

Ao que se deva o facto, não é fácil ver, e com tudo ha quem o attribua a divisão resultante da última eleição para a gerência da associação própria, eleição que foi renhiddissima e demorada, em que houve uma infinidade de protestos e em que certa interveniência da policia, pedida pelo presidente da mesa — bem ou mal não nos é dado apreciar — deu margem a resentimentos.

A verdade é que as últimas assembleias, antes das férias do Natal, foram notavelmente escassas de concorrência, não se tratando os assumptos primordiales, e que ainda agora se nota a mesma frieza a provocar rezoluções que traduzem manifesto desgosto.

Das assembleias anteriores vinham sendo addiadas decisões sobre a visita da tuna de Valladolid que parece chegar a Coimbra em 14 de fevereiro, e sobre a resposta ao convite para a academia se fazer representar na manifestação, que hoje se realisa em Lisboa, de homenagem ao saudoso e inolvidavel Eça de Queiroz. Foi, pois, convocada uma assembleia para quinta feira, ao fim das aulas, e, como anteriormente, a concorrência assignalou-se por uma notabilissima minoria.

Consequencia immediata: — o presidente da academia, sr. João Duarte de Oliveira, formulou o seu pedido de demissão, afirmando terminante e categoricamente que a sua resolução era inabalavel, e o delegado do curso do 2.º anno juridico á grande commissão organisadora das festas de recepção á tuna espanhola, demittiu-se tambem, por falta de saúde, como declarou.

Nada, pois, resolveu a assembleia sobre aquelle assumpto, e nada resolveria, decerto, sobre o segundo — representação na homenagem ao grande litterato extincto — se mais tempo houvesse para addiar. Mas a manifestação era hoje e não havia que ter hesitações. E aquella evidentissima minoria, reconhecendo, numa positiva revelação de bom senso, que era necessário salvar um pouco a honra da comunidade, não duvidou nomear a commissão para ir a Lisboa representar toda a academia.

Sensatamente procederam tambem os nomeados, embora por tam escasso numero de assistentes, em accetar o delicado encargo de que se desempenharão superiormente, contribuindo pelas suas condescendências, para que se evitasse a possibilidade duma falta que não seria nada grata aos tam sympáthicos antecedentes da classe académica.

A commissão ficou composta dos srs. António Aurélio da Costa Ferreira, João Lúcio Pousão Pereira, João dos Santos Monteiro, Augusto de Castro (Filho), José Eugénio Ferreira, João de Vasconcellos Correia de Barros, Joaquim Teixeira de Paschoaes e José Bruno Tavares Correia.

Associação Commercial

A eleição para a gerência do anno que decorre, desta importante associação, recaiu nos srs.: Pedro Ferreira Dias Bandeira, presidente da assembleia geral; António Augusto Neves, 1.º secretario; António Nunes Correia, 2.º secretario; Francisco Villaça da Fonseca, presidente da direcção; Manuel António da Costa, vice presidente; João Alves Barata, 1.º secretario; António Mendes

da Luz, 2.º secretario; António José Fernandes, thesoureiro; António Fernandes e José Monteiro dos Santos, vogaes.

CARTA

Solicitam nos a publicação do que segue:

Lisbôa, 17 de janeiro de 1901.

Ex.º Sr. Amadeu Ferreira d'Almeida Carvalho.

Presado amigo

Pelas relações d'amisade e sympathia que nos ligam, permita v. ex.ª que tomemos a liberdade de lhe rogar que seja intérprete do nosso reconhecimento pelas manifestações de affecto com que se dignou honrar-nos um grupo de académicos dessa cidade distinguindo-nos com um delicado mimo, que para nós symbolisa um penhor de generosa affeição e que cotamos no mais subido valor.

Egualmente solicitamos o favor de tornar público o nosso agradecimento por todas as provas de distincção e sympathia que acabamos de receber da illustrada academia e do publico conimbricense.

Sendo intérprete v. ex.ª dos nossos sentimentos para com todos, permita v. ex.ª que em particular lhe apresentem os protestos da nossa maior estima e consideração os

De v. ex.ª
m.º att.º vn.º

(a) João Rosa
Eduardo Brazão
Augusto Rosa.

Mercado de Coimbra

Os preços dos cereaes durante a semana finda, foram os seguintes:

Trigo de celorico, novo, grão, 620—Dito, novo, tremês, 630—Milho branco, 470—Dito amarello 470—Feijão vermelho, 760 Dito branco, meudo, 740—Dito branco, grão, 780—Dito rajado, 520—Dito frade, 480—Centeio, 520—Cevada, 380—Grão de bico, grão, 740—Dito meúdo, 640—Favas, 490—Tremoços, 20 litros, 400.

Azeite da colheita de 1898, fino, 22200 a 22250; de 1899, 12500 a 12900, conforme a qualidade.

Os srs. António Vieira de Campos, dr. Augusto Eduardo Ferreira Barbosa e Seraphim Gomes Ferreira, acabam de ser nomeados vogaes do conselho de agricultura.

Fallecimento

Às 4 horas da tarde d'ontem começou a circular a noticia, infelizmente verdadeira, de ter succumbido, na Conraria, a filha do sr. dr. Maximino de Mattos, e esposa do sr. dr. Joaquim Festas, médico na Murtosa, D. Júlia Falcão de Carvalho, que ha poucos dias fora operada pelo sr. dr. Bordoal Pinheiro, de Lisbôa, em consequencia duma salpingite suppurada.

Complicações sobrevindas, e com as quaes parece se contava, em virtude de affecções de caracter tuberculoso, que lhe encontraram no acto da operação, foram a causa da morte.

O funeral da desditosa senhora foi hoje ás duas horas da tarde, ficando o cadáver sepultado no cemitério de Ceira.

A familia enluctada os nossos pésames.

CARNES

Está já annunciada nova praça para a arrematação, em 7 de fevereiro, do exclusivo do fornecimento de vacca e vitella. Propostas em carta fechada, e sob as condições e tabella exaradas no edital de 20 de dezembro.

Pouco viverá quem não chegar a ver uma terceira decepção. Certissimos de que não têm concorrentes, como as duas ultimas praças claramente demonstraram, e de que ao exclusivo por conta da câmara se levantará difficuldades nada faceis de remover, os marchantes continuarão a rir da tentativa, e a fazer o jogo para obrigar á manutenção do regimen em que se está e que lhes é tam conveniente.

E depois, como a câmara não quer conter nos limites da respectiva acção a creatura que está dirigindo a manobra, quando não pôde envolver-se na questão de carnes, sofre as consequências de não querer ver...

Carta de Boanda

29 de dezembro de 900.

Para se fazer uma pequenissima ideia dos bandos de pretos que, em dia de saída de paquete, atravessam as principaes ruas desta cidade, tal e qual manada de carneiros, basta dizer-se que não ha um unico paquete que deixe de levar para S. Thome 70 a 80 serviçaes.

Ora havendo mensalmente três paquetes, temos cada mês uma exportação de 240 homens, ou seja no anno a linda somma de 2880, que não mais voltam de S. Thomé. Isto sem fallar nos que os *contratadores* mandam de Benguella, Novo Redondo, etc.

Era de justiça — pede o mesmo a boa razão, exige o a illustração — que se acabasse com essa vergonha a que, á falta doutro, dão o nome de contrato.

O cônego Luís Maria, actualmente aposentado, possuia uma banda de música composta de serviçaes seus. Ha pouco mais dum anno *offereceu* os músicos a um amigo e este, pela sua parte, *offereceu-lhe* 1:800000 réis para... charutos.

Os comentários os leitores que os façam.

E' hoje vespera de eleição, que vai ser renhida. Se a entrada for livre aos eleitores e os governamentais, que dizem ham de vencer custe o que custar, não provocarem desordens, Eduardo d'Abreu terá a victoria.

O commercio vota à chapa por este illustre e intelligente medico republicano.

Foi ha dias assassinado, na rua do Franco, um pobre carneiro reformado de caçadores n.º 2.

Para os lados de S. Pedro da Barra anda muito a sua vontade, e armado, segundo dizem, com uma espingarda, um condemnado que ha pouco tempo assaltou naquelles sitios um pobre transeunte, roubando-o e assassinando-o depois; e, segundo informação que nos foi dada por um digno official do nosso exercito, ante-ontem, na occasião em que o sr. tenente Rebocho se dirigia para a fortaleza de S. Pedro, da qual é mui digno commandante, appareceu-lhe o bandido que de arma posta à cara o obrigou a dar-lhe a corrente e o relógio!!!

O mais engraçado de tudo isto é que o sr. administrador do concelho tem conhecimento destes factos, mas... nada de providenciar.

Costumes da quasi maioria dos seus collegas, d'ai.

Falla-se com insistência em que será dada uma amnistia aos militares azei de castigo, e a condemnados civis.

Tem estado um calor asphixiante. (Correspondente.)

LITTERATURA E ARTE

OS PINHEIROS

Murmuram os pinheiros cantos vários
Aos ventos que os abalam tumultuários,
Aos ventos que lhes sopram do alto Mar;
E dizem os Pinheiros, na alta serra
Que já não querem vegetar na terra...
Ah! que querem fugir, subir ao ar:

P'ra serem mastros dessas naus errantes,
Irmãos das brizas vãs e soluçantes;
Para verem cavar aos pés subtis
Sulcos nas grandes vagas procellosas,
E não verem o chão das pobres rozas
Rasgados por mesquinhos ferros vis!

Elles querem — quem sabe? — a tempestade,
Cujá ameaça repetem com saúde...
Querem da vaga o horror, da vaga o açoite...
Querem seu corpo em terra, em pó no chão
Lascado pela espada de Tufão,
Entregue à Morte ao dar da meia-noite...

Pinheiros, a minha alma é irmã da vossa!
Adora o vento que á amplidão destroça,
E odeia o solo deste fero Mundo!
O seu sonho adorado, em festa aberta,
E' vêr-se deste corpo bem liberta;
E' conhecer do nada o olhar profundo.

(Do Poema do Lar)

J. AGOSTINHO D'OLIVEIRA.

No império russo

Os condemnados políticos —
A tortura na Sibéria

Conhecem o livro de Stpeniak, a *Rússia Subterrânea*? É um livro que foi traduzido para o português e que, publicado também nas línguas italiana, francesa e espanhola, será, hoje e sempre, lido por quantos pretendam conhecer a Rússia Nihilista, a Rússia Revolucionaria de cujos mysterios pouco sabemos nós, os occidentaes.

No seu livro, publicado depois de 1881, Stpeniak descreve-nos a vida dos estudantes revolucionarios, conta-nos os sacrificios, os actos de coragem, os soffrimentos de creaturas generosas, humanitarias e intelligentes como Demetrio Lisogub, o santo, Sophia Perovskaia, Hessa Helfman, a Martyr, Valeriano Ossinski, e mais e mais, obscuros como os compositores da *Noraduaia Volta*, ou de todo o mundo conhecidos como Vera Zassoulitcha, heroes e martyres dum ideal redemptor.

Quantos sonhos de enthusiasmo nos embalam e quantas horas de tortura, ao mesmo tempo, lendo esse livro!

E, todavia, Stpeniak, referindo-nos por vezes, os soffrimentos dos presos politicos na fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, ou dos desterrados na Sibéria ainda não nos diz tudo.

Mas vae diz-lo e pela forma a mais flagrante o polaco Alexandre Sochaczewski. E como? Reproduzindo na tela as scenas a que assistiu durante vinte e dois annos que, desterrado, passou na Siberia a trabalhar nas minas!

Alexandre Sochaczewski — livre finalmente! — encontra-se em Bruxellas. E ai, como um grande artista que é, e sentindo bem a sua obra, prepara uma série de sombrios quadros que exporá com este titulo geral — *O Museu da Sibéria*. Galeria trágica de incomparaveis horrores, grito d'alma contra a deshumanidade e a injustiça que soffrem aquelles cujo grande crime é desejarem a liber-

dade para os seus irmãos — todos os homens.

O primeiro quadro que vai, como os outros, ser enviado ao Czar e á Czarina para que fiquem sabendo bem o que é a vida dos condemnados na Sibéria, representa a marcha dum leva de presos politicos, pelos infindáveis campos de neve. Seguem os tristes, os pés descalços, arrastando correntes de ferro, entre cossacos vigilantes, promptos a trespassar com a sua lança terrivel o primeiro que der mostras de querer fugir aos algozes. Outro quadro é simples: o retrato da joven Gudzinscka, uma polaca lindissima accusada de nihilismo. Esta verdadeira martyr morreu nas salinas de Baikal, victima de torturas inauditas, por se recusar a acceder aos desejos lascivos e brutaes dum official de cossacos de serviço nos presidios. O guarda que vigiava a desditosa creança tinha ordem de a não deixar em paz um só momento quando ella cumpria a triste tarefa de durante um dia inteiro, cortando as mãos na água gelada, lavar os saccos do sal. Ao menor pretexto era chicoteada com o terrivel *Knout* — sete cordas terminando em pontas d'aço que retallham as carnes até as deixar escorrendo sangue.

Assim morreu Gudzinscka, a nihilista.

Depois do retrato da Martyr vem um quadro reproduzindo a *Scena da fustigação*.

No centro o condemnado, fortemente ligado por meio de cordas, em volta um grupo de officiaes cossacos. O carrasco despede sobre as costas nuas do infeliz repetidos golpes de *Knout*. De tempos a tempos o executor suspende. Por piedade? Não!

Os officiaes querem que elle viva ainda para que o terrivel espectáculo se prolongue. E rindo, fumando, assistem áquella infâmia que para elles tem requintes de inegalavel prazer...

Novo quadro... O que mais horrores ainda?! Sim! Leiam, leiam até final! Vejam o que se passa ainda hoje na Sibéria, com os perseguidos politicos. Novo quadro. *A corrida*. Os pulsos ligados por uma longa e pesada

cadeia, o condemnado tem de correr entre duas fileiras de soldados que lhe descarregam cacetadas ou golpes de sabre.

Quando das carnes rasgadas o sangue jorra em borbotões, um médico espalha uma porção de sal por sobre as chagas do infeliz. E, se por acaso elle já não póde ter se de pé, estendem-no sobre um carro conduzido por outros dois condemnados e a corrida continúa até que, daquelle homem, reste um monte de carne ensanguentada.

Mais dois quadros: A morte numa cova dentro da mina. O condemnado é introduzido numa cavidade estreita, carregado de cadeias e allí morre victima dos insectos — vampiros que lhe sugam o sangue.

Agora o último desta galeria de horrores que a phantasia de Goya não imaginará. Um velho quasi esqueletico jaz num subterrâneo preso á parede por uma corrente de ferro. Este velho jazeu assim durante vinte annos!

Qual o seu crime? Haver morto um official que, na noite do casamento, lhe raptara á viva força a noiva deshonrando-a...

O pintor Sochaczewski, apenas de os últimos retoques nos seus quadros exporá o terrivel museu da Sibéria, em todas as principaes cidades, no intuito de iniciar uma grande agitação de protesto dos povos europeus contra as inconcebíveis atrocidades que os carrascos de uniforme praticam, impunemente, na Sibéria, deshonrando o género humano.

A pedido

Procura-nos um nosso amigo pedindo nos a declaração de que:

Em restricta e conveniente observancia de uma portaria ha tempo publicada pelo sr. reitor da Universidade, não são dadas por nenhum empregado da secretaria, a quaesquer correspondentes ou redactores de jornaes, informações algumas sobre assumptos referentes á mesma Universidade, por simples que pareçam. Assim, as noticias dadas pelo correspondente do *Seculo*, sobre a intenção de reformas a introduzir no annuario, e a estatística das matriculas desde 1800 a 1900, noticias que dão como resolução definitiva, o que não possa de simples projectos, absolutamente carecedores de formalidades sem os quaes nunca poderão realisar-se, representam apenas uma inconfidência, em absoluto contrario ao bom senso, de quem terá o dever da reserva e do escrupulo em assumptos de tamanha delicadeza, que muito bem podem ser prejudicados por anticipações como esta.

E porque essa reserva era, no caso sujeito, muito para considerar, tanto mais que nunca devem nem podem tornar-se publicas particularidades de serviço, não só porque uma portaria prohibe a informação, mas ainda porque não deve tornar-se publico o que não póde fazer-se sem as necessárias autorisações, a pessoa que nos procura nos pede façamos a declaração de que nunca podia partir de empregados da secretaria, que sabem cumprir as ordens emanadas das instancias superiores, nem a inconfidência em questão, nem as informações para outras noticias, absolutamente carecidas de fundamento, que o mesmo correspondente do *Seculo* tem publicado.

Mais nos diz, o nosso amigo, que por agora basta, a elle como ao pessoal da secretaria, para a alienação de responsabilidades que lhes não cabem, esta simples explicação, a qual não prejudicará, em todo o caso, outros esclarecimentos por forma mais clara, se necessários forem, para deter-

minar se bem que não tem sido a secretaria a fonte onde o citado correspondente tem bebido os informes referidos.

O pedido que nos fazemos abrangere a declaração de que sobre este assumpto foi dirigida uma carta á redacção do *Seculo*.

Novo professor

Pela reitoria da Universidade deve ter sido, ou vai ser feita, para o governo, a proposta para a nomeação de lente substituto da faculdade de theologia, do sr. dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, que ante-ontem concluiu o respectivo concurso, obtendo plena approvação.

Escola Brotero

O resultado da matricula, para o anno lectivo de 1900-1901, na nossa escola industrial foi:—desenho elementar, 161; desenho architectónico, 22; desenho ornamental, 50; arithmetica e geometria, 26; lingua franceza, 68; principios de physica e chimica, 17; physica e mecânica, 54 e chimica, 61. Total; 459 alumnos, ou sejam mais 29 do que no anno anterior.

Sarau em Lisboa

A tuna académica prepara-se para ir a Lisboa a realizar um sarau, de collaboração com a Associação dos Jornalistas daquela cidade.

A realisacão deste projecto depende agora, ao que nos informam, de ser conseguido theatro, andando empenhado em remover essa difficuldade o presidente da Associação sr. Brito Aranha, do *Diário de Noticias*.

Conseguido isso, o sarau será em 2 de fevereiro, partindo a tuna d'aqui no dia 1.

Doença e substituição

O sr. Adelino Augusto Vieira, secretario da câmara está soffrendo um impertinente ataque de ictericia, que o obrigou a pedir de 15 a 20 dias de licença para tratar-se. Foram-lhe concedidos em sessão de quinta-feira, passando a occupar interinamente a secretaria o guarda livros sr. Francisco dos Santos Almeida, visto que o official sr. Eduardo Macedo está secretariando a commissão do recenseamento eleitoral.

Termina em fevereiro proximo o trienio da gerência do sr. dr. Pereira Dias como reitor da Universidade. S. ex.^a não deseja ser reconduzido. Ao contrario, de ha muito que deseja abandonar aquelle logar em que se tem mantido por simples deferências.

Pelo governo civil foi approvado o 1.º orçamento supplementar, ao ordinario do corrente anno, do Asylo da Infancia Desvalida, na importância de 2267600 réis.

Do nosso prezado collega O Norte, o trecho sobre as atrocidades exercidas na Sibéria, dominio da autocrata Rússia, para com os presos politicos.

PUBLICAÇÕES

O Occidente — Revista illustrada de Portugal e estrangeiro.

Encetou o seu vigésimo quarto anno de publicação esta apreciada revista illustrada portuguesa, a única que no seu genero tem conseguido entre nós uma tã longa vida. O presente numero

é o primeiro do novo anno e abre brilhantemente o 24.º volume da bella illustração nacional, que mercedamente tem sido tã distinguida no pais e no estrangeiro.

O n.º 793 insere as seguintes gravuras: Convento da Batalha, vista geral dos terraços; retratos da actriz Delfina Victor, do conselheiro Pedro Ignácio Lopes, e de Julio de Andrade; varias estampas relativas á sociedade protectora dos animaes, sendo uma vista do hangar para trens de praça, o carro para conducção de animaes doentes e um marco fontenario; retrato de Augusto Ferreira.

Na parte litteraria figuram nomes illustres, firmando a Chronica Occidental D. João da Câmara; Delfina Victor, J. M.; a Sociedade Protectora dos Animaes e Julio d'Andrade, o dr. Rodrigo Velloso; o Real Theatro de S. Carlos de Lisboa, Francisco da Fonseca Benevides; Questões sociaes, D. Francisco de Noronha; Lições de photographia, António A. O. Machado; O rei das serras, Edmond About; Necrologia; Publicações.

Educacão Nacional. — Semanario dedicado á classe do magisterio primario e secundario, 5.º anno, n.º 225. O summario é o seguinte:

Será desta vez? — J. Agostinho d'Oliveira, por António Figueirinhas. — De Lisboa, por Tãlo. — E' inadiavel — urgente, por Júlia Lobo. — Chronica — A reforma de Instrucção secundaria — Supplemento — Calendario — Bibliographia Secção official.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma esplendida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um esplendido jardim, água nativa canalizada para a cozinha e casa propria para arrecadacão.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39 — Rua da Sophia — 41

COIMBRA

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em deposito variado sortimento de cabedoes dos principaes fabricantes nacionaes e estrangeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — **Como póde verificar-se pela tabella existente neste estabelecimento.**

RUA DA SOPHIA 39 — 41

COIMBRA

Fábrica de cimentos de Maceira (LEIRIA)

28 Cimentos naturaes de presa lenta.

Análises officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do pais especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

A venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,"

Que abriu na antiga taberna do POVO

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa diferentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro seram os fregueses mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até a 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a.....	70 réis o litro
» » » a.....	80 » »
» verde de Basto a.....	90 » »
» branco de Torres Novas a.....	90 » »
» » de Mangualde a.....	90 » »
Vinagre a.....	80 » »
Geropiga (1.ª qualidade) a.....	130 » »
» (2.ª qualidade) a.....	110 » »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a.....	240 » »
» » (2.ª qualidade) a.....	200 » »
» » (3.ª qualidade) a.....	180 » »
» » figo a.....	120 » »
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro).....	240 réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro).....	240 »
Ambas as qualidades (sem garrafa).....	180 »

Azeitona Cordovesa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietario já bastante conhecido pelos seus numerosos fregueses, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem**, onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do publico.

Visitae pois **A LUZITANA** do

Cesar Cabral.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatório e cozinha.

MARÇANO

Na rua da Sophia n.º 44 precisa-se de um rapaz de 13 a 18 annos e que tenha alguma prática de negocio.

Trata-se com António d'Almeida e Silva.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras proprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietario, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108.

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE INVERNO A GRANDE ALFAIATERIA LEÃO D'OURO

44—Rua de Ferreira Borges,—46
COIMBRA

Acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas naciaes e extranjeiras da nova estação d'inverno, constando de Cheviots, Casemiras, Flanelas, Pannos Moscows, Montagnacs e muitas outras fazendas de mais recente novidade para fatos completos, calças, jaquetões, dragues, coat-cover, sobretudos, ulsters ou casacões com romeira, double-capas, mak-ferlanes, capindós e capas talmas, o que tudo se confecciona pelos últimos figurinos e ao gosto do freguez.

Tambem se executam gabões ou Varinos á moda d'Aveiro e de Coimbra ou d'outro qualquer feitiço que o freguez exiga.

Fazendas pretas especiaes para fatos de frak, smoking, sobre-casaca e casaca, havendo tambem artistas especiaes para o perfeito acabamento destas confecções.

Magnificas fazendas para vestidos e casacos de senhora; os casacos podem tambem fazer-se no atelier desta casa.

ATENÇÃO

Devido a todas as fazendas serem compradas a prompto pagamento e ainda a outras condições excepçoes, vendem-se por preços limitadissimos a metro e em confecções por medida.

Tambem se vendem com grande abatimento para liquidar, diversas fazendas da estação passada.

Côrte elegante e bom acabamento de todas as confecções, pelo que se toma inteira responsabilidade.

GRAVATARIA

Variadissima collecção de gravatas do mais fino gosto.

E' aproveitar quem quizer vestir bem e barato

BELLA VIVENDA

Vende-se uma morada de casas na rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, pertencente ao dr. José da Motta Neves Elyseu, de Villa d'Ourem.

Compõe-se de rez do chão, 1.º andar e aguas-furtadas, com jardim, quintal, água nativa, e canalisação para agua e gaz.

Quem quizer vê-la dirija-se a José Augusto de Macedo, largo da Feira.

As constipações, bronchites, toses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos órgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os **Saccharolides d'alcatrão**, compostos, (**Rebucados Milagrosos**), cuja efficacia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.
PREÇOS BARATÍSSIMOS

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

No juízo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do primeiro officio, na acção de separação de pessoa e bens requerida por D. Anna de Jesus Oliveira contra seu marido Seraphim Augusto Nunes da Costa e Vasconcellos, ambos residentes nesta cidade, foi a separação autorizada pelo respectivo conselho de familia e homologada a deliberação deste por sentença de dez do corrente mês.

Coimbra, 14 de janeiro de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito.

R. Calisto.

O escrivão interino,

J. A. Lopes Ferreira.

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

Pelo juízo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do quinto officio—Carvalho—foi instaurada uma acção de interdicção, por demencia, em que é arguido Jacob da Encarnação, solteiro, maior, proprietario, residente no logar e freguezia do Ameal; e por sentença de nove de janeiro de mil nove centos e um foi julgado o mencionado arguido, interdito dos direitos civis e privado da administração de seus bens.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

R. Calisto.

PADRE

Precisa-se de um para capellania, e que tenha exame para professor de instrucção primaria, para accumular estes dois logares, e que devem dar uns 4000000 réis annuaes. E' para um logar próximo da Figueira da Foz.

O que estiver nas condições queira dirigir-se á redacção da *Gazeta da Figueira*, na Figueira da Foz, onde se prestam todos os esclarecimentos.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na Nova Casa Minerva em Coimbra.

MERCEARIA

Trespasa-se uma mercearia bem afreguesada e num bom sitio da cidade. Empata pouco capital. Nesta redacção se diz.

LIVRARIA ACADEMICA

471, RUA FERREIRA BORGES, 173—COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterías e bilhetes de visita. Livros oficialmente adoptados nos lyceus e escolas primárias. Encomendas rápidas de livros e jornaes portuguezes e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fabricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francésa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. Importados pela **Casa Havaneza**, de Lisboa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADEMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

FIO D'OURO

Perdeu-se um, torcido, com um crucifixo, uma Senhora da Conceição esmaltada, tudo d'ouro e um berloque de prata, feito de bilha; tudo enfiado no mesmo fio, no domingo 13 do corrente á tarde, desde a rua d'Alegria á Arregaça principios da Ladeira do Seminário e daqui pela Estrada da Beira ao Largo Principe D. Carlos.

Pede-se a quem o tiver achado a fineza de o entregar no estabelecimento de Adrião dos Santos Mortágua, sito no mesmo Largo Principe D. Carlos n.º 43, onde receberá boas alviçaras.

CASA MEMORIA

DE

ANTONIO JOSÉ ALVES

R. do Visconde da Luz

COIMBRA

A este deposito de mechinas e velocipedes, acaba de chegar uma nova remessa de **Pianos** vindos directamente do fabricante, que se vendem a preços sem competência.

Pede-se ao respeitavel publico, que deseje fazer compra deste artigo, para examinar os preços e qualidades para se certificarem de que nesta casa se vende mais barato do que em qualquer outra do Porto ou Lisboa.

Tambem se tomam encomendas de **Pianos** de qualquer autor que se deseje.

Dám-se todos os esclarecimentos.

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, arvores de fruto, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

ADVOGADO

Fortunato d'Almeida, rua do Visconde da Luz, 15, 1.º andar.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livrarias, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2.700 réis; semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno, 2.400 réis; semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

INGLATERRA

O acontecimento que nos últimos dias mais tem prendido a atenção do mundo é a tragédia d'Osborne, determinada pela tragédia ainda maior que se vai desenrolando nas montanhas da Africa do sul. A morte da rainha Victória, noticiada ontem e ha uns poucos de dias esperada de um para o outro momento, faz pensar no problema politico submettido agora á perspicácia de todos os diplomatas, á agudeza de todos os politicos, problema ainda mal delineado, mas cuja solução terá de ser breve e rápida.

Todos supõem, e é isso o mais natural, que a doença que acaba de prostrar de vez a velha rainha d'Inglaterra foi determinada pelas notícias alarmantes chegadas do campo d'operações inglesas na Africa, notícias aterrorisadoras e porventura desesperadas de victoria para as armas da orgulhosa Inglaterra, batida e açoitada por uns poucos milhares de boërs. E assim a decrepita rainha, que deste banho de sangue infamante para o cavalheirismo inglês sae pura e sem uma noção sanguinolenta a empanar-lhe a memória, é a victima mais illustre, que não a mais generosa, da iniqua guerra que ennodará sempre a história inglesa.

Toda a gente conhece a reputação invencível com que a octogenária rainha se viu forçada a ver decretar a guerra, que a rapacidade, ainda não bem conhecida, dum ministro infamado por escuras negociatas de syndicatos immoraes, occasionou com espanto de todo o mundo civilizado. E assim é que a alma sensivelmente vibratil daquela mulher de coração, angustiada durante longos meses infundáveis pela hecatombe de milhares de vidas generosas, immoladas á ambição odiosa dum ministro odioso, se foi contorcendo num infernal supplicio, ao ver como a iniquidade inglesa ceifava, cruenta, o povo mais heróico e generoso que o século passado viu, ao mesmo tempo que victimava, ás dezenas de milhares, a flor da juventude da sua própria nação!

Por isso chamámos á ago-

nia da velha rainha a tragédia de Osborne...

Que profunda remodelação da politica internacional resultará da nova successão á corôa inglesa?

A politica deste pais, erizada de difficuldades inherentes á vastidão colossal do seu império, que quasi abarca o mundo, tomará rumo differente do até hoje seguido, abandonando a sua situação de espectativa reservada perante todo o movimento diplomático, que concorre não pouco para esta desastrosa paz armada que está arruinando os estados?

Esse governo, que fez a guerra sul-africana, e que tomou sobre si a responsabilidade esmagadora do aniquilamento dum povo civilizado e livre, cederá o passo a um novo governo, humanitário e liberal, que ponha termo á deshonrosa guerra?

Irá cingir a corôa inglesa um homem de altivo e generoso coração, que, collocando-se acima de inconfessáveis interesses de quaesquer empresas commerciaes, olhe em primeiro lugar para a honra do seu pais, de maneira a imprimir uma orientação nova na actual politica absorvente da Inglaterra?

Interrogações sam estas que deixam margem para multiplices dúvidas de toda a ordem, pela opinião geral de que o próximo successor não tem a alta envergadura moral que reclamaria a sua posição de chefe duma tam poderosa nação, nas criticas circumstâncias que de momento atravessa.

Entretanto, o problema mais instante, que é o da solução sul-africana, é destes que não admittem delongas de nenhuma ordem.

As tropas inglesas encontram-se numa gravissima crise, assediadas de difficuldades de toda a ordem—fadiga, doença, quebrantamento moral,—enquanto os boërs, dum impulso novo irresistivel, as vam illaqueando, cheios de energia e enthusiasmo.

A opinião inglesa acha-se vivamente impressionada, agourando mal do resultado, que se apresenta desastroso, tanto mais quanto o governo se vê impotente para a remessa immediata dos reforços que urge mandar.

Esta situação extremamente grave, perigosa até para o or-

gulho britânico, apressou, sem dúvida, a morte da rainha Victória, que, morrendo, teve a felicidade, porventura, de não assistir a um affrontoso desastre, humilhante da soberba Inglaterra.

Que profundas modificações politicas resultaram da morte da velha rainha, tam respeitada do seu povo? A Inglaterra ha de sentir que a morte da rainha Victória é a primeira consequência do desastre nacional a que a arrastou a avidez dum ministro commerciante.

E por certo repellirá a politica de especuladores que a deshonra e infama.

Reforma judiciária

O ministro da justiça vai apresentar ao parlamento um projecto de reforma judicial,—creando mais dois juizes no Supremo Tribunal de Justiça; augmentando os ordenados dos Procuradores Regios e ajudantes, e delegados nas differentes comarcas, regulando a nomeação de delegados, como é feita actualmente a dos juizes, por accesso de terceira a primeira classe; regulamentando os concursos dos delegados, conservadores e officiaes de justiça; creando, nas sedes dalguns districtos, Relações de 2.ª classe, compostas de três juizes de 1.ª classe, ás quaes competirá o julgamento sem recurso dalguns processos civeis, o dos processos de imprensa, reclamações acerca do recrutamento militar, e todos os processos de competência das auditorias administrativas.

Espera-se que o parlamento autorise a reorganização sobre estas bases.

E' occasião de lembrarmos aos politicos de Coimbra que surge a oportunidade de ser creada em Coimbra a sede dum districto da Relação, que já de ha muito se vê como conveniente debaixo de muitos aspectos. Vejam elles se, ao menos agora, se quebra a macaca de Coimbra não obter nada do que lhe seja de summo interesse.

Não aconteça como com essa celebre escola normal do ensino primario, creada por lei em Coimbra, e que nunca veremos estabelecida nesta cidade, por culpa de politicos desastrosos, que nem para si sam bons...

163 primeiro — menos 100 depois

A primeira chamada para a sessão do dia 21, na câmara dos deputados, responderam 163.

Meia hora depois fez-se nova chamada e só responderam 63—9 progressistas e 54 regeneradores. Isto é, em meia hora tinham-se safado á surdina nada menos de 100, números redondos.

Não é caso virgem. Tem succedido e está succedendo isto em cada sessão—contudo os traba-

lhos seguem: como quem diz, segue a pagodeira dos novos, que se verifica serem os que ficam, a dar mostras dos seus talentos e mais predicados, para fazerem carreira... Os velhos põem-se ao fresco, que para ouvirem dislates lhes bastam os proprios, e não estão para aturar as massadas de meninos. O sr. Martins de Carvalho já fallou.

Ai têm os eleitores como se desempenham dos respectivos mandatos, os cavalheiros cujos nomes a galopinagem concelhia ao serviço dos maduros do regimen, apontam e impõem ao sufrágio livre:—os velhos respondem, por decência, á primeira chamada e... ala. Os novos ficam para fazer carreira...

Mas não é uma casa parlamentar, aquillo, é um hypodromo...

De que ao pais virá o alto beneficio de mais e mais o afundar no lago de misérias e vergonhas em que já se debate.

Divinas phrases

O deputado sr. Oliveira Mattos, gritando na câmara electiva contra abusos de auctoridade em certo concelho, pediu ao presidente de ministros immediatas providências para que não continuem presos uns individuos que não têm nenhum direito a estalo.

Faz lembrar um seu collega que, defendendo calorosamente, na mesma câmara um ministro, gritava a toda a força que s. ex.ª tinha obrado bem, muito bem, e ia prová-lo.

O que não estala por sobre tudo aquillo é uma trovoadas que obrasse o beneficio de estarrecer os nobres representantes da... bandalheira eleitoral, até deixá-los mudos e quedos. Para não fazerem a carreira de que o cansaço só fica, e bem grave, ás finanças publicas. Ainda que isso pesasse ao gordo Alpoim e demais talentosos estadistas na disponibilidade ou em activo serviço, tal trovoadas seria a única a que podia chamar-se providencial, pelo beneficio que traria.

Isempção do imposto de rendimento

Pelo ministério da fazenda foi publicada uma portaria determinando que os professores extranjeiros das nossas escolas industriaes sejam dispensados do pagamento do imposto de rendimento sobre os seus ordenados, e mandando que sejam restituídas as quantias que alguns delles porventura já tenham pago sob aquelle titulo.

Não sabemos comprehender muito bem o motivo de tal isempção para esses professores. Sómente porque sam extranjeiros? Mas acaso, desde que estabeleceram residência em Portugal, accetando um contracto que lhes conveio, não sam uns funcionarios publicos como quaesquer outros das suas cathogorias, devendo por isso usufruir as mesmas regalias e satisfazer aos mesmos encargos que os professores portuguezes?

Tudo faz acreditar que sim, e por isso á extranhêsia que deixamos manifestada.

CONTRASTE

O facto dos congressistas de Tuy terem affirmado, na sua sessão terminal, com uma espontaneidade bem sincera, a correção das auctoridades locais durante o congresso, não pondo ferropelas á discussão e perdoando até excessos que, sem forçar as leis poderiam airoosamente reprimir, dá motivo a estabelecer um contraste com o que por cá se passa, e que é tudo quanto de mais revoltante se imagina.

Andamos todos os dias a depreciar a Espanha, imputando-lhe os maiores crimes politicos, verdadeiras atrocidades que riscam de sangue páginas e páginas da sua história; e, todavia, essa terra inçada de frades e torvos despotas, tem ainda assim occasião de offerecer exemplos de tolerância e respeito pela lei a este pais onde a Liberdade medra, com o culto da Carta e a hymnologia farfalhada de vários tunantes...

Nesse congresso apreciaram-se, em phrase desnudada, as actuaes condições sociaes, concluindo-se pela necessidade, patente em todos os espiritos e acalentada em todos os corações, de crear uma nova Humanidade, fazendo estilhas os regimens de oppressão que a dividem e salteiam de crises multiplas. Isto disse-se, discutiu-se largamente. Por vezes estalou a apóstrophe rubra, indignada, que afflora aos lábios numa onda de amargura. A auctoridade não interveio a impor fórmulas, a fazer de mestre-sala nas discussões, como por cá se usa; manteve-se correctamente, comprehendendo lucidamente o que a si propria devia.

Agora attendam ao que por cá se passa. Recordem o Congresso do Livre Pensamento arbitrariamente inutilizado pelas brutalidades policiaes. E ai controvertiam-se assumptos de mais ou menos transcendência, que não importavam nem desrespeito á lei, nem perigos imminentes para as instituições e ordem publica. Recordem as perseguções acciósas movidas á Pátria, á Lanterna, ao Pais: já não é o silêncio intimidado sob ameaças grotescas: é o roubo descarado, o ataque impudente á bolsa.

As simples reuniões ordinárias das associações de classe fazem-se—quando conseguem fazer-se!—sob um regimen inquisitorial. As escolas humanitariamente estabelecidas para derramar a instrucção entre os filhos do povo, sam arbitrariamente fechadas como succedeu, ha dias no Porto. Enfim: supprimida a liberdade de imprensa, estrangulada a liberdade de associação, um regimen escuro, perfeita idade-média, como supremo árbitro dos nossos destinos.

A Espanha, fradesca e intolerante, retrógrada e bárbara, ainda tem exemplos de tolerância que oppor ás nossas declamações de supposta nação livre.

Pelo ministério das obras publicas foram reduzidas as taxas postaes dos jornaes e impressos avulsos com destino aos portos do Brasil.

Angola e o congresso colonial

Já ha dias nos referimos a este congresso, lançando o grito de alarme contra as intenções dos seus promotores, que varios boatos fizeram correr com insistencia.

Sobre este assumpto acabamos de receber a circular que abaixo transcrevemos e onde se manifestam duvidas sobre o resultado pratico daquelle congresso.

Realmente assim é; os homens do governo têm um desconhecimento completo do que sejam as colónias, e ás reclamações destas nunca foi ligada importancia alguma por aquelles que ainda ha bem pouco tempo tomaram medidas tão perigosas para Angola, como a respeito do alcool.

Dos problemas colonias ninguem faz caso; no que se pensa é em nomear Marianno de Carvalho commissario do governo junto do Banco Ultramarino, e conceder ao sr. Emýgdio Navarro o território de Bijagós.

Por tudo isto muito temos a louvar a Associação Commercial de Loanda, respondendo ao secretario geral do governo de Angola, que a convidava a fazer-se representar no congresso colonial, nos termos que se seguem:

III.^{mo} e ex.^{mo} sr.

Respondendo ao officio de v. ex.^a n.º 1629 de 20 de novembro pretérito e pedindo desculpa de só agora o poder fazer, agradeço em nome da Associação Commercial de Loanda o honroso convite que o ex.^{mo} sr. Concelheiro Governador Geral, se dignou fazer a esta corporação para se fazer representar no congresso colonial nacional, que a Sociedade de Geographia de Lisboa resolveu celebrar no principio do futuro anno de 1901.

Não pôde porém esta Associação tomar parte em tam brilhante solemnidade pela convicção que tem do nenhum resultado pratico, que de tal congresso advirá em beneficio desta colonia.

E essa convicção basea-se nos factos até agora occorridos, que claramente demonstram, que tanto para o elemento official, como para os industriaes, agricultores e commerciantes da metropole, as colónias só servem para dellas tirarem toda a maior somma de receita e lucros possiveis em manifesto prejuizo destas e por consequência dos que aqui passam annos no intuito de angariar alguns meios de vida e que na maior parte só conseguem arruinar a saúde e muitas das vezes encontrar a morte em reconpensa do seu constante labutar.

Como já tivemos occasião de fazer ver a sua ex.^a o sr. Concelheiro Governador Geral, o commercio e agricultura desta provincia encontram-se nas mais tristes e desoladoras circumstancias, devido aos immensos encargos que sobre si peçam—pautas da alfandega—tarifas do caminho de ferro e navegação—imposto do alcool—imposto da exportação—contribuições diversas—exportação de braços para S. Thomé—despopulação—baixa de géneros—desapparecimento destes—desvio da borracha para os territórios dos Belgas, etc., etc., e como o remédio para taes males, a querer o governo applica-lo, vai de encontro aos interesses officiaes e particulares da metropole e S. Thomé, claro é, porque desgraçadamente provado está, que desnecessário se torna continuarmos na repetição de expormos o estado da colonia e pedirmos a applicação das medidas que podiam ainda levantar a provincia da aguda crise em que caíu, porque essas exposições e petições levarão o mesmo caminho das anteriores. Melhor será,

que os próprios acontecimentos resolvam o que o igoísmo de muitos não tem deixado remediar; sendo esta a resolução firme que deliberamos tomar e seguir.

E' pois o que nos cumpre responder sobre o assumpto e a v. ex.^a pedimos para que junto do ex.^{mo} sr. Concelheiro Governador Geral, nos desculpe a rude fraqueza da resposta, que é devida a este estado de coizas e que unicamente tem o mérito de ser verdadeira.

Deus Guarde a v. ex.^a

Associação Commercial de Loanda, 18 de dezembro de 1900.

III.^{mo} e ex.^{mo} sr. Secretário Geral interino.

O presidente interino,

(a) Armando da Cruz Coutinho.

A correr... a correr...

O sr. dr. Abel d'Andrade já prestou juramento para o desempenho do lugar de chefe da 1.^a repartição da direcção de instrucção pública, para que foi definitivamente nomeado, e do cargo de director interino da mesma direcção geral.

S. ex.^a é, sem dúvida, dos deputados que, no dizer de Alpoim, *precisam fallar no parlamento para fazer carreira...* E a verdade é que fallou, fez barulho, *bateu-se á pistola* com balas de algodão, e desatou a *correr*, a *correr* para o pináculo do bem-estar.

Que a *felicidade e a facilidade* prestem e aproveitem ao sr. dr. Abel.

"O Norte"

Aquelle nosso presado e distincto collega portuense, que tam nobre e dedicadamente vem fazendo, ha um anno a defeza do credo democratico e das regalias populares, em lucta aberta e leal aos vicios do constitucionalismo e aos desregramentos dos homens que o servem, enviamos enthusiasticas felicitações pela sua entrada no 2.^o anno de publicação.

Fundado num periodo de agitação partidaria, quando o Porto se preparava para eleger os três republicanos que, durante a ultima epocha parlamentar tanto honraram o seu partido na câmara electiva, a sua defeza dessas candidaturas foi nobremente feita, com a firmeza e altivez que o apanágio das consciências dignas e honestas. Segue-se um anno de publicação, e a sua obra em prol da democracia e da moralidade é ainda grandiosa e sublime, conquistando lhe um lugar proeminente entre o jornalismo do norte.

Saudamo-lo, pois, com tanto enthusiasmo, quão sentidamente deploramos o desgosto soffrido pela empreza e redacção, com o desastre do accidente—numa explosão de gaz—que occorreu quando o pessoal typographico adornava os escriptórios para festejar o anniversario.

O caso O'Neill

Foi marcado para amanhã o julgamento, em Lisboa, do dr. Eduardo Egas Pinto Coelho, auctor do assassinio, que tanto deu que fallar, de Alberto O'Neill, que encontrou a sair com sua esposa dum casa de reputação duvidosa, á escada da Mãe d'Agua.

E' julgado em conselho de guerra, vista a sua qualidade de medico militar, e ha a crença de que será absolvido. A familia do morto desinteressou-se completamente do julgamento.

Aqui está uma causa a cuja discussão interessaria assistir...

Assembleias académicas

No domingo passado referimos ao pouco interesse que a academia está ligando ás suas assembleias geraes, ainda mesmo quando nellas se tratam questões importantes para a collectividade.

Esse desinteresse continúa a manifestar-se, deixando ver mais que uma devisa, como dissemos no numero anterior; atesta um esphacelamento completo dessa entidade que noutros tempos se chamou academia e que hoje já não existe. Actualmente andam aí mais de mil estudantes que tratam de si e só de si, velhos de vinte annos a quem não entusiasma uma ideia por maior que ella seja.

Sacrificio, abnegação, já ninguem pensa nisso. Sam coizas velhas que não cabem nos espiritos *práticos* d'agora.

Com dôr o confessamos.

Ha dias houve uma assembleia e geral para nomear presidente da commissão que ha de receber os estudantes de Valladolid, que aí vêm nas proximas férias de carnaval. Foram propostos dez ou doze para aquelle cargo; nenhum quis acceitar.

Por ultimo rezolveu-se que cada curso nomeasse um representante e que estes elejam depois um presidente.

Incêndio

A' 1 hora da madrugada de segunda feira appareceu incendiando um telheiro, cobertura dum nora e que tinha annexa uma barraca, arrecadação de instrumentos de lavoura, sementes, vasilhas de vinho, etc., existente numa quinta sita ao lado direito da estrada da Beira, além da Arregaça e de que ha annos é arrendatário o industrial serralleiro sr. José Possidónio dos Reis.

Pela distancia a que fica aquelle lugar e porque á volta do telheiro e barraca, feitos de madeira, havia uma quantidade de palha, o fogo tinha destruido tudo á chegada dos soccorros, havendo que fazer apenas o rescaldo, sendo os prejuizos totaes.

Diz o sr. Possidónio que não pode attribuir o sinistro senão a malvez dalgum seu amigo.

A's 9 horas e um quarto de ontem, ouvia-se na rua da Trindade o trinado de toques de apito feitos pela policia. Manifestára-se incêndio na habitação do sr. Joaquim Simões Barrico. Accorreu o material das corporações, mas quando parou em frente da casa, o começo de incêndio estava extinto por alguns bombeiros municipaes.

Uma creada fora a um quarto procurar qualquer coisa debaixo dum cama em que estavam deitadas 3 creanças. Deixou pegar lume ao enxergão e retirou-se sem reparar. D'aí a pouco as creanças gritavam afflictos, accudindo a esposa do sr. Barrico que deparando com a cama a arder, pôde agarrar os pequenos que, felizmente apenas soffreram o susto e o grande encômodo occasionado pela fumarada que se desenvolveu.

A Lisboa por terra

Saiu ante-ontem, no seu automovel com destino a capital, o sr. dr. Ayres de Campos.

S. ex.^a partiu daqui ás 8 e meia horas da manhã, e parando, para descanso e almoço, durante 2 horas em Leiria, chegou a capital ás 6 horas da tarde. Percorreu, pois, as 45 leguas que distam daqui aquella cidade, em 7 horas e meia.

CARTA DE LOANDA

26 — 12 — 900.

Permitta a illustre redacção da *Resistência* que o mais obscuro português, residente nesta capital d'Angola, tome a seu cargo o informar *paquetalmente* os seus leitores das occorências mais importantes que por aqui se fôrem dando.

Tendo em vista ser o mais imparcial possivel na narração deste ou aquelle facto, usarei, como sempre foi meu costume, da divisa — *pão, pão, queijo*—despido de vaidades, e não ambicionando logar ao lado dos correspondentes *litteratos*. E' assim que me apresento aos leitores da *Resistência*.

—Em correspondência d'esta cidade para a *Voz Pública*, do Porto, o sr. Pereira Batalha mostra claramente as illegalidades commetidas na realisação dos *contractos* da gente de côr, e é de opinião, assim como todos os espiritos sensatos, que se acabe com essa vergonha.

Continue o sr. Pereira Batalha e conte com o meu insignificante auxilio, que principia nesta simples *história*:

Um tal João Fernandes, empregado da casa do sr. Catalão, no Catumbo, veio ha dias a esta cidade e trouxe em sua companhia um preto de nome *Sabe-Deus*, com o intuito de o vender, perdão, *entratar*, a um negociante de nome Manuel Correia, para este o enviar para S. Thomé.

O preto, pae de cinco filhos, sabendo o destino que lhe queriam dar negou-se ao *contracto*, mas o Fernandes e o Correia pouco se importaram com isso. Foram ter com outro preto, a quem prometteram 60000 réis e que foi á curadoria geral, declarar chamar-se *Sabe-Deus*. Realisou-se assim o *contracto*, e o verdadeiro *Sabe-Deus* estaria a estas horas em S. Thomé, longe dos filhinhos, se a policia não descobrisse a meada.

Milhares de casos idénticos se têm dado.

Os commentários o público que os faça, depois de ficar sabendo mais que o Fernandes esteve oito dias preso, e que o Correia soffreu apenas o desgosto de lhe tirarem a *licença*, de contractor!!!

Grande castigo, para quem vende um homem, não ha dúvida...

Ah! bom Silva Pinto, com menos vinte annos, a contar estas *ninharias*, que não incommodam o conde de Burnay e quejandos...

—Os ultimos jornaes aqui chegados eram esperados com anciedade, pois todos ardentemente desejavam saber qual o resultado das eleições, mas muito em especial da do Porto, onde, pelo que se deprehe de da leitura dellas, não deixou de haver uma grande victoria moral para o partido republicano daquelle cidade.

Os metropolitanos residentes nesta cidade apresentam como deputado opposcionista o illustre republicano dr. Eduardo d'Abreu, que tem, dizemo-lo sem receio—a não ser que a fraude seja feita descaradamente—certa a victoria no Dondo e aqui. Das outras assembleias nada posso dizer. A pretalhada vai para onde a mandam.

Tal e qual os varredores municipaes do Porto...

Do resultado da eleição darei informações no immediato paquete, em virtude della ter logar no proximo dia 30 e o *Caçengo* sair hoje barra fóra.

—O distincto cavalleiro e nosso amigo Fernando d'Oliveira está entre nós, tencionando tourear na corrida que deve ter logar no dia 13 do proximo mês, sendo o

gado fornecido por varios lavradores.

—O conselheiro Neves Ferreira tomou já posse do logar de gerente da Companhia do Caçengo.

—Na repartição do correio de Ambriz procedeu-se a uma syndicância, e fôram encontrados nada mais nem menos, do que cento e tantos cartas debaixo do colchão do aspirante daquelle repartição, cartas que em tempos tinham sido registadas por diversas pessoas!!

O dinheiro que a maior parte dellas continha... evaporou se.

Se não me levam a mal, não deixarei de lembrar que tambem não seria de todo mau uma syndicanciazinna a repartição dos correios daqui...

—Consta que vai ser exonerado do cargo de administrador do concelho o major sr. António Xavier Crato.

—O café, bem como a borracha, tem baixado consideravelmente.

(Correspondente.)

História da Revolta do Porto

Vai começar a ser publicada no proximo dia 31 de janeiro, a história da revolta do Porto, escripta por João Chagas e pelo extenente Coelho, cuja participação nesse movimento revolucionario é de todos bem conhecida.

Por este motivo, a publicação dessa obra está destinada a constituir um grande êxito. Constará ella de um grosso volume in-8.^o francês, de 500 páginas, impresso em magnifico papel, especialmente fabricado, e illustrada com cerca de cento e cincoenta photographuras, do mais flagrante interesse documental, como sejam retratos de todas as personalidades que directa, ou indirectamente se encontraram envolvidas no movimento; logares, edificios, vistas, objectos, bem como grande numero de curiosissimos *fac-similes*, documentos officiaes, cartas, etc. Além disso, trinta photographuras em papel especial de luxo, com os mais recentes retratos dos vultos republicanos que ligaram o seu nome á história do movimento.

A publicação far-se-ha aos fasciculos de 16, ou de 32 páginas, ao preço de 60 e 120 réis, respectivamente, e por tomos de cinco fasciculos ao preço de 300 réis.

A edição, que representa um verdadeiro empreendimento, é feita pela nova Empresa Democratica de Portugal, fundada e dirigida pelos auctores da obra. Os escriptórios estão instalados na rua dos Douradores, 29, onde desde já se recebem assignaturas.

Sarau

Sabbado ha no theatro-circo um sarau de sport promovido pela Associação Académica de Coimbra com a obsequiosa collaboração dos distinctos socios do Real Gymnásio Club Português, os ex.^{mos} srs. João Galiardi (professor d'equitação), Arthur dos Santos, (professor de jogo de pau); Borges da Costa, Ruy Alves da Cunha, Alfredo Correia de Barros, João de Brito e Cesar de Mello, e dos ex.^{mos} srs. dr. José Caetano de Tavares Lobo, Pompeu de Seabra e dois discipulos do eminente mestre d'armas, António Martins.

Espectaculo atrahente, á vista do programma que recebemos e que merece ser concorrido pelo fim a que se destina.

Agradecemos reconhecidos o convite que recebemos.

Os bilhetes encontram-se já á venda na Associação Académica, e nos logares do costume.

Fabricantes e passadores
de moeda falsa

Findaram agora as diligências acerca do fabrico e passagem de moeda falsa, de níquel, em que andava empenhada a secção judiciária creada ha pouco no corpo de policia. E dizemos findaram por agora, porque os dois individuos presos — Diométrio Pinheiro Cores espanhol e tendeiro ambulante, e João Bernardes, taberneiro, ambos residentes na Louzã, não sam os únicos envolvidos no negocio, como pretenderam fazer acreditar.

Como já noticiámos, o caso foi superiormente indicado ao sr. governador civil, que por sua vez o incumbiu ao sr. commissário de policia, entrando em pesquisas o cabo Lino, n.º 7, e o guarda Tavares, n.º 63, que pouco depois seguiam aquelles dois individuos por suspeitos.

Quando, na Louzã, lhe fizeram os primeiros interrogatórios e as primeiras buscas ás casas, porfiando elles a sua completa innocência em semelhante questão, não só o sr. administrador, mas ainda outros cavalheiros da localidade se inclinavam muito a acreditá-lo, visto que a conducta dum doutor esteve sempre ao abrigo de quaesquer suspeitas, e antes gosavam dos melhores créditos.

Seria muito para considerar aquelle conceito amplamente abonatório da dignidade dos homens, mas os dois agentes não se demoveram a deixá-los em paz. Decidiram-se, mesmo, decorridos dias a detê-los e a fazerem lhes buscas ás casas. Como da primeira, nada encontraram que revelasse claramente a culpabilidade dos detidos, e apenas na habitação de Diométrio acharam uma carta, com a data de 2 de outubro e a assignatura dum tal *Seraphim*, na qual pedia que lhe enviasse, para esta cidade, *todos os guardanapos de 100 réis que estivessem fabricados, e mais toda a obra prompta*. Isto infallivelmente até o dia 7 ou 8, pois tinha de sair.

Diométrio é vendedor ambulante daquelle género de fazendas; — nada mais natural, pois, que um collega, que aquelle *Seraphim* seria, lhe pedisse uma remessa de *guardanapos de 100 réis e mais fazenda*, e então a carta não tinha importância alguma para o caso da moeda falsa. Assim o entenderam e commentaram as pessoas que assistiram á busca, e que acharam de nenhum valor a apreensão do *innocente papel*. O cabo Lino, porém, não deu ouvidos á opinião, e breve fez mudar o curso aos commentários: — é que de 100 réis era a maior parte da moeda falsa em giro — os taes *guardanapos* — e a mais obra podia ser a moeda de 50 réis ou notas. E não se enganou na suspeita.

Seguiu depois para a administração do concelho a interrogar o Diométrio, que ignorava se tivesse feito a segunda busca e não suspeitava da apreensão da carta.

Como é de presumir, escudado pela boa reputação de que gozava e pela descrença manifestada até pela própria auctoridade local acerca da sua culpabilidade, o homem manteve-se em arrogante negativa; mas, o cabo Lino, de pergunta em pergunta, obteve-lhe estas declarações firmes, e que precisou bem: — *forneceu-se sempre, apenas em duas casas de Coimbra, das fazendas com que negociava, e nem na Louzã, nem em qualquer localidade fabril de toda aquella região, se fabrica esse género de fazendas*.

Appareceu então a carta: — não se fabricando por allí taes fazendas, como dizia e se provava, a que proposito lhe pediam a re-

messa de todos os guardanapos de 100 réis fabricados e toda a mais obra prompta?

Começou aqui em hesitações, mas negava sempre, enquanto as pessoas que o abonavam e ao sócio Bernardes, modificavam por completo as suas opiniões.

Vieram, os dois, presos para o commissariado, e cá, ao fim de novas evasivas decidiram-se a confessar: — eram elles os fabricantes e na passagem empregava-se especialmente Diométrio. Nas buscas nada encontraram de claramente revellador, porque a moeda, de estanho, era fundida em formas de gesso que elles destruíam immediatamente a cada fundição, fazendo formas novas sempre que fundiam.

Faltava agora saber se tinham cúmplices, o que negaram, declarando, ao contrário, que eram elles e só elles os culpados. A policia, porém, não os acreditou, e em novos interrogatórios, baseados no resultado doutras diligências feitas, forçou-os a mais declarações:

O Diométrio vendera, pelo preço de 150000 réis e por conta dos dois, uma quantidade de moedas de tostão aos espanhols, e tambem tendeiros ambulantes, Manuel Moleiro e Camillo Pincão, que estacionavam habitualmente em Cantanhede; e comprara a outro espanhol e tendeiro, Seraphim Antão que igualmente estacionava naquella localidade e era o auctor da carta a pedir os guardanapos, 10 notas de 500 réis, e mais 2 de 20000, que pagou por 50000 réis e que mandou passar pela sua amazia sem lhe dizer que eram falsas. Da restante moeda fundida passou elle a maior parte nas suas saídas. Ainda não dizia toda a verdade.

Saindo para Cantanhede, o cabo 7 e guarda 63 apuraram: — que os três espanhols viveram allí, num quarto arrendado, durante meses. Em meados de dezembro começaram a espalhar que breve partiam para as suas terras, e daí a pouco desapareceram sem que mais se soubesse d'elles. E' averiguado, porém, que o Manuel Moleiro e Camillo Pincão, levavam uns 350000 réis cada um, e o Seraphim Antão, mais de 500000 réis, quantias que obtiveram, sem dúvida, com a passagem de moeda e notas falsas.

Todas as diligências feitas para encontrá-los têm sido sem resultado, e agora se sabe que isso se deve a diversas noticias publicadas logo no começo das investigações, com particularidades de informação inconveniente, fornecidas por agentes policiaes ao tempo em que convinha guardar a maior reserva, pois foi exactamente em dezembro, quando os três espanhols começaram a espalhar a sua saída para Espanha, que appareceram as primeiras noticias, dando-lhes o aviso para se pôrem a salvo, passando talvez a fronteira.

Outros serviços podem ser prejudicados no futuro, se o sr. commissário de policia não cohibir a facilidade de informação, que em casos como este é sempre inconveniente dar antes de findas as diligências.

Fallecimento

Falleceu em Amarante o sr. José d'Almeida Paraizo, sócio da firma António Lopes d'Azevedo & C.ª O Finado era muito bemquisto em Amarante para onde tinha ido de creança.

O seu funeral foi bastante concorrido.

A' inconsolavel viuva e ao sr. António Azevedo os nossos pesames.

BRINDE

O sr. Caetano da Cruz Rocha, proprietário do bello e abundantemente fornecido estabelecimento, na rua Ferreira Borges 141 e 143, de todo o material necessário para a canalisação de agua e gaz, filtros de diversos sistemas, materias de construcção que tambem fornece para fóra, aparelhos de electricidade, artigos para máchinas e caldeiras a vapor, agente do *Bico Universal*, etc., acaba de distribuir, como brinde á sua numerosa clientella, um magnifico calendário para 1901, no qual se vê, ao centro, uma nitida photographia do seu estabelecimento, circundada do anúncio detalhado, e artisticamente impresso a três côres, dos artigos que tem em depósito e o que o público lucra em visitar sempre que precise de qualquer destas especialidades.

O trabalho d'impressão foi executado na já tam justamente acreditada typographia do sr. França Amado.

Ao sr. Caetano Rocha agradecemos a amabilidade da offerta do seu brinde.

Consta-nos que a Administração do Banco de Portugal, no intuito de que o publico não seja illudido e não continue a ser prejudicado com a passagem de notas falsas, por isso que o Banco as não troca, acaba de expedir uma circular a todas as suas dependências, para que estas facilitem, até 15 de fevereiro próximo, a troca de notas verdadeiras de 500 réis, typo primitivo, e de 20000 réis, chapa azul — anterior á chapa que ultimamente foi posta em circulação, — não obstante ter acabado o praso para a troca destes dois typos de notas, em 31 de dezembro último.

Moda Illustrada

Assumio a direcção deste jornal a Ex.ª Sr.ª D. Virginia da Fonseca, esposa do nosso collega Faustino da Fonseca.

CIRCULAR

E.ª sr.

Tenho a honra de comunicar a v. ex.ª que, de sociedade com o sr. Francisco Correia, negociante nesta praça, tomamos a nosso cargo sob a firma de

Cunha & C.ª

o antigo e bem conceituado estabelecimento do sr. José da Costa Condeixa, na rua do Visconde da Luz, n.º 79 a 85.

Pela minha longa pratica desta industria, exercida por bastante tempo como contra-mestre da sapataria a *Elegancia de Coimbra*, do sr. Manuel Teixeira, posso, sem receio a par da modicidade de preços, executar qualquer obra que v. ex.ª se dignar encomendar-me, pelo que muito grato lhe ficará o

Coimbra, 20 de janeiro de 1901.

De v. ex.ª
cr.º mt.º att.º vn.º
José Maria da Cunha.

Aos srs. Rodrigues Ferreira & C.ª, do Porto, respeitaveis proprietários da estância de madeiras e vigamentos de ferro, com serração a vapor, casa fundada em 1880, sita na rua do Bomfim n.º 12, e na qual ha sempre o mais completo depósito de tudo o que ha de melhor em madeiras, tanto para mobiliário como para construcções, e que fornecem em condições vantajosas mes-

mo para a provincia, agradecemos a amabilidade da remessa que nos fizeram do seu dedicado calendário, para o anno que decorre, e estam distribuindo como brinde.

PUBLICAÇÕES

A poderosa e patriótica empresa litteraria de *O Século*, tomou a iniciativa de uma terceira edição do *Guerreiro e Monge*, o celebre romance historico de António de Campos Junior. O que este primoroso trabalho é e vale aprecia-se pelo successo extraordinario que tem tido, tam grande successo de livreria que em Portugal não conhecemos outra maior.

Nesta nova edição vem o *Guerreiro e Monge* em mais opulentas roupagens, com magnificas illustrações, tudo a mais realçar o mérito tantas vezes reconhecido da obra magistral. E dizemos magistral por que o seu auctor nelle se revelou dum assentada erudito como poucos, romancista de coração e de talento, verdadeiro mestre que é.

Cumprimentá-mo-lo por mais esta edição, bem como ao *Século*; — que a melhor acção de escriptores e empresas litterarias portuguezas está em ensinar o povo a conhecer e a amar as epochas grandiosas da nossa historia tam brilhante. Missão de alto patriotismo, estreme e sem mácula, que tanto embobrece e honra *O Século* como o incançavel e erudito escriptor que fez o seu nome illustre com o *Guerreiro e Monge* e o *Marquês de Pombal*, — livros para ler e estudar, que nelles se sente palpitar, magestosa e grande, a alma da nação.

Educação Nacional. — Semanário dedicado á classe do magistério primário e secundário, 5.ª anno, n.º 226.
O summário é o seguinte:

Um symbolo; O que se não deve dizer, por Cândido de Figueiredo; De Lisboa, por Túlio; Crónica, por J. Agostinho d'Oliveira; Padre António; Uma reforma da instrucção primaria; A que condições deve obedecer, por José Alves Souza; Associação de Socorros Mutuos do Professorado Primário Portuguez; A Arithmetica das Escolas Primarias; A viso importante; Sensacional; Bibliographia; Expediente; Secção official.

Supplemento illustrado do Século. — Recebemos o n.º 168 desta publicação de caricaturas dirigida por Accácio de Paiva e Jorge Collaço que vem brilhante e cheia de verve.

Gazeta das Aldeias. — Semanário illustrado de propaganda agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis; proprietário e director, Júlio Gama; redacção, rua do Costa Cabral, n.º 1216 — Porto.
Recebemos o n.º 264.

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — revista e ampliada pelo auctor.

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, igualmente illustrado,
por mês — 300 réis
Empresa litteraria do jornal *O Século*.

43, R. Formosa, 43
LISBOAEscola Nacional de Agricultura
Depósito Hippico

Pela direcção da Escola Nacional de Agricultura se annuncia que no dia 6 do próximo mês de fevereiro, pelas 12 horas do dia, se procederá á venda em hasta

pública dos cavallos que seguem:
1.º — Euripe — anglo-normando.
2.º — York — anglo-normando.
3.º — Skater — puro sangue inglês.
As bases de licitação sam: de 810000 réis para o 1.º, 300000 réis para o 2.º, e 130000 réis para o 3.º.

Os referidos cavallos podem ser vistos nos seus alojamentos todos os dias uteis desde as 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Escôla Nacional de Agricultura, 22 de janeiro de 1901.

O director,
António Augusto Baptista.

Éditos de 60 dias

(1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 3.º officio, Nunes, correm éditos de 60 dias, contados desde a última publicação deste anúncio, a citar os recrutas auzentes e desconhecidos, abaixo relacionados e que se acham recenseados no anno de 1900 para o serviço militar, de que vam ser julgados refractários, por terem faltado á junta districtal de inspecção no quartel em Coimbra, pelo que foram autoados em 18 de setembro último, se dentro do praso de oito dias, posterior aos dos éditos, não provarem alguma das causas justificativas da sua falta, em conformidade com o disposto no § 1.º do art.º 144 do Regulamento de 6 d'agosto de 1896.

Recenseados pela freguesia de S. Bartholomeu de Coimbra:

José, filho de Amaro António e Maria Antónia, natural de Coimbra; José, filho de António de Sousa Carvalho e Maria Emília, natural de Coimbra; José, filho de Francisco Ferrão e Maria da Conceição, natural de Coimbra; José, filho de José Francisco da Cunha e Maria Elisa da Conceição, natural de Coimbra.

Recenseado pela freguesia de Santo António dos Olivais:

José, filho de João Christostomo Chaves e D. Maria José Magalhães Ferraz, natural de Luzeiro.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

R. Calisto.

Éditos de 60 dias

(1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 3.º officio, Nunes, correm éditos de 60 dias, contados desde a última publicação deste anúncio, a citar os recrutas, auzentes e desconhecidos, abaixo relacionados e que se acham recenseados no anno de 1900 para o serviço militar, de que vam ser julgados refractários, por terem faltado á junta districtal de inspecção no quartel em Coimbra, pelo que foram autoados em 13 de setembro último, se dentro do praso de oito dias, posterior aos dos éditos, não provarem alguma das causas justificativas da sua falta, em conformidade com o disposto no § 1.º do art.º 144 do regulamento de 6 d'agosto de 1896.

Gonçalo, filho de Manuel d'Almeida e Maria Ricardina, natural de Sam Fructuoso, recenseado pela freguesia de Ceira; Joaquim, filho de Manuel Rodrigues e Maria Roza, natural de Valle de Rozas; José, filho de António d'Oliveira e Emília Mathias, natural de Andorinha, e José, filho de Maria Martins Exposta, natural dos Casaes de Vera Cruz, estes recenseados pela freguesia da Lamarosa.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

R. Calisto.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2,700 réis; semestre, 1,350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno, 2,400 réis; semestre, 1,200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50%.
Anunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

JOÃO DE DEUS

Extincto o luminoso espírito do mais mavioso dos nossos poetas líricos e do mais apaixonado do nosso povo, ficou immorredoura a sua memória gloriosa e a obra poetica immarcescível que nos legou.

O profundo vidente, o santo, como que previa que por largos annos o seu país não saberia lêr, e legou-lhe também a abençoada *Cartilha maternal* e o seu *método de leitura*, pelo qual, se em Portugal os governos tivessem a honestidade de expulsar da sua beira as pretenções vaidosas e interesseiras dos seus amigos d'eleições, já ha muito todo o povo teria aprendido a lêr a música suavíssima dos versos do grande lírico.

Creou-se uma associação benemérita, a das *Escolas Moveis* com o fim de ensinar o país a lêr; mas completamente abandonada dos auxilios do estado, e, vergonha é dizê-lo, da iniciativa individual, só a poder de muita dedicação cívica têm as *Escolas Moveis* logrado conservar-se.

Publicámos em seguida um elucidativo artigo de Casimiro Freire, o strenue propagandista da obra de João de Deus. Oxalá que elle desperte iniciativas patrióticas que tornem praticos os meios que se lhes offerecem de propaganda das *Escolas*.

Subscreve Mamede Amaro Lopes com a quota de 10000 réis por mês, declarando-nos ser-lhe muito sympathica a idéa das *escolas moveis*. «Depois veria o que deveria fazer». Elle tambem sustentava a sua custa uma escola na terra da sua naturalidade. Teria a associação realiado três missões quando aquelle benemérito cidadão falleceu; ainda assim — abriu um exemplo que até hoje não foi seguido: — em seu testamento contemplou as *escolas moveis* com o *legado annual de cem mil réis*. Desta herança paga a associação 16200 réis de contribuição por anno; recebe, liquido 83800 réis! Tudo isto pelo amor que o Estado tem a instrução.

Teve esta associação um outro subscriptor que a subsidiava com a quantia de cem mil réis por anno; foi o venerando octogenario, commendador Simplício Gago da Câmara, de Villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel. Por iniciativa deste fallecido cavalheiro realisaram-se nos Açores as missões 32.ª 33.ª 39.ª e 41.ª.

Nunca chegou a ser próspero o estado financeiro desta associação; mas graças aos donativos extraordinários que se acham mencionados nos seus relatórios, pou-

de sustentar quatro professores com o donativo annual de réis 360000 cada um, quando no effectivo serviço.

Quaes sam hoje as suas condições de vitalidade?

A receita das *escolas moveis* em 1893 foi de 530225 réis; isto é, pouco mais do preciso para a dotação dum professor. No primeiro semestre de 1894 (não apreciando as quotas annuas) as receitas baixaram a 178600 réis.

Qual é o seu movimento de sócios? O penúltimo relatório accusava a existência de 285; o último dá a redução de 140; entra-des novos 33; total 178!

Quotas? Houve uma de réis 100000 por anno; outra de réis 50000, da *extinta Associação Commercial de Lisboa*.

Ha hoje: um subscriptor a réis 30000 por anno; um a 24000 réis; sete a 12000 réis; Seguem-se subscriptores de 6000 réis, 3000 réis 2400 réis e 1200 réis; os últimos correspondem a quota mínima dos estatutos: — cem réis por mês.

Ha pelo menos onze annos que, por motivos que não vêem para o caso, nos conservamos afastados das fileiras do partido republicano, onde nada mais somos que simples soldado raso. Ha meses, porém, falando nós com um correligionário graduado, perguntámos-lhe se não valer a pena fazer algum sacrificio para emancipar o povo, instruindo-o. Foi nos respondido: «Nós não tivemos ainda os *sellos do Estado*: Não nos cabe, portanto a responsabilidade da sua ignorância».

Devemos então continuar no preconceito de que tudo se deve aguardar do *estado-providencia*?... Estamos, então, mortos para qualquer commetimento devido a *iniciativa individual*?... Vergonha será confessá-lo.

Demos já alguns exemplos do que vale a *iniciativa individual*; entre elles o do conde de Ferreira, com o *legado* de 144 contos para a criação de 120 *escolas*. Nas *escolas moveis* houve um subscriptor que pagava a quota annual de 100000 réis; não ha mais de 500 homens de fortuna, no país, que possam contribuir com igual somma? Com alguma boa vontade seria difficil encontrar mil subscriptores que pagassem a quota annual de 50000 réis e outros mil a de 30000 réis? Havendo menos egoísmo e indiferença não seria fácil alcançar 5:000 sócios a 20000 réis, 10:000 a 10000 réis, 50:000 a 6000, 100:000 a 2400 e 200:000 a 1200 réis?... Mais alguma economia e moralidade nos costumes públicos e o sacrificio não seria grande!

Pedindo venia ao sr. Carrilho — apesar de não pretendermos invadir-lhe os seus dominios da orçamentologia — digamos então:

500 subscriptores a 100000, 50:000:000 réis; 1:000 subscriptores a 50000, 50:000:000; 1:000 subscriptores a 30000, 30:000:000; 5:000 subscriptores a 20000, 100:000:000; 10:000 subscriptores a 10000, 100:000:000; 50:000 subscriptores a 6000, 300:000:000; 100:000 subscriptores a 2400,

240:000:000; 200:000 subscriptores a 1200, 240:000:000.

367:500 subscriptores réis 1.110:000:000.

E não se julgue muito avultado tal número de subscriptores; representa apenas 7% sobre a população do país — cinco milhões de almas.

Digam-nos agora se com mil contos, numa dúzia de annos e com o método de João de Deus, o país inteiro não estaria já sabendo ler e a saber quaes eram os seus direitos e deveres.

Os calculos que ai deixamos, admitindo que a nossa insulsa prosa seja lida, devem ter feito sorrir pessoas graves e conspicias, as quaes do alto da sua prosápic haverão lamentado a nossa crédula ingenuidade.

Deixemos então em paz os subscriptores dinheirosos da alta e baixa burguezia e estabeleçamos uma outra hypóthese mais modesta. Supponhâmos que duzentos mil cidadãos (só 4 por cento da população portuguezã) isentos de egoísmo — dominados por um sentimento altruista — deliberam cortar nas suas despesas diárias — por exemplo nos venenos de que fazem uso, *tabaco e vinho*, uma verba inferior a 5 rs. — cerca de 3,3 réis por mês — 100 réis por mês. Ai tinhamos a última addição do nosso calculo — 240 contos por anno. Tambem nos quereâm convencer que já não ha 200:000 cidadãos honestos em Portugal — capazes de comprehender que as formas de governo passam e só a nação tem direito a ficar? Disseram chronistas que em 8 de setembro foram 900 portuguezes a tourada a Badajoz. Em 9 tinham *Guerrita* no Campo Pequeno. Supponhamos que iam só metade destes amadores e que os restantes davam a verba destinada a despesa de viagem as *escolas*? Era o vencimento de seis professores; era a luz a 900 cegos!

Com a receita annual de 240 contos, como já foi dito, as *escolas moveis* sustentavam 600 professores por anno com o vencimento medio de 400000 réis cada um. Cada professor dá tres cursos por anno — 90 lições uteis. Tinhamos pois 4:800 cursos annuas; a 50 alumnos por missão, dá nos um total de 90:000. Assim, nos 12 annos que já conta a associação — só com aquella receita, 240 contos, podiam ter aprendido a ler, escrever e contar 1.080:000 individuos. Houvesse ainda mais duzentos mil cidadãos bastante generosos para auxiliar a associação 7 réis por dia — 2400 réis por anno (receita 480 contos) e teriamos nos mesmos doze annos iniciado nas primeiras letras todo o país; — e, como na Suissa, seria difficil encontrar hoje um analphabeto em Portugal. Eis aqui o que se poderia ter feito com a *Cartilha Maternal* e com as *escolas moveis* — sem auxilios de governos e só pela vontade e pela *iniciativa individual*.

João de Deus disse: «Ser homem é saber ler; e nada mais importante, nada mais essencial que essa modesta e humilde coisa chamada — primeiras letras».

Não será pois legitimo o resentimento do poeta, vendo o seu invento despresado?

A primeira manifestação de reconhecimento que o país tem a dar a João de Deus é provar-lhe que conhece e sabe aproveitar a sua obra. Perturba-lo na sua modestia e isolamento com arremedidos de festas inconscientes — além de absurdo é immoral!

Ha 14 annos escrevemos «...Se os republicanos enérgicos e de acção, austeros e sem mácula podem tomar a direcção do partido, começando por expulsar os *vendilhões do templo*, — que o façam — se ainda é tempo de salvar a nacionalidade portuguezã do abysmo a que foi levada pelos devassos da monarchia. (*Século* n.º 69.)

O tempo e esse sudário de misérias e vergonhas que, dia a dia, ai se desenrolam aos nossos olhos — dão plena razão ao nosso protesto de 1881. Esse protesto ai o renovamos — embora inutilmente.

Casimiro Freire.

Um visconde...

Fallam os jornaes dum novo visconde — um tal sr. Jacintho — e a historia d'este titulo appensam commentarios denunciadores de gordo escandelo.

Decididamente, esta enxurrada de titulos com que o governo do sr. Hintze está inundando a nobliarchia nacional, com grande despeito da aristocracia genuina — da que vem dos cruzados, acutiadores dos impios de Soladino, dos nossos epicos mareantes e dos lestos caçadores de mouros que alargaram estas boas terras de Portugal — tira toda a feição extravagante aquelle caso burlesco dum imperador romano promover a dignidade consular o seu cavallo *Incitatus*.

Porque se concorda, muito naturalmente, em que é um acto de justiça a honraria deferida a um bom cavallo quando a ciganagem dos governos assim nos impinge de jaezes armoriados, escanzelados, borregos.

A câmara enviou ao rei e a rainha telegrammas de pesames pela morte da rainha Victória.

As congregações religiosas em França

A França, a grande França, no meio de todas as suas extraordinarias loucuras, apresenta-se-nos sempre como uma nação que aneia qualquer coisa de gigantesco, justo e ideal.

Ainda ha pouco, depois de uma vigorosa lucta cheia de trevas, conseguiu dar quatro encontrões ao pesadello do exercito, e agora, ao entrar no novo seculo, rompe pela escuridão dos costumes apresentando ao parlamento um projecto de lei sobre as associações, tendente a tirar ás congregações religiosas os privilegios absurdos que têm gosado.

Já ha tempos demos esta noticia e hoje acrescentaremos apenas que a discussão tem corrido só com timidos protestos contra o projecto por parte do sr. Lannes, republicano da envergadura de Ennes ou Fuschini.

Esperam-s, pois, que mais uma vez triumphe a verdade.

Carta de Lisboa

25 de janeiro.

A morte da rainha de Inglaterra é e continuará sendo, naturalmente, o assumpto da actualidade, que vem enchendo as columnas dos jornaes fornecendo-lhes reportagem e banalidades.

De quanto sobre o assumpto se tem dito, em matéria de noticiário, o que me parece mais interessante é este telegramma de Londres para o *Heraldo de Madrid*:

«Ha três pormenores relativos à rainha, que transmittio como muito característicos.

«Quando «ubiu ao throno, a soberana pagou 50:000 libras sterlingas de dividas de seu pae, mas sempre se negou a pagar as dividas de seu filho.

«Antes de morrer, mal fallou com o príncipe de Galles, mas perguntou com insistência pelo seu predilecto cão da Pomerânia.»

Devem concordar que o correspondente do *Heraldo* disse naquellas dez linhas mais e melhor do que se tem dito em succulentos e pezados artigos.

E' uma biographia, completa, do actual rei da Inglaterra, traçada por sua intelligente mãe.

Outra nota, para mim de valôr, é esta, a pôr em destaque um eloquente contraste:

A policia de Londres tem, como se sabe, autoado por diversas vezes o príncipe de Galles, actual Eduardo vii da Inglaterra.

A policia de Lisboa acaba de communicar a imprensa da capital que não pôde fazer a mais leve referencia desagradavel ao referido Eduardo vii.

Não estão a vêr no contraste a prova do que valemos moralmente?!

Entretanto tenhamos uma consolação.

«E' que não será a coacção imposta à imprensa republicana de Lisboa que impedirá o povo inglês, tam sincero amigo da rainha de Inglaterra como reservado de affectos pelo actual rei, que o impedirá de proceder como intendia.

Convença-se disso o amigo Veiga e tenhamos nós tambem essa convicção — com a respectiva esperança.

A morte da rainha Victória veio abrir de certo modo um parentese na politica indigena. Dir-se ia que estamos em férias.

Em todo o caso, falla-se muito por ai na historia dum titulo recentemente concedido.

E' o de visconde de Malanço, ao commendador Jacintho, o Agua e Zé, de S. Thomé.

Este commendador que é preto, tem uma fama menos que invejavel. E' senhor de grandes propriedades em S. Thomé, onde se distingue, entre outras coisas, pela posse de um verdadeiro seralho.

Em tempo, quis o titulo, pro-

mettendo quatro contos para instituições de caridade.

Apesar de estar no poder o partido progressista, com a já célebre virtude triumphante, o titulo não foi concedido.

Agora apparece visconde de Malanza.

E não se sabe dos quatro contos que elle offereceu.

Em volta do caso correm variadas e edificantes versões, todas unânimes em afirmar que o nobre visconde não só deu quatro contos como mais, mas que nem um ceitil foi para instituições de caridade.

Tudo é crível, possível e verdade, sendo ministro do reino o celebrado cínico de face austera, que aconselhou um professor da Escola Naval a conseguir um diploma de deputado por meio de *chantage* com os exames.

Consta que entraram abertamente no campo diplomático as reclamações dos credores externos sobre a questão da divida portuguesa. Creio tambem que breve o assumpto vai ser discutido no parlamento, talvez um pouco ruidosamente.

A questão deve merecer toda a attenção ao povo português. Toda a attenção e toda a prudência.

E' fóra de dúvida que os progressistas fizeram sobre o caso negociações que os apresentam como criminosos de infima espécie. Supponho que isso se demonstrará cathegoricamente.

Em momento opportuno, deve-se protestar activa e dignamente contra essas negociações.

Mas será bom, em todo o caso, que o protesto não favoreça de nenhuma fôrma, occultos manejos do governo.

A' hora a que lhes escrevo, espero ainda o resultado do julgamento do médico militar Duarte Pinto Coelho — o das escadinhas da Mãe d'Agua.

Espero!

Não é bem isso.

Que não ha que esperar, visto que o conselho de guerra deu hontem 20 dias de prisão ao alferes Lima, que respondeu pelos seguintes processos:

1.º — Accusado de ter, em 30 de abril do anno findo, quando seguia num carro americano pelo largo do Corpo Santo, agredido com sóccos, fazendo-lhe jorrar o sangue pelo nariz, a Agostinho Sequeira de Sousa, passageiro do mesmo carro, insultando e ameaçando depois um outro passageiro de nome António Joaquim Iniguez, que protestara contra a aggressão.

2.º — Accusado de ter, no dia 1 de setembro do mesmo anno, na feira de Rio Maior, agredido com sóccos o bufarinheiro Delphim Pereira, gallego, dando-lhe depois duas pranchadas, quando elle foi chamar o policia 50, de Santarem, de serviço na feira.

Accusado, no mesmo processo, de ter, dias mais tarde, quando estava ainda a commandar a diligência de lanceiros 2 para alli destacada, mandado acutilar o povo que se achava em frente do quartelamento, ferindo José Henriques de Almeida.

3.º — Accusado de, no dia 10 de setembro do mesmo anno, na rua Formosa, esquina da travessa das Mercês, ter acutilado o nosso collega do *Século* Francisco Vidal, produzindo-lhe, entre outros, um grande ferimento na testa.

4.º — Accusado de ter, na noite de 1 de outubro do mesmo anno, no corredor da 1.ª ordem do Collyseu dos Recreios, no primeiro intervallo, acutilado o nosso collega do mesmo jornal, Veiga Correia.

20 dias de prisão — o mínimo

em que qualquer misero é condemnado por dar uma justa bofetada...

Como esta justiça anda!

F. B.

ABUSOS

A communicação feita aos jornaes republicanos de que, no alto interesse do Estado, lhes era vedado fazer quaesquer referencias desagradaveis a rainha Victoria e ao novo rei Eduardo VII, é mais um certificado da fundamental espezteza dos nossos governantes que, junta a tradicional espezteza da policia, produz esses casos hilariantes, mesclados de infamia, de que só nós temos o privilegio.

Uma tal intimação, depois desses jornaes terem consignado duma forma lisongeira a excepcionalidade dos predicados da extincta soberana, limitando se, pelo que toca ao novo rei, a produzir notas biographicas inoffensivas, não tem justificação possível, e só se explica por um acto de baixo servilismo que neste caso não diz bem.

Porque, com taes medidas abusivas, o governo só consegue dar o caracter dum commedimento, iniqua e violentamente imposto, ao que era uma homenagem espontanea e livre; e, parece-nos bem que a Inglaterra seria mais grato constatar que no nosso pais, onde o odio ao bretão é velho, todas as convicções se harmonisavam, perante a morte da sua rainha, no mesmo preito de justiça, do que ter de agradecer ao governo dispensaveis medidas de repressão.

Mas esta gente monarchica, habituada a tropejar insolencias contra os reis, na hora má dos seus despeitos, julga inacreditavel que nós, republicanos, por um nobre principio de justiça, prestemos homenagem a uma rainha que soube impôr-se pelo lidimo quilate das suas qualidades.

Como se nós lhe seguísemos alguma vez os processos de *chantage*, tivéssemos a mesma moral hypocrita, os mesmos principios e a mesma... cara.

Moêda falsa

João Bernardes e Diométrio Bernardes Cores, os dois individuos presos na Louzã pelo caso do fabrico e passagem de notas falsas que largamente referimos em o número passado, foram já remetidos aquella villa, em cuja comarca tem de ser julgados visto que o delicto — o fabrico — foi lá praticado.

Dos três espanhoes implicados, que estacionavam em Cantanhe de e desapareceram, levando o melhor de 1:200.000 réis, producto do negócio, ainda não foi possível conseguir noticias.

Tribunal do commercio

Reúne-se na próxima sexta feira, 1 de fevereiro, para resolver as condições em que devem ir a praça, pela 4.ª vez, as dividas activas pertencentes a massa fallida da casa bancaria Santos & Brito e que não tiveram lanços nas três praças feitas; para julgar a concórdia pedida pelo capellista, sem modas, estabelecido na rua Ferreira Borges, sr. António Macedo Domingos Barreto, e para apreciar as contas da fallência de José Madeira, de Goes, apresentadas pelo respectivo administrador da massa sr. António José de Moura Bastos.

O sr. dr. Manuel Dias da Silva, presidente da Câmara, saiu para o Porto. Ficou com a presidencia o vice sr. Antonio Francisco do Valle.

Registo civil

Por que o casamento e o registo civil de nascimentos encontram ainda em toda esta região, como noutras, uma tal ou qual resistência, pelo falso convencimento de que não indo a igreja se não fica bem casado nem *christão*, vem a propósito apontar a seguinte nota:

Em Lisboa, casamentos civis effectuados, 929; no Porto, 153 e em Villa Nova de Gaya, 48.

Em qualquer daquellas cidades o numero de registos civis de nascimentos é igualmente importante, podendo dizer-se que isso entrou já nos hábitos da maioria das respectivas populações.

Têm se feito mais casamentos civis no Barreiro, Faro, Torres Vedras, Regoa, Reguengos, Seixal, Tondella, Villa Franca de Xira, Odemira, Moura, Thomar, Aveiro, S. Thiago de Cacem, Villa Real, Evora, Niza, Beja, Benavente, Arronches, Santarem, Palmella, Sabugal, Vidigueira, Penafiel, e, mesmo na administração deste concelho, se contam já alguns, sendo contudo maior o numero de registos de nascimentos, sem embargo da relutância que naquella repartição determinados funcionarios hám manifestado em aceitar os apontamentos para o auto respectivo, procurando evitar a prática do acto, a que se resignam só depois de reiteradas tentativas, por meio de conselhos que ninguem se commoda a pedir lhes.

A causa principal, em todo o caso, de a acceitação do registo civil se não vulgarisar mais entre nós, está na pressão exercida pelos párochos sobre os pobres. Aquelle que precisa dum attestado para entrar no hospital ou para pedir medicamentos na Misericórdia, desde que tenha acceitado o registo civil ou não vá a confissão, pôde estar certo de que o não apanha: — o sr. prior não o conhece como seu parochiano para esse effeito, embora o conheça para mandar-lhe cobrar a congrua e para a visita por occasião do foliar.

E ahí temos como, contra uma lei do estado, lei decretada e em vigor, que dá ao casamento civil e ao registo de nascimentos a mesma legalidade que a igreja dá ao casamento catholico e ao baptisado, é guerreada a *outrance* pelos ministros do altar, não valendo aos que protestem nem a sua justiça nem os direitos que a mesma lhes confere, visto que as influencias de valimentos e a protecção official estão com o reactionarismo catholico, em todos os cantos do paiz.

E é por convicção que os potentados defendem a acção clerical? Seria demasiada ingenuidade acredita-lo, e não vêr que o convencionalismo de interesses ainda aqui se manifesta exuberantemente.

Seria rasoavel que os párochos e demais sacerdotes procurassem, pelo conselho insistente, evitar o registo civil; mas exercerem descabelladas pressões, abusando das prerogativas que têm ao seu dispor para sacrificarem a actos que a consciencia lhes não acceita, os necessitados que se mostram avessos a igreja, é mais que uma deshumanidade, um auctoritarismo irritante, que mais serve para afastar do que para approximar do credo catholico, visto como essas pressões e mesquinhas vinganças estão em perfeita contraposição com as doutrinas de amor e de bondade prégadas pe'o Christo, e que a igreja com os seus ministros tanto têm adulterado e deprimido.

Ninguem pôde ser perseguido por motivo de religião, prescreve a carta constitucional. E contudo essa perségução é livremente exercida pelos ministros do altar,

sobre os necessitados — o que a torna ainda mais odiosa — pela recusa de attestados quando delles carecem para pedir o socorro em caso de doença, desde que esses necessitados hajam tido qualquer manifestação de se não coadunarem com a igreja.

De sorte que o padre, por este processo, não faz crentes, faz victimas, coagidas, a acceitação do que reprovam, pela fatal lei das necessidades, que é uma arma terrivel nas mãos desses que se dizem apóstolos das doutrinas de Christo.

Assim o comprehendeu em grande parte a liberal mesa da Santa Casa da Misericórdia, que hoje administra com notavel dedicação esse pio estabelecimento, procurando evitar tanto quanto lhe é possível tal intolerancia e vinganças, dispensando o attestado do parcho para a cedencia de socorros clinicos e pharmaceuticos e para outros auxilios que cede aos necessitados.

A verificação da legalidade dos pedidos é feita escrupulosamente pelos proprios mesarios, que assim têm evitado muito abuso e furtado muita gente a determinadas vinganças clericas.

E no entanto, esta manifestação de sentimentos dignamente liberaes, em nada alterou ainda a essencia fundamente monastica da instituição.

E' a assistencia superiormente comprehendida, e ao mesmo tempo uma demonstração de como pode e deve cercar-se ao parcho a faculdade de escravisar consciencias, a sombra de instituições generosas.

Viagem em automovel

Em regresso de Lisboa chegou aqui ante-hontem, ás 6 e meia horas da tarde, no seu bello automovel, o sr. dr. Ayres de Campos que, como noticiámos, partira para a capital na terça-feira.

Saiu de lá ás 9 horas da manhã, vindo por Torres Vedras onde fez paragem de duas horas. Gastou, poi, no regresso, 7 horas e meia. Tanto tempo quanto o que demorou na ida.

Taxas postaes

Desde o dia 1 de fevereiro próximo, os bilhetes e cartões postaes, amostras e manuscritos, jornaes e impressos a expedir pelo correio para todos os países estrangeiros, fóra da Europa, ficam sujeitos aos seguintes portes:

Bilhetes postaes simples, 25 réis; bilhetes postaes com resposta paga, 50; cartões postaes, 65; jornaes e impressos: cada 50 grammas ou fracção de 50 grammas, 15. Amostras: até 100 grammas, 25; de 100 a 150 grammas, 45; cada 50 grammas, além das 150, 15; manuscritos: até 250 grammas, 65; de 250 até 300 grammas, 90; cada 50 grammas, além das 300 grammas, 15.

Nas taxas dos telegrammas enviados pela imprensa para qualquer ponto até a América do Norte, foi feita a redução de 50 por cento, estando approvada pelo ministério das obras publicas uma tarifa que reduz, igualmente 50 por cento, os despachos telegraphicos que a imprensa envie, pelo cabo submarino dos Açores, para além da América do Norte.

O cocheiro Abilio da Silva atropellou, ao Caes, com um carro que guiava, o mendigo Abilio da Silva, que soffreu diversos ferimentos, não sendo, porém, nenhum de gravidade.

A policia tomou conta da occorência e enviou communicação para juizo.

Reforma do notariado — representação

Dada a discussão, que tem havido na câmara dos deputados, sobre a reforma do notariado, voltando á tela a questão de ser creado um curso especial, como se consigna no projecto, a câmara de Coimbra resolveu, na sua sessão de quinta feira, dirigir uma representação ás côrtes pedindo que, a crear-se esse curso, elle não seja estabelecido em Lisboa, como já se opinou, mas annexo á faculdade de direito, no primeiro estabelecimento scientifico do pais — a Universidade.

Esta resolução da câmara é, não só louvavel pela prova de interesse que manifesta em que esta cidade seja considerada devidamente, mas ainda em absoluto justificada pela afinidade existente entre o referido curso especial e o estudo juridico — matéria a que pertence o exercicio notarial — que apenas é feito na Universidade, havendo ainda a considerar a commodidade e economia que resultará, do mesmo curso ficar em Coimbra, para os estudantes que se destinam a formatura em Direito e que pretendam cursar tambem o estudo do notariado.

Andam, porém, no ar rumores significativos de que estão em jogo influencias para que tal curso fique na capital, para se dar o premio que mereceu, pela passagem, a um transfuga, dos *novos* que pretendem fazer carreira, e ainda para se beneficiarem outros protegidos. E como neste abençoado pais, os interesses collectivos sam postergados pelos individuos, não haverá motivo para estranhezas, se, ainda desta vez, o facto se repetir.

Convém, pois, que outras collectividades locais sigam o exemplo da camara representando naquella sentido, e ainda mais convém que no assumpto se interesse os influentes da politica governamental para que o curso, ou se não crie ou seja estabelecido junto da faculdade de direito.

Deixar que o colloquem em Lisboa, o mesmo será que permitir em silencio e sem protesto o começo do desmembramento da Universidade, e contra isso se deve reagir abertamente, no interesse da cidade que a todos, sem distincção de côr politica, interessa ver progredir e não amesquinhar.

Será este o mais importante ensajo que pôde deparar-se aos regeneradores d'aqui, hoje senhores da situação politica districtal e dispondo das attentções e favor do governo, para prestarem um alto serviço a sua terra e attestarem isenção de proceder quando se trate de proteja a em contraposições de interesses restrictos.

Dr. Hygino de Sousa

O nosso illustre correligionario dr. Hygino de Sousa fez concurso para lente da Escola Medica de Lisboa, e ficou approvado.

Com as felicitações que lhe enviamos manifestamos a nossa admiração ao seu superior talento e ao seu caracter ativo e independente.

Hygino de Sousa tem acompanhado sempre o partido republicano com firme dedicação e muito temos a esperar da sua intelligencia, pois Hygino de Sousa não é só um demolidor; o seu concurso no levantamento de uma nova patria ha de confirmar mais as nossas affirmações.

O medico pela faculdade de medicina de Paris, sr. Manuel Silvestre Gomes, do Funchal, requereu portaria para ser auctorisado a repetir os actos na Universidade, afim de poder fazer clinica em Portugal.

Associação Commercial

O sr. Francisco Villaça da Fonseca, que fôra reeleito na presidência da direcção da Associação Commercial, cargo que desempenhou com uma orientação verdadeiramente proveitosa não só aos progressos e bom nome daquelle prestantíssimo grémio, mas ainda a assumptos diversos de capital interesse para o commercio e para a cidade, enviou ao presidente da assembleia geral um officio declarando a sua impossibilidade de aceitar a reeleição.

Esta resolução do sr. Villaça provocou, como era de esperar, o maior desgosto entre todos os associados que reconhecem, numa firme demonstração de justiça, a intelligente actividade que aquelle cavalheiro sempre dedicou à Associação e ás particularidades sobre que ella tem de velar. Assim se explica, pois, a corrente geral para que se inste com o sr. Villaça para a sua continuação no cargo que pretende declinar.

Sinceramente estimamos que essa seja a resolução final de tam distincto cavalheiro.

Criança abandonada

Hontem de manhã apresentou-se à policia um bom velhote — Abilio Rodrigues — residente no Picoto, freguezia de Sernache, a contar o seguinte curioso caso:

A's 2 horas da madrugada bateram-lhe á porta. Perguntou quem era e não obteve resposta, mas d'ahi a pouco voltavam a bater. Vindo a abrir, não encontrou pessoa alguma, mas notou que na valeta, encostada à soleira, estava qualquer objecto volumoso. Abaixando-se a analisa-lo, deparou com uma ceira, tendo dentro, envolta em alguma roupinha, uma criança que não devia ter nascido ha muitas horas.

Embora tomado de aspecto, condeu-se, levou para dentro a ceira e o contheudo, vendo-se pouco depois em sérios embarrasos.

Polhetim da «RESISTENCIA»

ARSENE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revólver

I

A MULHER VELADA

Uma mulher morena e pálida, delgada e desinvolta, com attitudão alta e grande ar, desceu, numa tarde d'outono, dum fiacre horrível na avenida dos Campos-Eliseos, á esquina da rua de Gallieu.

Ha dramas que passam pelas ruas. Não se presentem, como se presente a vinda da tempestade? E' que as paixões tem tambem a sua asphera.

Dois rapazes, que passavam por allí, notaram aquella mulher, em quanto pagava ao cocheiro, o que fez rapidamente; porque não pediu troco do dinheiro que deu. Apesar de ser quasi noute, e da mulher ter o rosto escondido por um véo, um d'elles, Arthur Valon, disse:

— Não é a condessa Regina?

Não tem filhos e vive sómente com a mulher tambem velhota e que ha tempo está doente de cama. Quem havia de dispensar os necessarios cuidados ao petiz que desatou a chorar violentamente?

Afflicto, resolveu-se a accender uma fogueira para aquecer a criança, e com ella esteve á volta da areira até de manhã que poude «partir para a cidade» a dar parte ás auctoridades para tomarem conta do presente, que apresentou.

Recebeu o a entrada que lhe promoveu logo a noticia no hospicio, em quanto o bnm do sr. Rodrigues voltava para junto da consorte enferma ainda mal refeito da curiosa surpresa.

Récita de quintanistas

Começaram ante-ontem os ensaios de declamação para a récita de despedida do curso do 5.º anno theológico juridico, sendo ensaiador o festejado actor Chaby, que ha dias regressou do Brasil com a troupe de D. Lucinda Simões, chegando ante-ontem a Coimbra.

Em audiência geral do dia 24, foi absolvido o reu Manuel dos Santos Vinagreiro, de Valle Canas, que era accusado de ter envenenado umas gallinhas pertencentes a um seu visinho.

Atheneu Commercial

Realizam-se hoje as eleições desta sympáthica associação, eleições que sam deveras disputadas devido a divergências que ultimamente tem havido entre os sócios.

Que a luta d'hoje seja o início para o termo dessas divergências e para uma uniformidade de aspirações para o maior engrandecimento do Atheneu, que apesar de tudo progrediu, especialmente quanto ao seu estado financeiro, é o que sentidamente desejamos.

O professor primário da freguezia de Ceira, concelho de Coimbra, sr. Joaquim da Fonseca Moraes, foi dado, em exame de sanidade, por absolutamente incapaz de continuar em serviço.

Os dois rapazes eram bem educados demais para cumprimentarem em tal occasião.

— O que estás tu a fazer?

— Meu caro Leonice, tomo nota do número do carro.

— Tenho sempre dito que nasceste juiz instructor.

— Não. Nasci curioso.

E continuaram o seu caminho. Porque é que aquella senhora, na acção tam simples de descer d'uma caruagem e de pagar ao cocheiro, tinha chamado a attenção dos dois rapazes? Porque não tinham nada que fazer; porque se tinha espalhado o boato de que ella ia requerer separação de corpo e divorciar-se do marido, o conde de Romanes; porque esta senhora, enfim, não tinha o habito de andar de fiacre nos sobretudo, Campos-Eliseos. Tinham-na visto passar sempre por allí, num bello landeau, cor d'azeitona, puxado pelos mais bellos cavallos ingleses que ha em Paris.

Além disso, cada vez que se vê uma senhora da primeira sociedade, descer dum fiacre, ao cair da noite, toda a gente pergunta aonde ella vai.

(Continúa)

Tuna académica

O sarau que a tuna académica estava para realizar em Lisboa no próximo dia 3, com a Associação dos Jornalistas, está prejudicado em virtude de não ter sido possível conseguir theatro em condições que podessem ser accéites.

Resolveu, por isso, ir em visita a Santarem, dando allí dois saraus, ficando a prática desta resolução dependente apenas de que o funeral da rainha Victória não coincida com qualquer da quélles dias, pois que, decretado o luto nacional para quando o enterro tenha lugar, não pôde haver espectáculos nessa occasião.

A mesma tuna tenciona ir ao Porto, em dia que ainda não está designado, dar um sarau com os bombeiros voluntários daquelle cidade.

E' já sabido que a tuna Académica de Valladolid não pôde realizar a sua projectada vinda a esta cidade durante as férias do carnaval, parece que por motivo de o respectivo reitor lhe não ter concedido a necessária autorisação.

Livre, pois, do compromisso de estar em Coimbra para recebê-la, a tuna académica de cá resolveu fazer, por aquella occasião, uma viagem a Vigo e a Tuy.

Fallecimentos

Foi sepultada ante-hontem, no cemiterio da Conchada, a sr.ª D. Thereza Emilia Lopes de Carvalho, irmã do fallecido dr. Adriano Lopes Guimarães e tia do professor de Direito sr. dr. Guimarães Pedrosa e da esposa do sr. Emygdio Navarro.

Succumbiu, com 97 annos, a complicações dum ataque de influenza.

Falleceu tambem a mãe do intelligente photographo sr. Adriano da Silva e Sousa.

O sr. dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, que ha poucos dias concluiu o seu concurso para entrada na faculdade de theologia, vai ser nomeado lente substituto da mesma faculdade.

Para as reformas a introduzir na organização do annuário da Universidade, foi nomeada uma comissão de professores que ficou composta dos srs. drs. Sousa Gomes, de philosophia, presidente, e vogaes, Antonio de Pádua, de medicina, José Alberto dos Reis, de direito, Antócio Ribeiro de Vasconcellos, de theologia, e Costa Lobo de mathematica.

Esta comissão será secretariada pelo secretario da Universidade sr. dr. Manuel da Silva Gayo.

Declaração

Pedem nos a publicação da que segue:

«A mesa da assembleia geral da Academia de Coimbra, realizada no dia 21 do corrente, foi encarregada de promover a nomeação dos delegados dos cursos que ainda o não tinham feito, com o fim de se receberem os Estudantes de Valladolid no proximo carnaval.

Cumprida esta missão, a mesa vem declarar que a comissão ficou constituída por os seguintes srs.:

Tello Gonçalves, presidente; Santos Monteiro, vice presidente; Bacellar Telles, thesoureiro; tendo como substituto A. Ferreira Loureiro; A. Mattos Chaves, 1.º secretario; Nunes da Cruz, 2.º

secretario; vogaes os restantes representantes dos cursos.

Feita esta declaração, damos por terminado o nosso mandato. Coimbra, 24 — I — 1901.

Eugenio da Cunha Pimentel, Abilio Alberto Pinto de Lemos, Vasco Noronha Guedes de Vasconcellos.»

PUBLICAÇÕES

História Socialista — Está despertando enorme interesse esta obra do grande tribuno francês Jean Jaurès, esmeradamente vertida para a nossa lingua e annotada pela sr.ª D. Elisa de Menezes, e editada com luxo notavel pela acreditada Casa Bertrand, de Lisboa.

Com o tomo n.º 2, que acabamos de receber, termina o capitulo — *Causas da Revolução* da primeira parte, cujo caracteristico principal é a justa apreciação dos factos, aliada a uma prodigiosa abundancia de pormenores e a um forte poder de linguagem. O segundo capitulo intitula-se — *As eleições e os cadernos*: trata-se, como devem suppor, dos modos e peripecias da escolha dos representantes dos três estados, e das memorias em que elles exprimiam as suas queixas e os seus votos; assumpto em que muito têm que aprender as classes dependentes d'hoje.

Neste tomo descrevem-se as condições de trabalho e os protestos e reclamações dos typographos e outros operários, que produziram a violenta agitação social de Lyon no século xviii, da qual fôra prenúncio uma vasta greve de impressores no principio do século xvi e foi episodio célebre a sublevação que aos trabalhadores deu a posse da cidade durante alguns dias; traça-se o quadro da evolução da propriedade territorial no Delphinado, quadro em que têm seu lugar as opiniões de Barnave, verdadeiro esboço do materialismo económico de Marx; e define-se o estado de Paris com a sua transformação material, o seu papel de capital revolucionária, e os seus motins populares e repressão destes, — prologo porventura das grandes luctas proletárias dos nossos dias, analysando-se ao mesmo tempo, em face dos dizeres de Mably, Necker, Morelli, Babeuf e outros, esta questão: — teria então o proletariado uma consciência de classe já desperta?

As estampas sam, entre outras: *O pedreiro e a lavadeira*, *Os boulevards de Paris*, *O molim de Reiveillon*, *Styès*, *Mirabeau*. *A ponte Morand*, etc.

A assignatura continúa aberta a tomos mensaes de 80 páginas ou a cadernetas semanaes de 16 páginas, pelos preços de 200 réis e 40 réis respectivamente.

A Formosa Costureira — Acabamos de receber o 2.º episodio das *Aventuras Parisienses*, bello e grandioso romance de Pierre Sales que tanto agradou ao publico francês, pelas scenas não só moraes mas tambem vivas e palpantes com que o auctor descreve a sociedade parisiense, e tambem pelas qualidades de imaginação deste auctor hoje consagrado em França como dos primeiros no genero popular.

A belleza da edição, o primor das gravuras, sam méritos que a casa Bertrand tem nas publicações dos seus livros agradando sempre ao publico que até hoje a tem collocado em primeiro lugar.

A seguir sahirám o 3.º episodio *Honra por dinheiro* e o 4.º *Victórias do amor*.

Recommendamos com justiça a assignatura das *Aventuras Parisienses*, por termos a certeza de que os leitores nos agradecerão o conselho.

CIRCULAR

E.x^{mo} sr.

Tenho a honra de comunicar a v. ex.ª que, de sociedade com o sr. Francisco Correia, negociante nesta praça, tomamos a nosso cargo sob a firma de

Cunha & C.ª

o antigo e bem conceituado estabelecimento do sr. José da Costa Condeixa, na rua do Visconde da Luz, n.º 79 a 85.

Pela minha longa prática desta industria, exercida por bastante tempo como contra-mestre da sapataria a *Elegância de Coimbra*, do sr. Manuel Teixeira, posso, sem receio a par da modicidade de preços, executar qualquer obra que v. ex.ª se dignar encomendar-me, pelo que muito grato lhe ficará o

Coimbra, 20 de janeiro de 1901.

De v. ex.ª

cr.º mt.º att.º vn.º

José Maria da Cunha.

EDITAL

A Câmara Municipal de Coimbra faz saber que, voltam á praça no dia 14 do próximo mês de fevereiro, nos Paços deste concelho, pela uma hora da tarde os lotes de terreno para edificação na rua número 9 da Quinta de Santa Cruz sob os n.ºs 30, 31, 32, 33, 34, 51, 52 e 53.

A base para a licitação será de 300 réis por cada um metro quadrado de terreno.

As condições para a venda destes lotes, assim como a planta respectiva, acham-se patentes na repartição d'obras do municipio, todos os dias úteis, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Coimbra e Paços do Conselho, 25 de janeiro de 1901.

O vice-presidente,

António Francisco do Vale.

BICO AUER

AVISO

A empresa do *Bico Auer* participa a todos os seus clientes que a agência de Coimbra e Figueira da Foz, deixou de estar a cargo do sr. José Marques Ladeira desde hoje 25 do corrente, e foi transferida para a casa do sr. Caetano da Cruz Rocha, com estabelecimento de canalisações para água e gaz na Rua Ferreira Borges, n.ºs 141 e 143.

Mais participa que só este allí está autorizado para a venda destes Bicos (*Auer*) e accessórios, em Coimbra e Figueira da Foz. Lisboa, 25 de janeiro de 1901.

A Empresa.

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

LEILÃO

Por motivo de mudança de casa proceder-se ha a leilão, em globo ou em separado, nos dias 1 e 2 do próximo mês de fevereiro pelas 12 horas da manhã, na casa n.º 111 da Cburaça de Lisboa, do seguinte: três mobílias completas, lontres de crystal, espelhos sendo um de crystal de Veneza, relógio de sala e duas flozeiras de mármore preto, cabide bengaleiro, vasos grandes encanastrados e uma grande quantidade de roseiras em haste alta e baixa.

O encarregado do leilão,

João Augusto Simões Farias.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PÁGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2\$700 réis; semestre, 1\$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno, 2\$400 réis; semestre, 1\$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

Redacção e administração, Arco d'Alameda, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

31 DE JANEIRO

Mais um anno decorrido sobre o generoso movimento de revolta do Porto, em que milhares de corações se levantaram num impulso nobre de redempção da Pátria pela República! Mais um anno decorrido, e sempre a mesma fé ardente a animar as almas immaculadas, para as quaes ha um só fim a norteá-las, a implantação da república em Portugal!

E, contudo, depois da catástrophe innarrável, do lucto profundo em que mergulhou a alma portugueza, a nossa pobre nação tem descido, descido successivamente e tanto, que não é de prever que civicamente possa descer mais. Parece que os nunca esquecidos mártires de 31 de janeiro anteviam o grau de corrupção e baixeza a que tudo isto, tam depressa, havia de chegar, quando fizeram o sacrificio cruento da sua vida na patriótica tentativa de resgatar a nação.

Houve alguns annos, na primeira metade do século passado, em que muito se luctou por um novo e grandioso ideal romântico de liberdade; feriram-se luctas épicas, dividiu-se o país em dois partidos, norteados cada um por ideias e sentimentos oppostos, em que destacava a grandeza de uma incontestada sinceridade e a febre ardente de paixões que dominavam. E os loucos sublimes dessa época, que a custa de inanimados sacrificios torturantes conseguiram ver arvorar-se, firme, a bandeira dos seus principios sagrados e immortaes, adormeceram na eterna paz a descançar de tam rudes combates pela liberdade! E adormeceram como os hermes antigos, tendo impressa na fronte majestosa de fortes a grandiosa serenidade que resulta do estóico dever cumprido...

Volveram annos e a generosa utopia daquellas almas de santos, que sacrificaram no altar da sua Pátria redimida o que de mais puro e immaculado possuíam, converteu-se na realidade grosseira e rude dum baixo império degradante!

Findava o século; por entre o marulhar crapuloso da politica mais baixa e corrom-

vida, cérebros d'eleição e almas brancas de luz tinham concebido um novo ideal, ainda mais puro e sublimado. A lucta abriu-se contra a corrupção existente, contra a força cega e bruta que ia estrangulando a alma nacional, torcendo-a, afeiçãoando-a aos interesses inconfessáveis duma oligarchia nefasta. Os mais generosos combatentes terçaram com brilho as suas armas luminosas... A lucta foi larga, brilhante, fecunda!

Em pouco tempo havia-se feito uma revolução nos espiritos; dum ao outro extremo do país surgiu uma alma nova, aneante dum novo futuro honrado e são.

E entretanto, aquelles que haviam antes estrangulado aquella antiga liberdade, nascida do sangue generoso de portuguezes derramado em mil combates, continuavam persistentes na sua obra criminosa d'assassinos...

Surgiu um novo dia de redempção. Numa manhã brumosa de inverno, ao alvorecer de 31 de janeiro de 1891, o movimento preparado durante a noite—essa noite inolvidavel em que tanta ardência de fé latejou nos mais generosos corações de Portugal—foi illuminado pelos primeiros raios dum glorioso sol triumphante.

Foi proclamada a República!... Entre as aclamações vibrantes e entusiastas saídas de milhares de peitos, foi pela primeira vez levantada no coração do país a bandeira republicana, solemnemente proclamada...

Mas ainda desta vez havia de ser estrangulada a liberdade em Portugal!

E' fatal a lei histórica de que as grandes conquistas da civilização hão de ser cimentadas em cadáveres e sangue...

A mesma oligarchia assassina aperrou o bacamarte para suffocar no coração do povo o seu impeto generoso de salvação. E mais uma vez ondas de sangue nobre jorraram pelas ruas da cidade; mais um montão de cadáveres de heroes de mártires desceram á paz da terra, a marcar para a redempção da Pátria uma nova era de lucto!

Quando sereis vingados, ó generosos mártires sublimes, que destes com a vida o mais levantado exemplo?

Quando se erguerá de novo esta nação por que morreste, redimida e salva, honesta e forte, a glorificar e honrar os vossos restos nunca esquecidos e sempre amados?...

Quádrupla alliança

A triplíce passou a quádrupla, assim o dizem os telegrammas do estrangeiro.

O novo rei da Inglaterra,—novo apesar de velho,—entendeu se a esse respeito com o imperador da Allemanha.

O que dirão a isto os allemães, tam inimigos da Inglaterra? Que dirá a isto o mundo?...

Registremos por agora o facto, tam importante que nem é dado prever a que consequências políticas levará.

Quando o governo Hollandés mandou sair de Lisboa o seu representante foi abertamente dito e seguramente acreditado que o facto era consequência de acontecimentos que impunham a ruptura de relações.

Para logo appareceu a imprensa official e officiosa em tiradas de apogador, para convencer da menor importância dos factos. Não o conseguiu, e até do seu afan resultava não só a ruptura, mas até a quasi indicação de que o dedo inglês forjara o conflicto, para colher ensejo dum desforço contra aquelle país que tam amavel se mostrou para com o presidente Kruger.

Volvem largos dias e apparecem noticias deste quilate:

«Continuam com bom éxito as negociações para o reatamento das relações entre os governos portuguez e hollandés. O sr. ministro dos estrangeiros conferenciou acerca do assumpto com o sr. conde de Solier, ministro de Portugal na Haia.»

Os srs. vêem? Isto é a declaração formal, de que o perfeito e completo rompimento de relações foi um facto, feito agora por aquelles mesmo que o negaram.

Não é duma capital importância a incongruência, mas salientá-la serve como demonstração da lealdade com que a imprensa do regimen informa o país, ainda acerca das questões mais graves.

Negar num dia o que no outro affirma conforme as conveniências preceitnem, eis a norma.

Contribuições

A direcção d'Associação Commercial desta cidade procurou hontem o sr. governador civil pedindo para sua ex.^a solicitar ao ministro da fazenda a prorrogação do praso para a cobrança voluntária das contribuições do Estado, visto o grande atraso em que está a sua cobrança, por ser naturalmente impossivel fazê-la no praso de um mês.

Sua ex.^a attendendo a tam justo pedido telegraphou immediatamente para Lisboa, obtendo a prorrogação do praso para a cobrança voluntária até ao fim de fevereiro.

Missão financeira

O conselheiro Pereira Carrilho saiu para o estrangeiro em missão financeira. Leva passaportes para Inglaterra e Allemanha, e vai, como delegado do governo, tentar accordo com os credores estrangeiros, assumpto em que lida ha bastante tempo.

Encontramos esta noticia nos jornaes de Lisboa, e assim se vê que tinham fundamento os boatos ultimamente circulantes de complicações com essa já tam velha, tam debatida e, pelo visto, tão irreconciliavel questão.

No parlamento francês, o ministro dos estrangeiros foi interpellado sobre o apoio que dispensará aos credores de Portugal para garantia dos seus legítimos direitos; da Allemanha não sam mais fagueiras as apreciações sobre o objecto em questão, e as conferências ultimamente feitas em Lisboa com representantes estrangeiros nada prometteram.

E' certo que os progressistas tinham entrado em combinações vergonhosas e humilhantes, que os credores jubilosamente acceitavam, mas que os mesmos progressistas não tiveram tempo de pôr em prática. Diz-se que os regeneradores repudiaram essas combinações, pretendendo entrar noutras de menor sacrificio para a dignidade portugueza, mas que os interessados recalcitram.

Assim será. Todavia as relutâncias e exigências sam apenas a resultante do não cumprimento de promessas por longos annos feitas; de os credores verem como os governos de Portugal disipam em loucuras de toda a ordem enormes sommas; da demonstração clara, em face dos factos, de que nada se faz ou tenta para estabelecer o equilibrio orçamental, accumulando-se os deficits de anno para anno; e finalmente, do convencimento de que com uma administração de tal natureza, é impossivel a satisfação de compromissos.

Como não ha contestação possível a estes factos, temos de acceitar que sam legítimas e acceitáveis as apprehensões dos credores. Para julga-las sem fundamento, mister seria outro procedimento; outra norma de administração, subordinada a um espirito de economia que a situação exige, e que já agora é impossivel—sobeja a demonstração—no regimen de constitucionalismo al mantido.

Infructíferas serám, por consequência, como o têm sido outras, as tentativas que o sr. Carrilho vai fazer. Nada fará que solva o assumpto como convém aos portadores da credits e d'harmonia com os interesses de Portugal. Por esta coisa simples:—porque os credores mantêm se na impressão de que agora, como sempre, a missão de delegado do governo se resume em paliativos por meio de promessas que se não cumprem. O sr. Carrilho voltará de mãos a abanar, eternizando-se a questão, e a sua nova viagem financeira só servirá para o caso

se agravar com o custeio dessa viagem infructifera.

A situação de Portugal é pois esta:—Povo extraordinariamente individado, e que, mercê da alma dos seus governos, não vê meio de entrar na amortisação. Sem embargo...

Os monarchas vam brevemente aos Açores em visita official. A flotilha naval, que a acompanha o cruzador *D. Carlos*, que é o barco almirante, compõe-se do *S. Gabriel*, *Rainha D. Amelia* e canhoneira *D. Luis*. Todos estes vasos levam guarnições na maxima força, para desluzbrarem as diversas ilhas, forças para prestar as honras aos viajantes. Além disto, o *Africa* partirá adeante a conduzir bagagens. Calcule-se quanto custa a viagem de todos esses barcos; a quanto vam montar os dispêndios com as festas lá e que o thesouro ha de custear; quanto será, numa palavra, a cifra total dessa viagem. Somme-se esse quanto com o da viagem eleitoral ao Porto e com o que dispenderá com a outra passeata projectada aquella cidade, e ajuize-se quanto poderia ser bem mais digna e proveitosamente utilizado na amortisação de compromissos. Mas como isto se não faz e os credores o sentem, as suas apprehensões sam legítimas...

E' o regimen na sua vida de loucuras; sam os governos no afan de fazer sobresair os representantes da dynastia, sem quererem preoccupar-se com que arrancam todos esses desperdícios á dignidade dum país desacreditado e financeiramente moribundo, e á miséria dum povo que nem já sabe como viver e que por isso mesmo dá um contingente larguissimo para emigração.

Somos, pois, uma nacionalidade fatalmente condemnada se um movimento enérgico não fizer desaparecer o throno pelo advento da Republica.

Notas falsas.—recusa do banco

O apparecimento das notas falsas de 50000 réis parece destinado a provocar, especialmente em Lisboa, um sério conflicto entre o público e o banco de Portugal que agora se nega a recebê-las, inutilizando-as a picado e devolvendo-as quando lhe sam apresentadas.

A questão reveste o seu pedago de gravidade, e a ella se está referindo a imprensa em termos bem pouco sympáticos para o banco e para o governo, sobresaindo a consideração, bem razoavel afinal, de que o banco ou o estado tiram da circulação fiduciária lucros de sobra para arca-rem com o prejuizo do recebimento do papel moeda falsificado.

As recriminações, pois, que se estão levantando contra o procedimento do banco sam justissimas a todos os respeitos, e, em abono dellas depõem as seguintes considerações dum diário da capital, que largamente discute a questão:

«O Banco de Portugal pôde, dizer em sua defeza muitas

coisas justas. Dirá que pagar as notas reconhecidas falsas é premiar, promover, facilitar a sua circulação e fabrico; dirá principalmente que pagá-las é pagar o que não deve, é honrar compromissos que não tomou. Mas o público allega, e com igual razão, que não tem, que não lhe pôde ser imposta, a obrigação de conhecer as notas falsas, mormente quando ellas sam artisticamente fabricadas, e que o actual regimen de circulação do país não lhe deixa sequer a liberdade de não aceitar a moeda que não é digna de confiança.

Se amanhã se falsificassem, não já notas de 50000 réis, quasi já usadas em pagamentos avultados, mas as de 5000 réis, de uso doméstico, que andam na mão de toda a gente, nomeadamente nas de analfabetos, e até nas de cegos, não seria uma flagrante injustiça, uma violência barbara, condemnar na multa do seu valor quem as recebesse por boas sendo falsas? Pois não as pagar corresponderia exactamente a essa condemnação, attentatória dos mais fundamentaes principios do direito e da moral?

Existe, pois, pelo menos, um conflicto de direitos, um antagonismo de justicas, entre o portador da nota falsa, que provavelmente a recebeu de boa fé, e o Banco emissor: como resolve-lo? Repetimos:— não se pôde racionalmente impôr a todos os individuos a obrigação de reconhecer a falsidade do papel fiduciário; portanto, não é justo nem é equitativo sujeitar quem o recebe de boa fé ao prejuizo da perda do seu valor representativo. Mas quem ha de então soffrer esse prejuizo? É difficil responder, não ha duvida, mas em tese parece que deve soffrê-lo quem tiver a responsabilidade da existência e da circulação das notas falsas. Essa responsabilidade é do Banco, é do Estado, é de ambos? Do público é que certamente não é!

Partiu ontem, tendo os seus serventuários embarcado na estação velha ás 2 horas, em caruagem de 1.ª classe, fazendo o despacho das bagagens para Torres Vedras.

Verdi

O famoso compositor, quasi centenário e tam illustre que era uma gloria da Italia, ao mesmo tempo que da Arte, teve ontem em Milão o seu funeral. A morte do glorioso velho foi considerada como uma perda nacional, e a sua memória têm sido tributadas grandiosas homenagens de consagração, em que todo o mundo culto tem tomado parte.

E veja-se o poder do genio: Verdi era filho dum pobre taberneiro dum aldeia quasi desconhecida, começando a sua educação musical por organista da igreja da sua aldeia.

bem pesadas, como esta que finalisa um artigo do celebre Ennes no Dia:

«Admittido o principio da não acceitação das notas falsas, —quem sabe?— talvez até algum ministro da fazenda se lembre de as mandar falsificar na casa da moeda!

E se isso se der, como o Dia admite, terá o público de soffrer-lhe as conssequências? Terá de ser sacrificado á sagacidade especulativa dum conselheiro falsificador?

Dêem-se, pois, ao assumpto as providências que elle reclama, mas nunca sacrificando os portadores aos prejuizos que só o banco deve soffrer.

O sr. D. Miguel de Bragança não visitou apenas Lisboa. Os jornaes daquela cidade, noticiando a sua estada allí, informaram de que elle partira em direcção a Madrid. Iludidos, porque a verdade é que o neto do rei deposto se dirigiu para esta cidade, estando a assistir ao espectáculo de ante-ontem no circo.

Muita gente reparou nelle, notando-o pelos ares de estranho, mas como o não conheciam passou despercebido.

O apparecimento, ontem, nas ruas, duns personagens fardados, trazendo chapéus com plumas, provocou uma certa curiosidade, afinal satisfeita, pelo conhecimento de que esses personagens acompanhavam o sr. D. Miguel, que estava hospedado no hotel Bragança, e que visitou alguns dos mais importantes monumentos da cidade.

Quis fallar-lhe um grupo de estudantes, que foi a estação ao combóio das 2 horas, suppondo que elle ia partir, mas o distincto viajante não estava allí. Cremos mesmo que procurou zudadosamente não despertar attentões e evitar encontros que podessem prejudicar-lhe a intenção de guardar o mais rigoroso incógnito.

Por isso mesmo, permitta-nos o activo e intelligente empresário que chamemos a sua attentão para o scenário, tam mesquinho, que faz dó! A orchestra já melhorou sensivelmente; mas aquelle scenário, tam pobre, que chega a ser reles, está a reclamar que o ponham á altura dos artistas que com elle representam.

Theatro

Ante-hontem teve logar a primeira das três récitas annunciadas pela companhia do Theatro de D. Maria. Representou-se o Pae pródigo—velha peça de processos velhos, architectada sem originalidade, mas bem representada, como era de esperar.

Ferreira da Silva, o fino actor inconfundivel na scena portugueza, tem nesta peça mais uma magistral criação. Aquelle papel de velho fidalgo rapaz, de cabeça leve mas sempre nobre, não pode ser representado com mais aristocratica correcção. Seria assim que o auctor o imaginava ao escrevê-lo; mas que não fôsse, a criação de Ferreira da Silva impõe-se pela inexcedivel nobreza de que a reveste.

Ontem a comédia Mercadet—peça, pode dizer-se, do distincto actor Augusto de Mello, que caracteriza notavelmente o protagonista. O relevo que dá ao seu papel é excellentemente auxiliado pelos restantes actores, entre os quaes deverá mencionar-se Fernando Maia em especial, que se apresenta sempre como artista de futuro.

Hoje recae todo o interesse na —Irma mais velha—pelo trabalho da nossa primeira actriz dramática—Virgínia.

Peça ainda desconhecida em Coimbra, ha de attrair o público, que se não cança de victoriar a gloriosa actriz.

É com companhias dramaticas assim que se educa o gosto pela arte scenica, e nisto tem o empresario do theatro circo prestado ao publico de Coimbra um evidente serviço, que, valha a verdade, a elle não tem sido prejudicial tambem. E antes assim, porque o merece.

Suppomos que não haverá opinião em contrario...

Nova publicação

Vai ser distribuido o 1.º numero duma revista mensal que, sob o titulo *Archivo bibliographico da bibliotheca da Universidade de Coimbra*, o sr. dr. Mendes dos Remedios, director da bibliotheca, resolveu fazer sair.

É destinado, diz a advertência, a dar mensalmente uma nota exacta de todas as publicações, quer nacionaes, quer estrangeiras, que entrarem na bibliotheca. Ao lado deste registo, que certamente prestará fecundos auxilios aos trabalhos de catalogação da bibliotheca, o *Archivo* irá publicando o *Catálogo dos Manuscritos*, do qual ha sómente um esboço muito incompleto e imperfeito. Por último suscitou-se a conveniência de ir publicando, tanto quanto fosse possivel, um ou outro inédito de reconhecido valor. A publicação de inéditos no *Archivo* impunha-se tanto mais, quanto o deterioramento de certos manuscritos, por vezes inevitavel, sempre possivel, poderia acarretar perdas irreparáveis.

As suas secções sam: Catálogo das publicações recebidas na bibliotheca por compra, offerta e propina; Catálogo dos manuscritos existentes na bibliotheca; Inéditos.

A nomeação para representar Universidade na acommemoração do centenário da Universidade de Glasgow recaiu no professor de direito sr. dr. Assis Teixeira.

LITTERATURA ESPANHOLA

(FRANCISCO VILLAESPESA)

A fraternisação universal dos povos, sonho de ontem, esperança d'hoje, será a realidade d'amanhã. Tudo a proclama. As nacionalidades olham-se duvidosas, mas as fronteiras eliminam-se; as forças da matéria repellem-se mas os espiritos evocam-se; os reis degladiam-se mas as sociedades humanisam-se. E' o — ecce Deus — do coração humano, a vista dos primeiros horizontes da Terra Prometida. E' que chegou a era do Amor. O grito — sede bons e trabalhadores — substituiu ha muito o *morituri te salutant*. E' o Homem que se liberta, o prisioneiro que despedaça os últimos vinculos da sua algema, na volta da terra do exilio. Terra do exilio! Como vãm ainda perto esses dias em que ella era a Pátria certa de cada heroe, dias em que o montante do verdugo era a derradeira benção de cada Apostolo.

Agora se vê que de nada valeu partirem nos os remos e afundarem-nos as caravellas, pois que passamos o mar a nado. Nada valeu ás nuvens trovejarem, ao raio luzilar, visto que, apesar de tudo, escalamos o céu. Cortáramos os braços, mas houve sempre quem caminhasse ávante; quebraram-nos as pernas mas havia sempre boccas que gritavam; arrancaram-nos a lingua mas os olhos apóstolavam nosso crêdo; perfuraram nos os orbitas, mas a lucta continuava; os mutilados triumphavam; havia sempre um coração que pulsava na hora extrema da agonia e nesse coração uma consciência lançando a accusação suprema. A Verdade não tem patria nem a Luz pôde algemar-se. Para cada criminoso haverá sempre um latego, e uma consciência para cada infamia. Haverá sempre um peito com

A lide marcha

o guerreiro...

«Crusa a planicie um estranho peregrino... Vê uma palmeira. Mas despressa a sombra que o convida; Sombra que eu busco, não és tu, diz lugubre e sombrio, E de novo pela areia do deserto se encaminha...

«Crusa o valle que embalsama os jardins florentes. Uma virgem entre rosas sorri languidamente. E o viandante sem parar diz triste e melancólico: — O sorriso que eu busco, não és tu, ó líbrico sorriso!

«Sobe o monte. Os senhores do castello: — Honra, lhe dizem, Nossa mesa. Para e bebe uma taça em nossa orgia! E o viandante sem parar-se lhes responde tristemente: — Vossa mesa não é a minha mesa! Vossa taça não é a minha!

«Por toda a serra a neve cae. Sobre o cumé ha um convento; De Jesus, dizem os monjes, o apoio solicita. — Vosso crêdo não é o meu! lhes contesta o peregrino, E em silêncio pela neve lentamente se encaminha.

«... E ainda por valles e montanhas Despresando os conselhos e os prazeres que o convidam Vai o viandante mysterioso lentamente Lentamente caminhando, caminhando...

E' bem a marcha dolorosa e constante de quem trabalha para um fim ou de quem lucta ao clarão duma ideia. E' neste caso que o artista me preoccupa secundariamente. Porque então o agente não é o cerebro mas a alma; não é a paciência do cinzelador escrupuloso mas o entusiasmo

«... E ainda por valles e montanhas Despresando os conselhos e os prazeres que o convidam Vai o viandante mysterioso lentamente Lentamente caminhando, caminhando...

«... E ainda por valles e montanhas Despresando os conselhos e os prazeres que o convidam Vai o viandante mysterioso lentamente Lentamente caminhando, caminhando...

Missa

A manhã 1.ª de fevereiro, será resada uma missa ás 10 horas da manhã na igreja de Santa Cruz, suffragando a alma de D. Theresia Emilia Lopes de Carvalho.

um coração que ame, um braço com uma mão que abençoe e um lábio com um grito que proteste. Que os simples tenham o nosso coração, nosso braço, os despeñados, e os tyranos nosso grito. E' para tudo isso apenas isto: unirmo-nos!

E' o que dizia Karl Marx e é o que hoje repete um poeta espanhol aos escriptores portuguezes. E' de Madrid que nos chega o convite. Francisco Villaespesa, não espera que a evolução liberte o Povo, erguendo-o até nós; quer que descancemos lá abaixo para depois subirmos juntamente.

Quem é este Poeta que assim se apresenta tam cheio de enthusiasmo pela causa santa da Humanidade?

Sera tudo menos isto: um inútil. E' pelo menos um luctador.

Tem mesmo um livro *Luchas*, que basta para enobrecer uma Alma e impôr um carácter.

Agora mesmo acabo de ler o seu último livro — *La Copa del Rey de Thule* — um pequenino poema lírico, cheio de emoção e poesia.

Mas não quero impor-vos o livro a força de adjectivos sonoros, como por ai se faz todas as vezes que um nulló se apresenta com pretensões a Génio.

Demais não enalteço um livro: saúdo uma ideia.

Saúdo Villaespesa que de Espanha nos envia o coração: num grito de aliança fraterna,

Espirito de vidente, alma de insaciado!... E' bem esse aventureiro de que nos fallá, que segue pela vida sem parar; em procura não dum túmulo onde dormir, mas duma Terra ainda desconhecida onde possa lançar a semente das suas esperanças e viver na plenitude da Felicidade alcançada.

Syndicância

O sr. dr. Araujo e Gama, letrado de theologia e reitor do lyceu central desta cidade, saiu para Guimarães a fazer uma syndicância ao lyceu d'alli.

Acompanhou-o, como secretario dessa missão, o sr. dr. Fortunato d'Almeida,

Associação de Escolas Móveis

pelo methodo de João de Deus

Esta associação com estatutos approvados pelo governo desde 1882 (para subscrever ou pedir missões dirigir-se ao thezoureiro, L. do Terreiro do Trigo, 20, Lisboa), tem actualmente os seguintes cursos a funcionar:

90.ª missão — em Marvilla (Poço do Bispo), requisitada pela associação de classe dos manipuladores de sabão. O curso nocturno desta missão conta 28 alumnos.

91.ª missão — em Fafe, requisitada pela câmara municipal. O curso diurno é frequentado por 35 alumnos de 6 a 17 annos. O curso nocturno conta 45 alumnos de 9 a 35 annos.

92.ª missão — para operários no bairro da Estrella (Lisboa). Tem no curso nocturno 26 alumnos.

93.ª missão — sexo feminino para operários em Alcântara (Lisboa) estão inscriptos: — no curso diurno 28 creanças; no curso nocturno 23 mulheres.

Estes cursos ou missões ambulantes bem podiam multiplicar-se pelas diversas povoações da nação; mas poderá a direcção das escolas móveis realizar tam civilisadores intuitos, só com os minguados recursos que lhe fornecem 170 e tantos socios? Portugal entrou no século xx com 1/3 da sua população analfabeta, pois que em 5 milhões de habitantes só um milhão sabe ler (Deus sabe como!).

Nas férias de Páschoa de 1900 a imprensa noticiou que a *Tuna Académica*, de Coimbra iria a Lisboa dar um sarau, cujo producto revertiria a favor do cofre das escolas móveis. Bom será que a briosa mocidade da Universidade; que tanto se salientou no célebre festival de 8 de março de 1895, em honra de João de Deus, não olvide a sua generosa promessa: resgatar das trevas alguns famintos de luz!

Estatística curiosa

Um jornal francês estabeleceu a estatística das pessoas addidas ao serviço da rainha Victória, chegando a conclusão de que eram 932, sem se contarem, bem entendido, os creados.

Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro, primeiro

O tiro de revolver

A MULHER VELADA

O mundo é uma comédia, os que não representam querem ser espectadores; até ao dia em que, por sua vez, subirão para o palco.

Os dois rapazes tinham chegado em frente da loja de flores das floristas da Opera que tem o seu estabelecimento nos Campos Elyseos; enquanto um d'elles entrava para pôr uma condecoração — uma condecoração ao alcance de toda a gente, — mais difficil talvez de trazer bem do que a cruz da legião de honra; — o seu camarada de charutos tinha voltado pelo mesmo caminho.

— Mas perdeu o tempo.

— Onde diabo vens tu?

— Sou uma besta; não era o número do fiacre que eu devia apontar; era o número da casa para onde vá a condessa.

Qual era então a casa para onde ia a condessa? Porque era, com effeito, a condessa de Romanes.

Os amigos diziam simplesmente: «A condessa Regina».

Só na secção médica havia três médicos ordinários e quatro extraordinários; um cirurgião ordinário e três extraordinários, além de três pharmaceuticos e um dentista. Toda uma faculdade para tratar uma rainha cuja saúde foi sempre excellente, pelo menos até a idade em que principiou a ser attingida pelos males da velhice. Devem ainda ser assignalados como pittorescos os seguintes cargos: o de *campeão da rainha*, cuja unica função se limitou a, no dia em que foi coroada, declarar publicamente que estava prompto e resolvido a levantar a lava, fosse de quem fosse, que se atrevesse a contestar os direitos ao throno da sua soberana, pelo que recebia 240 libras por anno; e o de *gentleman da canna negra*, cujo emprego era de fazer três reverências ás arcebas, no momento em que a rainha, ou o seu representante, lia a câmara dos lords o discurso do throno, cargo este que rendia nada menos de 2.000 libras annuaes.

Este ultimo era simplesmente adoravel! Duas mil libras por três vénias e demais a mais ás arcebas! Que descanso!

Atheneu Commercial

As eleições dos corpos gerentes daquelles sympathico grêmio; para o anno que decorre, deram o seguinte resultado:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Joaquim Mendes Macedo; 1.º secretario, Patricio da Silva Costa; 2.º secretario, António Velludo.

DIRECÇÃO

Presidente, João Cardoso; vice-presidente, Alberto Gonçalves Cunha; Thezoureiro, João Mendes da Costa; 1.º secretario, José Henriques Pedro; 2.º secretario, António Duarte Rodrigues; 1.º vogal, Joaquim Pessoa dos Santos; 2.º vogal, José Pereira d'Almeida;

CONSELHO FISCAL

Francisco Borges, António Martins da Costa, José de Castro Reis.

MEMORIA

Custa a seguir Paris nas suas evoluções e revoluções. A cidade universal metamorphosea-se, como pela mão de Ovidio, com uma rapidez fabulosa. Que importa ter o mais puro sangue parisiense: uma manhã acorda-se sem saber o nome da rua e o nome do chefe do gabinete. Se alguém se aventura a sair de casa, vê-nascer as casas da terra; aqui, além, mais longe, em toda a parte, sem por isso ouvir a rebeca d'Amphion. Godhedem por exemplo as duas terras novas que acabam de se edificar como por encanto? O pais descoberto por Dumás e Sarah Bernard na Avenida de Villiers e rua de Prony, e nas alturas de Chaillot o pais que teve por percursos, Emile de Girardin, Baleski e a rainha d'Espanha. Os historiadores e archeologos de Paris perderiam neste caso o seu atim. Dautes escrevia-se um livro sobre Paris que podia durar um seculo inteiro. Hoje, esse livro durava apenas uma estação.

Balzac, que gostava de perder-se no Paris perdido, reconheceria hoje por acaso a montanha de Chaillot, onde, preso pelo seu genio, conseguia fugir aos credores? Teria de mudar de palheta para pintar a população da America, d'Espanha, e do *fauburg* de Saint Germain, que ha pouco desembarcaram nas avenidas do Roi de Rome, d'Iena, Josephine e d'Alma, sem fallar de innumeráveis ruas novas que sulcam esta montanha legem-

Julgamento

Em audiência geral d'hoje foi julgado o crime de homicidio, praticado em 26 de janeiro de 1900, no Paço do Conde, por António Martins, carreiro, sendo a victima o recoveiro entre esta cidade e Penella, António Leandro, o *Moleiro*.

Presidiu ao julgamento o juiz substituto sr. dr. Danton de Carvalho, sendo defensor o sr. dr. Joaquim Gaspar de Mattos.

Dos debates parece ter-se aclarado que entre o reu e o assassinado houvera ligeira altercação, seguida de ameaças e empurrões por parte deste, que provocaram um desforço daquelle que o agrediu com um pau.

Provado que o homicidio foi involuntario, a sentença condemnou o reu em 18 meses de cadeia, sendo-lhes levados em conta os 12 de prisão que já soffreu desde a data do crime até agora.

De visita a sua ex.ª familia, seguiu hoje para a capital o nosso bom amigo João Bastos, distincto *sport*. Sua ex.ª tenciona aproveitar a sua estada alli para adquirir nos grandes canis de Lisboa um casal de cães de fina raça, para a sua matilha.

Fallecimentos

A's 2 horas da madrugada de ontem succumbiu o sr. dr. Augusto Rocha, professor de medicina, que ha bastante tempo soffria horrivelmente dum aneurisma, d'aorta, cujo volume chegou a desarticular-lhe duas costellas.

Fatalmente condemnado, nos últimos dias que teve de vida recebia a respiração artificial sob os cuidados constantes dos srs. drs. Daniel de Mattos, Costa Allemão e Luiz Pereira da Costa.

O funeral foi hoje ao meio dia, numerosamente concorrido de professores e estudantes; fazendo-lhe o elogio no cemitério, os srs. drs. Costa Allemão, Bernardino Machado, Lopes Vieira e Daniel de Mattos, e os alumnos de medicina srs. Ferreira Fontes, Arsênio de Sousa, Leal Gonçalves, Da Mesquita Paul e António Cidraes.

O sr. dr. Daniel, lembrando que fôra o fallecido o introdutor

daria para onde se enviava, ainda ha pouco, toda a gente fora da moda. Já ninguem diz hoje: em Chaillot; porque não ha Chaillot. Engano-me, ha ainda a rua primitiva; mas começam-se a fazer escavações nella para descobrir animaes anti-diluvianos.

Entretanto, a condessa de Romanes tinha chegado diante dum palacio pequeno, — um destes palacios pequeninos que roubam todos os estylos d'architectura para fazerem boa figura deante de quem passa. — Este estava edificado entre pátio e jardim.

Ha ainda para os parisienses não sei que coisa desconhecida e misteriosa naquelle pais. Só os estrangeiros o conhecem bem. Vão para alli e para lá tornam a voltar, porque se encontram como em sua casa, em não sei que silencio de provincia.

Se a condessa Regina ia esconder-se para alli, podia estar bem certa que não encontraria nenhuma das pessoas da sociedade que frequentava.

Poucos dias havia que habitava naquelle palacete, com uma menina nova Elisabeth van Lowe, que a chamava madrinha. Os creados não eram em grande numero: uma creada de quarto e uma cosinheira. A condessa não recebia ninguem a não ser o seu tabellião e o seu advogado, duas figuras severas que a não podiam comprometter.

Esquecia-me. Recebia tambem

da bacteriologia no nosso pais, disse que seria um acto de justa homenagem collocar-lhe o busto, em mármore, no gabinete que fundou annexo faculdade, e a propósito, citou o facto estranho e que muito deplorava, de, ultimamente, um certo numero de homens de reconhecido valor intellectual, preferirem entregar-se á politica em prejuizo dos importantes serviços que podiam prestar á sciencia.

Em Famalicão, morreu o sr. conde de Foz de Arouce, que foi governador civil deste distrito.

Declaração

Joaquim dos Reis Gomes, declara, para todos os effeitos, que deixou de exercer o cargo de thesoureiro da Caixa Económica Social, para que fôra eleito em janeiro de 1901, declinando porisso todas as responsabilidades que, como tal lhe cabiam.

Coimbra, 31 de janeiro de 1901.

A pedido

Solicitam-nos a publicação do que segue:

Evora, 14 de janeiro de 901.

Recebi ha dias uma carta dum anónimo de Coimbra, carta que me dá a ideia de o seu auctor pertencer a uma classe muito ordinaria e em que abunda o velhaquismo.

Certo de que esse anónimo terá querido tirar uma ou mais satisfações comigo, dedico-me a responder-lhe para lhe indicar que me não confundo com os que escrevem cartas desta natureza e as não assignam como deviam.

Se esse anónimo fosse sujeito inteiramente delicado, não procedia da maneira que procedeu, mormente não tendo tido nunca relações comigo, como deprehendo da sua relés missiva em que não vejo repito um nome a affirmá-la.

Concederei que esse anónimo pode pertencer a uma classe mais ou menos cavalheirosa, mas com certeza, não sabe respeitar a posição que por ventura tem entre os bem educados.

M. L.

um homem novo, que vinha só para dar lição de piano a afilhada, pelo menos era o que se dizia na cosinha e na visinhança. Esse homem era conhecido pelo nome de Léo Samarini. Este nome era talvez uma mascara, como a sua profissão de pianista. Era sobre tudo um pianista a quatro mãos.

A condessa assistia a lição de desenho da afilhada. Depois da lição dizia a Elisabeth:

— Minha filha, toque escalas, mais escalas, sempre escalas.

E subia para o quarto. Leo Samarini pegava no chapéo como se se fosse tambem, mas seguia a condessa. Que teriam elles a dizer um ao outro? Era o segredo dos Deuses! Sem duvida, que na grave condição em que a condessa estava, precisava dum conselho.

Mas o que pensariam a cosinheira e a creada do quarto?

A creada do quarto tinha ordem de nunca descer do segundo andar, — o andar dos vestidos, — sem a senhora chamar, a cosinheira tinha ordem de nunca sair da cosinha em quanto a menina Elisabeth van Lowe dava lição de piano. Ora, como a pobre menina batalhava com a escala ascendente e descendente depois da lição do pianista, havia uma hora de *lête à lête* para a condessa e o seu conselheiro.

(Continua)

Historia da Revolta do Porto

O grande éxito que está assignalando a publicação da *Historia da Revolta do Porto*, dos srs. João Chagas e ex-tenente Coelho deve-se inquestionavelmente à viva curiosidade que veio causar no nosso publico o annuncio de uma obra de verdade e sinceridade, que registre a chronica íntima e inédita de um dos successos contemporâneos que mais alarmou e commoveu a sociedade portugueza. Mas uma outra razão provoca uma nova e mais viva curiosidade em volta desta obra: é a sua parte artistica — illustrada e documentada, que lhe vem dar um magnifico realce, fazendo nos conhecer pela primeira vez, o aspecto de logares, documentos e muito principalmente physionomias, ligadas á historia do movimento que descreve.

Precisamente a *Empresa Democrática de Portugal*, editora da *Historia da Revolta do Porto* envia-nos a ennumeração das gravuras da obra, cento e cincoenta approximadamente, entre as quaes as seguintes:

Alves da Veiga, José Falcão, capitão Leitão, alferes Malheiros, tenente Coelho, João Chagas, José Pereira de Sampaio (Bruno), João de Menezes, António José d'Almeida, Guerra Junqueiro, Dr. Paes Pinto, cabo Borges, Miguel Verdial, Santos Cardoso, cabo Salomé, sargento Abilio, sargento Galho, sargento Pinto, alferes Trindade, dr. João Novaes, Eduardo de Sousa, os accusadores e defensores nos conselhos de guerra de Leixões, os fundadores da *Republica Portuguesa*, coronel Calheiros, cabo Annibal, civis implicados na revolta, os quartéis sublevados, a Porta dos Banhos, a porta arrombada de infantaria 18, a rua de Santo António, as vitrines das lojas da rua de Santo António, guardando os vestigios da fusillaria, major Graça, coronel Cabanellas, o tinteiro que serviu para assignar a acta da proclamação, editaes do Governo Civil do Porto, curiosos *fac-similes* de Alves da Veiga, srs. capitão Leitão, Santos Cardoso, etc. reproduções de jornaes do tempo, reprodução de uma folha queimada da proclamação ao exercito, reprodução de uma licença de depositado em Africa, instantâneas a bordo dos navios de guerra, grupos de sargentos da marinha e do exercito, as cadeias do Porto, panoramas do Porto, fortalezas em Africa, etc.

A sede da *Empresa democrática de Portugal* é em Lisboa na rua dos Douradores, 29, e a agência no Porto — Agência de Publicações do Norte — rua de Santa Catharina, 154.

LEILÃO

Por motivo de mudança de casa proceder-se-ha a leilão, em globo ou em separado, nos dias 1 e 2 do proximo mes de fevereiro pelas 12 horas da manhã, na casa n.º 111 da Couraça de Lisboa, do seguinte: três mobílias completas, lótres de crystal, espelhos sendo um de crystal de Veneza, relógio de sala e duas floreiras de mármore preto, cabide bengaleiro, vasos grandes encanastrados e uma grande quantidade de roseiras em haste alta e baixa.

O encarregado do leilão, João Augusto Simões Favas.

FACTURAS

recibos, circulares e memorandums, imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, — rua Martins de Carvalho, 7 — COIMBRA.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha — Anno, 2.700 réis; semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha — Anno, 2.400 réis; semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Anunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS

Por uma enorme maioria acaba de ser votado na câmara dos deputados francesa o artigo primeiro do projecto de lei apresentado pelo governo sobre as congregações religiosas em França, no qual se definem as associações que legalmente podem subsistir e estabelecer-se.

A aprovação do projecto na sua generalidade e a deste artigo, dam já a certeza de que a França levará por diante a patriótica ideia do seu governo, de alcance tam relevante sob o ponto de vista da educação civica da mocidade francesa.

Esta grande nação, tam solidamente estabelecida em bases democraticas inabalaveis, e que tem triumphado tam gloriosamente de todos os obstáculos levantados a sua ascensão civilizadora pelos elementos retrógrados dum monarchismo anacrónico, tinha a remover o maior de todos os obstáculos, o mais prejudicial de todos os óbices, o mais implacavel, odioso e nefasto de todos os inimigos — os jesuitas, que, a pouco e pouco, de sapa, como costumam, se iam apoderando do espirito da mocidade francês, como fazem em todos os paises, de modo a afflicção-la ao seus tenebrosos fins.

Revestindo mil aspectos, como um Protheu mysterioso, essa vasta associação esterilizadorã amolda-se a todos os meios, disfarça-se sob todas as capas, encolhe-se em todas as alforjas, insinua-se em todas as sociedades... até que num dado momento, cheia da força que lhe permitiram a negligência duns e a corrupção doutros, irrompe vigorosa a toda a luz, açambarcando para os fins interesseiros da ordem todas as actividades, as energias todas duma nação.

A tempo, felizmente para a França, viu o perigo imminente o patriótico governo que está levantando e nobilitando essa grande pais. E, com a inefficaz energia dos homens liberaes que o constituem, o perigo vai ser aniquillado, pela expulsão dos reptis damninhos que na sombra se têm desenvolvido.

Oxalá — e é de esperar — que que os governos daquelle pais

se succedam animados das mesmas largas vistas de defesa nacional, para que amanhã não resurjam novamente os mesmos inimigos implacaveis, que odiaram sempre a França pelo muito que nella reluz e flameja o principio de liberdade que os estonteia e cega.

Mas a defesa da França ha de vir a ser um perigo instante a ameaçar a península Ibérica. Está previsto e começa a ser discutido.

Se á frente das duas nações peninsulares estivessem instituições civilisadoras, progressivas, de principios liberaes a norteal-as, o exemplo fecundo da França havia de ser seguido; e seria occasião para em Portugal ser posta em vigor, determinadamente e com energia, essa abandonada e quasi desconhecida lei providencial dum grande espirito, que expulsou de territórios portuguezes as ordens religiosas.

É verdade que se as instituições politicas portuguezas fossem assim liberaes, esse decreto de Joaquim António de Aguiar não estaria nem esquecido nem abandonado...

Mas, para desgraça das duas nações peninsulares, á frente dellas estadeiam-se regimens atrazados e reaccionários, com predomínio cada vez mais intenso de instituições catholicas absorventes. E' para a península, portanto, que os jesuitas dirigiram os olhos, a pedir ás altas protecções do estado o carinhoso acolhimento que lhes não será recusado.

Este é o perigo imminente, que impende sobre nós e que urge prevenir e affastar.

E' indispensavel que a nação liberal se levante e se prepare para reagir energica e audazmente contra a onda invasora que se avizinha. Se até hoje a mocidade portuguesa tem estado submettida geralmente a um regimen de educação clerical deprimente, é urgente que a parte sa e livre da nação arranque de vez a educação portuguesa das mãos dos jesuitas.

Prepare-se, pois, o pais liberal!

Sau hoje para Lisboa o sr. Adriano da Silva Ferreira, escripturário d'obras publicas que ha annos está na disponibilidade. Esta sua viagem prende-se com o boato insistente de que foi ou vai ser nomeado para entrar em exercicio do seu cargo ao serviço da repartição competente em Ponta Delgada.

Duvidas fundadas?

Desde ha dias vinham apparecendo noticias alarmantes sobre a predisposição boer, com relação ao caminho de ferro portuguez de Lourenço Marques: que estavam dispostos a atacal-o sem mais reparos.

Isto, que foi posto de quarentena, significaria talvez uma retalição pelas deslealdades tidas com elles no tocante á neutralidade de que se tem feito alarde, mas que tem sido verdadeiramente parcial.

Houvesse ou não fundamento no boato, a verdade é que a remessa de duas expedições numerosas para aquelle nosso dominio provocaram duvidas, suggerindo insistentemente esta pergunta — Ao que vam?

Novas duvidas se levantaram a propósito de dizer-se que vão seguir para lá mais tropas. E não é raro ouvir fallar em resolução militar de maior vulto, resolução que, a dar-se, poderá talvez pôr inteiramente a descoberto o que havi sido a accção dos governos portuguezes, em actos de subserviência á Inglaterra.

Tudo o que agora se diz, em referência ao aspecto de nebulosidades, mas a preparação de ataque ao caminho de ferro citado parece ter dado margem a mais significativos commentarios, em face dos quaes apparece já esta interrogação: — Portugal não irá ainda ao Transvaal combater pelos ingleses?

Demasiada e infundada curiosidade? Talvez. Sem embargo, a verdade é que andam, positivamente, no ar coisas referentes.

Depois, a consideração dos boers acerca do caminho de ferro de Lourenço Marques pôde conduzir os a um tal procedimento, nada desagradavel aos ingleses, que dê ensejo á remessa de tropas, a pretexto de protegerem aquelle caminho de ferro, mas que, propriamente, iram reforçar as tropas britannicas.

Tirem-se, dos periodos seguintes, publicados pelo Temps, as conclusões devidas, e ver-se ha se existe ou não existe motivo de receios.

Diz o Temps:

«Segundo communicam da Haya ao *Garis-Nouvelles*, na roda do presidente Kruger sam dadas como inexactas certas noticias, segundo as quaes os generaes boers Botha e Dewet se teriam resolvido a não respeitar mais a neutralidade de Portugal, atacando o caminho de ferro de Lourenço Marques. Observa-se que os chefes boers não violariam, na realidade, neutralidade de especie alguma, atacando o caminho de ferro de Lourenço Marques, visto elle estar inteiramente em poder dos ingleses, sobretudo atacando o nas fronteiras do Transvaal.

«Os boers sabem perfeitamente o que devem pensar acerca da neutralidade portuguesa. Entretanto respeitam essa ficção, que ainda os constrange menos a elles do que aos ingleses.

«E, como que para fornecer uma nova prova á opinião, um telegramma de Lourenço Marques, datado de 25 de janeiro, annuncia que o governo inglês comprou edificios aos irmãos Montes para nelles installar diversos serviços do governo imperial.»

O caminho de ferro de Lourenço Marques, que é portuguez, inteiramente em poder dos ingleses, que compraram em Lourenço Marques edificios para o estabelecimento de serviços do governo imperial...

Não é tudo isto significativo? Não têm muito valor, a diversos aspectos, os dizeres do Temps?

Dada a latente sympathia que por toda a parte se manifesta pela causa boer, parece que o governo nso está preparando mais uma linda situação ante as nações; — linda situação, se não forem ainda acontecimentos a que nem accuda a alliança, ainda ha pouco affirmada solemnemente em Lisboa.

Notas falsas

As indagações acerca do fabrico e passagem das notas falsas de 50000 réis parece que vam dando algum resultado.

Desde a descoberta das primeiras — as enviadas pela casa de Bragança a um estabelecimento de Lisboa, appareceu a suspeita de que representantes da mesma casa as haviam recebido em pagamento de gados vendidos no Alemtejo. Foi seguida aquella pista e presuppõe-se que a suspeita se confirma, e que não haverá agora maior difficuldade em aclarar-se seguramente a origem de tal papel.

Estam já presos, como passadores, três individuos, tolos marchantes — um tal Paulino, detido em Villa Viçosa e dois irmãos, conhecidos pelos Lapas, estabelecidos em Evora, a um dos quaes foram apprehendidos 650000 réis daquellas notas.

Estes Lapas têm feito desde o dia 26, em Estremoz e immediações, compras de gado no valor de 12 contos, pagando em notas falsas.

Parece que ha comprometido no negocio um alto negociante de Estremoz, como dois de Lisboa, que se diz vam ser presos, bem como outros em diversas localidades, calculando-se já em 12 ou 14 os implicados.

As consequências de o banco de Portugal se recusar a receber aquellas notas estão sendo sentidas já na provincia. Um exemplo:

Uma feira de gados em Villa Viçosa, que costumava ser farta em transacções, correu desanimadissima, por motivo da não accitação de notas de 50000 réis, mormente depois que na feira appareceu um agente do banco, acompanhado dum policia de Lisboa, a examinar as notas daquelle importância, apartando grande quantidade dellas falsas, e recomendando que não transaccionassem com tal papel fosse ou não fosse legal.

Carta de Lisboa

1 de fevereiro.

Semana morta. O parlamento fechado, o rei fóra, a politica em descanzo. A pugna tem se limitado, entre monarchicos, ao ministro da marinha, Teixeira de Sousa, que, como sabem, se meteu com Navarro e Marianno, que sam como que seus tutores. E' o boje expiatorio da situação, diz-se e creio que por muitos correligionários quererem a sua pasta e instigarem a campanha que ai trôa. O caso é que esse ministro, um irascivel, se encontra algo embaraçado e irritado, com crises de desalento e de colera.

E, digam o que disserem as gazetas governamentais, é certo que a sua situação não é segura. Posso affirmar-lo.

Simplemente, se elle não pode aguentar-se, haverá alguma coisa mais espéctaculosa que uma recomposição — uma substituição de ministério.

E a razão é divertida. Hintze empenhou a sua palavra com José d'Azevedo, prometendo-lhe solemnemente que, em caso de recomposição, lhe daria a pasta da marinha.

Mas não quer dar-lha. Por isso, em vez de pedir uma recomposição, apresenta a demissão collectiva do ministério, seguro de que é chamado a formar novo gabinete, no qual não entrarão Teixeira de Sousa, João Arroyo e Manuel Vasques.

O que ha de mais importante em politica é isto, que hão de concordar que não é pouco.

E' eternamente a politica monarchica portuguesa a merecer a classificação e o symbolo que tam precisamente lhe deu Bordallo na *Parodia*. — A Porca!

Entretanto, do estrangeiro, donde vem sempre as melhores noticias do que nos interessa, chegam nos alarmantes informações.

Do que se lê em jornaes franceses, espanhoes e allemães, deduz-se que o nosso papel na guerra sul africana não acabou. Antes parece ir agora entrar numa phase de maior evidencia e celebridade.

Portugal parece positivamente nas mãos da Inglaterra, prompto não já para todos os auxilios mas para todas as baixezas. A Grã Bretanha serve-se delle, não como dum amigo nem dum alliado, mas como dum creado.

E' de balde se pergunta porque, investigando o que se haja combinado entre os governos dos dois paises.

As últimas noticias é que não ha um novo tratado nem sequer ractificações de antigos tratados.

Ha uma entente officiosa, particular, pela qual Portugal se propõe e compromette a tudo, mediante vagas e genericas promessas da Grã Bretanha, que principalmente garante a conservação da dynastia.

Olhando ainda para o estran-

jeiro, idem que reconhecer outro perigo os que vêm as cousas. — E' o perigo que por igual ameaça em Espanha, onde aliás está levantando gritos d'alarme, não só dos democratas como dos liberais.

Refiro-me à invasão que se propõem fazer na península as commodidades religiosas, expulsas de França, visto que não podem já restar dúvidas sobre a aprovação do projecto que ora se discute allí, no parlamento.

A península é naturalmente o reduto que ellas escolhem, por não terem outro ponto onde assentar arraiaes.

E, se a fradesca Espanha é lugar apropriado, não o é menos Portugal, onde a policia está ás ordens dos padres para perseguições religiosas e onde nos últimos tempos, desde que é rainha a sr.^a D. Amélia, tam assustadoramente se tem preparado o campo à reacção.

Isto é grave, sob todos os pontos de vista, incluído o lado económico da questão, porque sam conhecidos os prejuizos que para a economia dum país resulta das sociedades chamadas de mão morta. Devemos, pois, prepará-los para uma acção, enérgica e decidida, de defesa.

Em meio de todos estes factores de desanimo e de nojo, alguma coisa apparece de consolador.

Ha annos constituiu-se em Lisboa uma collectividade que veio reivindicar as tradições da academia, ao tempo esquecidas por manifestações de indiferença. Foi a Liga Académica Republicana, que começou de acompanhar ousadamente a vida da democracia e que breve começou a dar, entre outros, um salutar exemplo—trabalhar a occultas da policia.

Ha pouco tempo esse núcleo escôla gratuita para a infancia pobre. A generosa iniciativa mereceu, immediato, o applauso de toda a gente de bem. E com entusiasmo foi acolhido ainda o titulo — *Escôla 31 de janeiro*.

Como ontem passasse o 31 de janeiro, realizou-se ontem tambem a sessão solemne, inaugural, da escôla. E, porque no Porto a policia prohibiu já a inauguração duma escôla de caracter republicano, a sessão fez-se à porta fechada, sem convocação por formaes mas por convites particulares.

Dessa forma, poderam reunir-se algumas dezenas ou centenas de espiritos livres, sem coacção de chanchalhos policiaes.

Por isso mesmo fallou-se alto e claro, proclamando-se com solemnidade e enthusiasmo os mais ardentes principios revolucionarios.

Foi uma bella e memoravel sessão, d'onde se saiu com o espirito cheio de crença e de fé.

A sympathica obra do núcleo que compõe a Liga tem a mais auspiciosa consagração.

de opinião que o drama *Electra* é a mais formidavel campanha contra o clericalismo.

Péres Galdóz tem recebido innumeras felicitações de toda a Espanha.

Hoje dizia-se que seria prohibida a representação, do *Electra*, mas o ministro do reino desmentiu.

Já ha dias aqui fizemos um confronto, no tocante ao respeito pelas liberdades públicas, entre Portugal e Espanha. Em abono das opiniões que expendemos vem mais este facto.

Cá, manifestações daquella natureza a propósito duma peça de tal valor, açolaria a má vontade clerical, que havia de pôr ao seu serviço a intolerância do governo para a prohibição do drama, como conseguiu essa intolerância contra os templos e apóstolos da igreja evangélica. Em Espanha, o país carola por excellência, onde a fraderia dispõe de alta influencia e valimento, que terá posto em jôgo para conseguir a condemnação da peça, o governo, numa manifestação liberal, não serve nessa parte aos clericais, e é um proprio ministro que apparece a desmentir o boato da noticia da prohibição.

Não deixemos de apontar estas differenças, que servem para elucidar.

Entrou em franca convalescencia, podendo dizer se restabelecido, o sr. dr. Serrasqueira, illustre professor do yceu.

Exames de candidatos ao magistério secundário

Saio ontem no *Diário do Governo* o seguinte importante decreto pela direcção geral d'ins-trucção pública:

«Artigo 1.^o—Os exames dos candidatos ao magistério secundário realisar-se ham unicamente no lyceu central de Lisboa, pela forma prescripta no regulamento de 14 de agosto de 1895 e carta de lei de 28 de maio de 1896.

«Artigo 2.^o—Os candidatos ao magistério secundário approvados nos concursos feitos nos termos dos citados diplomas poderam ser collocados nas vagas existentes em qualquer lyceu e nos grupos a que concorrerem.

«Artigo 3.^o—A transferencia dos professores dos lyceus pôde effectuar-se nos mesmos termos em que era permittida anteriormente ao actual regimen d'ins-trucção secundária e conforme as prescripções do artigo 12.^o do decreto de 29 de julho de 1886.

«Artigo 4.^o—Fica revogada a legislação em contrario.»

A folha official publica a portaria mandando definir que a orthographia usual é a que está exarada nos dictionários contemporaneos da lingua portuguesa e que tem sido usada pelos nossos principaes auctores classicos modernos.

E parvamente chamam a isto definir!

Não é verdade que o que mais falta na Direcção Geral d'Instrucção Publica é precisamente a instrucção?...

Louco

A requisição da familia, entrou na 2.^a esquadra de policia o alfaiate José Maria, casado e residente na rua da Trindade, por dar visiveis indícios de alienação mental, parece que manifestada por disturbios e gritaria, amotinando a vizinhança.

O veterinário sr. João Guerreiro, acaba de ser exonerado do logar de técnico na escôla nacional de agricultura.

Chronica do theatre

NO CAFÉ

— E' facil...
— O Quim...
— Começo quando chega da batalha o homem que matou Saul e aproveitou logo as palavras do codice: *eu vi Saul encostado sobre a sua asta, e os inimigos ahegavam se a elle. E elle perguntou me que homem era eu e eu lhe disse que era amalechita. E elle me disse mata-me, e eu matei-o, porque entendi que elle não podia viver mais. Tomei-lhe a corôa da cabeça e o fimal do hombro e trago-a a ti, meu senhor... Oh! milagre! Vocês aqui?*

— Doutor, venha para o seu logar.
— Não! Deixe estar, eu fico bem em qualquer parte.
— Senhor Doutor allí fica melhor. Vá, ande...
— Adeus sr. Lobo, obrigado. Como vaes Raul?

— Que quer tomar, doutor?
— Por ora nada. O final é se guro. Acabo com o pranto de David.
— Mui dooroso...
— E muito choroso... Tal qual V. S.^a vae aprendendo.

— Que trapalhada é essa?
— Olá, compadre. Ponho o textualmente: *Os nobres de Israel foram mortos sobelos teos montes como cairam e morreram os fortes montes de Gelboé. Não venha sobre nós orvalho nem chuva, nem seja em nós agro de sementes e de bons frutos, porque em nós foi deshonorado o escudo de Saul, como se não fosse untado d'oleo. Filhas d'Israel chorai de sobre Saul que vos vestia de panos nobres em deleitamentos. Grande dor hei de ti meu irmão, mui formoso e mui amado que o amor das mulheres, assim como a madre ama seu filho se não tem mais que um assim te amava eu...*

— O doutor, ha bocado, dizia isso melhor.
— Não me lembra...
— Como a mãe ama o filho se não tem mais que um e é morto já o pae, assim te amava eu.
— E' verdade. E' uma modificação minha.

— Mas que trapalhada é essa?
— E' a historia de David um rei...
— Que atirava pedras...
— Um sport como atirar a pombos.

— Sim mas atirar a gigantes...
— Lá vem você com a politica.
— Que trapalhada é essa?
— E' o doutor que deu em frade d'Alcobaça. Agora lê a Alcobaça illustrada. E' uma loucura mansa.

— A loucura de S. Bernardo.
— Já havia a dança de S. Vito.
— Exercício illegal de Medicina. Paga o Champanhe.
— Não se poderia pagar na cadeia? Raul, manda vir Champanhe.

— Eu ando, na verdade, doído. Descobri um valle em que ha um mosteiro d'Alcobaça. E' S. Paulo de Frades.
— Pelo meio do valle, corre um riacho, alegre como os da minha terra, sempre aos saltos e a brincar como uma creança. Se perto ha um altito, deixa o meio do valle, encosta-se a elle a ver e, ao chegar ao cimo, dá um salto e cae a rir como uma creança, sobre uma azenha ou moinho novo; e lá torna a fugir.

— Festinhosamente.
— Tal e qual: festinhosamente.
— Festinhosamente?
— E' um adverbio novo que elle descobriu num manuscripto do seculo xiv da Bibliotheca d'Alcobaça.

— E' lindo...
— E' é o calão de S. Bernardo, peor que o meu calão.
— Quando chega a Eiras, o riacho enche as ruas todas d'um ruido alegre, como um rancho de gente nova a rir e a folgar.
— Como tu dizes isso! Não sentes nada, fazes d'isso como outros fazem reportagem...
— O sr. Fernandes não tem a palavra, se não resolve ter espirito. No convento, encontrei uma imagem do seculo xiv. Hontem, fomos vê-la, nós e o A. A. Gonçalves. Partimos ás duas e chegamos cá ás cinco...
— Bem se sabe: a *ma cha de S. Bernardo* doença nervosa analoga á dança de S. Vito.
— Reincidencia depois de primeira condemnação. Pena: outra garrafa de Champanhe.

— Quer?
— Não...
— Que idéa foi essa d'irem a correr?
— Tínhamos theatre á noite.
— E' verdade doutor que diz do theatre.
— Gostei. Acho que a arte dramatica está soffrendo uma modificação feliz.

— Eu, ha muito, que não vejo nada que tanto me sati faça como a *Zazá*...
— Ai! Que foste tu dizer!...
— Já tardava a imbecilidade do dia...
— Atura o...
— Como. Não gosta?
— Que besta imaginam vocês que eu sou? Eu posso lá gostar daquillo.

— O que é a *Zazá*? Um drama de amor? Não ha nada por dizer em amor; tem no dito já, e bem, toda a litteratura dramatica. O que se poderia esperar dum novo, de um homem de espirito? Naturalmente alguma coisa duma análise muito subtil, cheia de finura.
— Naturalmente...
— Ora a *Zazá* não tem um ditto que não possa ser comprehendido por qualquer almocreve, tudo aquillo tem sido ouvido por toda a gente.
— Doutor...
— Por toda a gente! Eu t'ho pouca pratica de alconce, os primeiros annos, não sou dumá prostituição superior; pois eu mesmo ouvi aquillo. Sam as primeiras coisas que se ouvem, dizem se todos os dias.
— Em todo o caso aquelle homem que, apesar de tudo, não consente que lhe insultem a mulher legitima...
— Isso não é moralidade, é a commodidade do vicio... Depois quem, num café concerto, não vê senão imbecis sem espirito e sem amor, é um explorador sem vergonha da moralidade burguesa, da que se diz alto — o doce com chego do lar, uma mulherzinha que faz contas, e se não importa com auzências de seis meses...
— Mas *Zazá* não é uma figura sympathica?
— Não. *Zazá* é da estatura moral da peça. Ha uma mulher, encontra-se um dia com o amor. Regenera se? Não, acha que o amor é uma coisa incommoda que traz desgostos e põe se a explorar o desejo dos outros. Ora isto é o que ha de mais baixo em sentimento.
— Eu gostei. Os actores...
— Os actores...
— Vai dizer mal.
— Com certeza.
— E' uma coisa que eu não percebo no compadre, não me parece seu...
— E é toda a minha vida, é o meu horror pelos cathedráticos...
— Bravo! Isso sim que é seu.
— Mas para que me estão vocês a dizer coisas irritantes, para...
— Para o ouvirmos pensar alto.
— Para me fazerem dar sorte. Crime de lesa amizade. Tudo condemnado.
— A pena capital! Champanhe! E a *Irmã mais velha*?

— Não. Agora estou prevenido. Quem me quizer ouvir leia o artigo da *Resistencia*.
— A' manhã.
— Não. Quinta-feira. Dar s'orte duas vezes a seguir seria a primeira vez na minha vida.

T. C.
Tribunal do commercio

Na reunião deste tribunal, havida an'e-ontem, foi rezolvido homologar a concordata, nos termos em que a pediu, do sr. António Macedo Mandes Barreto, negociante nesta cidade; que as dividas activas da massa fallida da casa bancaria Santos & Brito, que em três praças successivas não obtiveram lança algum, voltam à praça, sem valor, sendo vendidas pela maior offerta, e adiar outra resolução referente a um antigo processo de fallência dum negociante de Goes.

Ennes, Mariano e a rainha

Como se não fosse caso naturalissimo um empregado substituir outro, por qualquer impedimento, naturalissimo, por consequência, que a sr.^a D. Amélia fiquese desempenhando as funções régias de seu marido enquanto elle anda pelo estrangeiro, a imprensa bajuladora-palaciana, saltou com mezinhas, dando á coisa e ao juramento ferôs dum acontecimento notavel. Rasteirismo, é claro, tanto mais que não é a primeira vez que o caso se dá. E porque não é a primeira vez, succede que a *outra* foi utilizada para mais amplas engraxadellas em referencias a notabilidades de proceder da rainha. Um encanto da acção da rainha, destacando-se a salienta-la o bom do Ennes, por exemplo, que botou esta nota:

Na anterior regência da rainha, um ministro levou-lhe um decreto da transferencia dum escrivão de fazenda. Sua magestade, porém, não o quiz assignar sem saber se o transferido era ou não prejudicado nos seus interesses.

Muito correto e humano, pois não acham? A sr.^a D. Amélia teria visto no decreto um réles vingança de influencia concelhia, e daí a sua repugnancia em auxiliá-la, a sua correção de proceder, que seria muito para louvar... Mas...

Salta Marianno no seu *Populár* e pespega com esta nasbochechas ao Ennes:

Prestamos a máxima homenagem aos excellentes dotes do coração de sua magestade a rainha, mas o caso não pôde ter sido assim, pela singella razão de que as transferencias de escrivães não se fazem por decretos.

Sabe-lo-ia, decerto, o autor das *Lazaristas* — hoje um reaccionario authentico — que passou pelos conselhos da corôa. Mas lembrou-lhe aquillo para render finezas á rainha, de sorte que o seu animo contra Marianno, em face do troco que aponta a intrugisse, deve ser de respeito...

Como elles, os da ridicula bajulação ao throno, se desmascaram uns aos outros é que tem graça.

Lente substituto

Já foi levado a assignatura real o decreto que nomeia lente substituto da facultade de theologia, o sr. dr. Augusto Alves dos Santos, que na pouco terminou o seu concurso para entrada na mesma facultade.

Em Espanha

Com exito completo estreou-se no *Theatro Espanhol* uma nova peça — *Electra*, de Perez Galdóz.

Refere se a ella o seguinte telegramma de Madrid:

«Os jornaes liberaes dedicam muito espaço á apreciação e informação do enorme exito do drama *Electra*, de Perez Galdóz, que subiu á scena no *Theatro Espanhol*.

O drama fustiga duramente, com raro critério, o clericalismo imperante.

Em seguida á representação, fez-se uma grandiosa manifestação de sympathia. A imprensa é

A guerra anglo-boer

Como se tem visto dos telegrammas ultimamente publicados, a situação dos ingleses na Africa do Sul, não é desde ha meses, nada promettedora.

Resolvida pelos boers a invasão do Cabo, a sua marcha sobre aquella possessão britânica tem seguido ousadamente, sendo de notar o auxilio que aos invasores dão as populações por onde passam e para onde se dirigem. Sem esse auxilio, que traduzem claramente a sympathia que ás mesmas populações merece a justissima causa das duas republicas que tam heroicamente se defendendo a sua independência, a invasão não teria sido coroada do éxito, pôde dizer-se feliz, que temido, e, ao contrario, as forças republicanas deparariam com enormes difficuldades que a obrigassem a golpes de audácia sempre perigosos para o melhor resultado das operações.

A circumstancia daquella auxilio é motivo de fundas inquietações em Inglaterra, onde o optimismo com que, não ha ainda muito tempo, se preconizava o termo da guerra pela submissão boer, cede o logar a receios bem pronunciados pelo futuro.

E' que a actividade desenvolvida pelos boers representa perigos sérios, e que os notabilissimos planos dos seus generaes, como de Dewet, já cognominado pelos proprios ingleses de *general fantasia*, não dam ás gentes do poderoso império britânico ensejo a descanso.

A esta conclusão vâm chegando:

Kitchener, declara terminantemente que se oppõe ao repatriamento das praças em campanha que completem o tempo de serviço, e mais declara que carece de immediatos e importantes reforços, estabelecendo este di emma, em face da invasão do cabo: ou manda as suas tropas que occupam Pretória e mais dependências do Transvaal, deixando-as a mercê de serem reoccupadas pelos boers, para acudir ao Cabo, ou mantem aquella occupação deixando progredir a invasão que os boers vâm fazendo, e a qual é fraquissima a resistência pela carencia de forças.

Para a remessa dos soccorros pedidos o governo inglés luta com inúmeras difficuldades e não conta já com o apoio absoluto de pais. Faltam lhe homens e tem esgotados todos os créditos extraordinários, vendo se forçado a pedir outro de 70 milhões de libras.

Tudo isto já define a situação, que melhor se avalia considerando estas noticias, oriundas de Londres e que por isso mesmo serm bastante attenuadas no que podem des indicar de mais grave.

Os boers atacaram as minas de Maurin e Madderfontein, destruindo-as, invadiram a colônia do cabo pelo lado oriental, forçando a bater em retirada as forças inglesas que pretendiam tomar-lhe a passagem; de Ventersburg communicam que Dewet sempre este prodigioso vulto — se dirige à frente de importantes forças para Winburgo, inquietando este movimento, seriamente, os generaes ingleses, que xêm a situação mais grave do que nunca.

A missão Merriman

Um telegramma de ontem, inserto neste jornal, dizia que é esperada em Londres, no dia 15 de fevereiro, a missão Merriman-Sauer-Hofmeyer, encarregada de expor ao povo e ao parlamento da Gran Bretanha, em nome dos hollandeses lealistas do Cabo, a solução que se deve dar ao actual conflicto anglo-boer. Como ha

tempos dissémos aos nossos leitores, os imperialistas ingleses, preconizando mesmo a violação dos principios liberaes que tanto glorificam as instituições do Reino Unido, envidaram esforços extraordinários no sentido d'evitar que a missão aportasse a terras britannicas. Não sabiamos então e que attribuir esses esforços, mas hoje, e reportando nos a informações dadas por um jornal democratico londrino, vemo-nos esclarecidos a tal respeito: Segundo elle, *mister Chamberlain* e os seus partidários temem as verdades que os delegados afrikanders possam revelar, tanto mais que Merriman, antigo titular do gabinete Schreiner, é um inglés legitimo, um patriota a valer, de modo que delle não se pôde dizer que é inspirado pelos prejuizos de raça em favor dos boers.

Demais, consta que Merriman está decidido a sustentar que não ha solução possivel a dar á terrível lucta, no caso de não ser restituída a independência ás Republicas sul africanas, demonstrando, com dados, factos e precedentes, que se a conquista do Orange e do Transvaal é difficil, o governo d'estes paizes é simplesmente impossivel. E o seu raciocinio é este: o elemento hollandez, hoje unanimemente em favor dos boers, constitue na Africa do Sul uma maioria indistinctivel. Ora, se a Inglaterra sustenta na Africa Austral o regimen de liberdade e de suffragio politico, os hollandeses, senhores da situação, imporão pela força do voto que seja restituída a independência aos boers; se a Inglaterra suprime as instituições constitucionaes no Cabo, a fim de neutralisar a supramacia hollandez, terá contra ella não só os hollandeses, mas ainda os proprios ingleses, habituados ás liberdades e das quaes se não deixaram despojar, mesmo que se lhes diga que é para seu interesse.

Mas o governo inglés, accrescenta ainda o mesmo período, saberá por intermédio de Merriman que os proprios elementos britannicos do Transvaal serão contra elle desde o momento que saibam que, para pagar as despesas da guerra e d'uma longa occupação militar, vão soffrer novos impostos, pois é sabido que já se queixavam das contribuições que pagavam sob o governo do presidente Krüger. E torna-se tambem preciso attender a que a massa indigena se revoltará contra a redução de salários que o syndicato Cecil Rhodes quer impor; revolta que se transformará num terrível instrumento de combate contra os ingleses.

Merriman preconiza que se volte á politica de Gladstone, seguida depois da derrota de Majuba-Hill, restituindo-se a independência aos boers, pagando estes uma grande contribuição de guerra e compromettendo-se a não levantar fortificações nem a comprar material d'artilheria, a fim de que não possam usar da sua independência contra a Inglaterra. Esta faria inquestionavelmente um bello negocio adoptando essa combinação, pois não só ficava sendo considerada como *pari magnanimo*, mas ainda se reconciliaria com essa maioria hollandez-boer cujo odio, em caso d'annexação das duas Republicas, acabará por muito prejudicar a Gran-Bretanha.

(Do *Diario da Tarde*).

Foi transferido para o Lyceu de Lisboa, onde estava fazendo serviço em comissão, o professor das disciplinas do 1.º grupo do lyceu desta cidade, sr. Borges Grainha; e foi collocado no logar deste professor em Coimbra, o sr. António de Sá Oliveira.

Finanças brasileiras

A situação financeira do Brasil, desde ha tempo pouco promettedora, aggravou se ultimamente muitissimo.

Segundo as noticias dos últimos jornaes chegados, as difficuldades chegaram a um periodo agudo e bastante sério, originando a suspensão de pagamentos de alguns bancos, dois d'elles de importancia summa na expansão commercial e industrial.

Numa entrevista com um redactor do *Pais*, jornal do Rio de Janeiro, um capitalista obteve noticias verdadeiramente terroristas:

Ha pouco ainda, a crença, tida por banqueiros, de que iam empinhar-se para o Brasil largas emprezas e uma forte corrente de capitales, manteve a esperança de que a situação não atingiria o máximo a que chegou. A suspensão de pagamentos, porém, por parte dos bancos, inutilizou esses optimismos, esperando se até ao fim de janeiro a fallência de casas importantes.

Estas noticias alcançam até ao do mês findo.

O conselho superior d'instrução publica não confirmou a accusação contra o professor Ferreira Deusdado; entretanto averiguou certos factos que determinaram a suspensão d'aquelle professor, por um anno, contando se o tempo já decorrido desde a suspensão e não podendo mais fazer serviço no lyceu de Lisboa.

Apuramento final

A população das quatro freguesias desta cidade é, segundo o apuramento do ultimo recenseamento feito, de 18:910 habitantes, assim distribuidos:

Sé Nova, 5:407; Sé Velha, 3:870; S. Bartholomeu 4:148 e Santa Cruz, 5:485.

Nas declarações lidas nos respectivos boletins, acerca das religiões professadas, ha uma regular diversidade. A mais interessante, porém, é da freguesia da Sé Nova onde ha, a julgar pelos mesmos boletins:

7 que sam protestantes, 1 que não acceta nenhuma das officialmente reconhecidas, 1 que segue a do bem, 1 a pantheista, 2 a evangelistas, 1 a cosmopolita e 1 que ainda se não decidiu por nenhuma, visto que faz a declaração de *incerta*.

Com a morte do sr. dr. Augusto Rocha vagou um logar de clinico do Monte pio Conimbriense, para o qual a direcção, em sua sessão de ante-ontem, nomeou o sr. dr. Cruz Amante, que já vinha substituindo o extincto desde que a enfermidade a que succumbiu o obrigou a abandonar os seus trabalhos médicos e de professor.

A direcção deu hoje posse ao sr. dr. Cruz Amante.

Entre as nomeações agora feitas, de professores para diferentes lyceus, conta se a do sr. José Francisco Alves Barbosa para o desta cidade.

Eduardo VII e Cecil Rhodes

Dizem de Londres que, nos centros bem informados, se garante que Eduardo VII é pessoalmente e desde muito tempo, amigo de Cecil Rhodes.

Antes do movimento imperialista dos ultimos tempos, Cecil pretendeu ser admittido como sócio do *Traveller's Club*, de Londres. Como o não conseguiu, apesar do apoio do principe de Galles, este demittiu se de membro do Club. Mais tarde, por

ocasião do inquerito parlamentar sobre o *raid* Jameson, o principe de Galles, membro da comissão, e perante os seus collegas, apertou effusivamente a mão de Cecil Rhodes, o homem mais atacado entam, manifestando lhe assim a sua estima.

REPAREMOS

Ontem, em Lisboa, foi celebrada uma cerimonia fúnebre, a memoria da rainha victoria, na igreja Anglicana.

Noticia um jornal que o templo estava cheio assistindo o infante sr. D. Affonso, o conde de Sabugosa como representante da rainha regente, o visconde d'Assoca representando a sr.ª D. Maria Pia, todo o ministério, ministros de estado honorários, câmara municipal, câmara do commercio, corpos diplomático e consular, etc.

E aqui se fica a gente a pensar no que vale o senso commum de toda essa gente que reina, governa e representa o principio da autoridade.

Porque a cerimonia foi publica, assistindo quem quis até caber no templo, que esteve cheio; porque teve um caracter genuinamente official, com a presença de tudo o que ha de superior na culminância do estado, e ainda do que representa a autoridade administrativa, ha que anotar:

A igreja ou a religião Anglicana, como qualquer outra que não seja a officia, a do estado, não pôde fazer exterioridades nem festas publicas. E' lhe, ou antes, foi lhe, permittida a pratica dos seus officios a occultas, somente para os que a professam, em templos sem nenhuma indicação exterior: — logo, o governo e autoridades permittindo e apoiando com as suas presenças a publica manifestação de agora, incorreram em delicto de lesa-religião official. Mas o que é mais, o que é de notar, é a incongruência entre o que ha dias succedia e hoje se dá.

Sam d'ontem os protestos contra a perseguição ferina aos templos e presbiteros Anglicanos, perseguição feita com o apoio do governo e promovida pela reacção clerical que tem na rainha regente o seu melhor esteio, esse governo e essa rainha que agora se contradizem por uma forma imbecil, sancionando com a sua presença a ou, fazendo se representar a outra, num acto duma religião que acabavam de sujeitar a vexames nas pessoas dos seus representantes e adeptos, mandando invadir pela policia, acompanhada de padres catholicos, os templos protestantes que ficaram evacuar.

Que significa isto? Que o não consentimento da cerimonia, ou, ainda menos, a não assistencia official do estado a ella, representava um motivo de desgosto para os ingleses, os fieis e bons allia dos do throno, que não do paiz. Duhi a incongruência que traduz rasteirismo, por um acto de subserviencia e negação...

Quer dizer, o governo e o throno estão com o jusutismo, para o coadjuvar na sua propaganda e actos de retrocesso, e assim ter lhe a obtido o consentimento para a cerimonia Anglicana, em servil consideração a ingleses. Porque...

Percorremos os jornaes, e nenhum informa de que o *quadri-lheiro* Veiga fosse ao templo, como noutra cerimonia de ha dias, fazer calar o celebrante e pôr na rua o governo, os representantes das reaes pessoas e tudo o mais que lá estava de official.

Melhor: — Nos psalmos pediu se ao Altissimo a protecção para a familia real inglesa, para o presidente dos Estados Unidos da

America e para a familia real portugueza.

O cumulo! Os representantes da familia real com o governo a pedirem para a mesma familia as graças dum Altissimo cujos apóstolos e templos vexaram ainda ontem...

Veja o paiz que pagode e que... maduros.

O Veiga está muito *desgostoso* e dizem que durante a cerimonia esteve caído nos braços do poderoso nuncio, clamando resignação e apontando lhe: — E' que elles são... elles.

Os dois não protestam, mas decidiram mostrar se magoados! Heroico!

D. Miguel de Bragança

Para esquivar-se a cumprimentos e curiosidades, o sr. D. Miguel saiu daqui precipitadamente, como noticiamos, indo embarcar à estação de Taveiro, para onde seguiu em carro, explicando se assim o facto de não ter sido encontrado na de Coimbra por um grupo de estudantes. Com a partida dos seus serviçoes da estação velha, e com o despacho de bagagens para Torres Vedras, suppôs se que o alto viajante ia agora fazer a sua partida, repetidamente annunciada, para Madrid. Não succedeu porem assim:

O sr. D. Miguel foi em visita ás Caldas da Rainha, Alcobaca, Leiria Batalha, etc., seguindo depois para a Figueira da Foz onde esteve ante ontem apenas uns três quartos d'hora, em que passou de carro pelas ruas do bairro Novo e ao longo da praia. Seguiu depois para Condeixa onde estava ainda ontem, hospedado no bello palácio da familia Lemos, o velho fidalgo miguelista que ha tempo morreu naquella villa.

Nomeação

O professor de theologia sr. dr. Porphyrio dos Santos, acaba de ser nomeado reitor do lyceu de Braga.

Foi concedida dispensa de 20 meses de idade, para se ordenar a presbytero, ao sr. José Maria d'Almeida, desta diocese.

Mercado de Coimbra

Os preços dos cereaes durante a semana finda, foram os seguintes:

Trigo de colorico, novo, grão-do, 620—Dito, novo, tremés, 630—Milho branco, 470—Dito amarello 470—Feijão vermelho, 780—Dito branco, meudo, 760—Dito branco, grão-do, 780—Dito rajado, 520—Dito frade, 490—Centeio, 520—Cevada, 380—Grão de bico, grão-do, 740—Dito meudo, 640—Favas, 490—Tremoços, 20 litros, 400.

Azeite da colheita de 1898, fino, 22200 a 22250; de 1899, 17500 a 17900, conforme a qualidade: novo desta colheita, 22000 réis.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christovam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

CÃO MOPS

Perdeu se um que dá pelo nome de Adamastor. Foi perdido das duas horas da tarde em diante, do dia 2.

Alguem o achou pede se a fideja de o entregar na rua Ferreira Borges n.º 85 a 89 onde receberá alviçaras.

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptorio, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escolas primarias. Encomendas rapidas de livros e jornaes portuguezes e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fabricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Auvers, Eindhoven, Londres, Amsterdam e Régie Française. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. Importados pela Casa Havaneza, de Lisboa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

ALARMAS

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,"

Que abriu na antiga taberna do POVO

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa diferentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro serão os freguezes mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a.....	70 réis o litro
verde de Basto a.....	80 »
branco de Torres Novas a.....	90 »
de Mangualde a.....	90 »
Vinagre a.....	80 »
Geropiga (1.ª qualidade) a.....	130 »
(2.ª qualidade) a.....	110 »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a.....	240 »
(2.ª qualidade) a.....	200 »
(3.ª qualidade) a.....	180 »
» » figo a.....	120 »

Vinho branco da colheita de 1899 (garrafa de litro)..... 240 réis
tinto da mesma colheita (garrafa de litro)..... 240 »
Ambas as qualidades (sem garrafa)..... 180 »

Azeitona Cordovesa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietario já bastante conhecido pelos seus numerosos freguezes, participa que mudou o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este novo armazem, onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigencias do publico.

Visitaes pois **A LUZITANA** do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietario, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómodos.

Tem bons quartos para alugar accetando hospedes permanentes.

O proprietario,

José Maria Junior.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água róz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systems. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatório e cozinha.

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — revista e amplada pelo auctor.

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, igualmente illustrado, por mês — 300 réis

Empresa litteraria do jornal O Século.

43, R. Formosa, 43 LISBOA

As constipações, bronchites, toses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os **Saccharolides d'alcatrão**, compostos, (**Rebucados Milagrosos**), cuja efficacia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e attestada por abalissados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmacias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras proprio para quaesquer generos.

Trata-se com o seu proprietario, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água róz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systems. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatório e cozinha.

MERCEARIA

Trespassa-se uma mercearia bem afreguesada e num bom sitio da cidade. E npata pouco capital. Nesta redacção se diz.

TYPOGRAPHO

Precisa-se na **Nova Casa Minerva** em Coimbra.

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de pratica. Nesta redacção se diz.

Consultório dentário

Rua Ferreira Borges (Calçada), 174

Herculano de Carvalho
Médico

Consultas todos os dias das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Gratis aos pobres aos domingos e quintas feiras, das 8 ás 9 da manhã.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros Sociedade anonyma de responsabilidade limitada CAPITAL 2.000.000\$000

RUA NOVA D'EL-REI, N.º 99, LISBOA

Effectua seguros contra o risco d'incendios

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Restaurador do cabelo

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmacutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradável, este preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabelo, obstando a sua queda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMACIA ASSIS

41, — PRAÇA DO COMMERCIO — 42

COIMBRA

Fábrica de cimentos de Maceira (LEIRIA)

28 Cimentos naturais de presa lenta.

Análises officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturais do pais especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

A venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materias de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semeadura, olival, arvores de fructo, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclercimentos ou tratar, Courega de Lisboa, 32.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma espléndida casa a entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um espléndido jardim, agua nativa canalizada para a cozinha e casa propria para arrecadação. Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

59 — Rua da Sophia — 41

Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedades dos principaes fabricantes nacionaes e estrangeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Também ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — Como pôde verificação-se pela tabella existente neste estabelecimento.

RUA DA SOPHIA 39 — 41

COIMBRA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2\$700 réis; semestre, 1\$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno, 2\$400 réis; semestre, 1\$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

Notas falsas

A declaração do governo

Foi levantada no parlamento a questão de o banco de Portugal se negar ao recebimento de notas falsas de 50000 réis. Tratou-a o sr. Fuschini, que considerando os resultados gravíssimos que da recusa do banco podem advir à economia do país e até à do proprio banco, concluiu:

«Não é fácil ao público verificar se as notas são falsas ou boas. Compreende-se que se dificulte o pagamento das notas falsas, para obrigar o público a ser cauteloso e a exercer uma certa fiscalização, mas daqui a carimbar com a designação de falsas notas de 50000 réis que são recebidas na melhor boa fé, vai uma diferença importante que é indispensável remediar.»

Respondeu-lhe o ministro da fazenda declarando:

«O assumpto, por ser grave, tem já prendido a atenção do governo, que empregará todos os esforços para o resolver sem grande prejuizo do público, mas salvaguardando também os interesses do Banco de Portugal, que é o banco emissor.»

Perceberam?

Sem grande prejuizo do público, mas salvaguardando os interesses do banco...

Entretanto, o banco vai carimbando de falsas, quer dizer, inutilizando sem nenhuma responsabilidade para si as notas que lhe caíem a talho, enquanto o governo declara que empregará esforços...

Estavam empregues, fazendo comprehender ao banco, exactamente porque é o emissor, que a elle pertencem os resultados das contingências a que o systema fiduciario está sujeito, e comprehendendo o proprio governo, pelas suas relações economicas com o banco, que tem de compartilhar d'essas contingências. O público é que nunca.

Aquella declaração do governo, pela bocca do ministro da fazenda, não é, pois, mais que uma cillada.

Diz, duma fórmula absoluta, que salvaguardará os interesses do banco—os proprios comprehendidos—e isto sem grandes prejuizos do público. Para este já admite, comprehenda-se, prejuizos, para o banco não. Traduzindo melhor, vê-se:—A resposta dada

ao sr. Fuschini estabelece que o banco continúa autorisado a não pagar, inutilizando as notas falsas que lhe appareçam, perdendo-as os portadores, tenham-as ou não recebido na melhor boa fé. Assim, os prejuizos do público nem serão grandes, nem serão pequenos; serão totaes, ficando por isso total e absolutamente salvaguardados os do banco.

Não ha que ter hesitações na interpretação daquellas palavras do ministro, mormente se as consideramos em relação ao procedimento que o banco continúa tendo. Mas admitindo mesmo que em taes palavras havia a maior somma de lealdade, ainda occorre perguntar como deverá definir-se aquella coisa — sem grande prejuizo do público, em face da salvaguarda absoluta para o banco.

Fazendo uma selecção entre os portadores, para as aceitar a uns tomando-as a outros, mesmo apesar de todos elles as haverem recebido de boa fé, ficando ao estado a responsabilidade das que fõrem recebidas?

Mas como se fará isso? A que critério ha de obedecer tal expediente?

Vejamos bem que aquillo é impossivel; que não pôde haver meio termo. Ou se recebem ou não. Seleccionar seria deixar ampla liberdade de acção ao banco. Recebê-las-ia pois na quantidade que lhe aprouvesse e a quem quizesse, estabelecendo-se um favoritismo odioso de que não compartilhariam os pobres de relações e de valimento junto dos conselheiros-directores e até dos simples empregados da sede do banco e das agências.

Repetimos. Este expediente é impossivel por todos os principios, e o meio termo não se comprehende. Na declaração do ministro ha apenas uma rabulice, pela qual se comprehende que terá de ficar ao público a perda de taes notas. E como isso affectará medonhamente as relações e condições economicas do mesmo público, e como as notas falsas—não já sómente de 50000 réis—apparecem em barda mesmo por todos os cantos da provincia, urge reagir contra a cillada, começando pela não accepção de tal papel, falso ou não falso, e iniciando manifestações, mas valiosas e energicas, de reclamação para que o banco indemnisse os que ha-

jam tido a infelicidade de receber-las

Vejam as collectividades commerciaes e industriaes que o caso interessa mais directamente aos seus associados, para iniciarem o movimento, que julgamos preciso não adiar, uma vez que aquella declaração do ministro é a absoluta condemnação do público pela protecção incondicional, descarada ao banco, que tem—foi já dito e provado—na enormidade dos seus interesses com o privilegio da emissão, lucros em demasia para comportarem o prejuizo, sem nenhuma espécie de sacrificio que mereça considerar-se.

A Inglaterra comprou em Lourenço Marques um prédio por 50:000 libras — 225:000\$000 rs. ao par!

Não se pôde supor que venha a ser um misero pardieiro, mas um opolento palácio para a installação, de que se tem fallado, de serviços do seu governo naquella provincia ultramarina.

Os ingleses já estavam allí, como visitantes;—passam agora a installar-se como em sua casa, num domínio português. Começam, pois, as vantagens da alliança. Esperemos, que ha mais que ver...

CURSO NOTARIAL

Debate-se no parlamento essa questão, sendo notadamente se elle deve ser estabelecido em Lisboa ou em Coimbra.

Ha tempo, uma commissão da faculdade de direito, que teve como relator o sr. dr. Marnos e Sousa formulou um parecer, ou um plano da creação desse curso annexo áquella faculdade. Falla-se hoje delle no parlamento, e—caso para ver—combate-o o sr. Fernando Martins de Carvalho, o mais fidalgo inimigo de que o curso seja estabelecido em Coimbra, cidade que por tantos titulos deveria merecer ao novel deputado outra espécie de considerações bem diferentes das que lhe está dispensando. Ao menos em attenção a que ella guarda as cinzas de alguém, que se hoje podesse ouvi-lo, não hesitaria talvez um momento em amaldiçoar-lhe as intenções e em afirmar que se envergonhava de tê-lo como seu descendente. Mas...

Sam isto apenas futilidades para a consideração de quem possua sentimentos de nobre honestidade.

Um argumento do sr. Martins de Carvalho contra o curso em Coimbra foi que as matérias das cadeiras de direito que a elle conviria sam por demais extensas.

Tam extensas, que não haverá na faculdade ninguém capaz de attingi-las?

Nem vale a pena querer refutar a aleivosia, falha de bom senso, absolutamente carecida de cretiosa verdade, e tersandando a

um intencional desejo de proprio interesse.

Outro — e a este chama das razões mais tortes — é haver allí, em Lisboa, um movimento muito maior, e que mais proveitosa tornará a parte prática do curso.

Mas, pela mesmíssima razão, esse maior movimento tornaria mais proveitosa a parte prática de toda a matéria de direito. Pois não será igualmente necessária a larga prática, num movimento muito maior, ao complexo e importante exercicio da advocacia, convindo, portanto, que os que a ella se destinam cursem num meio onde disponham dessa prática?

Porque não advoga então o sr. Martins de Carvalho, abertamente, a transferencia de todo o estudo juridico, para esse meio de maior movimento, que interessará ainda á vantagem prática de tudo o mais que se estuda na Universidade? Peça, pois, a remoção della, em peso, para Lisboa, e terá feito uma congruência colossal!

A argumentação é, como o que se vê, tudo o que ha de mais pobre e mesquinho, falsissima e apaixonada, numa palavra, não logrando esconder a misera intenção que o anima.

Resume-se nisto:—Em Coimbra tudo, desde a faculdade de direito a comarca, e infinitamente pequeno — decerto como a almaninha do sr. Martins — para que possamos merecer a honra de possuir cá o curso que s. ex.ª ambiciona dirigir na capital;—toda a faculdade reunida não vale um lampejo da sua intelligência.

Injustiça nossa, de jornal republicano, em tal conceito? A quem possa suppô-lo oppomos desde já opiniões de jornaes monarchicos. Do Correio da Noite:

O sr. Martins de Carvalho consagrou-se hoje, em grande parte, a defender a sua rica reforma de notariado, que tantas canceiras lhe deu, dizendo que desde que foi eleito deputado, só por concurso é que poderá apanhar o almejado logar de professor do curso, do notariado, que elle a todo o custo, quer que se estabeleça em Lisboa, apesar do encargo que d'á virá para o thesouro. E' esta a sua idéa fixa e tanto o perturba, que elle não concede, do alto do seu throno de sciência, condições á faculdade de dirigir o curso do notariado e referindo-se ao parecer daquella faculdade sobre este assumpto, aponta um grande número de erros que, na sua opinião, existem naquelle documento firmado por três dos mais brilhantes lentes da faculdade de direito e aprovado por todos os membros dessa faculdade. E vai até ao fim, advogando, pedindo, rogando, supplicando ao sr. ministro da justiça, que não deixe de crear o curso em Lisboa porque disso depende a realisação do seu sonho mais ardente.

Do Dia sobre os seus apregoados merecimentos de parlamentar:

Baixinho, figura inexpressiva que tanto pôde indicar um modesto empregado de casa commercial como um clere de tabellião ou notário, como agora se diz á francesa; voz áspera de caninha rachada, estranguando-se no final da phrase quasi sempre trôpega, taes sam os caracteres mais salientes deste joven bacharel tam zargunchado pelos seus antigos correligionários, o que poderia indirectamente levar á conclusão dum merecimento que não nos pa-

rece, a julgar pelo discurso de hoje impeça de dormir os oradores já consagrados na câmara. Palavroso é que s. ex.ª é, mas muito palavroso. Originalidade de argumentação nenhuma: tudo o que o orador adduziu de substancial para impugnar a legalidade do decreto de 23 de dezembro de 1899 (notariado) é mutatis mutandis o que o sr. João Franco expôs sobre tal assumpto; a parte não substancial define-se por esta simples palavra — farofias.

Considerados esses depoimentos, resta attender:—O sr. Martins de Carvalho não se passou senão a custa de promettidos interesses, nos quaes, se vê agora, entra o apanhar, em Lisboa, ser director do curso notarial. Para o conseguir amesquinha em tudo esta cidade á qual movê abertamente, e por seu interesse pessoal, a desconsideração e o prejuizo de se lhe negar que o mesmo curso fique na Universidade. A cidade cumpre, então, oppor a guerra á guerra, com a vantagem combater uma ambição indigna de e condemnavel.

A câmara começou já, representando para que o curso seja estabelecido em Coimbra. Ouvimos que a Associação Commercial vai representar também. Restam as demais collectividades, resta a população inteira, resta a imprensa, e não devemos duvidar de que o Coimbricense, que em declarações successivas afirma que o seu principal objectivo está na defeza dos interesses da cidade, seguindo assim as tradições do saudoso morto, entre decididamente nessa necessária campanha contra os manejos e cálculos de um deputado ambicioso e mau, seja elle quem for, que ora desconsidera Coimbra, defendendo sem escrúpulos uma causa que para a mesma Coimbra representa um grave prejuizo e uma deprimente humilhação.

Será isso o cumprimento dum sagrado dever.

Crédores externos

O presidente do conselho asseverou no parlamento que não ha nenhum funcionario superior do ministério da fazenda, encarregado de tratar com os credores externos.

O sr. Carrilho saiu ha pouco para o estrangeiro, e noticiaram fôlhas governamentais que ia encarregado de missão financeira junto dos mesmos credores.

Temos, pois, que se o sr. Carrilho não é empregado superior do ministério da fazenda, o sr. Hintz terá sido franco uma vez acerca da divida externa, sobre a qual os governos nunca disseram uma verdade. Mas...

Empregado superior ou não do tal ministério, a verdade é que lá por fóra anda, irriante, uma creatura que voltará, de mãos a abanar, tendo ouvido, talvez, esta única resposta dos credores:— Diga ao seu governo que o que desapa em loucas e injustificadas viagens reaes, e na abusiva distribuição aos zangões da politica, podia e devia ser utilizado na satisfacção dos seus compromissos. Seria menos espaventoso, mas mais digno e mais honesto...

A tutela britânica

Um dos principaes obstáculos com que lucha a causa da Democracia em Portugal é, sem dúvida alguma, a da coacção imposta pela Inglaterra — a grande e poderosa protectora da monarchia brigantina, sobre a qual parece exercer identicos direitos aos que effectivamente exerce sobre o Egypto e algumas das tribus soldanizas, aliás insubmissas e algumas vezes sublevadas.

A monarchia encontra-se, porém, completamente divorciada do país e em aberto conflicto com o povo. A sua causa está, portanto, completamente distincta e até antagonica em orientação e subsequentes destinos, e devido a esta feliz circunstancia a tutela britânica, verdadeiramente affrontosa, actua simplesmente sobre o regimen, que a supporta, e que faz da sua submissão a Inglaterra essencial condição de vida e de acção social.

A insurreição de 31 de janeiro tem na contemporanea historia portugueza a elevada significação duma verdadeira carta de alforria nacional. Sem a sua benéfica e civilisadora acção não se teria produzido o fatal e irremediavel antagonismo entre a monarchia e o país, que desde essa epocha tende a estabelecer um confronto singularmente eloquente entre o mercenario servidor do Estado e o cidadão activo e intelligente que aspira a liberdade e por ella está disposto a viver e a morrer.

A ruptura do ultimatum de 11 de janeiro de 1890 foi radical e decisiva. O espirito publico em Portugal até esta data — 11 de janeiro de 1890 — que é mister não esquecer, porque nos avigora a fé pela Republica e nos incita ao odio pela Inglaterra e ao desprezo pela monarchia, vio na Grã-Bretanha, senão uma potencia amiga, pelo menos uma garantia da nossa integridade territorial e da nossa segurança moral na Europa, e nunca presentia, que, sob a descreta máscara da diplomacia, se acobertasse tanta vilieza, nem tanta infâmia!

A partir, pois, deste dia o povo portuguez conhece que a protecção, ou a tutela, concedida a monarchia, era por odio a Democracia, e a ostensiva manifestação de receio pelo seu advento, porquanto a implantação e a consolidação da Republica em Portugal traduzir-se-ia immediatamente no rompimento da avassaladora e deprimente alliança inglesa, e, sobretudo, despertaria a emulação dos portuguezes no tocante à expansibilidade industrial e commercial, paralyzada por effeito do tractado de Methuen, celebrado em 1703, por occasião da guerra da successão de Espanha, entre D. Pedro II e a rainha inglesa Anna Stuart.

Constitue, portanto, o programma da politica externa do futuro regimen republicano o rompimento da alliança com a Inglaterra e a subtracção de Portugal a uma tutela infamante, que outra coisa não tem feito senão substituir, de 1640 em diante, o brutal e effectivo dominio espanhol pela suave e disfarçada influencia britânica, que de facto tende a converter-se em effectivo dominio a proporção que declina, para o seu sinistro occaso, a nação portugueza.

O momento opportuno de ser geralmente discutida e criticada a alliança inglesa, pela imprensa republicana em peso, chegou inexoravel a merecer o inicio duma nova era na nossa historia. As tempestades internacionais que no Extremo-Oriente e na Africa do Sul se accumulam sobre a Inglaterra, e que hám de caracterisar o reinado de Eduardo VII —

que ora desponha — como o iniciador da decadência da orgulhosa dominadora dos mares, é um aviso que o destino, ou a Providência, nos envia e que cumpre attender. Na significativa attitude da Rússia está naturalmente indicada a nossa acção, e na sua providencial grandeza como se antevê um destino e uma elevada missão: O advento da Republica e a entrada de Portugal para a dupla-alliança, participando do equilibrio europeu.

O século XX vai ser caracterizado nesses acontecimentos capitais: a decadência da Inglaterra, o apogeu do poderio da Russia e o advento da Republica nos países neo-latinos: Portugal, a Espanha e a Itália.

E a transformação é fatal antes de atingirmos o fim da primeira metade do século... como tudo no lo demonstra!

FAZENDA JUNIOR.

Por especial obsequio

O presidente da câmara dos deputados dirigiu a estes o seguinte pedido:

«O sr. presidente do conselho roga a V. Ex.^a a especial fineza de comparecer na câmara a tempo de se poder abrir a sessão ás 10 e meia horas quando for de manhã, e ás 2 quando tiver logar de tarde».

Donde se vê como os senhores deputados comprehendem a missão de que os incumbiram. E bem irá ao sr. Hintze se não tiver de pôr lhes carro á porta, para os apanhar na câmara.

Que, pelo que valem em matéria de observação por todas as questões que ao país podiam interessar, não vai mal a coisa nenhuma porque não appareçam.

E' que não sam deputados, sam marionetes.

A «influenza»

Dizem de New York que a «influenza» ou «grippe» desenvolveu-se de tal modo naquella capital e em outras localidades, que os atacados contam-se por milhares. Só em New-York parece que ha 200.000.

Os hospitaes estão cheios de enfermos e os médicos attribuem o caso a influencia climática, porque este anno ha um calor proprio da estação, o que junto com a humidade se pôde considerar como germen da enfermidade.

Só em uma semana morreram 264 pessoas.

Urbino de Freitas

Esse personagem, tristemente célebre pelo conhecido crime de envenenamento, termina no dia 18 a pena de prisão celular a que foi condemnado, e segue no dia 21 para a Africa a cumprir o restante da sentença.

Acompanha-o a esposa que tem sido duma dedicação e coragem bem dignas de respeito.

Casamento

Consoziaram-se, em Santa Eulália de Tenões, o sr. dr. Manuel da Silva Gayo distincto poeta e secretario da Universidade, com a sr.^a D. Laura Vieira Neves, filha do sr. Manuel Joaquim Vieira Braga, abastado negociante no Porto.

Por parte do noivo foram padrinhos o sr. Eugenio de Castro, por procuração do sr. conde Arago, e seu irmão o sr. Mario Gayo, e da noiva seu pae e sua mãe a sr.^a D. Maria Gloria Vieira.

Foram passar a lua de mel no Bom Jesus, em Braga.

Chronica de theatro

II

O Pae prodigo — tem, como todas as peças do theatro de Dumas filho, a pretensão de defender uma these de um elevado interesse social. E' conhecida a sua theoria de trazer para o palco todos os problemas sociaes, de chamar sobre elles a attenção, interessar o publico, dominá-lo, levá-lo rapidamente e fascinado, até ao ultimo acto, e impôr lhe a soluçáo da sua phantasia.

A acção desenrola-se na alta sociedade que Dumas escolheu sempre, com o pretexto bizarro de que, operando-se nella a reforma que pregam os seus dramas, o povo se reformaria tambem, pela mesma razão que o vinho deitado pelo gargalo da garrafa chega ao fundo. A phrase é delle.

A gente de espirito tem destas phrases assim.

O pae prodigo é isto:

Um condé casa, morre-lhe a mulher e deixa-o com um filho para educar. Procura a consolação á sua viuvez na vida galante de Paris e elle que fora educado nos mais rigidos principios, acanilha-se, em quanto que, ao lado, o filho creado naquelle meio e deixado em toda a liberdade pelo pae, se torna, pelo aborrecimento do vicio, económico, pagando as dividas e as loucuras do pae.

O pae ama uma menina, o filho casa com ella; o pae deixa se prender por uma mulher galante, o filho livra o della.

Theophile Gauthier resumiu assim a sua opinião sobre o pae prodigo: «O pae prodigo educou mal o filho. Logicamente esse filho devia perder-se. Pelo contrario, é homem d'ordem, económico, numa palavra, perfeito. Dahi poder-se-ia deduzir que a má educação não tem inconvenientes, por que forma tam bons rapazes.»

Dumas quiz apenas mostrar que os filhos não devem experimentar o jugo de leis de educação, que devem ser considerados isoladamente, deixar se desenvolver francamente, e grita a esperança de que os filhos do seculo em que estamos seriam melhores que os paes do seculo em que elle viveu.

El' o lado prophético de toda a obra de Dumas, tam litteraria e tam artificial.

A comédia toda está impregnada da fina adoração que Dumas tinha pela mulher que tam bem conhecia, e prega a desconfiança por esse ser caprichoso e volúvel que, á sombra do respeito social, consegue arruinar os outros, e deformar-lhes o caracter, tornando-os capazes de todas as baixezas.

Tudo isto é dito numa linguagem brilhante, em que abundam os paradoxos arvorados em conclusões scientificas; e nos dois papeis principaes, o do pae e o do filho, vê-se, num desdobramento curioso e vulgar na obra de Dumas, apparecer o author, a sua vida e as suas preocupações.

A alguem que quiz ver no pae prodigo a figura de Dumas pae, responde o author: meu pae não é prodigo é prodigio.

Ferreira da Silva (o pae prodigo) disse, sem esforço, na expansão fácil e livre das suas qualidades de homem d'espirito, todo o papel do velho condé, que, de opinião unânime, nunca teve quem sublinhasse com tanta finura a figura elegante da criação de Dumas.

Augusta Cordeiro, a mulher que enriquece á custa da loucura dos outros, anima a personagem de Albertina de Laborde da elegancia do seu corpo flexuoso, como as sedas das suas toilettes luxuosas, do seu sorriso vermelho, como um cravo a desfolhar-se,

E' um papel longo, estudado com consciencia, minuciosamente detalhado.

Mercadet. Balzac nunca foi um author dramático representavel apesar da grandeza da sua obra.

Mercadet é uma charge, o riso forçado contra os credores que toda a vida o perseguiram, e para quem sóam apenas bem como o ouro, as palavras dos aventureiros que o acaso não deixa mentir, homens predestinados e que acabam sempre por receber o seu dinheiro.

E' o tormento dum homem perseguido pelos credores é que consegue rir-se á custa delles.

Mello (Mercadet) comprehendeu o papel e representou-o com a correcção dum mestre conhecedor de todas as difficuldades da arte de dizer e representar.

A sua criação sobrepuja todas as outras, não podendo deixar de mencionar-se Emilia Lopes no papel de M.^{me} Mercadet e Costa no de Violette.

A irmã mais velha é uma obra d'arte moderna, escripta com a verve, o espirito caustico e mordente do grande critico Lemaitre.

Não é bem uma charge ao protestantismo, religião de egoistas e commerciantes, não é a defeza do celibato dos sacerdotes, é o drama burguez actual da occupação de casar as filhas, a luta pela existencia, a conquista do ouro.

Uma alma nobre sacrifica-se pela familia, vê casar todas as irmãs que lhe roubam os que vieram fascinados pela graça da sua vida simples, e sabe resistir contra a seducção que lhe apparece sob a forma dum elegante official do exercito.

O meio em que se cria aquella alma, o protestantismo, é um artificio de Lemaitre para fazer applaudir as suas ideias, para se collocar mais á vontade, sem offender preconceitos.

Virginia foi encantadora de simplicidade e graça, quando, para entreter os sobrinhos conta a historia dum principe encantado; soube na scena com Milks mostrar o nojo e o desprezo. Na provocação, na scena de educação em tudo foi a mulher simples e encantadora, possuida da sua arte e que todos nós temos tanto orgulho em chamar a nossa primeira actriz.

Foi uma noite de verdadeiro prazer artistico com a surpresa da revelação extraordinaria de Rosa d'Oliveira que fez do papel de Norah uma criação que fica na historia da arte de bem representar.

LUTO Á FORÇA

O governo fez aos empregários dos theatros e demais espectáculos em Lisboa, a imposição de não abrirem ao publico, no sabbado, dia do funeral da rainha Victoria.

Não bastou a interrupção dos espectáculos parlamentares; foi necessario levar a gentileza até não consentir que funcionassem os theatros...

Claro que em face da morte da soberana inglesa, o estado portuguez não podia deixar de ter as manifestações de condolência que sam do estylo. Houve-as e bem pronunciadas. Estava cumprido o dever.

Forçar depois disso os empregários a não darem espectáculo foi uma violencia que roça pelo ridiculo. Theatros sam estabelecimentos publicos como quaes quer outros. Só para a gente se divertir? E' certo. E por que não haviamos de divertir-nos no sabbado, se quizessemos? Porque a rainha Victoria morrera havia tantos dias e naquella ia ser sepultada? Que tinhamos que ver

com esse facto — o do enterro — a verificar-se lá tam longe da fronteira?

Pôde suppr-se que as gentes portuguezas — em absoluto, não será demasiado admittir — teve ante a morte da soberana inglesa a sensação que se experimenta ao saber-se que se finou alguem que se não conhece, senão porque tem um nome grande. Só isso. E se, de facto, o país ia mais além em sentimentos de pesar, ver-se-ia. A maior ou menor concorrência aos theatros no dia do enterro daria uma ideia clara e real, a verdade em toda a sua nudez; mas forçar, no caso sujeito, a ausência dessas casas de diversão, não permitindo que abrissem, ou seja impor uma manifestação que não temos desejo de fazer, é positivamente banal, e até ridiculo, ainda pela ficção que o acto reveste.

Pois não é certo que quando essa soberana estava nos paroxismos da morte, os seus parentes e os seus amigos em Portugal gosavam alegremente, frequentando theatros e outras diversões? E' comtudo a verdadeira manifestação de estima pela enferma, e de dôr pelo fatal desenlace esperado, seria esses personagens manterem-se em recato, em quanto a agonia lenta ia aniquillando aquella existencia? Procederem assim, a côrte, o governo e os nobres? Longe diso...

Ao fim ordenam essa coisa de não haver espectáculos — fazer sentimentalidade pelo acto commo duma imposição! Porque se não ordenou tambem que fechassem os bilhares e cafés. Sam igualmente casas onde a gente se diverte. Porque se não impoz o encerramento dos bancos e demais casas de negocio, obrigando as a prejuizo idêntico ao que se fez soffrer ás empresas theatras? Seria logico e congruente, visto que representam tal qual como os theatros — estabelecimentos mercantis.

A coisa não merceria tanta demora, se não conviesse sacar-lhe a moralidade como demonstração do que valem essas troças de amabilidade entre estados e soberanos.

Resolveram os empregários prejudicados protestar, entregando ao chefe do governo uma representação em que reclamam indemnisações. Te-la-hão em lóas e pulavinhãs amaveis, e por ultimo com a visita do fisco se acaso não pagarem a tempo as contribuições competentes, embora os hajam prejudicado nas receitas duma noite.

Manterám elles, ao menos, o seu protesto com altivez, insistindo no pedido como um correctivo ao abuso?

Nem isso é dado acreditar, que a brandura dos nossos costumes manifesta-se mesmo quando violentamente nos esbulham do que de direito nos pertence.

E pois que a disparatada prohibição dos espectáculos nos mereceu reparo, pelo desmedido exaggero que traduz, vem a propósito citar uma phrase do sr. visconde de Chancelleiros em plena câmara dos pares. Servirá a indicar que não sam apenas os republicanos quem repara nas excrecências de servilismo. Tambem os monarchicos de quatro costallos. Disse o sr. Chancelleiros: — que condemnava o addiamento das côrtes como uma exaggerada manifestação pela morte da rainha Victoria. Fomos, continuou, além do que nos indicava a nossa situação de aliados da Inglaterra. Manifestámo-nos como se estivessemos sob o protectorado da poderosa nação!

Tal qual, como se estivessemos sob o protectorado...

O CUÇO

Nos fins de março apparece em Portugal esse bulicoso trepador, esse arauto da primavera, ao qual nos dias calmos incessantemente ouvimos repetir as syllabas que lhe dam o nome.

O cuço tem o corpo algum tanto elegante e uma plumagem onde predomina o cinzento-escuro manchado de preto e branco, traços amarellos, longa cauda e azas compridas.

Apesar de, no tamanho e no vôo, ter bastante semelhança com o falcão, as pequenas aves não se atemorizam com a sua presença, antes pelo contrario, quando elle tenta introduzir se nos ninhos, o perseguem encarnicadamente ás bicadas.

Como se não dá ao trabalho de construir ninho e, algumas vezes, rouba os ovos dos pequenos passaros, poderia, a primeira vista, dizer-se que é um preguiçoso e um glutão; mas quem lhe estudar attentamente os costumes encontra justificados os seus actos e tem de confessar que procede correctamente. Escrupulosas observações tem demonstrado que o cuço é bastante fecundo; mas que na sua postura ha consideraveis intervallos que prejudicariam a conservação dos ovos se estes tivessem de ser chocados simultaneamente; e eis o motivo porque elle os leva a ninhos alheios e assim entrega a sua prole a outras aves que inconscientemente se encarregam da incubação e alimentação de seres com que não tem parentesco. Não é pois a indolência, é o seu desenvolvido instincto que o induz a entregar os filhos a paes adoptivos. Como até no instincto das aves transparece a omnipotência do Creador!

A carne do cuço é muito apreciada por alguns povos orientaes; mas entre nós não é costume aproveitá-la, e é uma felicidade, porque o seu aproveitamento não compensaria o mal que causava a diminuição destas aves tão prestantes à saúde das nossas florestas. Como se alimenta quasi exclusivamente de insectos e a sua extraordinária voracidade o obriga a aproveitar alguns que as outras aves insectivoras desprezam, torna-se utilissimo. É apaixonado pelo *liparis monacha* e

tanto que, segundo os calculos de Eugénio Homeyer, um cuço pôde devorar, por dia, dois mil dèsses prigosos inimigos dos pinhaes.

Brehm, louvando os valiosos serviços que este trepador presta ás arvores diz:

«É um dever de toda a pessoa sensata não perseguir, mas até proteger o conservador das nossas florestas. O seu estomago opéra como um bemfeitor no bosque.»

O cuço é completamente inoffensivo, e além disso de incontável utilidade; portanto torna se digno de toda a estima e protecção.

Abreu de Mello e Lima,

Ação commercial

Como é no proximo dia 28 o julgamento dos artigos da classificação da quebra da casa bancária Santos & Brito, foram hoje expedidas pelo juizo de direito as cartas precatorias, com 15 dias de dilacção, para ser intimado no Porto o representante da firma, sr. João Teixeira Soares de Brito, e para ser inquerido como testemunha, o seu ex empregado sr. José Bento d'Oliveira, que reside na comarca de Montemor-o-Velho.

O sr. Eduardo Macedo, official da secretaria da câmara, apresentou hoje em sessão da mesma câmara um requerimento pedindo a sua aposentação.

Concurso

À mesa da Santa Casa da Misericórdia foi superiormente dada a autorisação, que pediu, para pôr a concurso o lugar de professor de desenho nos collegios dos orphãos da mesma Santa Casa.

Regressou do Porto, reasumindo a presidência da câmara o sr. dr. Manuel Dias da Silva, considerado professor da faculdade de direito.

Na enfermaria da Penitenciaria em Lisboa, morreu o condemnado, de Aganil, José Nunes Redondo.

Um caso velho

No commissariado de policia foi recebida uma carta, assignada, indicando que no dia 29 de janeiro ia embarcar em Lisboa, de novo, com destino ao Brasil, um tal José de Oliveira Neves, do Carvalho, logar do Capitorno, concelho de Penacova, em cuja comarca está pronunciado por um importante roubo de fazendas que praticou ha annos no Carvalho, fugindo então clandestinamente para o Brasil, d'onde veiu em dezembro.

O sr. commissario de policia telegraphou para Lisboa e recebeu a communicacção de que ainda poude ser preso, quando se verificou que elle para tirar passaporte, apresentou no governo civil o respectivo processo perfeitamente em ordem — a certidão do registo criminal inclusive, vindo se os documentos legalmente authenticados.

Houve, pois, umas taes ou quaes duvidas sobre a veracidade da denuncia feita na carta, e, para aclará-las, fez-se uma consulta para Penacova, d'onde responderam que o homem está effectivamente allí pronunciado pelo roubo em questão.

Não ha, portanto, duvida de que os documentos, tanto em ordem, foram conseguidos por meio de algum negocio menos escrupuloso, com qualquer funcionario daquella comarca. Vai isso ser apurado, certamente, com os interrogatorios, a que sujeitaram o preso, que deve ter chegado de Lisboa onde foram buscá-lo dois guardas de policia.

Diz-se que a tuna académica irá brevemente dar um espectáculo a Lamego.

Depois da Figueira, Leiria. Depois de Leiria, Santarem.

Agora Lamego. E capaz de nos cair na procissão dos passos em Eiras a tocar um *passee-calle* sentimental do Grillo.

Cedendo a instancias de sócios da Associação Commercial, o sr. Francisco Villaca da Fonseca consentiu em aceitar a sua reeleição para presidente da direcção daquelle importante gremio, ao qual, como a classe que elle representa,

tem prestado valiosissimos serviços.

A associação as nossas felicitações, e ao sr. Villaca o nosso applauso.

Está entre nós o nosso amigo sr. Alypio Leite de Gavinhos.

Doentes

O sr. juiz de direito, dr. Rocha Callixto, tem estado de cama com uma pneumonia de que felizmente tem melhorado.

Convalesce dum anthraz o sr. dr. José Miranda, administrador do concelho.

Procissões e legado

A mesa da irmandade do Senhor dos Passos resolveu fazer as procissões, com o costumado esplendor, nos dias 2 e 3 de março.

—D. Maria José da Purificação Serra, fallecida na freguesia da Sé Nova, deixou aquella irmandade um legado de 25000 réis, livre de qualquer encargo.

Foram tirados no governo civil, durante o mês de janeiro passado, 113 passaportes para o Brasil e 21 para a Africa. Um total de 134.

PUBLICAÇÕES

Supplemento illustrado do século.—Recebemos o n.º 168 desta publicação de caricaturas dirigida por Accácio de Paiva e Jorge Collaço que vem brilhante e cheia de verve.

Gazeta das Aldeias—Semanaário illustrado de propaganda agrícola e vulgarisação de conhecimentos uteis; proprietário e director, Julio Gama; redacção, rua do Costa Cabral, n.º 1216—Porto. Recebemos o n.º 265 e 266.

O Occidente—Revista illustrada de Portugal e estrangeiro.

Recebemos o n.º 794 do Occidente, a primorosa revista illustrada que publica duas paginas dedicadas aos beneméritos portugueses Serpa Pinto e Luciano Cordeiro, que a morte arrebatou ao findar do século. Na primeira pagina dois retratos de Serpa Pinto, sendo um dèlles de quando o heroico explorador

chegou a pretória, depois de ter atravessado a Africa. Na quarta pagina um velho retrato de Luciano Cordeiro e a Sociedade de Geographia que elle fundou e engrandeceu. Real Theatro de S. Carlos, retrato de Helena Theodorini; Theatro D. Amélia, retrato de Réjane; Theatro da Trindade, retrato de Rosa Paes.

Artigos variados e escolhidos, de: D. João da Camara; D. Francisco de Noronha; Francisco da Fonseca Benevides; E. About; António A. O. Machado; Alfredo Mesquita, etc., etc.

Educacção Nacional.—Semanaário dedicado á classe do magisterio primário e secundário, 5.º anno, n.º 228.

TYPOGRAPHO

Offerece-se um com algumas habilitações. Na typographia deste jornal se diz.

Para liquidacção

Vendem-se duzentas rozeiras das mais finas qualidades em vasos grandes com etiquetas de zinco a 300 réis cada uma; cinco vasos grandes, uma lanterna chinesa, um cabide bengaleiro, proprio para entrada de caza, uma rica mobilia de quarto, um christo de marfim, uma estante de pau preto e dois lustres. Couraça de Lisboa n.º 111 ou Largo de S. João n.º 6, Coimbra.

Banco Commercial de Lisboa

AGENCIA DE COIMBRA

Está em pagamento o dividendo do 2.º semestre de 1900, na razão de 4 1/2 %, ou sejam 47500 réis por acção. Na agencia, José Tavares da Costa, successor, largo do Principe Real e rua Ferreira Borges—paga-se todos os dias.

Casa de Cambios

DE

Alvaro Esteves Castanheira

CÃO MOPS

Perdeu-se um que dá pelo nome de Adamastor. Foi perdido das duas horas da tarde em diante, do dia 2.

A quem o achou pede-se a finésa de o entregar na rua Ferreira Borges n.º 85 a 89 onde receberá alvicaras.

Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

— Livro primeiro

O tiro de revolver

A MULHER VELADA

Na tarde em que vimos a condessa descer do fiacre e entrar mysteriosamente em casa, a creada de quarto esperava-a na mais viva impaciência.

Naquelle vida, tam agitada já, acabava de rebentar uma phase trágica.

Eleonora estava, já ha muito, ao serviço de Regina que imaginava que ella lhe era dedicada. Era uma mulher de Tours que tinham tomado muito nova para o seu serviço, na aldeia proximo do castel o de Romanez. Eleonora era digna da confiança que inspirava o seu bello aspecto? Tinha trahido a mulher pelo marido; mas tinha sobretudo trahido o marido pela mulher.

Quando viu Regina á porta gritou para ella, em ar dramático: — Oh! Minha senhora! Minha senhora!... — Que é?!

Eleonora não sabia como havia de fallar:

— A senhora condessa tinha-me mandado ontem que fosse a casa do senhor conde buscar o seu livro de missa... Ontem não fui por esquecimento... hoje, como a senhora tinha saído... e tinha pouco que fazer... aventurei-me a ir á rua d'Aguesseau, aquella casa maldita... já que a senhora tem s'ido tam desgraçada... Pois bem, não trouxe o livro. Mas podemos ir á missa rezar.

— Estas doida!

Eleonora tomou uma cara de caso para fazer mais effeito e exclamou:

— O sr. conde morreu!

— A condessa mostrou-se a Eleonora para passar da ante-câmara para o salão.

— Fernando morreu!

— Sim, minha senhora! Mas ha mais algum coisa?

— Regina cahiu quasi desmaiada sobre um canapé.

— Eleonora fingiu tambem um desmaior.

— Então, Eleonora? — Dize-me quei estou a sonhar!

— Não, minha senhora, não está a senhora a trahido de quarto fez me entrar no quarto do senhor conde...

— Enquanto fallava, Eleonora fazia respirar saes á condessa, e respirava-os tambem.

— Eleonora, conte me tudo.

— Mas... tenho medo que a senhora não tenha coragem para ouvir como o sr. conde morreu... Matou-se com um tiro de revolver...

— Que dizes tu? meu marido matou se?!

— A condessa levantou se e foi para a sala de recepção, como para respirar melhor; porque o salão tinha duas portas grandes que abriam para a estufa.

— A creada de quarto seguiu a.

— A senhora pode imaginar a revolução que vai no palacio. Quando parti, estava lá o commissario de policia.

— Para que?

— A senhora bem sabe que, quando ha morte violenta, se dá parte á justiça.

— Ah! meu Deus! meu Deus! Vam começar a dizer que se matou por minha causa...

— Já dizem bastantes cousas.

— O que é que dizem?

— Uns dizem que o senhor conde se matou para evitar o escandalo, outros dizem que foi morto.

— Que tolice! E quem o poderia matar?

— Ah! Ah! está o mysterio. Fallam d'uma mulher de preto e com um véo na cara.

— É a amante do conde.

— Mal acabára de dizer estas palavras, Regina reflectiu e disse:

— Ora adeus! As mulheres não matam os amantes.

A OPINIÃO DA COSINHEIRA

A condessa sahio do salão.

— Elisabeth está no meu quarto?

— Sim, minha senhora.

A condessa subiu.

— Minha pobre Elisabeth, disse ella á afillhada que estava á sua espera ao cimo da escada, sou a mais desgraçada das mulheres. O conde suicidou-se com um tiro de revolver.

— Oh! minha madrinha!

As duas senhoras entraram no quarto.

— Tudo acabou para mim! continuou Regina. Só tenho uma coisa a fazer: metter-me num convento.

— O conde é que tem a culpa madrinha, porque suicidando-se, sabia bem que lhe ia dar um desgosto.

— É verdade, era a peor coisa que podia fazer contra mim. A condessa ajoelhava aos pés da cama e começou a rezar. Elisabeth ajoelhou tambem piedosamente.

Depois dum silencio de alguns minutos, Regina foi encostar-se ao fogão:

— O que ha de dizer o mundo? Ah! que vontade eu tenho de morrer!

Elisabeth ergueu-se para ir beijar Regina:

— Morrer, a senhora que é tam bonita!

— Dá me o meu revolver disse a condessa exaltada.

— Ah! madrinha tenha dó de mim, tenho pena de si.

— Enquanto a condessa e Elisabeth rezavam e choravam, a creada de quarto tinha descido para a cozinha, para fazer a sua scena á cozinheira.

Quando disse tudo o que sabia, a cosinheira que até allí, escutava em segredo, fez esta observação:

— O conde só podia ser morto por elle ou pela mulher.

— Challa-te! Então a senhora era lá capaz duma coisa dèssas?

— Você bem sabe que ella tem sempre um revolver sobre a mesinha de cabeceira.

— Que prova isso?

— Não gosto de ver brincar uma mulher com armas de fogo. Não se deve brincar com elles, como diz Quatrezous.

— É que você bem vê, quando estavamos no castello tinhamos medos terriveis; porque o conde nos deixava sosinhas de noite, demorando-se em casa das mulheres de Tours, algumas vezes mesmo casadas da freguesia.

— Não digo que não; mas se não foi elle que se matou, quem o matou então?

— E depois você bem sabe que o pianista tem mau olhado.

(Continua)

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

471, RUA FERREIRA BORGES, 473 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptorio, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escolas primarias. Encomendas rapidas de livros e jornaes portuguezes e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fabricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramsès, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. Importados pela Casa Havaneza, de Lisboa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

ADJORNADO

Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,"

Que abriu na antiga taberna do POVO

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa diferentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

290M 043

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro seram os freguezes mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até a 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e apetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a.....	70 réis o litro
» » » a.....	80 » »
» verde de Basto a.....	90 » »
» branco de Torres Novas a.....	90 » »
» » de Mangualde a.....	90 » »
Vinagre a.....	80 » »
Geropiga (1.ª qualidade) a.....	130 » »
» (2.ª qualidade) a.....	110 » »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a.....	240 » »
» » (2.ª qualidade) a.....	200 » »
» » (3.ª qualidade) a.....	180 » »
» » figo a.....	120 » »

Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro)..... 240 réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro)..... 240 »
Ambas as qualidades (sem garrafa)..... 180 »

Azeitona Cordovêsa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietario já bastante conhecido pelos seus numerosos freguezes, participa que **mudou** o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este **novo armazem**, onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do publico.

Visitae pois **A LUZITANA** do

Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietario, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cômodos.

Tem bons quartos para alugar acceptando hóspedes permanentes.

O proprietario,

José Maria Junior.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moínhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglêsas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mêsã lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida de 50 0/10

Bico Bébé Aureo a 2\$000 réis

Bico n.º 1 a 3\$000 réis

Bico n.º 2 a 3\$500 réis

Mangas para todos os bicos n.º 1 400 réis e n.º 2 450 réis.

(Collocados no seu lugar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal. Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades. Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

Guerreiro e Monge

FOR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — revista e ampliada pelo auctor.

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado, por mês—300 réis

Empresa litterária do jornal O Século.

43, R. Formosa, 43 LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39—Rua da Sophia—41

Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabe-daes dos principaes fabricantes nacionaes e estrangeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — Como pôde verificar-se pela tabella existente neste estabelecimento.

RUA DA SOPHIA 39 — 41

COIMBRA

TYPOGRAPHO

Precisa-se na Nova Casa Minerva em Coimbra.

As constipações, bronchites, toses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos órgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os Saccharolides d'alcatrão, compostos, (Rebuçados Milagrosos), cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e atestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semiadura, olival, arvores de fructo, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma esplêndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um esplêndido jardim, água nativa canalizada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

Fábrica de cimentos de Maceira (LEIRIA)

28 Cimentos naturaes de presa lenta.

Analyses officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do pais especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido—Cal hydraulica.

A venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA—LEIRIA

Restaurador do cabelo

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradável, este preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabelo, obstando á sua queda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos efeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41.—PRAÇA DO COMMERCIO—42

COIMBRA

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras proprio para quaesquer gêneros.

Trata-se com o seu proprietario, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108,